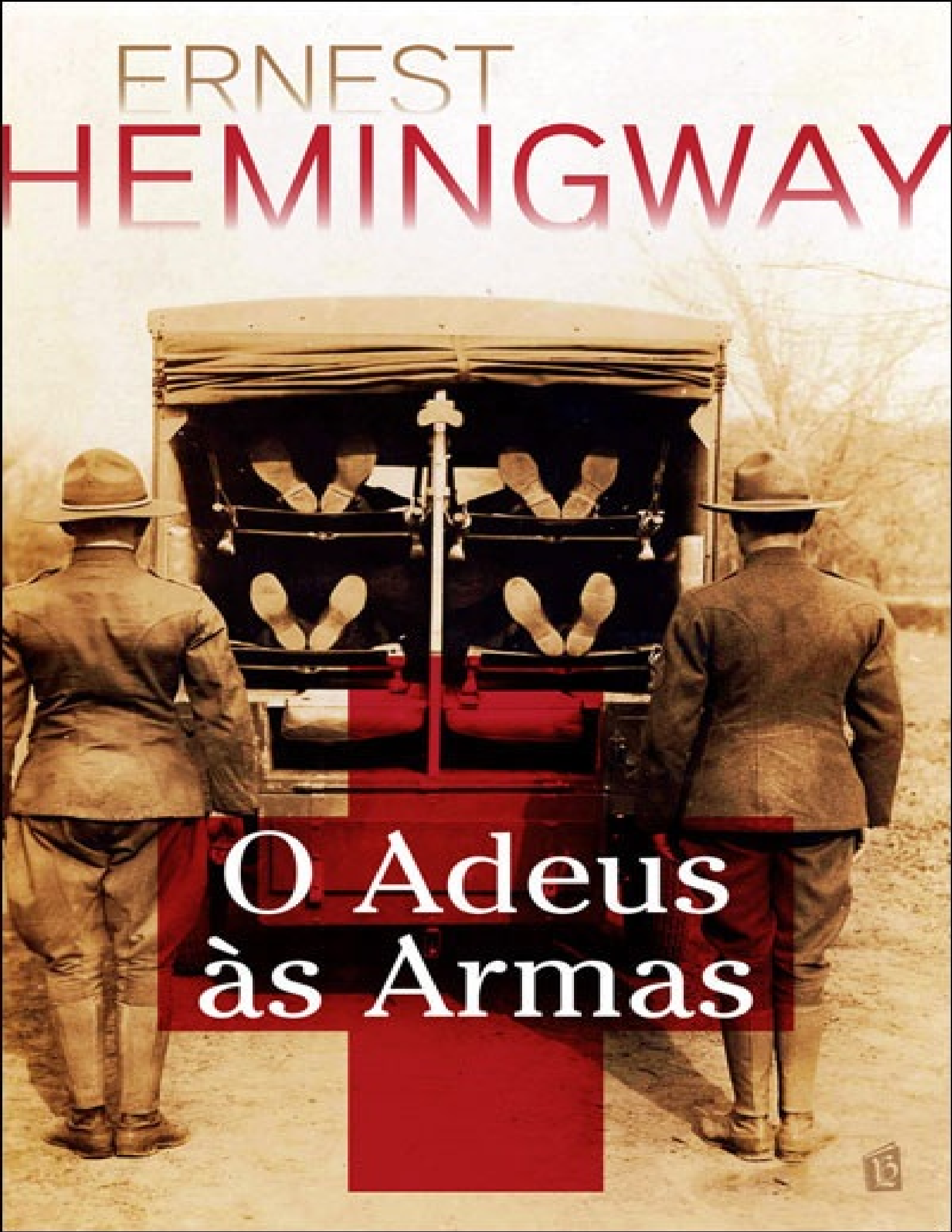
ERNEST

HEMINGWAY



O Adeus às Armas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Do mesmo autor:
A Quinta Coluna
As Ilhas da Corrente
Contos (Obra Completa)
Contos – Vol. 1
Contos – Vol. 2
Contos – Vol. 3
Do Outro Lado do Rio, entre as Árvores
Ernest Hemingway, Repórter:
Tempo de Morrer
Ernest Hemingway, Repórter:
Tempo de Viver
Morte ao Entardecer
O Jardim do Éden
O Velho e o Mar
O Verão Perigoso
Por quem os Sinos Dobram
Ter e Não Ter
Verdade ao Amanhecer

Ernest Hemingway

Adeus às Armas

8ª EDIÇÃO
Tradução
Monteiro Lobato

BERTRAND BRASIL

Copyright © 1929, renovado em 1957 *by* Ernest Hemingway
Copyright renovado © 1999 *by* Hemingway Foreign Right Trust
Título original: *A Farewell to Arms*
Capa: Silvana Mattievich
Preparação de texto: Veio Libri
Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
2013
Produzindo no Brasil
Produced in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H429a Hemingway, Ernest, 1899-1961
Adeus às armas/ Ernest Hemingway; tradução Monteiro Lobato. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
Tradução de: A farewell to arms
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-286-1713-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. I. Lobato, Monteiro, 1882-1948. II. Título.
CDD 813
CDU 820 (73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º. andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 – Fax: (0xx21) 2585-2087

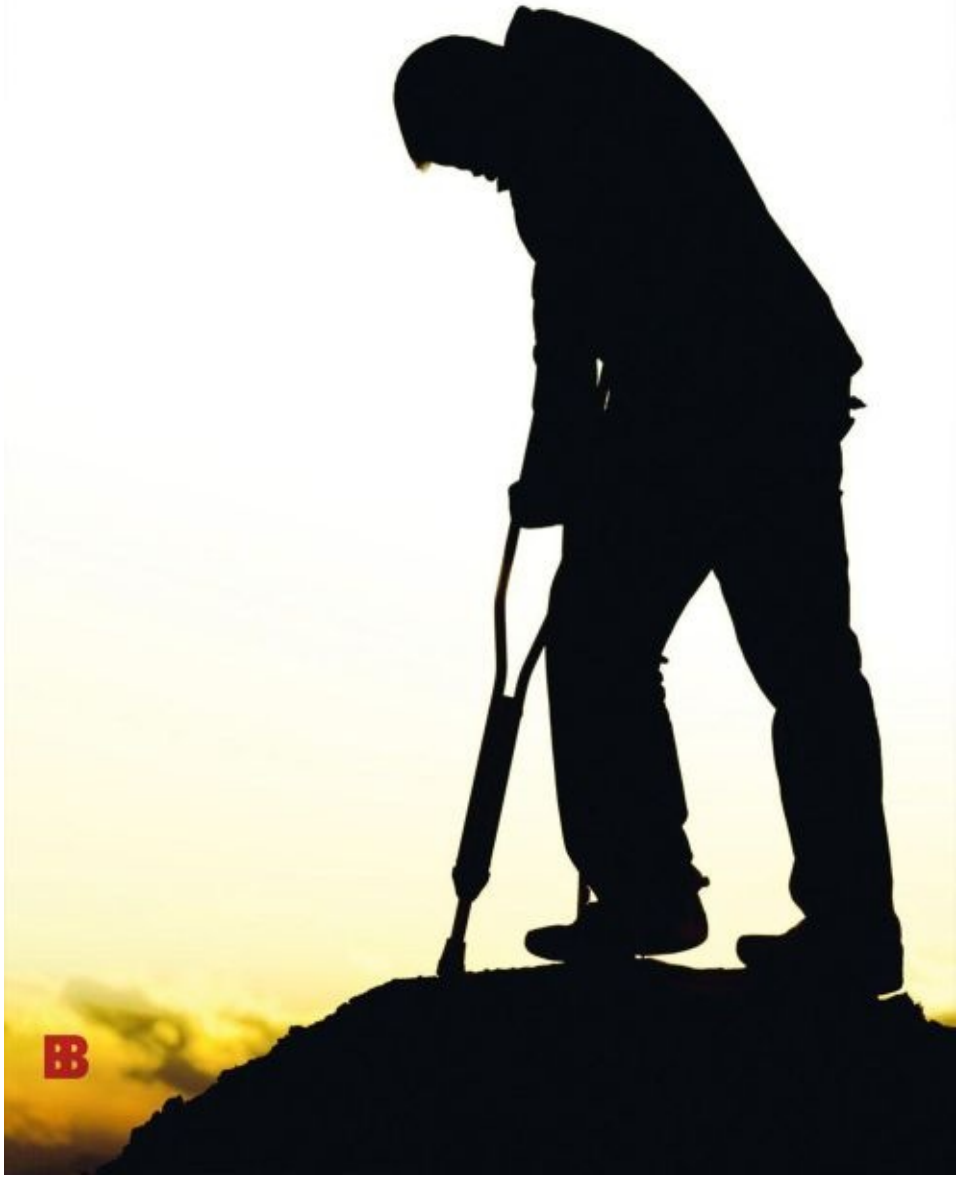
Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

A G. A. *Pfeiffer*

Ernest Hemingway

ADEUS ÀS ARMAS



BB

APRESENTAÇÃO

Sobre a indiferença do mundo

Adeus às armas foi lançado em 1929, e foi o primeiro romance escrito por Hemingway depois de deixar Paris, onde havia se estabelecido desde 1921. Foram muitas as reviravoltas na vida do escritor, nos três anos anteriores, desde que publicara *O sol também se levanta* (1926). Nesse período, ele saiu do anonimato para tornar-se, segundo muitos críticos, o mais importante escritor americano, entre seus contemporâneos, e um dos maiores da literatura mundial.

Em 1927, Hemingway divorcia-se de sua primeira mulher, Hardley Richardson, e casa-se com Pauline Pfiffer, uma repórter *free-lance* que colaborava com as revistas de moda *Vanity Fair* e *Vogue*. O casal foi morar em Key West, Flórida, em 1928, e naquele mesmo ano nasceria o seu primeiro filho, Patrick.

No entanto, ainda naquele ano, o estado de saúde do pai de Hemingway, Clarence, que vinha sofrendo de diabetes, dolorosas crises de angina e dores de cabeça insuportáveis, se agrava bastante. Médico, Clarence conclui que seu quadro é irreversível e progressivo, e põe fim à vida, com um tiro na cabeça. Por infeliz coincidência, em 2 de julho 1961, Hemingway também se suicidaria, utilizando uma arma de fogo.

É sempre impossível aferir o quanto a vida pessoal de um ficcionista influi em sua obra. No caso de Hemingway, no entanto, torna-se mais do que tentador traçar paralelos entre sua biografia e alguns romances que deixou. O protagonista de *Adeus às armas*, Frederic Henry, alistara-se no exército italiano, como motorista de ambulâncias. Gravemente ferido no campo de batalha, vai tratar-se num hospital em Milão. Hemingway tomou parte na I Guerra, e como motorista de ambulâncias da Cruz Vermelha. Ferido em combate, em Fossalta, em 8 de julho de 1918, é internado num hospital em Milão, onde conhece a enfermeira Agnes von Kurowsky, por quem se apaixona. Agnes não aceita casar-se com ele — talvez a maior desilusão amorosa sofrida pelo escritor.

Já em Adeus às armas, a paixão de Frederic Henry pela enfermeira Catherine Barkley é plenamente correspondida, alcançando uma devoção mútua que nos proporciona algumas das páginas mais românticas e comoventes da literatura ocidental. Não é à toa que Marcos Rey considerou, em sua autobiografia — *O caso do filho do encadernador* —, *Adeus às armas*, juntamente com *Por quem os sinos dobram*, como uma *aula de diálogos* para todo escritor. É justamente nos diálogos entre Catherine e Frederic que o amor dos dois ganha tanta ternura

e limpidez, que nos faz, o tempo todo, querer protegê-los, resguardá-los... Como se, em nosso envolvimento crescente com a história, fôssemos ganhando a consciência de que, quanto mais intenso o amor, maior sua fragilidade em confronto com o mundo.

Porque, com efeito, trata-se aqui de um drama sobre o qual paira a indiferença do mundo. Frederic Henry e Catherine, em dado momento, acreditaram poder se isolar em seu amor, simplesmente se afastando da guerra, da matança disseminada. No entanto — e é ao que se chega, no final da leitura —, não há *paraíso* que se contraponha de fato ao inferno da guerra. A carnificina da guerra, que explicita a aleatoriedade da morte, é, aqui, apenas uma expressão mais drástica de uma brutalidade inerente à vida.

Se em outros de seus romances Hemingway compôs personagens nos quais prevaleceu o sentido humanizador sobre a existência, não é o que se encontra em *Adeus às armas*. O título em si é quase a declaração de uma impossibilidade; não há como dizer *adeus* ao inimigo, não se pode voltar-lhe as costas, já que, reproduzindo uma passagem antológica deste livro, "aos que trazem coragem a este mundo, o mundo precisa quebrá-los, para conseguir eliminá-los, e é o que faz. O mundo os quebra, a todos; no entanto, muitos deles tornam-se mais fortes, justamente no ponto onde foram quebrados. Então, aos que não se deixam quebrar, o mundo os mata".

Quando veio a público, *Adeus às armas* foi saudado pela crítica como o melhor livro produzido sobre a I Guerra, e houve quem dissesse que se tratava do melhor romance já escrito por um autor americano, em todos os tempos. Hemingway só reencontraria tal receptividade ao publicar, em 1940, *Por quem os sinos dobram*. Além do teor dramático da trama, ressaltou-se na época, mais uma vez, como em *O sol também se levanta*, a inovadora composição narrativa de *Adeus às armas*, em que Hemingway se prova capaz de conferir a uma *novela* — com seu característico foco concentrado em um único personagem, sem *histórias* paralelas — uma poderosa dinâmica, aqui, mais difícil ainda de se produzir, por ser um romance narrado em primeira pessoa. Claro que a crueza da descrição das cenas — sem abandonar o estilo econômico e direto de Hemingway — e a movimentação percorrendo diferentes ambientações — o *front*, Milão e Suíça — são alguns dos elementos responsáveis por esse efeito sobre a leitura. Mas de maneira alguma o impacto deste livro se deve apenas a artifícios técnicos, mesmo executados com tanta perícia...

O que o leitor vai encontrar em *Adeus às armas* é uma história que invade os nossos sonhos... assim como as nossas angústias e temores. Uma obra, como

poucas, em que a literatura nos defronta com a necessidade constante de rever posturas e prioridades diante da vida.

Luiz Antonio Aguiar

Livro Um

1

No final do verão daquele ano, ocupávamos uma casa, numa aldeia, de onde, além do rio e da planície, víamos as montanhas. O leito do rio era coberto de cascalho e de pedras, que ao sol pareciam secos e esbranquiçados. A água era muito límpida, ligeira e bastante azul nos pontos mais fundos. As tropas passavam pela casa, seguindo estrada abaixo, e a poeira que erguiam salpicava as folhas das árvores. Também os troncos das árvores estavam empoeirados. As folhas caíram cedo naquele ano. Víamos as tropas em marcha pela estrada, a poeira se levantando e as folhas caindo ao sopro do vento, e, depois que os soldados passavam, a estrada ficava branca e nua, exceto pelas folhas.

A planície abundava de plantações; muitos pomares com árvores frutíferas e, para além da planície, as montanhas pardas e calvas. Havia luta nas montanhas, e, à noite, podíamos enxergar os clarões da artilharia. Na escuridão, pareciam os relâmpagos do verão, mas as noites eram frias e não havia aquela sensação de uma tempestade chegando.

Às vezes, na escuridão, ouvíamos o rumor de tropas em marcha logo abaixo da janela, com os canhões puxados por tratores. Havia muito tráfego à noite e muitas mulas nas estradas com caixas de munição em ambos os flancos de suas selas, e caminhões cinzentos, cheios de homens, alguns com a carga coberta de lona, desfilando lentamente. Havia ainda grandes canhões, que passavam de dia, puxados por tratores, os longos canos camuflados de arbustos e galhos cobertos de folhas, além de videiras sobre os tratores. Olhando para o norte, víamos, além da planície, uma floresta de castanheiros; depois, a montanha, daquele lado do rio. Também houve muita luta pela posse daqueles morros, mas sem resultado; e no outono, com a chuva, caíram todas as folhas dos castanheiros. Os galhos estavam despidos e os troncos enegrecidos pela chuva. Os vinhedos tornaram-se também varas finas e desnudas, e por toda a região pairava a tristeza da chuva e da morte, algo típico do outono. Havia névoa sobre o rio e nuvens na montanha distante. Os caminhões chapinhavam e espirravam lama, e os soldados passavam sujos de barro e molhados, em seus capotes; os rifles estavam encharcados, e, por debaixo dos capotes, as duas patronas de couro cinzento na frente do cinturão, bastante pesadas, com os cartuchos de 6.5 mm, alongados e finos, estufavam tanto suas silhuetas, que faziam os homens em marcha parecerem grávidos de seis meses.

Pequenos automóveis cinzentos passavam ligeiros. Na maioria das vezes, havia um oficial no assento do lado do motorista e outros no assento traseiro. Os automóveis espirravam mais lama do que os caminhões; e se um dos oficiais do banco traseiro fosse muito baixo e viesse entre dois generais, mesmo sendo tão pequeno que não conseguíssemos ver seu rosto, mas apenas o quepe e suas costas estreitas, e se esse carro, ainda, estivesse correndo mais do que os outros, provavelmente este oficial seria o rei. Ele fixara-se em Udine e passava por ali quase todo dia para checar pessoalmente como andavam as coisas. E as coisas iam mal.

No início do inverno, vieram as chuvas ininterruptas, e com as chuvas chegou o cólera. Felizmente a epidemia foi combatida a tempo, e apenas sete mil soldados morreram vítimas dela.

2

No ano seguinte houve muitas vitórias. As montanhas para além do vale e a encosta onde cresciam os castanheiros foram capturadas, e também houve vitórias além da planície, no platô ao sul. Em agosto, cruzamos o rio e nos instalamos numa casa em Gorizia, com jardim murado bem-sombreado, uma fonte e videiras de glicínias roxas num dos lados da residência. A luta estava agora nos morros a pouco mais de um quilômetro e meio dali. A cidade era bonita, e nossa casa muito confortável. O rio passava pelos fundos, e a cidade fora capturada com facilidade, mas não foi possível tomarem os morros, e fiquei satisfeito com a impressão dada pelos austríacos de que desejavam voltar à cidade depois da guerra, se é que a guerra terminaria algum dia, porque não a bombardearam a ponto de destruí-la, mas só o necessário aos fins militares. Havia gente morando lá, e hospitais, cafés e artilharia em vários pontos, e ainda dois bordéis, um para os oficiais, outro para os soldados. Com o fim do verão, vieram as noites frias, a luta nas montanhas próximas, o bombardeio da ponte da estrada de ferro e a destruição do túnel perto do rio onde houve luta. E tudo — as árvores ao redor da praça e a longa avenida arborizada que dava nela, além das moças da cidade e o rei passando em seu automóvel, às vezes agora dando para enxergar seu rosto e seu corpo pequeno, mas com pescoço comprido, e sua barba grisalha como uma barbicha de bode, e mais os súbitos relances dos interiores das casas que haviam perdido algumas das paredes com os bombardeios, com reboco e entulho às vezes espalhados pelos jardins e pelas ruas, e com a coisa indo bem no Carso — acabou fazendo aquele outono muito diferente do anterior, que eu também passara na região. A guerra também havia mudado.

A floresta de carvalhos, nas montanhas para além da cidade, já não existia. Era uma floresta verde, no verão, quando chegamos, mas estava agora reduzida a tocos de árvore, a troncos caídos, a chão revolto. E num dia do fim do outono, quando eu estava andando pelo lugar que fora uma floresta, vi uma nuvem vindo sobre a montanha. Avançava depressa, e o sol ficou amarelo-pálido. Tudo se tornou cinzento, o céu se encobriu, e a nuvem desceu sobre a montanha. Subitamente, estávamos dentro dela, e era neve. Vinha arrastada pelo vento e logo forrou o chão, com os tocos de árvore sobressaindo. Havia neve até sobre os canhões, e trilhas de neve amassada, indo até as latrinas, atrás das trincheiras.

Mais tarde, na cidade, fiquei vendo a neve cair, da janela de um dos bordéis

— o bordel dos oficiais —, onde me sentara com um amigo e dois copos, mais uma garrafa de vinho Asti. Olhando toda aquela neve, caindo lenta e pesadamente, tivemos a certeza de que se passara um ano inteiro. Rio acima, as montanhas não haviam sido tomadas; nenhuma delas. Isso fora deixado para o ano seguinte. Meu amigo viu o padre do nosso regimento passando pela rua, caminhando cauteloso sobre a neve lisa, e bateu na vidraça para atrair sua atenção. O padre levantou os olhos. Ele nos avistou e sorriu. Meu amigo fez-lhe sinal para que entrasse. O padre balançou a cabeça recusando o convite e seguiu seu caminho. Nessa noite, no rancho, o capitão começou a implicar com o padre; isso, depois do espaguete, que todos comiam com muita rapidez, e sérios, erguendo os fios no ar com o garfo, até que estivessem totalmente soltos, e baixando-os para dentro da boca, ou sugando-os e engolindo-os sem cortar, e servindo-nos do vinho daqueles garrafões recobertos de palha trançada. O garrafão estava pendurado em um balanço de metal, e tudo que se precisava fazer era baixar a parte superior da garrafa com o dedo indicador para que o vinho vermelho e límpido, tânico e delicioso, enchesse o copo, que a mesma mão segurava.

Era um padre jovem, que corava com facilidade e usava o mesmo uniforme que nós, mas com uma cruz de veludo vermelho sobre o bolso de cima da túnica cinza. Por duvidosa cortesia, o capitão falava um *italianês*, para que eu pudesse entender tudo o que era dito.

— Padre hoje com garotas — disse o capitão, olhando para mim e para o padre, que sorriu e corou, sacudindo negativamente a cabeça. Este capitão vivia implicando com ele.

— Não verdade? Vi hoje padre com garotas — insistiu ele.

— Não! — protestou o padre, enquanto os outros oficiais à mesa riam da brincadeira.

— Padre não com garotas — continuou o capitão. — Padre nunca garotas — disse, voltando-se para mim. Tomou meu copo e o encheu, olhando-me nos olhos o tempo todo, mas sem perder de vista o padre.

— Padre toda noite cinco contra um, compreende? — continuou, e toda a mesa riu. — Compreende? Padre toda noite cinco contra um — disse, fazendo com a mão um gesto muito expressivo. O padre não se ofendeu com a piada.

— O Papa quer que os austríacos ganhem a guerra — interveio o major. — Ele gosta do Francisco José, porque é de onde vem o dinheiro. Eu sou ateu.

— Já leu *Black Pig*? — perguntou-me o tenente. — Posso lhe arranjar um exemplar. Foi o que escangalhou a minha fé.

— É um livro infame e imundo — protestou o padre. — Não acredito que goste dele.

— É ótimo! Conta tudo a respeito desses padres. Você vai gostar — replicou o tenente para mim. Comecei a rir, e, do outro lado da mesa, o padre fez o mesmo.

— Não leia essa droga — aconselhou-me.

— Vou arranjar um exemplar para você — insistiu o tenente.

— Todos os homens que usam os cérebros são ateus — tornou o major. — Mas não acredito nos maçons.

— Pois eu acredito — declarou o tenente. — A maçonaria é uma instituição de valor.

Alguém entrou na sala, e pela porta entreaberta pude enxergar a neve caindo.

— Com a neve já começando a cair, não teremos mais ofensivas este ano — opinei.

— Claro que não — confirmou o major. — Você pode tirar uma licença e ir a Roma, Nápoles... Sicília...

— Devia visitar Amalfi — aparteou o tenente. — Minha família mora lá e posso mandar uma carta para eles recomendando você. Vão recebê-lo como a um filho.

— Melhor é ir a Palermo.

— Ou a Capri.

— Eu gostaria que você fosse aos Abruzzos e visitasse minha gente em Capracotta — sugeriu o padre.

— Abruzzos, que ideia! Lá tem mais neve do que aqui. O tenente não quer ver camponeses. Deixe-o ir aonde tenha cultura e civilização.

— Do que ele precisa é encontrar umas belas garotas. Tenho ótimos endereços em Nápoles. Lindas pequenas, das que andam acompanhadas pelas mães. Rá! Rá! Rá! — disse o capitão, gargalhando, e espalmou a mão no ar, com o polegar para cima e os dedos bem separados, como quando se quer projetar sombras na parede. A sombra de sua mão ficou na parede. Ele voltou a falar em seu *italianês*:

— Você vai *assim* — e indicou o polegar — e volta *assim* — e indicou o mindinho. Todos riram muito.

— Olhe — disse o capitão, e de novo abriu bem os dedos, e de novo a luz da vela projetou sombras na parede. Ele começou pelo polegar levantado, nomeando todos os dedos… — Este é o *soto-tenente* (o polegar); este, o *tenente* (o indicador); este, o *capitano* (o maior de todos); este, o *maggiore* (o seu

vizinho); e este, o *tenente-coronelo* (o mindinho). Você vai *soto-tenente* e volta *soto-coronelo*! — Todos riram; o capitão fazia sucesso com suas piadas sobre dedos. Ele encarou o padre e repetiu: — Todas as noites, cinco contra um.

Novas risadas.

— Precisa tirar a sua licença o quanto antes — disse o major.

— Gostaria de ir com você para lhe mostrar as coisas — advertiu o tenente.

— Quando voltar, traga um fonógrafo.

— E discos de ópera.

— Mas não o Caruso. Ele berra.

— E você não gostaria de berrar feito ele?

— Ele berra. É o que eu digo. Ele berra!

— Eu gostaria que você fosse para os Abruzzos — repetiu o padre. Os outros continuavam gritando. — Há boa caça por lá. Gente ótima. É muito frio, mas um frio seco e saudável. Ia poder ficar com a minha família. Meu pai é um famoso caçador.

— Bom, vamos — avisou o capitão. — Temos de chegar no bordel antes que feche.

— Boa-noite — disse eu para o padre.

— Boa-noite — respondeu ele.

3

Quando voltei para o *front* ainda ocupávamos aquela cidade. Havia muito mais canhões na área, e já estávamos na primavera. Os campos estavam reverdecidos, e pequenos brotos verdes nasciam nas vinhas. As árvores ao longo da estrada estavam recobertas de folhas tenras e uma brisa chegava do mar. Vi a cidade com o monte e o castelo acima dela, acomodada numa bacia, entre os montes e as montanhas mais além — montanhas pardacentas com algum verde nas encostas. Na cidade, mais canhões, alguns hospitais novos, ingleses pelas ruas e, às vezes, mulheres; e havia mais casas destruídas pelas bombas. Estava mais quente, bem primaveril, e desci a alameda arborizada, sentindo o calor do sol refletido nas paredes. Descobri que ainda estávamos morando na mesma casa e que tudo parecia igual, bem como eu deixara. A porta estava aberta, e havia um soldado sentado no banco, do lado de fora, tomando sol; uma ambulância estava estacionada perto da porta lateral, e, quando entrei, senti o cheiro de chão de mármore e de hospital. Estava tudo igual a antes, só que agora estávamos na primavera. Pela porta do salão, avistei o major sentado à secretária, perto da janela por onde entrava o sol. Ele não me viu, e fiquei sem saber se entrava para lhe falar ou se subia, antes, para me lavar. Resolvi subir.

O quarto que eu dividia com o tenente Rinaldi dava para o pátio. A janela estava aberta, minha cama arrumada, com cobertores, e minhas coisas penduradas na parede, a máscara contra gás na sua latinha oblonga, o capacete de aço no mesmo prego. Junto ao pé da cama, a minha canastra achatada, com as minhas botas de inverno, com o couro bem-engraxado e brilhante sobre ela. A espingarda de caça austríaca, de cano octogonal e linda coronha de nogueira com encaixe para a face, modelo de competição, estava pendurada entre as duas camas. O telescópio da mira que encaixava na espingarda, lembrei, estava dentro da canastra fechada. O tenente Rinaldi estava em sua cama. Ele acordou quando me ouviu entrar e sentou-se.

— *Ciao*! Como foi por lá?

— Ótimo.

Apertamos as mãos, Rinaldi pôs os braços em volta do meu pescoço e me beijou.

— *Argh*!

— Você está imundo! Precisa de um banho — disse ele. — Por onde andou e

o que esteve fazendo? Conte tudo, vamos!

— Estive em muitos lugares… Milão, Florença, Roma, Nápoles, Villa San Giovanni, Messina, Taormina…

— Do jeito que fala, parece uma tabela de estações de trem. E as garotas?

— Ah, sim.

— Onde?

— Em Milão, Florença, Nápoles, Roma...

— Chega! Conte apenas qual foi a melhor delas.

— Bem, foi em Milão.

— Só porque foi a primeira. Onde a encontrou? Na Cova? E para onde foram? O que você achou dela? Ficaram juntos a noite inteira?

— Ficamos.

— Grande coisa! Agora temos lindas garotas por aqui. Garotas que nunca estiveram no *front*.

— Ótimo.

— Não está acreditando? Vamos até lá esta tarde, e você vai ver. E na cidade temos belas moças inglesas. Ando de amores com uma tal senhorita Barkley. Quero que a conheça. Acho que vamos acabar nos casando.

— Bom, tenho de tomar banho e me apresentar ao major. Ninguém trabalha mais por aqui?

— Desde que você saiu de licença, nada, a não ser frieiras, icterícias, congelamentos, gonorreias, ferimentos voluntários, pneumonia, cancros moles e cancros duros. Toda semana aparece um ferido por fragmento de pedra, mas há alguns feridos de verdade. Na próxima semana, a luta vai recomeçar. Quer dizer, é o que dizem. Acha que devo mesmo me casar com a senhorita Barkley… depois da guerra, claro.

— Sem a menor dúvida! — exclamei, enchendo de água a bacia.

— Esta noite você vai me contar tudo — continuou Rinaldi. — Agora tenho de voltar à soneca para me apresentar belo e bem-disposto à senhorita Barkley.

Despi a túnica, a camisa e me lavei na água gelada da bacia. Enquanto me esfregava com a toalha, corri os olhos pelo quarto, pelo que se via da janela e pelo tenente já de olhos fechados. Era um rapaz de boa aparência, tinha minha idade e vinha de Amalfi. Queria tornar-se cirurgião, e éramos grandes amigos. Eu o estava observando quando ele abriu os olhos.

— Tem algum dinheiro? — perguntou-me.

— Tenho.

— Pode me emprestar cinquenta liras?

Enxuguei as mãos e tirei a carteira do bolso da túnica pendurada na parede. Rinaldi pegou a cédula, dobrou-a sem erguer-se da cama e meteu-a no bolso da calça. Ele sorriu:

— Tenho de dar à senhorita Barkley a impressão de ser um homem de posses. Você é meu grande amigo e protetor financeiro.

— Vá para o inferno.

Naquela noite, no rancho, sentei-me junto ao padre. Ele estava muito desapontado, e até magoado, por eu não ter ido aos Abruzzos. Havia escrito ao pai avisando sobre a minha chegada, e fizeram preparativos por lá. Fiquei aborrecido comigo mesmo e acabei me atrapalhando para explicar por que não fora. Eu pretendia ir até lá, mas aconteceram coisas, uma atrás da outra. No final das contas, ele se convenceu de que eu realmente tinha tido a intenção de ir à sua terra e ficou quase tudo bem entre nós. Bebi bastante vinho e, depois, café e Strega. Já tocado pela bebida, comecei a explicar como acabamos deixando de fazer o que queremos, como é justamente o que nunca chegamos a fazer.

Ficamos conversando, eu e o padre, enquanto os outros discutiam. Queria ter ido aos Abruzzos, porque nunca estivera num lugar onde as estradas ficassem tão geladas, que acabavam duras como aço, onde o céu fosse claro, apesar do frio seco e da neve farinhenta, e os camponeses tirassem o chapéu e se dirigissem a nós com um *Meu Senhor*; e onde houvesse boa caça. Acabei não indo, mas estive em muitos cafés fumacentos e atravessei noites em que o quarto começava a girar e eu precisava fixar os olhos numa parede, para fazê-lo parar, e noites na cama, bêbado, sabendo que tudo se resumia apenas àquilo, e com a estranha excitação de acordar sem saber quem estava dormindo comigo, e, ainda, o mundo se tornando irreal, no escuro, e tão fantástico, que é preciso recomeçar, tudo da mesma maneira, sem saber de nada, não cuidando de mais nada, porque tudo é aquilo e somente aquilo, e isso não faz diferença. De repente, faz diferença importar-se, sim, e dormir e acordar com isso em mente, em algum momento da manhã, e perceber que tudo desaparecera, e tudo certo, nenhuma dúvida, salvo alguma discussão sobre o preço. Às vezes, o café da manhã é agradável, carinhoso, aconchegante, e também o almoço. E às vezes tudo quanto é agradável se esvai, vamos para a rua, e outro dia começa, e outra noite. Tentei dizer a ele algo sobre a noite e a diferença entre noite e dia, e como a noite era melhor, a não ser que o dia fosse muito límpido e fresco, e não pude explicar nada, como também não estou explicando agora. Mas para quem já experimentou é fácil saber. O padre nunca havia experimentado, mas mesmo assim compreendeu que eu de fato quisera ir para os Abruzzos, mas não

conseguira, e continuávamos os amigos de sempre, com muitos gostos semelhantes e algumas diferenças nos separando. Ele sempre sabia o que eu ignorava e o que, mesmo quando eu vinha a saber, logo me esquecia. Mas eu não sabia disso naquela época; só descobri depois. Naquele momento, estávamos todos no rancho, onde fizemos a refeição e a conversa pegou fogo. Paramos de falar, e o capitão berrou:

— Padre não alegre. Padre nunca alegre sem garotas.

— Estou alegre — afirmou o sacerdote.

— Padre não alegre. Padre quer austríacos ganhar a guerra — ajuntou o capitão, fazendo o padre negar. Os outros ouviam.

— Padre quer nós não atacar nunca. Então quer nós não atacar?

— Se isto é guerra, acho que temos de atacar.

— Temos de atacar e atacaremos.

O padre assentiu com a cabeça.

— Deixem ele em paz! — gritou o major. — É um bom sujeito.

— E não pode fazer nada sobre este assunto — concluiu o capitão.

Todos nos levantamos e deixamos a sala.

4

A bateria colocada no jardim vizinho me despertou logo pela manhã. Vi o sol já entrando pela janela e pulei da cama. Fui até a janela e olhei para fora. O caminho de seixos do jardim ainda estava úmido, e a grama, molhada pelo orvalho. A bateria fez fogo duas vezes. A cada disparo, o deslocamento do ar chegava como uma pancada fortíssima, que sacudia as vidraças e fazia a parte da frente do meu pijama agitar-se como uma bandeira. Não podia avistar os canhões, mas era evidente que estavam sendo disparados bem por cima de nós. Era uma grande maçada ter aqueles canhões assim tão perto, mas pelo menos tínhamos a felicidade de que não fossem maiores. Enquanto olhava para o jardim, ouvi o barulho de um caminhão dando a partida, na estrada. Vesti-me, desci, tomei café na cozinha e fui para a garagem.

Dez carros alinhavam-se lado a lado naquele comprido telheiro. Eram ambulâncias de frente achatada, pesadonas, pintadas de cinza e lembrando caminhões de mudança. Os mecânicos estavam consertando uma, fora da garagem. Três outras andavam pelas montanhas, a serviço dos postos de emergência.

— Eles nunca bombardeiam esta bateria? — perguntei a um dos mecânicos.

— Não, senhor tenente. Está protegida por aquele morro.

— Como vai tudo por aqui?

— Menos mal. O motor desta ambulância já não presta, mas as outras estão funcionando bem. — Ele interrompeu o trabalho e sorriu. — O senhor esteve de licença?

— Estive.

Ele limpou as mãos no macacão, dando um largo sorriso.

— Divertiu-se um bocado, não foi? — Os outros também sorriram.

— Um pouco. Mas o que há com esse motor?

— Não está bom. Uma hora isso, outra aquilo…

— E agora?

— Precisa de velas novas.

Eu o deixei trabalhando, o veículo parecendo desolado e vazio, com o motor aberto e as peças espalhadas sobre o banco de mecânico, e entrei no galpão para verificar os outros carros. Encontrei alguns moderadamente limpos, outros lavados momentos antes, e os demais, sujos. Examinei com atenção os pneus,

procurando rasgos ou arranhões de pedras. Tudo me pareceu em bom estado. Evidentemente, não fazia a menor diferença que eu fizesse ou não aquela inspeção. Eu havia acreditado que o estado dos veículos, sendo ou não possível obter peças de reposição, o bom funcionamento do serviço de remoção de feridos e doentes dos postos de emergência ou de transferência deles das montanhas para as estações distribuidoras e destas para os hospitais designados fossem coisas que em considerável extensão dependessem de mim. Mas era evidente que não importava que eu estivesse ali ou não.

— E tem sido difícil obter peças? — perguntei ao sargento-mecânico.

— Não, senhor tenente.

— Onde põem a gasolina?

— No lugar de sempre.

— Muito bem — disse e fui para os fundos tomar outra xícara de café na sala do rancho. Um café fraco, adocicado com leite condensado. Lá fora havia uma linda manhã de primavera. Senti nas narinas aquele começo de secura que anunciava os dias quentes. Naquele dia, visitei os postos nas montanhas e voltei para a cidade, já bem tarde.

Tudo me pareceu que havia andado melhor na minha ausência. A ofensiva ia recomeçar, foi o que escutei. Nossa divisão estava designada para atacar num ponto rio acima, e o major ordenou-me que controlasse os postos durante o ataque. Teríamos de cruzar o rio num ponto estreito e nos espalhar encosta acima. Os postos para os carros deviam ser o mais perto possível do rio e bem-abrigados. Iriam ser escolhidos pela infantaria, é claro… Na verdade, nós é que deveríamos fazê-lo. Eram coisas como essas que nos davam um falso sentimento de estar servindo ao exército.

Voltei da inspeção coberto de pó e imundo, e subi ao quarto para me lavar. Encontrei Rinaldi sentado na cama com uma gramática inglesa de Hugo no colo. Estava vestido para sair, de botas bem-engraxadas e com o cabelo brilhoso.

— Esplêndido — disse ele quando entrei. — Agora você vai poder ir comigo e conhecer a senhorita Barkley.

— Nada disso.

— Vai, sim. E, por favor, me ajude a causar uma boa impressão nela.

— Está bem, mas então espere eu me arrumar.

— Lave a cara, e pronto, assim mesmo está ótimo.

Eu me lavei e me penteei, e então fomos saindo.

— Um minuto — exclamou Rinaldi. — Acho que devíamos beber alguma coisa antes.

Ele abriu sua canastra e retirou uma garrafa.

— Se é Strega, não quero — disse.

— É *grappa*.

— Certo.

Encheu dois cálices, e brindamos, com os indicadores estendidos. Uma *grappa* muito forte.

— Mais uma?

— Claro! — E bebi a segunda dose. Rinaldi guardou a garrafa, e descemos as escadas. Fazia calor para caminhar pela cidade, mas o sol já ia se pondo e a temperatura tornava-se agradável. O hospital inglês era uma grande *villa* construída pelos alemães antes da guerra. A senhorita Barkley estava no jardim, em companhia de outra enfermeira. Avistamos de longe seus uniformes, por entre as árvores, e nos aproximamos. Rinaldi cumprimentou-as; eu também, contudo mais retraído.

— Como vai? — disse-me a moça. — Não é italiano, então?

— Ah, não.

Rinaldi falava com a outra enfermeira, e ambos riam.

— Que coisa esquisita, alistar-se no exército italiano!

— Não é propriamente o exército. É uma ambulância.

— Esquisito, mesmo assim. Por que fez isso?

— Não sei — respondi. — Nem sempre há uma explicação para as coisas que acontecem.

— Não? Pois sempre me educaram pensando que existisse.

— Que interessante.

— Vamos ter de continuar falando desse jeito?

— Não — disse eu.

— Ainda bem, não acha?

— Para que essa bengala? — perguntei. A senhorita Barkley era bem alta. Vestia o que me pareceu um uniforme de enfermeira. Era loura e tinha pele bronzeada e olhos cinzentos. Achei-a linda. Trazia uma bengala de junco indiano, com um cabo parecendo revestido de couro, semelhante a um chicote de montaria.

— Pertenceu a um rapaz que foi morto ano passado.

— Oh, sinto muitíssimo.

— Era um excelente rapaz. Ia se casar comigo. Foi morto no Somme.

— Aquilo foi um festival de horrores.

— Esteve lá?

— Não.

— Ouvi dizer que foi, sim — continuou a senhorita Barkley. — Por aqui a guerra até parece outra. Bem, me mandaram esta bengala de junco, quer dizer, a mãe dele me mandou, depois que recebeu os objetos do filho.

— Vocês estavam noivos havia muito tempo?

— Oito anos. Crescemos juntos.

— E por que não se casaram?

— Para falar a verdade, não sei. Grande tolice minha. Devia ter feito isso, mas achei que não seria bom para ele.

— Compreendo.

— Já amou alguém?

— Creio que não — respondi.

Sentamo-nos num banco, e eu a fitei.

— Você tem um cabelo bonito — disse eu.

— Gosta?

— Muito.

— Estive para cortá-lo, quando ele morreu.

— Não!

— Precisava fazer alguma coisa por ele. Sabe, a outra coisa não me importava, e era algo que ele poderia ter tido. Ele poderia ter tudo o que quisesse, se eu soubesse… Poderia me casar com ele, qualquer coisa. Hoje sei disso. Mas, quando ele decidiu ir para a guerra, eu não sabia.

Fiquei calado.

— Não sabia nada naquela época. Pensei que casar seria ruim para ele. Pensei que ele talvez não pudesse suportar isso, mas então ele foi morto e acabou-se tudo.

— Será mesmo?

— Ah, sim — reafirmou ela. — Foi o fim de tudo.

Rinaldi continuava entretido com a outra enfermeira.

— Como se chama aquela moça? — indaguei.

— Ferguson. Helen Ferguson. O seu amigo é médico, não é?

— Sim, e dos bons.

— Esplêndido. É raro se encontrar um bom médico aqui perto do *front*. Estamos perto do *front*, não estamos?

— Bastante.

— É um *front* estúpido — disse ela. — Mas bonito. Parece que vai haver uma ofensiva, não é?

— Parece.

— Quer dizer que vamos ter trabalho. Agora, não há nada para fazer.

— Está há muito tempo na enfermagem?

— Desde o final de 1915. Comecei quando ele se alistou. Tive a ideia idiota de que ele pudesse aparecer no meu hospital. Com um corte de sabre, imaginei, e a cabeça enfaixada. Ou com um tiro no ombro. Qualquer coisa pitoresca.

— Temos aqui um *front* bem pitoresco — disse eu.

— É mesmo. Ninguém imagina como é a coisa na França. Se soubessem, ninguém iria para lá. Ele não recebeu nenhum golpe de sabre. Foi estraçalhado.

Fiquei quieto.

— Acha que a guerra vai durar para sempre?

— Não.

— Mas o que poderá fazê-la parar?

— A coisa quebra de repente em algum ponto.

— Nós vamos quebrar. Vamos quebrar na França. Impossível fazer o que fazemos no Somme sem quebrar.

— Mas o nosso *front* aqui está firme.

— Acha mesmo?

— Nosso pessoal se comportou muito bem no último verão.

— Mas pode quebrar — insistiu ela. — Todos podem quebrar.

— Nesse caso, os alemães também.

— Eles, não — afirmou ela. — Acho que não.

Então, levantamo-nos e fomos ao encontro de Rinaldi e da senhorita Ferguson.

— Gosta da Itália? — estava ele perguntando à moça em inglês.

— *Quite well*.

— Não entendo...

— *Abbastanza bene* — traduzi, e Rinaldi assentiu.

— Não, isso não é bom. Gosta da Inglaterra?

— Nem tanto. Sou escocesa, sabe?

Rinaldi olhou para mim sem compreender.

— Como escocesa, ela ama a Escócia mais do que a Inglaterra — expliquei em italiano.

— Mas a Escócia faz parte da Inglaterra.

Traduzi isso para a senhorita Ferguson.

— *Pas encore* — disse ela.

— Não, mesmo?

— Nunca fez. Nós não gostamos dos ingleses.

— Não gosta dos ingleses? Não gosta da senhorita Barkley?

— Ora, isso é diferente. Não podemos tomar as coisas tão ao pé da letra.

Pouco depois, demos boa-noite e fomos embora. Pelo caminho, Rinaldi declarou:

— A senhorita Barkley preferiu você a mim. Isso ficou evidente. Mas a escocesinha é muito bonita.

— Muito — concordei, embora não tivesse dado grande atenção à moça. — E você gosta da Ferguson?

— Não — respondeu Rinaldi.

5

Na tarde do dia seguinte, fui de novo visitar a senhorita Barkley. Ela não estava no jardim; então entrei pelo portão lateral, por onde as ambulâncias passavam. Lá dentro, a enfermeira-chefe me informou que a senhorita Barkley estava de serviço.

— Estamos em guerra, como o senhor sabe.

Concordei.

— O senhor é o americano aqui das forças da Itália?

— Sim, senhora.

— Por que fez isso? Por que não veio se juntar a nós?

— Eu não sei — respondi. — Será que conseguiria me juntar a vocês agora?

— Receio que não. Mas, diga, como entrou para o exército italiano?

— Eu estava na Itália — respondi. — E falava italiano.

— Ah! — exclamou a enfermeira. — Estou aprendendo o idioma. É muito bonito.

— Alguém já disse que é possível aprendê-lo em duas semanas.

— Ah, não vou aprendê-lo em duas semanas. Já faz meses que o venho estudando. O senhor pode encontrar a senhorita Barkley depois das sete, se quiser. É a hora em que ela sai. Mas não traga um monte de italianos.

— Nem para falarem o belo idioma?

— Não. Nem pelos belos uniformes.

— Boa-tarde! — disse, despedindo-me.

— *Arrivedérci*, tenente.

— *Arrivedérla* — saudei-a, e saí. Era impossível saudar estrangeiros sem constrangimento, em italiano. A saudação italiana não é feita para exportação.

O dia esteve quente. Subi o rio até a cabeça de ponte, em Plava. Era onde a ofensiva ia começar. Fora impossível avançar até o outro extremo, no ano anterior, porque havia uma única estrada, do desfiladeiro até o atracadouro das pontes, e ficaríamos quase dois quilômetros sob o fogo das metralhadoras inimigas. Era estreita demais, até mesmo para permitir o transporte do aparelhamento bélico completo. Os austríacos iriam acabar conosco. Mas os italianos haviam transposto o rio e avançado até quase três quilômetros, dentro do território austríaco. Era um lugar terrível, e os austríacos não deviam tê-lo deixado sob a posse dos italianos. Mas parece que houve uma tolerância mútua,

porque os austríacos ainda detinham uma cabeça de ponte rio abaixo. Suas trincheiras ficavam numa elevação a apenas poucos metros das linhas italianas. Houve por ali uma cidadezinha, agora reduzida a escombros; viam-se destroços da estação da estrada de ferro e da ponte, esta última não podendo ser reconstruída por ficar muito exposta.

Segui pela estrada estreita em direção ao rio, deixei o automóvel no posto de emergência ao pé da elevação, cruzei o atracadouro da ponte, protegido por um ressalto da montanha, e encaminhei-me para as trincheiras, na cidade arrasada, no fim da encosta. Todos estavam nas tocas. Já haviam erguido as armações para os projéteis, que estavam prontos para subir aos céus e chamar reforços de artilharia, caso as linhas telefônicas fossem cortadas. Tudo muito quieto, quente e sujo. Olhei, através do arame farpado, para as linhas austríacas. Ninguém à vista. Num dos abrigos subterrâneos, tomei um trago com um capitão meu conhecido e voltei para a ponte.

Uma nova e ampla estrada estava sendo construída, avançando em direção à montanha e em zigue-zague até a ponte. Quando a estrada estivesse terminada, começaria a ofensiva. A estrada penetrava na floresta, fazendo curvas fechadas. A ideia era trazer tudo pela nova estrada, deixando a velha, a estrada estreita, para os caminhões vazios e ambulâncias de retorno. O posto de emergência ficava no lado austríaco, além rio, no começo do morro, e os maqueiros trariam os feridos para o atracadouro da ponte; pelo menos era assim que iria acontecer durante a ofensiva. Até o ponto em que pude seguir pela estrada nova, uns dois quilômetros, o ponto em que começava a subida, poderíamos ser fortemente bombardeados pelos austríacos. Pelo que me parecia, aquilo iria se tornar um inferno. Mas encontrei um trecho no qual os veículos poderiam se abrigar, depois de passar pelo local onde ficavam mais visíveis, e ali poderiam aguardar pelos feridos que seriam trazidos do atracadouro. Gostaria de experimentar a nova estrada, dirigindo um pouco por ela, mas ainda não estava terminada. Parecia bastante larga, bem-construída e bem-nivelada, assim como as curvas impressionavam bastante, ao menos pelo que se podia perceber pelas clareiras abertas na floresta, na encosta da montanha. Os freios dos veículos iriam aguentar bem. Além do mais, na descida não estariam muito carregados. Voltei para a estrada estreita.

Dois *carabinieri* me detiveram. Uma granada caíra ali, e enquanto esperávamos mais três explodiram no caminho. Eram do canhão .77 e chegavam assobiando, com um clarão, um estouro e a fumaça cinzenta cobrindo a estrada. Os carabineiros acenaram para que seguíssemos. Passando pelo ponto onde

haviam explodido as granadas, evitei os buracos e senti o cheiro do explosivo, do barro queimado e das pedras que acabavam de ser despedaçadas. Toquei para Gorízia, para nossa *villa*, e mais tarde iria ver a senhorita Barkley, que estava de serviço.

Jantei depressa e fui para a *villa* onde os ingleses mantinham o hospital. Era muito ampla e bonita, rodeada por lindas árvores. A senhorita Barkley estava num dos bancos do jardim, em companhia da senhorita Ferguson. Pareceram alegres por me ver, e a senhorita Ferguson deu logo uma desculpa para retirar-se.

— Vou deixar vocês a sós. Vão ficar muito bem sem mim.

— Não vá, Helen — pediu a senhorita Barkley.

— Tenho de ir. Preciso escrever algumas cartas.

— Boa-noite — despedi-me.

— Boa-noite, senhor Henry.

— Não escreva nada que vá desagradar ao censor, ouviu?

— Não tenha medo. Só falarei sobre o lindo lugar em que vivemos e sobre como os italianos são destemidos.

— Assim acabará recebendo uma condecoração.

— E seria ótimo. Boa-noite, Catherine.

— Vejo você daqui a pouco — disse a senhorita Barkley, enquanto a outra desaparecia no escuro.

— Ela é simpática — comentei.

— Ah, sim. Muito. Uma enfermeira de verdade.

— E você não é?

— Eu, não. Sou uma coisa que chamam de Corpo Voluntário de Enfermagem. Trabalhamos um bocado, mas ninguém confia em nós.

— Por quê?

— Não confiam em nós quando não há trabalho, como agora. Quando o serviço aperta, tudo muda.

— Por que essa diferença?

— Uma enfermeira é como um médico. Tem que estudar muito. Mas uma enfermeira voluntária é como alguém que tomou um atalho, alguém que sabe menos.

— Compreendo.

— Os italianos não gostam das mulheres muito perto do *front*, e portanto temos de manter uma conduta especial. Não podemos sair.

— Mas posso vir aqui, não posso?

— Ah, sim, porque, afinal de contas, não estamos enclausuradas.

— Vamos falar de outra coisa, em vez de guerra?

— É difícil.

— Mesmo assim...

— Está bem.

Encarávamo-nos no escuro. Achei-a linda e tomei sua mão. Ela deixou-me tomá-la, e eu a mantive, passando o meu braço sob o dela.

— Não — murmurou. Deixei o meu braço onde estava.

— Por quê?

— Não.

— Sim — repliquei. — Por favor — pedi, inclinando-me para beijá-la. Houve um estalo repentino e doloroso. Ela havia me dado um tapa na cara, com força. Sua mão bateu direto contra o meu nariz e os olhos, e lágrimas forçadas me vieram, como que por reflexo.

— Desculpe! — balbuciou ela, e me senti em vantagem.

— Fez muito bem.

— Ah, sinto muito — disse ela. — Só que não consegui suportar o estilo enfermeira-de-folga-à-noite. Não queria machucar você. Mas machuquei, não foi?

Ela olhava para mim no escuro. Eu estava irritado, mas atento às jogadas seguintes, como no xadrez.

— Fez o que devia fazer — declarei. — Não estou ofendido.

— Pobrezinho!

— Bem, você sabe que estou levando uma vida esquisita. E nunca tenho sequer com quem falar em inglês. Além disso, acho você muito bonita — murmurei, fixando nela meu olhar.

— Não precisa dizer tantos absurdos. Já pedi desculpas. Nós nos damos muito bem.

— Sim — observei, e pusemos de lado a guerra.

A senhorita Barkley sorriu. Era a primeira vez que a via sorrindo. Fiquei observando o seu rosto.

— Você é gentil — disse ela.

— Não, não sou.

— É, sim. Gosto de você. E, se deixasse, eu o beijaria.

Olhei-a nos olhos e inclinei-me, como fizera antes, e a beijei. Beijei-a com força e segurei-a firmemente, procurando entreabrir-lhe os lábios. Ainda estava irritado e, segurando-a, percebi que ela cedia de repente. Conservei-a apertada em meus braços, sentindo seu coração bater. Os lábios se entreabriram. Enfim,

ela pendeu a cabeça sobre meu ombro e começou a chorar.

— Oh, querido — murmurou soluçando. — Você vai ser bom comigo, não vai?

"Que diabo!", pensei. Alisei-lhe o cabelo e acariciei o seu ombro. Ela continuava chorando.

— Vai, não é? — repetiu, olhando para mim. — Porque vamos ter uma vida bastante estranha.

Depois de algum tempo, ela me acompanhou até a saída da *villa*, onde a deixei, e fui para casa. Quando cheguei, subi ao meu quarto. Rinaldi já estava na cama e me olhou.

— Muitos progressos com a senhorita Barkley?

— Ficamos amigos.

— Mas você está parecendo um cão no cio.

Não entendi a expressão, dita em italiano.

— O quê?

Ele explicou.

— Você — eu disse — é que está com a expressão exata do cachorro que…

— Pare — disse ele. — Daqui a pouco vamos começar a nos ofender.

Rinaldi riu. Dei-lhe boa-noite.

— Boa-noite, cachorrinho.

Arremessei o travesseiro sobre a sua vela acesa e acomodei-me na cama no escuro.

Rinaldi apanhou a vela caída, acendeu-a de novo e prosseguiu sua leitura.

6

Fiquei fora dois dias visitando os postos. Quando regressei, já era hora avançada, e, assim, só fui rever a senhorita Barkley na tarde seguinte. Ela não estava no jardim, e tive de esperá-la na recepção até que descesse. Havia muitos bustos de mármore sobre colunas de madeira pintadas, ao longo das paredes do escritório usado como recepção, assim como no *hall* que lhe dava passagem. Tinham aquela característica inerente ao mármore de parecerem todos iguais. A escultura sempre me pareceu uma arte melancólica — somente o bronze me diz alguma coisa. Mas bustos de mármore me dão a ideia de cemitério. Entretanto, havia um cemitério bonito — o de Pisa. Já Gênova é o melhor lugar que existe para quem quer ver mármores de má qualidade. A *villa* em que estava pertencera a um alemão muito rico; os bustos deviam ter custado muito dinheiro. Mas quem os teria feito e quanto havia ganho? Seriam os homenageados membros da família do alemão ou o quê? Eram todos igualmente clássicos. Impossível dizer algo a respeito.

Sentei-me numa cadeira, com o quepe ao colo. Havíamos recebido ordens de usar capacetes de aço, mesmo em Gorízia, mas eram incômodos e horrivelmente teatrais, numa cidade em que os civis não haviam sido evacuados. Usei um capacete quando fui vistoriar os postos e também uma máscara de gás inglesa. Estávamos começando a recebê-las. Uma máscara de verdade. Também tínhamos de portar uma pistola automática, mesmo os médicos e oficiais do corpo de saúde. Senti a arma de encontro ao espaldar da cadeira. Quem não a trouxesse bem visível estava sujeito a ser preso. Rinaldi carregava o coldre cheio de papel higiênico, em vez da arma. Eu sempre a trazia e me sentia um pistoleiro, até que comecei a praticar tiro. Era uma Astra 7.65, de cano muito curto, que dava um coice tão grande quando disparava, que só por acaso acertaria no alvo. Pratiquei com ela, apontando mais para baixo, procurando aprender a compensar aquele cano ridiculamente curto, até conseguir acertar à distância de um metro do que estava apontando vinte vezes seguidas. A seguir, o ridículo de portar uma pistola foi se atenuando e passei a trazê-la pendurada à cintura, sem sequer me lembrar dela, a não ser por um certo constrangimento, quando encontrava pessoas que falavam inglês. Então me sentei, e uma espécie de ordenança me lançou um olhar desconfiado, de sua mesa, enquanto eu me detinha no chão de mármore, nas colunas com os bustos de mármore e nos

afrescos na parede, esperando pela senhorita Barkley. Não eram dos piores os afrescos. Todos os afrescos são bons quando racham e começam a descascar.

Ao ver Catherine Barkley descer as escadas e atravessar o *hall*, levantei-me. Enquanto caminhava em minha direção, não me pareceu alta, mas estava linda.

— Bom-dia, senhor Henry — disse ela.

— Como vai? — cumprimentei-a, sempre com a ordenança me fiscalizando.

— Vamos nos sentar aqui ou no jardim?

— No jardim. Está mais fresco lá fora.

Fomos para o jardim, eu atrás dela, os olhos da ordenança nos seguindo. Quando já atravessávamos a alameda de cascalho, ela me perguntou:

— Então, onde tem estado?

— Visitando os postos.

— Não podia ter-me mandado um bilhete?

— Não — respondi. — Na verdade, não. E achei que não demoraria a voltar.

— Devia ter-me avisado, querido.

Deixamos a alameda e alcançamos as árvores. Tomei as suas mãos; então paramos, e eu a beijei.

— Não há um lugar para onde possamos ir? — perguntei.

— Não — respondeu ela. — Temos de ficar por aqui mesmo. Você ficou fora tanto tempo!

— Três dias, contando com hoje. Mas estou de volta.

A senhorita Barkley encarou-me:

— E me ama de verdade?

— Amo.

— Você havia dito que me amava, não foi?

— Foi — menti. — Amo-a, sim. — Eu não havia dito nada parecido até então.

— E vai me chamar de Catherine?

— Catherine! — Recomeçamos a andar e nos detivemos debaixo de uma grande árvore.

— Diga: “Vim ver Catherine esta noite”.

— Vim ver Catherine esta noite.

— Oh, querido, então voltou, não é verdade?

— É.

— Eu o amo tanto, e foi horrível. Você não vai desaparecer, vai?

— Não. Sempre estarei de volta.

— Oh, eu o amo muito. Ponha a mão de volta onde estava.

— Eu não a tirei — disse, e virei-a um pouco para lhe ver o rosto enquanto a beijava. Tinha os olhos fechados. Beijei aqueles dois olhos fechados com a impressão de que a senhorita Barkley fosse meio louca. Mas, se fosse, eu não via problema algum nisso. Pouco me importava. Ainda era melhor do que ir todas as noites ao bordel dos oficiais, onde as garotas tombavam por cima da gente e nos derrubavam o quepe para trás, como sinal de agrado, entre uma e outra subida ao andar de cima com os oficiais. Eu não amava Catherine Barkley, nem um pouco. Era um jogo, como o *bridge*, só que lançávamos palavras em vez de cartas. Como no *bridge*, a gente tem de fingir que está jogando por dinheiro ou apostando qualquer coisa. Ninguém ainda declarara qual era a aposta. Estava tudo muito bem para mim.

— Eu queria que houvesse algum lugar para onde pudéssemos ir — disse, já experimentando a masculina dificuldade de amar, assim, de pé, por muito tempo.

— Não há lugar nenhum — ela disse, retornando de onde quer que sua mente a tenha levado.

— Podemos nos sentar aqui um pouco.

Então, sentamo-nos num banco de pedra e fiquei segurando a mão de Catherine Barkley. Ela não me deixou passar o braço pela sua cintura.

— Muito cansado? — perguntou.

— Não.

Seus olhos baixaram para a grama.

— Estamos disputando um jogo muito feio, não acha?

— Jogo?

— Não se finja de ingênuo.

— Mas não estou fingindo.

— Você é um bom rapaz — disse ela. — E joga muito bem esse jogo. Mas não o acha feio?

— Você sempre adivinha o que os outros pensam?

— Nem sempre. Mas consigo fazer isso com você. Não precisa fingir que me ama. Vamos acabar com isso. Podemos conversar sobre qualquer outro assunto?

— Mas eu a amo, sim.

— Por favor, não vamos mentir. Não há necessidade disso. Eu dei o meu pequeno espetáculo, mas já estou bem. Sabe, não sou louca, nem fico fora de mim. Só um bocadinho, às vezes.

Apertei a mão dela:

— Querida Catherine...

— Soa engraçado, agora... Catherine. Você muda o jeito de pronunciar meu

nome, mas é muito gentil. É um bom rapaz.

— Exatamente o que o nosso padre diz.

— Sim, um bom rapaz. Voltará para me ver?

— Sem dúvida.

— Mas não precisa dizer que me ama. Isso durou só um momento.

Ela me estendeu a mão. — Boa-noite.

Tentei beijá-la.

— Não — disse ela. — Estou terrivelmente cansada.

— Beije-me assim mesmo — pedi.

— Estou exausta, querido.

— Beije-me.

— Quer mesmo? Muito?

— Quero.

Beijamo-nos, e ela de repente se desprendeu.

— Não. Por favor, querido. Boa-noite.

Caminhamos juntos até a porta, e ela entrou. Eu a acompanhei enquanto ela atravessava o *hall*. Gostava de observar o jeito como se movia. Sumiu-se lá dentro. Fui para casa. Era uma noite quente, e havia luta nas montanhas. Avistei clarões sobre San Gabriele.

Parei diante de Villa Rossa. As janelas estavam fechadas, mas ainda havia movimento lá dentro. Alguém estava cantando. Entrei em casa. Rinaldi apareceu enquanto eu me despia.

— Arrá! — exclamou. — A coisa não foi bem hoje. Meu menino está atrapalhado.

— Onde você esteve, Rinaldi?

— Em Villa Rossa. Aquilo lá é muito edificante, menino. Ficamos todos cantando. E você?

— Visitando ingleses.

— Graças a Deus escapei dos ingleses...

7

Na tarde seguinte, voltava do nosso primeiro posto na montanha e parei o carro no *smistimento* onde os feridos e doentes eram identificados por seus documentos e remetidos aos diferentes hospitais. Eu viera guiando. O motorista levou os papéis para dentro, enquanto eu permanecia sentado dentro do veículo. Era um dia bem quente, com o céu brilhando muito, e todo azul, e a estrada seca e empoeirada. Afundei no assento dianteiro do Fiat, sem pensar em coisa alguma. Um regimento passou na estrada, e fiquei observando-o. Homens suarentos, afogueados, alguns com o capacete na cabeça, a maioria com ele às costas. Esses capacetes, ou a maior parte deles, eram excessivamente grandes e desciam até as orelhas. Todos os oficiais usavam capacetes que se ajustavam melhor em suas cabeças. Era metade da brigada da Basilicata. Identifiquei-a pelas listras vermelhas e brancas da gola. Havia muitos estropiados, homens que ficavam bastante para trás, quase perdendo o pelotão de vista. Estavam suadíssimos e cobertos de pó, todos exaustos. Pareciam péssimos. O último era um soldado solitário e manco, já a uma boa distância dos outros. Ele parou e sentou-se à beira da estrada. Desci e me aproximei.

— O que há com você, homem?

O soldado encarou-me e depois se levantou.

— Vou indo.

— Mas o que há com você?

— ... a guerra.

— Qual é o problema na sua perna?

— Não é na perna. É uma ruptura.

— E por que não vai num carro? — indaguei. — Por que não vai para o hospital?

— Eles não vão deixar. O tenente diz que perdi a funda de propósito.

— Deixe-me ver isso.

— Hérnia. Muito adiantada.

— De que lado?

— Aqui.

Apalpei-lhe a hérnia e mandei que tossisse.

— Tenho medo de que inche ainda mais. Está duas vezes maior do que pela manhã.

— Sente-se — ordenei. — Logo que arrumar os papéis destes feridos levo você de carro e o entrego aos médicos do regimento.

— Eles vão dizer que foi de propósito.

— Não podem fazer nada — expliquei. — Não é um ferimento. Já estava com isso, não é? Faz tempo?

— Mas eu perdi a funda.

— Eles vão mandar você a um hospital.

— Não posso ficar aqui, tenente?

— Não. Não tenho seus papéis.

O motorista apareceu à porta com os papéis dos feridos.

— Quatro para o 105. Dois para o 132 — disse ele. Eram os hospitais além do rio.

— Você dirige — disse eu ao motorista, enquanto ajudava o homem da hérnia a sentar-se no carro.

— O tenente fala inglês? — perguntou ele.

— Claro que sim.

— O que acha desta maldita guerra?

— Podre.

— Por Cristo que é verdade.

— Esteve nos Estados Unidos? — indaguei.

— Isso mesmo. Em Pittsburgh. Percebi logo que o tenente era americano.

— Acha que o meu italiano não é bom?

— Só sei que percebi logo que era americano.

— Outro americano — disse o motorista em italiano, referindo-se ao homem da hérnia.

— Escute, tenente. Vai me levar para o meu regimento?

— Vou.

— É que o capitão-médico do nosso regimento sabe que tenho esta hérnia. Eu joguei fora a maldita funda justamente para piorar e deixar as fileiras.

— Entendo.

— Será que não poderia me levar para qualquer outro lugar?

— Se estivéssemos mais perto do *front*, poderia levá-lo ao primeiro posto médico. Mas para ficar aqui é preciso ter os papéis em ordem.

— Se eu voltar para lá, eles me operam e me botam nas fileiras outra vez.

Pensei um pouco sobre o assunto.

— O tenente não ia querer ficar nas fileiras o tempo todo, não é? — perguntou.

— Não.

— E, por Cristo, esta droga de guerra não presta para nada!

— Escute — disse eu. — Saia do carro, ande um pouco na estrada e caia no chão. Arranje um galo na testa, que o apanho na volta e o levo ao hospital. Pare, Aldo — ordenei ao motorista. O carro parou e o ajudei a descer.

— Vou ficar bem aqui, tenente — disse ele.

— Até mais! — despedi-me.

Seguimos em frente e, cerca de dois quilômetros adiante, passamos pelo regimento. Então, atravessamos o rio, turvo de neve derretida e deslizando apressado por entre os pilares da ponte. Seguimos a estrada ao longo do rio e entregamos os feridos aos dois hospitais. Dirigi na volta e podia ir bem depressa, com o veículo vazio. Estava procurando pelo homem de Pittsburgh, e cruzamos de novo com o regimento, mais suado e exausto do que antes. Depois, vimos os retardatários. A seguir, apareceu na estrada uma ambulância puxada por um cavalo. Dois homens estavam erguendo o homem da hérnia para enfiá-lo dentro dela. Tinham vindo buscá-lo. Ele balançou a cabeça ao ver-me. Seu capacete estava no chão, e sua testa sangrava abaixo da linha dos cabelos. Ele tinha o nariz ferido e sangue misturado com terra nos cabelos.

— Olhe o galo na minha cabeça, tenente! — gritou ele. — Não há o que fazer. Eles vieram atrás de mim.

Quando voltei à *villa* eram cinco horas. Fui até o local onde se lavavam os veículos para tomar um banho de chuveiro. Depois, em meu quarto, fiz o relatório do dia e sentei-me de calças e camiseta em frente à janela. A ofensiva devia ser iniciada em dois dias, e eu iria com as ambulâncias para o Plava. Já fazia tempo desde a minha última carta para os Estados Unidos. Sabia que devia mandar uma carta, mas deixara tanta coisa passar que no momento era quase impossível começar a escrever. Não havia o que contar. Mandei dois cartões-postais da *Zona di Guerra*, riscando tudo o que vinha impresso, salvo a frase "vou indo bem". Isso ajudaria os cartões a chegar. Na América, esses cartões dariam uma boa impressão; eram estranhos e misteriosos. Era também uma zona de guerra estranha e misteriosa, mas estava sendo bem-conduzida e com alegria, em comparação com outras guerras lançadas contra os austríacos. O exército austríaco nascera para dar vitórias a Napoleão. A qualquer Napoleão. Eu preferia ter ali Napoleão, em vez do General Cadorna, gordo e próspero, e de Vittorio Emmanuele, o homenzinho do pescoço fino e barba de bode. Havia ainda o Duque de Aosta. Talvez o duque tivesse uma aparência por demais atraente para ser um grande general, mas pelo menos parecia um ser humano. Muitos italianos

o quereriam como rei. Ele parecia mesmo um rei. Era tio de Vittorio Emmanuele e comandava o terceiro exército. Estávamos no segundo. No terceiro, havia algumas baterias britânicas. Em Milão, encontrei dois artilheiros daquela turma. Eram sujeitos ótimos, e tivemos uma grande noite juntos. Eram grandalhões e acanhados, e muito atentos a tudo o que acontecia. Queria agora estar com os ingleses. Seria tudo muito mais simples. A não ser pelo fato de que, provavelmente, já estaria morto. Mas não nesse serviço com as ambulâncias. Sim, mesmo no serviço de ambulâncias. Os motoristas de ambulância ingleses também são mortos, às vezes. Bem, sabia que não seria morto. Não naquela guerra. Ela não tinha nada a ver comigo. Para mim, não parecia mais perigosa do que uma guerra no cinema. No entanto, pedia a Deus para que acabasse. Talvez acabasse naquele verão. Talvez os austríacos se arrebentassem de uma vez, como acontecera em todas as outras guerras. Mas o que havia de errado com aquela guerra? Todos diziam que os franceses não aguentavam mais, que estavam fartos. Rinaldi contou-me que tropas francesas amotinadas haviam marchado sobre Paris.

— E o que aconteceu? — perguntei.

— Ah, foram detidas!

Eu queria ver uma Áustria sem guerra, conhecer a Floresta Negra, as montanhas de Hartz. Onde é mesmo que ficavam essas montanhas…? Eles estavam lutando nos Cárpatos, mas eu não me interessava em conhecer a região. Poderia até ser bonita. Eu poderia ir para a Espanha, se não fosse a guerra. O sol estava se pondo, e a temperatura caía. Depois da ceia, eu poderia ir ver Catherine Barkley. Queria que ela estivesse agora comigo. Queria ter estado com ela em Milão. Poderíamos jantar na Cova e passear pela Via Manzoni, atravessando o calor da noite, e ladear o canal, e depois eu iria para o hotel com Catherine Barkley. Pode ser que ela aceitasse. Talvez fingisse que eu era o seu rapaz, aquele que fora morto, então nos deteríamos na entrada do hotel e o porteiro tiraria seu quepe para nós, eu pararia no balcão da recepção, pediria a chave enquanto ela estaria esperando junto ao elevador, e então entraríamos no elevador, que subiria muito lentamente, parando em todos os andares; aí, em nosso andar, o ascensorista abriria a porta e ficaria aguardando, enquanto ela sairia, eu sairia, e desceríamos o *hall* e eu meteria a chave na fechadura e abriria a porta do quarto e tomaria o telefone e pediria uma garrafa de *capri bianca*, em um balde de prata com gelo, e ouviríamos o barulho do gelo no balde aproximando-se pelo corredor, e o garçom bateria à porta e eu diria: “Deixe o balde aí fora, por favor”. Porque estaríamos despidos por causa do calor, e com

as janelas abertas e as andorinhas voando sobre os telhados das casas; e quando ficasse escuro e fôssemos à janela, pequenos morcegos estariam caçando sobre os telhados e as árvores, e beberíamos o *capri*, e a porta fechada e o calor e apenas um lençol na cama e a noite inteira nos amaríamos no calor noturno de Milão. Era assim que as coisas teriam de ser. Comi depressa e saí para ver Catherine Barkley.

Discutia-se muito na sala do rancho, e tomei vinho porque à noite não éramos todos irmãos sem vinho, e conversei com o padre sobre o arcebispo da Irlanda, que era, ao que parecia, um bom homem, sendo que das injustiças que sofrera, e nas quais eu tinha alguma participação, como americano, embora delas nunca tivesse ouvido falar, mostrei-me perfeitamente conhecedor. Seria grosseiro não aparentar conhecer alguma coisa do assunto, depois de ouvir esplêndidas explicações a respeito do que me pareceu, afinal, um grande mal-entendido. Ele tinha um bonito nome e vinha de Minnesota, o que fazia o nome mais bonito ainda, Irlanda do Minnesota, Irlanda do Wisconsin, Irlanda do Michigan. O que tornava a coisa bonita de fato era quando soava como Islândia. Não. Não era isso. Era mais do que isso. Sim, padre. Isso é verdade, padre. Talvez, padre. Não, padre. Bem, pode ser, padre. O senhor sabe disso melhor do que eu, padre. O padre era um bom amigo, mas chato. Os oficiais não eram bons amigos e também eram chatos. O rei era bom, mas chato. O vinho era ruim, mas não era chato. Descascava o esmalte dos dentes e deixava-o pregado no céu da boca.

— E o padre foi preso — dizia Rocca — porque encontraram com ele os títulos de 3%. Na França, claro. Aqui nunca o teriam prendido. Ele negou qualquer conhecimento dos títulos de 5%. Isso foi em Béziers. Eu estava lá. Li nos jornais a notícia e fui à cadeia visitar o padre. Era mais do que evidente que ele roubara os títulos.

— Não acredito numa só palavra dessa história — declarou Rinaldi.

— Como queira — replicou Rocca. — Mas estou contando a história, aqui, para o padre. É muito ilustrativa. Ele é padre, vai gostar.

O padre sorriu:

— Continue, estou ouvindo.

— Claro que alguns dos bônus não eram compromete-dores. Mas o padre estava com todos os de 3% e mais diversas letras locais. Já não me lembro o que eram essas. Assim, fui à cadeia, e aqui é o que importa nesta história toda, porque parei do lado de fora da cela dele e disse, como se estivesse em confissão: “Abençoa-me, padre, porque pecaste”.

O desfecho da história foi recebido com gargalhadas.

— E o que ele respondeu? — indagou o padre. Rocca ignorou a pergunta e continuou me explicando a brincadeira.

— Está entendendo?

Parece que se tratava de uma piada muito engraçada, para quem conseguisse entendê-la direito. Eles me serviram mais vinho, e eu contei a história do soldado inglês que fora colocado debaixo do chuveiro. Depois o major contou a história dos onze tcheco-eslovacos e do cabo húngaro. Depois de mais vinho, contei o caso do jóquei que encontrara uma moeda. O major disse que havia uma história italiana parecida, de uma duquesa que não podia dormir de noite. A essa altura, o padre havia ido embora, e eu contei a história do caixeiro-viajante que chegou a Marselha às cinco da manhã, quando o mistral estava soprando. O major disse ter tido notícia de que eu sabia beber bem. Neguei. Ele insistiu e prometeu, pelo cadáver de Baco, que iria verificar se era verdade ou não. Baco, não, protestei. De Baco, sim, repetiu o major. Eu teria de beber copos e mais copos com Bassi, Fillipo Vincenza. Bassi recusou a prova, por já haver bebido, segundo alegou, duas vezes mais do que eu. Respondi que era mentira, e Baco ou não Baco, Fillipo Vincenza Bassi ou Bassi Fillippo Vicenza não haviam tocado numa gota, por toda a tarde, e qual era mesmo o nome dele, afinal de contas? Ele disse que meu nome era Frederico Enrico ou Enrico Federico? Eu disse que deixassem o melhor vencer, com Baco de fora, e o major nos pôs a beber em canecas de vinho tinto. Mas, com o vinho ainda pela metade, parei. Lembrei-me para onde pretendia ir.

— Bassi venceu — declarei. — Ele é muito melhor do que eu. Preciso ir agora.

— É verdade — reforçou Rinaldi. — Ele tem um *rendezvous*. Sei de tudo.

— Preciso ir.

— Então fica para outra noite — disse Bassi. — Outra noite, quando se sentir mais forte — disse, batendo-me no ombro.

Havia velas acesas na mesa. Todos os oficiais pareciam-me muito felizes.

— Boa-noite, senhores — disse eu.

Rinaldi saiu comigo. Na calçada, disse-me:

— É melhor não aparecer por lá assim, tão bêbado.

— Não estou bêbado, Rinin. Juro...

— Melhor mascar um pouco de café.

— Isso é um absurdo.

— Vou arranjar café, menino. Continue a caminhar, indo e voltando sem parar.

Rinaldi voltou com um punhado de grãos de café torrado.

— Masque isto, menino, e Deus o ajude.

— Baco! — exclamei.

— Vou acompanhar você.

— Estou perfeitamente bem.

Caminhamos juntos, atravessando a cidade, eu mascando o café. No portão da *villa* inglesa, Rinaldi deu-me boa-noite.

— Boa-noite — respondi. — Por que não entra um pouco?

Ele recusou com a cabeça.

— Não. Aprecio os prazeres mais simples.

— Obrigado pelos grãos de café.

— Não foi nada, menino.

Desci pela entrada de automóveis. A silhueta dos ciprestes no céu estava bem nítida. Olhei para trás e vi Rinaldi parado, observando-me e acenando para mim.

Sentei-me na sala de espera da *villa*, aguardando Catherine Barkley. Alguém vinha descendo. Levantei-me, mas não era Catherine. Era a senhorita Ferguson.

— Olá — cumprimentou-me ela. — Catherine pediu-me para dizer-lhe que sente muito, mas não vai poder recebê-lo hoje.

— Que pena! Mas espero que não esteja doente.

— Não está passando muito bem.

— Pode dizer-lhe que sinto muito?

— Claro que sim.

— Acha que valerá a pena tentar vê-la amanhã?

— Acho que sim.

— Muito obrigado. Boa-noite.

Atravessei a porta e de repente me senti solitário e vazio. Havia tratado essa visita a Catherine muito levianamente, bebera demais e quase me esqueci de aparecer; mas não poder vê-la fizera-me realmente me sentir solitário e vazio.

8

Na tarde seguinte, soubemos que iria acontecer um ataque rio acima, à noite, e teríamos de levar quatro ambulâncias. Ninguém sabia mais nada a respeito, embora todos comentassem o assunto com grande precisão e muitos detalhes estratégicos. Segui no primeiro veículo e, de passagem pelo hospital inglês, mandei parar. Os outros também pararam. Ordenei que seguissem e, se nós não os alcançássemos na encruzilhada para Cormons, que nos esperassem ali. Subi e na recepção perguntei pela senhorita Barkley.

— Está de serviço.

— Não poderia vê-la por um momento?

Um guarda foi procurá-la, e ela veio com ele.

— Parei para saber se estava se sentindo melhor. Soube que estava de serviço e pedi que a chamassem.

— Estou muito bem. Acho que o calor de ontem me abateu.

— Tenho de ir embora.

— Vou até lá fora com você por um minuto.

— Está realmente bem? — perguntei-lhe.

— Sim, querido, e você, virá à noite?

— Não. Estou de partida para uma coisa qualquer que vai acontecer Plava acima.

— Algo sério?

— Acho que não é nada.

— E quando volta?

— Amanhã.

Ela tirou alguma coisa do pescoço e pôs em minha mão.

— É um Santo Antônio — explicou. — Então venha amanhã à noite.

— Você é católica? — perguntei.

— Não. Mas dizem que Santo Antônio é muito prestativo.

— Vou ter muito cuidado com ele por sua causa. Adeus.

— Adeus, não. Até logo.

— Até logo.

— Seja um bom rapaz e tome cuidado. Não, você não pode me beijar aqui.

— Está bem.

Ainda olhei para trás e a vi na escada, acenando para mim. Joguei-lhe um

beijo. Ela acenou novamente, e então desci a estrada, subi na ambulância, e, assim que me acomo-dei, nós partimos. O Santo Antônio estava numa pequena cápsula branca de metal. Abri-a e deixei a imagem deslizar para a palma da minha mão.

— Santo Antônio? — indagou o motorista.

— É.

— Tenho um comigo. — Sua mão direita largou o volante, abriu um botão da túnica e tirou o seu Santo Antônio de debaixo da camisa.

— Vê?

Devolvi meu Santo Antônio à cápsula, fechei a fina corrente de ouro e guardei-a no bolso da túnica.

— Não o usa no pescoço?

— Não.

— É melhor usá-lo no pescoço. Para isso é que são feitos.

— Está bem — murmurei e, abrindo de novo a cápsula, tirei o Santo Antônio e passei a corrente pelo pescoço. O santo ficou pendurado por fora do uniforme. Tive de desabotoar o colarinho e também a camisa para pô-lo para dentro. Sentia o contato do metal contra o peito, enquanto dirigíamos. Mas logo me esqueci dele. Depois que fui ferido, não consegui encontrá-lo. Alguém em um dos postos de emergência deve tê-lo roubado.

Ao alcançar a ponte, aumentamos a velocidade e logo enxergamos ao longe a nuvem de poeira que as outras ambulâncias levantavam. A estrada fez uma curva, e vimos os três outros veículos, pequenos devido à distância, e o pó projetado dos pneus depositando-se nas árvores das laterais da estrada. Nós conseguimos ultrapassá-los e desviamos numa estrada que subia pelas colinas. Dirigir assim em comboio não é desagradável quando assumimos a dianteira. Recostei-me no assento para apreciar a paisagem. Estávamos no sopé da montanha, com o rio de um lado; a estrada subia tomando o rumo das montanhas altas ao norte com neve ainda em seus cumes. Olhei para trás e vi os três veículos subindo, com intervalos de poeira entre eles. Cruzamos com uma tropa de mulas carregadas, com os tocadores a pé, de barretes vermelhos na cabeça. Eram *bersaglieri*.

Após a passagem da tropa de mulas, a estrada ficou deserta; subimos, atravessando as colinas, e depois descemos para um longo tabuleiro de elevações, até o vale do rio. Havia árvores em ambos os lados da estrada e através de seus troncos eu enxergava o rio, com sua água clara, rasa e veloz. O rio estava muito baixo, e havia bancos de areia e cascalho, separados por

estreitos canais de água. Em determinados momentos, a água jorrava como um jato luminoso sobre o leito de cascalho. Próximo ao banco, vi poças mais fundas, com a água tão azul como o céu. Vi pontes de pedra em arco sobre o rio, a serviço de pequenas estradas secundárias, e passamos por casas de campo feitas de pedra, com pereiras como candelabros por sobre os muros do lado sul e pequenos muros de pedra nos campos. A estrada subia o vale por uma boa extensão, depois virávamos e logo recomeçávamos a subir colinas outra vez. A estrada subia de forma íngreme, indo de um lado para o outro através de bosques de castanheiros até alcançar um trecho plano que costeava um espinhaço. Fixei o olhar e enxerguei ao longe a fita do rio batida de sol — o rio que separava os dois exércitos. Entramos pela nova estrada militar aberta no dorso do espinhaço e avistei ao norte duas cadeias de montanhas, verdes e escuras, até onde começava a neve, depois branca e encantadora devido ao brilho do sol. Mais além, uma terceira linha de montanhas ainda mais altas, também cobertas de uma neve da cor do giz, e repletas de recortes, com estranhos platôs, e mais para adiante ainda, mais montanhas, mas estas eram tão distantes, que sequer poderíamos ter certeza de que realmente as estávamos vendo. Eram as montanhas austríacas, e não havia nada semelhante na Itália. À frente, havia uma curva da estrada à direita, que depois desaparecia por entre as árvores. Havia tropas marchando por essa estrada, caminhões e mulas, estas carregadas com artilharia de montanha; ao descermos, pude ver o rio lá embaixo, a linha férrea que o ladeava e a velha ponte por onde os trens atravessavam para o outro lado, onde, ao pé de uma elevação, estavam as casas despedaçadas da pequenina cidade que tínhamos de tomar.

Já começava a escurecer quando descemos e entramos pela estrada principal junto ao rio.

9

Havia tráfego pesado na estrada e tapumes laterais feitos de talos de milho e palha, em ambos os lados, com uma cobertura ligando-os; deu-me a impressão da entrada de um circo ou de uma aldeia de selvagens. Passamos devagar por aquele túnel de palha e fomos sair na esplanada onde outrora fora a estação da via férrea. Ali a estrada ficava abaixo do nível da margem do rio e estava alagada, com buracos escavados por todo o trecho, onde se abrigava a infantaria. O sol já descia e, olhando para cima, enquanto dirigíamos, pude avistar balões austríacos de observação, acima dos morros, do lado oposto, todos escurecidos contra o pôr do sol. Estacionamos as ambulâncias junto a uma olaria. Os fornos de queima e os buracos abertos para a extração da argila estavam transformados em postos de emergência. Havia três médicos, por lá, que eu conhecia. Falei com o major e soube que, quando a coisa começasse e nossos carros estivessem cheios, teríamos de voltar pelo túnel até alcançar a estrada principal, ao longo do espinhaço, onde havia um posto médico e mais carros de serviço. Torcíamos para que a estrada não estivesse congestionada. Era a única disponível. A camuflagem servia para escondê-la dos austríacos do outro lado do Plava. Ali, na olaria, a margem do rio nos abrigava dos disparos de fuzil e metralhadora. Havia uma ponte destruída, na travessia do rio. Outra ponte estava sendo armada, quando o bombardeio irrompeu e uma parte da tropa teve de atravessar o leito do rio a pé, um pouco mais acima, onde era razoavelmente raso. O major era um homem de pequena estatura e bigodes retorcidos para cima. Estivera na Líbia, onde ganhara duas fitinhas por ferimentos. Disse-nos que se tudo corresse bem providenciaria para que eu fosse condecorado. Respondi que achava que tudo correria bem e agradeci sua gentileza. Perguntei-lhe qual o melhor abrigo para os motoristas e ele mandou um soldado me mostrar onde era. Eu o segui até o abrigo, que achei muito bom. Os motoristas ficaram contentes por eu tê-los deixado lá. O major convidou-me para um drinque em sua companhia e na de mais dois oficiais. Tomamos rum, e tudo correu de modo cordial. Começava a escurecer. Perguntei pela hora do ataque e responderam que aconteceria logo que escurecesse de vez. Voltei para o abrigo dos motoristas. Estavam sentados dentro dele, conversando, mas pararam de falar quando cheguei. Dei um pacote de cigarros Macedônia a cada um, cigarros malfeitos, com o tabaco a escapar pelas extremidades, de modo que era preciso torcê-las. Manera acendeu seu isqueiro e

o passou à volta. O isqueiro tinha a forma de um radiador Fiat. Contei-lhes o que tinha ouvido.

— Por que não enxergamos este posto quando descíamos? — quis saber Passini.

— Estava mais adiante, quando fizemos a curva.

— Essa estrada vai virar uma grande arapuca — advertiu Manera.

— Acho que os austríacos vão arrebentar com a gente.

— Provavelmente.

— Que tal comermos alguma coisa, tenente? Depois de começar a festa, não vamos conseguir parar para nada.

— Vou tratar disso já.

— Temos de ficar aqui ou podemos dar uma olhadela aí por fora?

— Melhor ficarem por aqui.

Fui até o abrigo do major e este disse que a cozinha de campanha já estava funcionando e que os motoristas podiam ir até lá para comer. Se não tivessem trazido seus pratos — peças de latão, usadas nos ranchos militares — poderiam pegar emprestado o que precisassem. Disse que achava que os haviam trazido. Voltei para meus homens e os avisei que logo a comida estaria pronta. Manera disse que esperava que isso acontecesse antes de o bombardeio começar. Ficaram em silêncio até eu os deixar. Eram motoristas e odiavam a guerra.

Fui examinar as ambulâncias e ver o que mais estava acontecendo. Depois retornei ao abrigo e fui me sentar junto aos quatro motoristas. Estávamos sentados sobre a terra, recostados no muro e fumando. Lá fora já havia quase escurecido. O chão dentro do abrigo era seco e quente. Reclinei-me e pude relaxar um pouco.

— Quem vai atacar primeiro? — perguntou Gavuzzi.

— Os *bersaglieri*.

— Todos os *bersaglieri*?

— Acho que sim.

— Mas aqui não tem tropas suficientes para um ataque de verdade.

— Talvez seja apenas para distrair a atenção dos austríacos em relação ao ataque principal.

— Os homens já sabem quem vai atacar?

— Acho que não.

— Claro que não sabem — opinou Manera. — Não atacariam se soubessem.

— Atacariam sim — contestou Passini. — Os *bersaglieri* são loucos.

— Eles são valentes e disciplinados — contestei.

— Bem, eles têm peito largo e boa saúde, mas são loucos — insistiu Passini.

— Os granadeiros são altos — disse Manera, e todos começaram a rir. Era uma piada.

— Tenente, você estava lá quando eles se recusaram a atacar e fuzilaram um de cada dez homens entre eles?

— Não.

— Mas é verdade. Puseram todos em fila, contaram, e cada décimo homem era retirado de forma. Os *carabinieri* os executaram.

— *Carabinieri* — repetiu Passini, cuspindo no chão. — Mas aqueles granadeiros, todos com mais de um metro e oitenta de altura… eles se recusaram a atacar.

— Se todos se recusassem a atacar, a guerra acabaria — observou Manera.

— Não era isso o que queriam os *granatieri*. Estavam era com medo. Seus oficiais vêm de boas famílias.

— Alguns oficiais avançaram sozinhos.

— Um sargento matou dois oficiais que não queriam se pôr em marcha.

— Parte da tropa também avançou.

— Os que obedeceram à ordem de atacar não entraram na fila de execução.

— Um desses sujeitos fuzilados pelos *carabinieri* era da minha cidade — informou Passini. — Um rapagão esperto demais para estar com os granadeiros. Sempre em Roma. Sempre com garotas. Sempre com os *carabinieri*. — Passini riu. — Agora postaram sentinelas à frente de sua casa, de baionetas caladas, e ninguém pode entrar para ver a mãe, o pai, os irmãos, e o pobre pai perdeu até os direitos de cidadão. Nem mesmo votar ele pode. Nenhuma lei os protege. Qualquer pessoa pode tomar as propriedades deles.

— Se não acontecessem coisas assim às famílias, ninguém teria ânimo para atacar.

— Verdade. Mas os alpinos atacariam. Esses soldados das tropas especiais também. E também parte dos *bersaglieri*.

— Os *bersaglieri* também correram e agora querem esquecer isso.

— Não devia deixar a gente falar dessa maneira, tenente. *Evviva l'esercito*! — exclamou Passini com sarcasmo.

— Já conheço a conversa de vocês — repliquei. — Mas enquanto dirigirem bem as ambulâncias…

— … e não falarem de modo que os outros oficiais ouçam, tudo vai bem — concluiu Manera.

— Também acho que devíamos terminar com esta guerra. Mas, ela não vai

acabar se um lado se recusar a atacar — disse eu. — Ficaria ainda pior, se simplesmente parássemos de lutar.

— Pior não podia ficar, porque não há nada pior do que a guerra — opinou Passini respeitosamente.

— A derrota é muito pior.

— Não acredito nisso — insistiu Passini. — O que é a derrota? É voltarmos para casa.

— Mas com eles atrás de nós. Com eles a tomar nossas casas. Com eles a tomar as nossas irmãs.

— Não acredito, não — tornou Passini. — Eles não podem fazer isso com todos nós. Que cada um defenda a sua casa. Que cada um guarde suas irmãs.

— Eles enforcarão a todos. Vão agarrar cada um de nós e meter nas fileiras outra vez. Não nesta ambulância, mas na infantaria deles.

— Enforcar a todos? Difícil.

— Uma nação estrangeira não pode fazer a gente de soldado. — observou Manera. — Na primeira batalha, fugiríamos.

— Como os tchecos.

— Vocês não têm ideia do que é ser conquistado e por isso não acham a coisa tão má.

— Tenente — disse Passini —, pelo que a gente entende, o senhor nos dá liberdade para falar. Escute... Não há nada pior do que a guerra. Nós aqui, nas ambulâncias, não temos como perceber o horror que é isso. E ninguém consegue acabar com a guerra, porque todos já enlouqueceram. Há pessoas que nunca se dão conta disso. Há quem tenha medo dos oficiais. É com esses que se fazem as guerras.

— Eu sei o quanto a guerra é terrível, mas temos de ir até o fim.

— Do jeito que vai, o fim dela não chegará nunca.

— Tem de chegar.

Passini balançou a cabeça.

— A guerra não é ganha com vitórias. O que adianta tomarmos San Gabriele? O que adianta tomarmos o Carso, Monfalcone e Trieste? E daí? Não viram todas aquelas outras montanhas à nossa frente, ao longe? Acha que podemos tomá-las? Todas elas? Só se os austríacos parassem de lutar. Um lado tem que parar. Por que não paramos nós? Se eles invadirem a Itália, vão acabar se cansando e indo embora. Eles têm o seu próprio país. Mas, em vez de parar, temos mais e mais guerra.

— Que orador!

— Nós pensamos em tudo. Nós lemos. Não somos camponeses. Somos motoristas. Mas mesmo os camponeses sabem o que é a guerra. Todos odeiam esta guerra.

— Há uma classe que controla o país, uma classe estúpida que não compreende nada e jamais vai compreender. Por isso é que temos esta guerra.

— E porque há quem ganhe dinheiro com ela.

— A maioria nem isso — observou Manera. — São estúpidos demais. Fazem a guerra de graça. Por estupidez.

— É melhor calarmos a boca — disse Manera. — Já falamos demais, mesmo para o tenente.

— Ele gosta — replicou Passini. — Nós o estamos convertendo.

— Mas agora temos de ficar quietos — insistiu Manera.

— Já é hora de comer, tenente? — perguntou Gavuzzi.

— Vou sair e verificar — respondi. Gordini levantou-se e foi comigo.

— Posso ajudar em alguma coisa, tenente? — Gordini era o mais sossegado do grupo.

— Venha comigo, se quiser, e veremos.

Lá fora estava escuro, com as faixas dos holofotes riscando a treva das montanhas. Havia grandes holofotes naquele *front*, montados sobre caminhões, pelos quais se passava na estrada, às vezes, à noite, a pouca distância das linhas de combate, e o caminhão parava, sempre saindo da estrada, e um oficial manobrava aquele facho de luz, diante da multidão assustada. Passamos pela olaria e paramos no posto de emergência. Havia um abrigo de folhagem verde à entrada. A brisa da noite agitava as folhas ressecadas pelo sol. Havia luz lá dentro. Sentado numa caixa, o major falava ao telefone. Um dos capitães-médicos nos disse que o ataque começaria em uma hora. Ele me ofereceu uma dose de conhaque. Sobre a mesa de tábua tosca, instrumentos cirúrgicos muito brilhantes, bacias e garrafas. Gordini ficara atrás de mim. O major largou o telefone.

— Contraordem — anunciou. — O ataque já vai começar.

Olhei para fora, estava escuro e os holofotes austríacos riscavam as montanhas atrás de nós. Por um momento, tudo ficou quieto; então todos os canhões às nossas costas começaram a disparar.

— Savoia! — gritou o major.

— E a sopa, major? — perguntei. Mas não fui ouvido. Tive de repetir a frase.

— Ainda não chegou!

Uma granada das grandes explodiu na olaria. Logo a seguir, outra, e no

fragor podia-se distinguir o ruído menor dos tijolos e da poeira desmoronando.

— Há alguma coisa para comer?

— Temos um pouco de *pasta asciutta* — respondeu o major.

— Levarei o que tiver.

O major falou a um ordenança, que se afastou e logo voltou com uma vasilha de metal cheia de macarrão frio. Fiz um gesto a Gordini para que a pegasse.

— Tem um pouco de queijo?

O major falou de má-vontade ao ordenança, que se enfiou de volta no buraco e voltou com uma porção de queijo branco.

— Muitíssimo obrigado, major.

— É melhor não sair agora.

Lá fora, estavam deixando algo junto à entrada. Um dos dois homens que carregavam o fardo meteu a cara para dentro.

— Tragam logo para cá! — ordenou o major. — Qual é o problema com vocês? Querem que a gente saia e ajude a carregar o ferido?

Os dois padioleiros agarraram o ferido pelas pernas e braços e o trouxeram para dentro.

— Rasgue a túnica — ordenou o major.

Ele empunhou um fórceps com gaze na ponta. Os dois médicos despiram rapidamente as túnicas.

— Saiam daqui — ordenou o major para os padioleiros.

— Vamos — disse eu a Gordini.

— Melhor esperar até o bombardeio parar — aconselhou-me de novo o major, por cima dos ombros.

— É que eles estão com fome — disse.

— Pois faça como quiser.

Saímos e corremos para o abrigo. Uma granada explodiu na margem próxima do rio. Depois veio outra, que não ouvimos antes de já estar explodindo sobre nós. Eu e Gordini nos lançamos de bruços no solo. Um clarão, o estrondo e o repuxo de fragmentos de terra e pedaços de tijolo. Gordini ergueu-se e correu para o abrigo. Fiz o mesmo, sem largar o queijo já sujo da terra espirrada. No interior do abrigo, os três motoristas estavam sentados contra o muro, fumando.

— Aqui está a boia, patriotas.

— Como vão os veículos? — perguntou Manera.

— Sem problemas.

— Ficou assustado, não foi, tenente?

— E como! — respondi.

Tomei o canivete, abri-o, limpei a lâmina e extraí a casca do queijo suja de terra. Gavuzzi apresentou-me a bacia de macarrão.

— Sirva-se, tenente.

— Obrigado — respondi. — Ponha no chão. Vamos comer todos juntos.

— Não temos garfos.

— Dane-se! — eu disse em inglês.

Cortei o queijo em pequenos pedaços e os joguei sobre o macarrão.

— Sentem-se — ordenei.

Eles se sentaram e serviram-se. Meti os dedos na bacia e tirei o que pude. Uma bola de macarrão frio soltou-se e veio na minha mão.

— Erga mais alto, tenente.

Ergui a mão até que os fios se partissem, levei-os na direção da boca e comecei a engoli-los pelas pontas, alternando com mordidas no queijo e goles de vinho. O gosto do vinho era de metal enferrujado. Passei o cantil a Passini.

— Está horrível — disse ele. — Estava com ele há muito tempo no carro.

Todos comiam, com as bocas rentes à bacia, sugando os fios. Tirei outro punhado e mais queijo, e bebi mais vinho. Nesse momento, alguma coisa atingiu o solo, fazendo-o estremecer.

— Minnenwerfer, ou .420 — declarou Gavuzzi.

— Não há nenhum .420 nas montanhas — disse eu.

— Eles têm grandes canhões skoda. Vi os buracos.

— São os .350.

Continuamos a comer. Uma tossida forte, como locomotiva que parte, e nova explosão abalou o solo.

— Não cavaram fundo o bastante quando armaram este abrigo — observou Passini.

— Estão atirando com morteiros.

— Isso mesmo.

Comi o meu último pedaço de queijo e bebi mais um gole de vinho. Ouvi de novo aquela tossida e depois o chuh-chuh-chuh-chuh — e depois um clarão, como se fosse uma fornalha de alto-forno aberta, e um estrondo, e um branco que logo passou a vermelho e rolou como levado pelo vento. Procurei respirar, mas a respiração não me vinha e me senti arrancado de mim mesmo e distante, muito, muito distante, e todo o tempo um corpo solto ao vento. Saí de mim mesmo completamente e sabia que estava morto, mas que era um equívoco pensar que teria morrido de vez, completamente. Depois flutuei, e, em vez de sumir, senti que voltava a mim. Respirei e voltei a mim, de fato. O chão estava

todo arrebentado à minha volta, e sobre minha cabeça vi um grande estilhaço de vigota partida. Alguma coisa gritava sobre minha cabeça. Naquela tontura senti como se alguém estivesse chorando. Experimentei mover-me; não pude. Escutei disparos de metralhadoras e rifles, vindos de ambas as margens do rio. Alguma coisa caía na água com grande impacto, e vi os projéteis cortando o alto e o clarão quando explodiam. Escutava também as bombas, tudo ao mesmo tempo, e então ouvi perto de mim alguém gemendo: “Mamma mia! Ai, mamma mia!”. Consegui me mexer, finalmente, e soltar as minhas pernas. Por fim, quando me arrastei para o lado, esbarrei nele. Era Passini, e, quando esbarrei nele, soltou um berro. Suas pernas estavam voltadas para mim e vi, na penumbra pontilhada de clarões, que estavam esmagadas acima dos joelhos. Uma perna havia sido totalmente separada, e a outra estava presa pelos tendões e parte da calça, com o toco mexendo-se, contraindo-se, como se não estivesse ligado ao resto. Passini mordia o braço e chorava: “Ó, Mamma mia, Mamma mia” ou “Dio te salve, Maria. Dio te salve, Maria. Ó, Jesus, mate-me. Jesus, mate-me, Mamma mia, Mamma mia. Mate-me, Maria. Pare com isso. Pare com isso. Ó, Jesus, ó, Maria, parem com isso. Ai, ai, ai…” E, abafadamente, “Mamma mia, Mamma mia”. Depois, parou quieto, mordendo o braço e com o toco da perna a repuxar-se.

— *Porta feriti*! — gritei, fazendo das mãos amplificador de voz. — *Porta feriti*!

Tentei me aproximar mais de Passini para ajustar-lhe ao toco de perna um torniquete, mas não consegui me mover. Tentei de novo, e minhas pernas se mexeram um pouco. Pude então me arrastar para trás, com a ajuda de meus braços e cotovelos. Passini aquietara-se. Sentei-me ao seu lado, abri minha túnica e tentei rasgar um pedaço da fralda da camisa; não consegui. Tentei então romper a bainha com os dentes. Depois me lembrei das perneiras de Passini. Eu estava com meias de lã, mas Passini usava perneiras. Todos os motoristas usavam perneiras e, como ele estava só com uma perna, eu poderia aproveitar a faixa da perneira da perna cortada. Desenrolei a faixa, mas, ao fazê-lo, percebi que o torniquete era inútil porque Passini já estava morto. Certifiquei-me então de que ele morrera e tentei localizar os outros três motoristas. Consegui ajeitar meu corpo sentado e, ao fazer isso, qualquer coisa dentro de minha cabeça moveu-se, como aqueles contrapesos internos dos olhos das bonecas, e bateu-me lá pelo lado de dentro contra as órbitas dos olhos. Senti calor nas pernas e umidade, e calor e umidade também dentro dos sapatos. Sabia que fora ferido e levei a mão ao joelho. E meu joelho não estava mais lá. Minha mão afundou-se. Meu joelho fora parar na altura da canela. Limpei a mão na camisa. Outro clarão

flutuou lá em cima, devagar, bem devagar, descendo, e, quando olhei para minha perna, fiquei apavorado. Ó, Deus, Deus, me tire daqui. Mas havia os outros. Eram quatro motoristas. Passini morrera. Restavam três. Uma pessoa agarrou-me pelas axilas e outra pelas pernas, e então me ergueram.

— Há três outros — murmurei. — Um já morreu.

— Sou eu, Manera. Fomos procurar uma padiola, mas não encontramos nenhuma. Como está, tenente?

— E Gordini e Gavuzzi?

— Gordini está no posto, recebendo curativos, e Gavuzzi é o que está carregando você pelas pernas, tenente. Fique de pé agora e pendure-se em meu pescoço. O ferimento é sério?

— Na perna. Como está o Gordini?

— Está bem. Foi um morteiro dos grandes que explodiu aqui.

— Passini morreu.

— Sim, já sabemos. Está morto.

Uma granada caiu perto, e os dois homens atiraram-se ao chão, derrubando-me junto.

— Sinto muito, tenente, pendure-se no meu pescoço.

— Para me largarem de novo...

— É o medo, tenente...

— Vocês foram feridos?

— Levemente, os dois.

— Gordini poderá guiar?

— Não creio.

Eles ainda me largaram ao chão mais uma vez antes de chegarmos ao posto.

— Filhos da puta! — exclamei.

— Lamento, tenente — disse Manera. — Mas não vai acontecer mais nada daqui pra frente.

Diante do posto, havia um grande número de feridos deitados no chão, no escuro. Havia gente transportando feridos para dentro e para fora e eu conseguia enxergar a luz no interior do posto toda vez que a cortina de entrada se abria para dar passagem a alguém, e a seguir ela se fechava. Os mortos eram colocados de lado. Os cirurgiões trabalhavam de mangas arregaçadas até os ombros, os braços vermelhos de sangue, como açougueiros. Não havia padioleiros em número suficiente. Alguns feridos eram barulhentos; a maioria, porém, mantinha-se calada. O vento agitava as folhas do caramanchão da entrada, e a noite ia esfriando. Os padioleiros chegavam, descarregavam os feridos e voltavam para

buscar outros. Quando fui introduzido, Manera trouxe-me um sargento-médico, que fez ataduras em minhas pernas. Disse que penetrara muita terra nas feridas e que não havia hemorragia. Eles iam cuidar de mim o mais cedo possível. Depois, o sargento-médico desapareceu. Gordini não estava em condições de guiar, foi o que disse Manera. Seu ombro fora esmagado e havia sido ferido na cabeça. A princípio não sentira dor, mas agora estava sofrendo muito, com o ombro inchado, sentado junto a um dos muros de tijolo. Manera e Gavuzzi saíram com um carregamento de feridos; ainda podiam guiar muito bem. Os ingleses mandaram três ambulâncias, com dois homens em cada uma. Um deles procurou-me, trazido por Gordini, que me pareceu muito pálido e sofrendo bastante. O inglês inclinou-se sobre mim.

— Sofreu algum ferimento grave? — quis saber. Era um homem alto, com óculos de aros de metal.

— Na perna — respondi.

— Não deve ter sido grave, espero. Aceita um cigarro?

— Obrigado.

— Contaram-me que perdeu dois motoristas.

— Sim. Um morto e o que o trouxe a mim.

— Que azar. Quer que a gente tome conta dos veículos?

— Era o que eu ia pedir.

— Cuidaremos bem deles e depois os deixaremos na *villa*. Você é do 206, certo?

— Certo.

— Lugar encantador aquela vila. Já o vi lá e me disseram que era americano.

— É verdade.

— Eu sou inglês.

— Não diga!

— Inglês, sim. Pensou que eu fosse italiano? Há vários italianos em nossa unidade.

— Será ótimo se tomasse conta dos nossos veículos — disse eu.

— Vamos cuidar bem deles — garantiu o inglês, levantando-se. — Este seu amigo aqui estava muito ansioso por me trazer para ver como você está — disse, batendo no ombro de Gordini, que sorriu com uma careta.

O inglês falava um italiano perfeito e fluente.

— Agora está tudo arrumado — disse para Gordini. — Vimos o seu tenente. Tomaremos conta de ambos os veículos. Não se aflijam mais. Tenho de providenciar para levá-los daqui. Vou falar com os médicos. Vocês irão conosco.

Ele dirigiu-se para o posto de emergência, tomando cuidado para não pisar nos feridos espalhados pelo chão. Vi a cortina abrir-se, a luz aparecer e ele entrar.

— Ele vai cuidar do senhor, tenente — disse Gordini.

— E você, como vai, Franco?

— Estou bem — respondeu ele, sentando-se ao meu lado.

A cortina do posto abriu-se e deu passagem a dois padioleiros, seguidos do inglês alto, que os conduziu até onde eu estava.

— Aqui está o tenente americano — disse o inglês em italiano.

— Posso esperar. Há outros mais feridos do que eu — murmurei.

— Ora, o que é isso? Não se faça de herói, que droga! — E em italiano: — Ergam-no com cuidado. Olhem as pernas… Devem estar doendo muito. Ele é um filho legítimo do Presidente Wilson.

Os padioleiros me agarraram e levaram para dentro do posto de emergência. Lá dentro, estavam fazendo operações em todas as mesas. O major baixote olhou-nos com um ar furioso. Ao reconhecer-me, acenou com o fórceps que tinha na mão.

— *Ça va bien*?

— *Ça va*.

— Fui eu quem o trouxe — disse o inglês em italiano. — É o filho único do embaixador dos Estados Unidos. Vai ficar aqui até que os senhores possam atendê-lo. Depois o levarei comigo na primeira ambulância. — E, inclinando-se para mim: — Vou falar com os ajudantes e fazer com que os papéis sejam preenchidos o mais depressa possível. E afastou-se.

O major havia largado o fórceps dentro da bacia de desinfetante e começara a fazer uma atadura no homem que estava na mesa. Fui acompanhando o movimento de suas mãos com os olhos. Depois vieram os padioleiros e levaram dali o ferido.

— Vamos agora ao tenente americano — disse um dos capitães-médicos, e puseram-me sobre a mesa. Era dura e escorregadia. Só havia cheiros fortes por ali; cheiros de drogas químicas, misturados ao cheiro doce do sangue. Tiraram-me as calças, e o capitão-médico principiou a ditar para o sargento-ajudante:

— Ferimentos superficiais múltiplos em ambas as coxas e joelhos e no pé direito. Ferimentos profundos no joelho e no pé direito. Laceração do couro cabeludo (e, para provar, apalpou-o, perguntando: “Dói?”; “Cristo, e como!”) com uma possível fratura do crânio. Ferido em ação.

— É isso o que o livra da corte marcial por ferimentos feitos de propósito —

explicou. — Quer tomar um gole de conhaque? Como é que conseguiu esses ferimentos? Que andava fazendo? Tentando suicídio? Uma injeção antitetânica, por favor! E uma cruz nas duas pernas. Obrigado. Vou limpar isto um pouco, lavar e pôr gaze. Seu sangue coagula muito bem.

O ajudante, com os olhos no papel, lembrou o que faltava:

— O que é que causou os ferimentos?

O médico repetiu a pergunta:

— Como você se feriu?

Ao que respondi, de olhos fechados:

— Obus de morteiro.

Enquanto ia fazendo coisas que me doíam horrivelmente, ele insistiu em perguntar:

— Tem certeza?

E eu, tentando ficar imóvel e sentindo meu estômago contorcer-se, enquanto minha carne era cortada:

— Acho que sim.

O cirurgião interessou-se por alguma coisa que descobriu.

— Fragmentos do obus de morteiro inimigo — disse, como num monólogo. — Eu podia fazer uma sondagem, mas não é necessário. Vou pintar tudo isto aqui… Dói? Muito bom. Mas não é nada comparado ao que você vai sentir mais tarde. A dor ainda não começou. Deem-lhe um copo de conhaque. O choque traumático amortece a dor. Mas está tudo bem… ou não estará, se sobrevier uma infecção. A infecção é uma coisa rara hoje. Como vai a cabeça?

— Cristo... — gemi.

— Então é melhor não tomar muito conhaque. Se você está com uma fratura, vamos evitar a inflamação. O que sente aqui?

O suor alagava-me o corpo.

— Cristo... — repeti.

— Aposto que está com o crânio fraturado. Vou fazer uma atadura e o amigo não fará nenhum movimento com a cabeça. — O médico atou-me a cabeça com muita rapidez e segurança. — Está bem, agora. Sorte, amigo, e *Vive la France*!

— Ele é americano — corrigiu um dos capitães.

— Achei que fosse francês. Ele fala francês. Já o conhecia de vista e sempre achei que fosse francês — disse o médico, ingerindo meio cálice de conhaque. — Mas vamos agora a algo mais sério. Tragam-me mais antitetânico.

O cirurgião acenou-me, despedindo-se. Os ajudantes me ergueram, e o pano da cortina — um cobertor — roçou-me a cara quando atravessei a entrada. Lá

fora, o sargento-ajudante ajoelhou-se a meu lado e fez as perguntas de praxe: “Nome?”, “Sobrenome?”, “Posto?”, “Onde nasceu?”, “Que classe?”, “Que corpo?”, e por aí afora.

— Sinto muito por sua cabeça, tenente, mas espero que se cure. Vou mandá-lo agora para a ambulância inglesa.

— Estou bem — murmurei. — Muito obrigado.

A dor que o cirurgião havia anunciado começou e de tal modo que tudo em redor de mim deixou de me causar interesse. A ambulância inglesa aproximou-se, puseram-me numa padiola e nela me engavetaram na ambulância.

Fiquei ao lado de outro engavetado, um homem de cuja cara eu só podia ver o nariz — um nariz cor de cera. Ele respirava com esforço. Havia outros engavetados em cima de mim. O inglês alto mostrou a cara e anunciou:

— Vou guiar lentamente e espero que tenham uma boa viagem.

Senti o motor sendo ligado, e que ele subira ao assento do veículo, na frente. Senti o freio sendo destravado e a embreagem engatada. Então, partimos. Eu fiquei deitado imóvel, deixando que a dor me tomasse.

A ambulância subia a estrada devagar, era mais devagar no meio do tráfego, às vezes parava e às vezes recuava um pouco. Então, afinal, começou a aumentar a velocidade. Senti pingar alguma coisa em mim. A princípio, devagar, um pingo regular, que foi se intensificando e afinal se transformou num fluxo contínuo. Gritei chamando o inglês. Ele parou o carro e espiou pelo orifício.

— O que há?

— O homem da padiola de cima está com hemorragia.

— Já vamos chegando — foi sua resposta. — Sozinho, não posso tirar essa padiola — Daí, pôs o carro em marcha.

O fio de sangue continuava. Ali no escuro não pude verificar de que ponto da padiola superior ele descia. Procurei afastar-me para um dos lados, pois assim o sangue não cairia sobre mim. Onde havia pingado sobre minha camisa estava quente e pegajoso. Sentia frio, e minha perna doía tremendamente. Pouco depois, o fio de sangue foi afinando; voltou a ser apenas gotas. Apalpei a lona da padiola superior. O homem parecia mais acomodado.

— Como ele está? — perguntou o inglês. — Estamos quase chegando.

— Acho que está morto.

As gotas iam escasseando, como as que caem de um pingente de gelo depois que o sol se recolhe. Estava cada vez mais frio ali dentro. No posto, no alto da montanha, tiraram aquela padiola e a substituíram por outra — e a ambulância prosseguiu a viagem.

10

Na enfermaria do hospital de campanha contaram-me que um visitante viria me ver à tarde. Era um dia quente, com muitas moscas no recinto. O servente que me atendia recortara um jornal em tiras e fizera um espantador de moscas. Eu ficava vendo-as pousar no teto. Quando ele cochilava e parava de abanar, elas desciam e eu precisava soprar para espantá-las. Finalmente, cobri meu rosto com as mãos e adormeci. Estava realmente quente e, quando acordei, minhas pernas estavam coçando. Despertei o servente, e ele derramou água mineral nas minhas gazes. Aquilo umedeceu a cama e refrescou-me. Os que estavam acordados conversavam. As tardes eram sempre muito quietas. De manhã, vinham nos atender nos leitos, em turnos, três enfermeiros e um médico. Eles nos pegavam da cama e nos carregavam para a sala dos curativos, para renová-los, enquanto os ajudantes faziam as camas. Não era um percurso agradável, até a sala dos curativos, e só mais tarde verifiquei que as camas podiam ser feitas sem remoção dos ocupantes. O servente havia acabado de derramar a água mineral, a cama estava fria, e muito agradável, e eu estava lhe dizendo onde devia coçar a sola dos meus pés, quando um dos médicos apareceu com Rinaldi. Meu companheiro entrou precipitadamente, inclinou-se e beijou-me. Vi que estava de luvas.

— Como vai, menino? Como se sente? Trouxe isto — disse, puxando um frasco de conhaque. O servente havia aproximado uma cadeira.

— Trouxe também boas notícias. Você vai receber uma medalha. Vai receber a *Medaglia d'argento* ou, pelo menos, a de bronze.

— Por quê?

— Porque foi ferido gravemente. Eles dizem que, se ficar provado que realizou algum ato heroico, receberá a medalha de prata. Mas a de bronze está garantida. Conte o que aconteceu. Praticou algum ato heroico?

— Não. Os austríacos me arrebentaram enquanto eu comia um pedaço de queijo.

— Fale sério. Você deve ter praticado algum ato heroico, antes ou depois. Pense com cuidado.

— Não fiz coisa alguma.

— Não carregou alguém às costas? Gordini conta que você carregou vários feridos às costas, mas o major-médico do primeiro posto declara que era

impossível, dados os ferimentos que recebeu. Ele teve de assinar a proposta para a medalha.

— Não carreguei ninguém. Não aguentava nem comigo mesmo.

— Isso não importa — replicou Rinaldi, tirando as luvas. — Acho que ao menos a de prata você consegue. Não se recusou a ser medicado antes dos demais?

— Não com muita convicção.

— Ora, e o que isso importa? Olhe só quanto você se feriu! Sem contar a sua valorosa conduta, insistindo sempre para estar no *front*. Além disso, a operação foi um sucesso!

— Eles conseguiram atravessar o rio?

— Magnificamente! E fizeram quase mil prisioneiros. Está no boletim. Não viu?

— Não.

— Vou trazê-lo para você. Foi uma linda investida!

— E como vai tudo?

— Muito bem. Todos esplêndidos e orgulhosos de você. Conte-me exatamente o que houve. Tenho certeza da medalha de prata. Vá, conte. Tudo, tudo. — E depois de uma pausa: — Talvez também ganhe uma medalha inglesa. Havia um inglês por lá. Irei vê-lo e pedir que recomende você. Ele talvez tenha influência. Está sofrendo muito? Tome um drinque. Servente, arranje um saca-rolhas. Ah, você precisa ver a operação que fiz. Remoção de três metros de intestino delgado, e o paciente está melhor do que nunca. É coisa para ser mandada para *The Lancet*. Você põe o texto em inglês e eu mando para eles. Estou cada dia operando melhor! Pobre do meu menino, como está se sentindo? E esse maldito saca-rolhas que não vem? Parece tão corajoso que a gente chega a esquecer que está doendo tanto. — Rinaldi batia com as luvas na beira da cama.

— O saca-rolhas, tenente — disse o servente reaparecendo.

— Abra esse conhaque e arranje um copo. Beba isso, meu menino. Como vai essa pobre cabeça? Já li o seu prontuário. Não há fratura alguma. O major daquele primeiro posto é um carniceiro. Eu cuidarei de você e não deixarei que sofra mais. Não deixo ninguém sofrer. Aprendi a lidar com a dor. Cada dia aprendo a fazer as coisas melhor e com mais facilidade. Perdoe-me estar falando tanto, menino. Senti tanto o que aconteceu a você... Vá, beba isto. É bom. Custou-me 15 liras. Marca cinco estrelas. Depois que sair vou falar com o inglês a respeito da sua medalha inglesa.

— Eles não dão uma medalha dessas assim à toa.

— Você é muito modesto. Mandarei o oficial de ligação entender-se com o inglês. Ele saberá manejá-lo.

— Tem visto a senhorita Barkley? — perguntei.

— Vou trazê-la aqui. Já vou buscá-la.

— Não vá ainda. E Gorizia? Como vão as garotas?

— Já não há garotas. Há duas semanas que não as renovam. Não vou mais lá. É uma desgraça. Não são mais garotas, agora, são velhas companheiras de guerra, camaradas.

— Não tem ido mais lá? Verdade?

— Só para ver se há alguma coisa nova. Apenas passo por lá. Todos perguntam por você. É uma tragédia acabarem permanecendo tanto tempo a ponto de se tornar nossas amigas.

— Talvez não haja mais garotas que queiram vir para o *front*.

— Oh, isso não. Há uma porção delas. O caso é de má administração. Andam reservando-as para o prazer dos ociosos da retaguarda.

— Pobre Rinaldi — murmurei. — Sozinho nesta guerra, sem garotas novas.

Rinaldi serviu outro cálice de conhaque.

— Não creio que faça mal. Tome mais este.

Bebi o conhaque e senti um calor descer-me por dentro. Rinaldi também tomou mais um. Agora estava menos falante. Ergueu o cálice em saudação.

— A essas gloriosas feridas! À medalha de prata. Diga-me, menino, quando permanece assim deitado nos dias quentes, não fica excitado?

— Às vezes.

— Não posso imaginar uma coisa assim. Eu ia enlouquecer.

— Você já é louco, Rinaldi.

— Ah, queria que você estivesse bom. Ninguém me aparece de noite para aventuras. Ninguém brinca comigo. Ninguém me empresta dinheiro. Ninguém me faz companhia lá no quarto. Por que foi se ferir, menino?

— Poderia divertir-se com o padre.

— Aquele padre? Não sou eu quem fica implicando com ele. É o capitão. Eu gosto do padre. Se alguém precisar de um padre, que seja aquele. Disse que vai aparecer por aqui. Faz grandes preparativos.

— Gosto dele.

— Sei disso. Às vezes penso que você e ele são um pouco daquele jeito, você sabe.

— Nem pense isso.

— Às vezes, penso. Um tanto como o número do primeiro regimento da

Brigada Ancona.

— Vá para o inferno.

Rinaldi levantou-se e calçou as luvas.

— Ora, gosto de atazanar meu menino. Apesar do padre e da moça inglesa, você lá por dentro é como eu.

— Não, não sou.

— Somos. Você é um perfeito italiano. Todo fogo e fumaça, e nada por dentro. Apenas finge ser americano. Somos irmãos, menino, e amamo-nos mutuamente. Vou mandar a senhorita Barkley para cá. Melhor conversar com ela sozinho, sem a minha presença. Vocês são muito puros e cândidos.

— Vá para o inferno.

— Vou mandá-la aqui correndo. Sua amada deusa de gelo. A deusa inglesa. Meu Deus, que há de fazer um homem com tal mulher senão adorá-la? Para que servem as inglesas, senão para serem adoradas?

— Você é um carcamano muito ignorante e de boca suja.

— Um o quê?

— Um carcamano ignorante.

— E você um insensível. Ora!

— Ignorante sim, e estúpido — insisti. Vi que aquela palavra o ofendia e expliquei: — Desinformado. Sem experiência da vida. Estúpido nesse sentido… por inexperiência.

— Acha mesmo? Posso ensinar a você alguma coisa das mulheres inglesas, das deusas britânicas. Só há uma diferença entre uma menina que sempre foi virtuosa e uma mulher. Com uma menina, dói. Isso é tudo que sei — disse Rinaldi, dando uma palmadinha na cama. — E não dá para saber quando a garota realmente está gostando.

— Não se zangue, Rinaldi.

— Não estou zangado. Digo isso para seu bem, menino, para salvá-lo de complicações.

— Então a única diferença é essa?

— Sim. Mas há milhões de bobos, como você, que não sabem disso.

— Oh, que gentileza a sua me instruir no assunto.

— Não brigaremos, menino. Gosto muito de você. Mas não seja idiota.

— Não. Serei sempre esperto como você.

— Nada de zanga, menino. Ria-se de tudo. Tome mais um gole. Tenho de ir agora.

— Você é um bom companheiro.

— Está vendo? Por dentro somos a mesma coisa. Irmãos de guerra. Um beijo de despedida.

— Você é gosmento, Rinaldi.

— Não. Apenas afetuoso.

Senti seu bafo na minha cara.

— Adeus. Voltarei em breve.

O bafo afastou-se de mim.

— Não o beijarei mais, se o desagrada. Vou mandar a garota inglesa para você. Adeus, menino. O conhaque vai ficar embaixo da cama. Sare logo.

E saiu.

11

Vinha chegando a noite quando o padre apareceu. Eles já haviam trazido a sopa e depois levado as tigelas embora, e eu estava sentado olhando para a fileira de camas e, no lado de fora, para o topo da copa de uma árvore que podia avistar através da janela, agitada de leve pela brisa do entardecer. A mesma brisa entrou pela janela e ficara ainda mais fresca, com a noite. As moscas acomodaram-se no teto e ao longo do fio do qual pendiam as lâmpadas. As luzes só eram acesas quando alguém entrava ou havia qualquer serviço em andamento. Assistir ao entardecer e logo depois ver as luzes serem apagadas, como se alguém estivesse me pondo para dormir, depois do jantar, era algo que fazia com que me sentisse quase um garoto. O servente veio se aproximando e parou junto à minha cama. Havia alguém com ele. Era o padre. Ele se deteve ali, diante de mim, com sua pequena estatura e seu rosto moreno. Estava embaraçado.

— Como vai? — indagou, pondo alguns pacotes ao pé da cama, no chão.

— Muito bem, padre.

Ele se sentou na cadeira que fora trazida para Rinaldi e voltou os olhos para a janela, sempre embaraçado. Vi que tinha as feições cansadas.

— Só posso ficar um minuto — disse ele. — Já é tarde.

— Não, não é. Como vai o rancho?

Ele sorriu.

— Eu continuo sendo a grande piada da mesa. — Sua voz também soava cansada. — Graças a Deus todos vão bem. — E depois de uma pausa: — Fico contente por você estar passando bem. Espero que não venha a sofrer muito.

Parecia muito cansado, e eu não estava habituado a vê-lo assim.

— O pior já passou.

— Tenho sentido muito a sua falta lá no rancho.

— Ah, eu queria estar lá. Sempre gostei daquela bagunça.

— Trouxe aqui umas coisas — disse ele, baixando-se para pegar os pacotes. — Um mosqueiro, uma garrafa de vermute... Você gosta de vermute? Tem também alguns jornais ingleses.

— Abra-os, por favor, padre.

Ele parecia satisfeito por abri-los para mim. Tomei nas mãos o cortinado contra as moscas. O vermute, ele o exibiu para mim, antes de pô-lo no chão, junto à cama. Levantei um dos jornais ingleses, para aproveitar a meia-luz que

entrava pela janela, e pude ler as manchetes. Era o *The News of the World*.

— E tem algumas revistas.

— Vai ser ótimo poder lê-los, padre. Como os conseguiu?

— Mandei buscá-los em Mestre. Depois vou conseguir mais alguns.

— Foi muita bondade sua vir até aqui me ver, padre. Bebe um copo de vermute?

— Obrigado. O vermute é todo para você.

— Não, beba um copo.

— Está bem. Trago mais na próxima vez.

O servente trouxe os copos e abriu a garrafa. Mas quebrou a rolha e precisou afundar na garrafa o que dela restou no gargalo. Pude perceber o desapontamento do padre, mas ele ainda disse:

— Está tudo bem. Não tem importância.

— À sua saúde, padre.

— Às suas melhoras, tenente.

Depois disso, ficou com o copo na mão e passamos um momento apenas olhando um para o outro. Às vezes, conversávamos abertamente, como bons amigos, mas ali estava difícil.

— Que é que há, padre? Parece muito cansado.

— Estou cansado, sim, mas estou bem.

— É o calor.

— Não. Ainda estamos na primavera. Às vezes me sinto muito deprimido.

— Está sentindo o tal *enjoo da guerra*?

— Não. Mas é que odeio a guerra.

— Também não a aprecio — disse eu. O padre meneou a cabeça e voltou os olhos para a janela.

— Você não se importa tanto assim. Você não vê. Por favor, me perdoe. Sei que está ferido.

— Isso foi um acidente.

— Mas, apesar de ferido, você não enxerga. Eu sinto. Não vejo diretamente, mas sinto… um pouco.

— Quando explodiu o obus estávamos justamente conversando sobre isso. Passini estava falando coisas assim.

O padre baixou o copo. Devia estar pensando em alguma outra coisa.

— Conheço os soldados, porque sou igual a eles — disse.

— Mas com você é diferente.

— Mas, de fato, sou como os soldados.

— Os oficiais não veem coisa nenhuma.

— Alguns veem. Alguns são sensíveis e sofrem como qualquer um de nós, ou até mais.

— Na maioria, são indiferentes.

— Não se trata de educação nem de dinheiro. Há algo mais. Ainda que homens como Passini tivessem educação e dinheiro, não iam querer ser oficiais. Eu não iria querer ser oficial.

— Mas tem posto de oficial, em tempo de guerra. E eu também sou oficial.

— Mas, na realidade, não é o que sou. E você nem sequer é italiano. É um estrangeiro. Mas está mais próximo dos oficiais do que dos soldados.

— Qual a diferença?

— Não sei dizer com clareza. Há gente que gosta de fazer guerra. Temos muitos desse tipo por aqui. Mas há outros que não querem a guerra.

— Os primeiros, entretanto, forçam os segundos a fazer a guerra.

— Isso mesmo.

— E eu os ajudo nisso.

— Você é um estrangeiro. É um patriota.

— E os que não querem a guerra? Poderão fazer a guerra parar?

— Não sei.

O padre olhou de novo para fora, através da janela, enquanto eu observava seu rosto.

— Houve alguma vez em que puderam pará-la?

— Não estão organizados o suficiente para terem esse poder. E, quando se organizam, seus líderes os vendem.

— Então não há esperança?

— Nunca deixa de haver; eu é que às vezes a perco. Eu tento, insisto, mas às vezes me desespero.

— Talvez a guerra acabe logo.

— Tomara.

— E o que fará, então, padre?

— Se a guerra terminar, voltarei para os Abruzzos — respondeu ele com um brilho de felicidade nos olhos.

— Como gosta dos Abruzzos...!

— Sim, amo minhas montanhas.

— Então, deve voltar para lá.

— Seria uma felicidade se eu pudesse ficar lá para servir a Deus.

— E ser respeitado — acrescentei.

— Sim, e ser respeitado, por que não?

— E há de ser.

— Mas isso não importa. O que importa é que lá nas minhas montanhas admite-se que um homem ame a Deus. Não tratam isso como uma palhaçada.

— Compreendo.

O padre me encarou e sorriu.

— Compreende, mas não ama a Deus.

— Não.

— Não o ama sequer um pouco? — perguntou ele.

— Às vezes tenho medo dele… à noite.

— Mas devia amá-lo.

— Não sou muito de amar coisa alguma.

— É, sim — contestou o padre. — Mas o que conversava lá no rancho, à noite, não era sobre amor. Era apenas paixão, luxúria. Quem ama quer fazer coisas. Quer sacrificar-se. Quer servir.

— Não sou de amar…

— Mas será. Sei que será, e então será feliz.

— Sou feliz. Sempre fui feliz.

— Estou falando de uma outra coisa. Não pode saber o que é, até haver sentido.

— Está certo. Se eu algum dia sentir isso, vou contar logo a você.

— Bem, já me demorei demais e falei demais também. — E parecia achar que realmente havia se excedido.

— Não. Não vá. E que me diz de amar uma mulher? Se eu algum dia viesse a amar uma mulher, o amor seria como o descreve, padre?

— Não posso responder, porque nunca amei uma mulher.

— E sua mãe? Não a amou?

— Sim, devo ter amado minha mãe.

— E sempre amou a Deus?

— Desde menino.

— Bem — disse eu, não sabendo como prosseguir. — Vejo que é um excelente garoto.

— Sou bem moço, mas você me chama de padre.

— Simples polidez.

Ele sorriu.

— Tenho realmente de ir. Não posso fazer nada por você? — perguntou, esperançoso.

— Não, só preciso conversar.
— Darei notícias suas no rancho.
— Obrigado pelos presentes. São ótimos.
— De nada.
— Venha me ver mais vezes.
— Virei. Até a próxima — e me deu carinhosas pancadinhas na mão.
— *Ciao*! — disse em italiano.
— *Ciao*! — ele repetiu.

Estava escuro no recinto, e o servente que ficava ao pé da cama ergueu-se e saiu com ele. Gostei daquela visita e desejei que o padre voltasse algum dia às suas montanhas dos Abruzzos. No quartel, levava uma vida desagradável, embora soubesse enfrentá-la, mas fiquei pensando como se sentiria se estivesse na sua terra. Em Capracotta, como me disse, havia trutas no rio abaixo da cidade. Era proibido tocar flauta à noite, em Capracotta. Quando os moços faziam serenatas, não podiam tocar flauta. “Por quê?”, perguntei. “Porque não é bom que as moças ouçam flauta à noite.”

Os camponeses nos davam o tratamento de *Dom*, e tiravam o chapéu quando cruzavam conosco, no caminho. O pai dele caçava todos os dias e parava para comer na cabana dos lavradores, que se sentiam honrados com isso. Para que alguém de fora pudesse caçar por lá, tinha de comprovar que nunca fora preso. Havia ursos no Gran Sasso D’Italia, mas era longe. Áquila era uma bela cidade. Muito fresca nas noites de verão. A primavera nos Abruzzos tinha fama de ser a mais bela da Itália. Mas o melhor era o outono, com as caçadas nas florestas de castanheiros. As aves tinham ótima carne, por se alimentarem com uvas; e a gente nunca precisava levar o almoço, porque os camponeses sentiam-se honrados se você comesse em suas casas. Depois de algum tempo, eu já havia adormecido.

12

A sala da enfermaria era ampla, com janelas de um lado e uma porta abrindo para a sala de curativos. A minha fileira de camas dava para as janelas, e a outra ficava encostada à parede. Da minha cama, podia ver a porta da sala de curativos. Havia outra porta, no extremo oposto, por onde às vezes entrava gente. Quando a morte se aproximava de um enfermo, punham um biombo ao redor de sua cama, de modo que os outros não o vissem morrer; o biombo não encostava no chão; portanto, enxergávamos os sapatos e perneiras dos médicos e dos enfermeiros por trás do biombo e ouvíamos os seus cochichos. Então, o padre surgia, abrindo a cortina, e logo os enfermeiros apareciam levando o cadáver coberto por um lençol. Logo depois, levavam embora o biombo.

Naquela manhã, o major, chefe do serviço, perguntou-me se me sentia com forças para viajar no dia seguinte. Respondi que sim. Disse que viriam buscar-me pela manhã. Disse também que seria mais confortável fazer a viagem enquanto o dia ainda não estivesse tão quente.

Quando nos tiravam da cama para nos levar à sala de curativos, podíamos ver pelas janelas os túmulos mais recentes no jardim. Havia um soldado que fabricava as cruzes, marcava nelas os nomes, número do regimento e patente dos enterrados. Ele também trabalhava como mensageiro e me fez um isqueiro, nas suas horas de folga, usando um cartucho de rifle austríaco vazio. Os médicos me pareciam muito capazes e eram atenciosos. Estavam ansiosos por me mandar para Milão, onde havia melhor equipamento de raios X e onde, depois da cirurgia, eu poderia seguir um tratamento mecanoterápico. Também queria ir para Milão. Quanto mais cedo nos tirassem dali, melhor, para que sobrassem leitos; a ofensiva iria encher o hospital.

Na véspera da noite em que eu deixaria o hospital de campanha, Rinaldi veio me ver com o major do nosso destacamento. Disseram que eu iria para um recém-instalado hospital americano, em Milão. Algumas unidades de ambulâncias americanas seriam mandadas para lá, e esse hospital estaria responsável por elas e por todas as demais servindo na Itália. Havia muitas na Cruz Vermelha. Os Estados Unidos haviam declarado guerra à Alemanha, mas não à Áustria.

Os italianos estavam certos de que a América também iria declarar guerra à Áustria e mostravam-se perturbados com qualquer americano que chegasse,

mesmo que fosse da Cruz Vermelha. Perguntaram-me se o presidente Wilson iria declarar guerra, e respondi que era questão de dias. Eu não sabia o que poderíamos ter contra a Áustria, mas me pareceu lógico que a considerássemos tão inimiga quanto a Alemanha. Também me perguntaram se declararíamos guerra aos turcos. Achei duvidoso. *Turkey*[1] é a nossa ave nacional. Só que a piada, traduzida para o italiano, soou tão mal, que eles ficaram confusos e desconfiados, e eu precisei dizer que *sim* e que era provável estarmos na iminência de declarar guerra à Turquia. E à Bulgária? Tínhamos bebido várias doses de conhaque e respondi que, por Deus, *sim* — e também ao Japão. Mas alegaram que o Japão era aliado da Inglaterra. Respondi que não podíamos confiar nos malditos ingleses. O Japão quer o Havaí, expliquei. Onde é o Havaí? No Oceano Pacífico. Por que os nipônicos querem a tal ilha? Na realidade, eles não a querem, repliquei. Era tudo conversa. Os japoneses são um admirável povo composto de homenzinhos amigos da dança e das bebidas leves. Como os franceses, acrescentou o major. Nós tomaremos Nice e Saboia da França. E ficaremos com a Córsega e toda a costa do Adriático, acrescentou Rinaldi. A Itália retornará aos esplendores da Antiga Roma, disse o major. Não gosto de Roma, disse eu. É muito quente e cheia de moscas. Não gosta de Roma? Pois adoro Roma. Roma é a mãe de todas as nações. Eu nunca me esquecerei de Rômulo mamando no Tibre. O quê? Nada. Vamos para Roma.

Vamos para Roma esta noite e nunca mais voltaremos. Roma é uma bela cidade, disse o major. É o pai e mãe de todas as nações, eu afirmei. Roma é feminina, contestou Rinaldi. Não pode ser o pai de coisa nenhuma. Pelo Espírito Santo! Quem então é o pai? Não blasfeme. Não estou blasfemando; estou pedindo informações. Você está bêbado, menino. Quem me embebedou? Eu o embebedei, disse o major. Embebedei-o porque gosto dos americanos, e eles vão entrar na guerra. Até o cabo da espada! Sem a menor dúvida, confirmei. Você vai partir amanhã, garoto, disse Rinaldi. Para Roma, disse eu. Não, para Milão. Para Milão, disse o major, para o Palácio de Cristal, para Cova, para Campari, para Biffi, para a Galeria. Você é um menino de sorte. Para o Gran Itália, disse eu, onde tomarei dinheiro emprestado de George. Para o Scala, disse Rinaldi. Você irá ao Scala. Todas as noites, acrescentei. Não terá dinheiro sequer para uma noite, disse o major.

Os ingressos são muito caros. Farei um saque a crédito, do banco, sobre a conta do meu avô, eu disse. Ou ele paga ou vou para a cadeia. O senhor Cunningham está lá no banco para executar ordens. Eu vivo fazendo isso. E um avô mandaria prender um neto patriota que está se sacrificando para que a Itália

viva? Viva o Garibaldi americano!, berrou Rinaldi. Viva o saque a crédito!, berrei. Precisamos fazer silêncio, rapazes, aquietou o major. Já não nos pediram que não fizéssemos barulho. Vai mesmo amanhã, Federico? Vai, sim, para o hospital americano, já disse, berrou Rinaldi. Para aquelas lindas enfermeiras. Não esses enfermeiros barbados dos hospitais de campanha. Sim, sim, disse o major, sei que ele vai para o hospital americano. Não me importo com as barbas deles, disse eu. Se um homem quer deixar crescer a barba, qual é o problema? Por que não deixa sua barba crescer, *Signor Maggiore*? Porque não poderia botar a máscara contra gases. Poderia, sim. Não há o que não possa entrar numa máscara. Eu vomitei dentro de uma máscara. Não diga isso alto, menino, advertiu Rinaldi. Todos sabemos que você esteve no *front*. Oh, meu menino, que farei quando você for? Precisamos ir, disse o major. Vocês estão ficando muito sentimentais. Escute, tenho uma surpresa para você, menino, a inglesa, sabe? A inglesa que você vai ver todas as noites no hospital. Ela também vai para Milão, para o hospital americano. As enfermeiras da América ainda não chegaram. Falei ontem com o chefe; disse que há mulheres demais por aqui. Estão mandando-as de volta. Que acha disso, menino? *All right*. Você vai viver numa grande cidade, e com a sua inglesa a afagá-lo. Por que não fui ferido também? Talvez ainda seja, disse eu. Precisamos ir, repetiu o major. Estamos bebendo demais, fazendo muito barulho e incomodando Federico. Não, fiquem. Precisamos nos recolher. Boa-noite. Seja feliz. Obrigado. *Ciao*. *Ciao*. *Ciao*. Volte logo, menino. Adeus. Rinaldi me deu um beijo. Está cheirando a desinfetante! O major deu-me umas pancadinhas amistosas no ombro. Saíram na ponta dos pés. Descobri que estava bastante bêbado, mas acabei adormecendo.

No dia seguinte, pela manhã, partimos para Milão e chegamos quarenta e oito horas depois. A viagem fora péssima. Ficamos muito tempo parados em Mestre, com a criançada nos espiando. Pedi a um menino que me fosse buscar uma garrafa de conhaque, mas ele voltou dizendo que só havia *grappa*. Disse a ele para trazê-la e, quando chegou, deixei o troco com ele. Assim, eu e o homem que viajava ao meu lado no banco nos embebedamos e dormimos até passar Vicenza, onde despertei e vomitei. Não me importei com isso, porque o homem ao lado já havia vomitado no chão várias vezes. A certa altura, não suportava mais a sede e, na estação, junto a Verona tive de chamar um soldado e pedir água. Acordei, Georgetti, o companheiro da grappa, e lhe ofereci água. Disse-me que a despejasse em cima dele e voltou a dormir. O soldado recusou a moeda que lhe ofereci e me trouxe uma laranja. Chupei-a, enquanto observava o soldado andando de um lado para o outro, junto a um vagão de carga.

Finalmente, o trem deu um solavanco e partiu.

Nota

[1] *Turkey* é Turquia, em inglês, mas também significa peru, a ave que os americanos tradicionalmente preparam para a mesa do Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving Day* – toda quarta 5.ª-feira de novembro), um feriado nacional, comemorado com um jantar que reúne toda a família. (N. T.)

Livro Dois

13

Chegamos a Milão de manhã cedo e desembarcamos na estação de carga. Uma ambulância levou-me ao hospital americano. Estava dentro da ambulância, numa padiola, e não pude ver que parte da cidade atravessávamos; mas, quando me tiraram, vi um mercado e uma *bottega*, com uma garota na frente varrendo o chão. Estavam jogando água nas ruas, que cheiravam ao frescor da manhã. Baixaram a padiola e me levaram para dentro, acompanhados pelo porteiro. Era um homem de bigode grisalho, que usava um quepe de porteiro e estava em mangas de camisa. A padiola não coube no elevador, e começaram a discutir se era melhor me carregar sem padiola pelo elevador ou subir com ela pela escada. Acompanhei a discussão. Finalmente, decidiram pelo elevador e me tiraram da padiola:

— Cuidado, cuidado — pedi.

O elevador subiu apinhado, e, com minhas pernas dobrando-se, a dor foi insuportável.

— Estique minhas pernas! — pedi.

— Não posso, *signor* tenente. Não há espaço.

O homem com quem falei estava com o braço ao redor de minha cintura, e eu estava com o meu em torno do pescoço dele. Seu hálito cheirava a vinho e alho.

— Cuidado com ele — recomendou o outro padioleiro.

— Quem não está tendo cuidado, seu filho da puta?

— Estou dizendo que tenha cuidado! — repetiu o segundo homem.

Vi a porta do elevador fechar-se e o botão do quarto pavimento ser premido pelo porteiro, que parecia preocupado. O elevador subiu lentamente.

— Pesado? — perguntei ao comedor de alho.

— Não... — respondeu ele. Seu rosto estava suado, e ele fungava.

O elevador subiu sem balançar e enfim parou. O homem que tomava conta de meus pés abriu a porta e foi saindo. Estávamos numa sacada. Havia várias portas com trincos de latão. O homem que me carregava pelos pés apertou o botão de uma campainha. Ouvi-a ressoar lá dentro. Ninguém apareceu. O porteiro, então, dirigiu-se para a escada.

— Onde estão todos? — perguntou um dos padioleiros.

— Não sei — respondeu o porteiro. — Talvez estejam dormindo no andar de

baixo.

— Traga alguém.

O porteiro apertou de novo a campainha, depois bateu na porta; então, abriu-a e entrou. Quando voltou, veio com uma mulher idosa e de óculos, cabelo solto e desalinhado, e ela vestia um uniforme de enfermeira.

— Não entendo — desculpou-se ela, em inglês. — Não falo italiano.

— Eu falo inglês — disse eu. — Querem me acomodar em algum lugar por aqui.

— Nenhum dos quartos está pronto, e não esperávamos nenhum paciente — informou a velha, arrumando o cabelo e aproximando o rosto para poder me enxergar. Era míope.

— Mostre a eles algum quarto onde possam me deixar — pedi.

— Eu não sei… — replicou ela. — Não esperávamos nenhum paciente. Não posso pô-lo em nenhum quarto.

— Qualquer quarto serve — insisti. Então, voltando-me para o porteiro, disse em italiano: — Arranje-me um quarto vazio.

— Estão todos vazios — respondeu o porteiro. — O senhor é o primeiro paciente. — Ele segurava o quepe nas mãos enquanto encarava a enfermeira idosa.

— Pelo amor de Deus, me enfiem em algum quarto — implorei. A dor estava aumentando, e, com as pernas dobradas, podia senti-la me percorrendo os ossos. O porteiro foi até a porta, seguido da velha, e depois voltou, apressado, dizendo:

— Acompanhem-me.

Carregaram-me por um longo corredor até um quarto de janelas fechadas, cheirando a mobília nova. Havia um leito e um grande guarda-roupa de espelho. Deitaram-me no leito.

— Não posso pôr lençóis na cama — explicou a mulher. — Estão trancados.

Não lhe respondi nada. Voltei-me para o porteiro e disse:

— Há dinheiro em meu bolso de trás. No bolso com botão.

O porteiro tirou o dinheiro. Os dois padioleiros estavam à espera, segurando os bonés.

— Dê cinco liras a cada um e fique também com cinco — disse eu. — Meus papéis estão no outro bolso. Pode entregá-los à enfermeira.

Os padioleiros se despediram e foram embora entre muitos agradecimentos.

— Esses papéis — disse eu para a velha — relatam o meu caso e o tratamento que venho fazendo.

A mulher pegou os papéis e os examinou através dos óculos. Eram três

papéis dobrados.

— Não sei o que fazer — disse. — Não posso ler isso aqui. Não entendo nada em italiano e não posso agir sem ordem do médico.

Ela começou a chorar, enquanto enfiava os papéis no bolso do avental.

— Você é americano? — perguntou com voz soluçante.

— Sim, sou americano. Faça o favor de pôr os papéis aqui em cima do criado-mudo.

O quarto estava fresco e na penumbra. Deitado na cama, podia ver o grande espelho, na parede oposta, mas não o que se refletia nele. O porteiro ainda estava ali. Tinha um semblante bondoso.

— Pode ir — disse ao porteiro. — E a senhora também. Qual é o seu nome?

— Senhora Walker.

— Pode ir, senhora Walker. Acho que vou dormir um pouco.

Fiquei sozinho no quarto. Estava fresco ali dentro, e não tinha cheiro de hospital. Colchão firme e confortável. Fiquei imóvel, ofegante, mas contente por perceber que a dor estava diminuindo. Um pouco depois tive sede e puxei por um cordel à cabeceira da cama, mas ninguém apareceu. Afinal, adormeci.

Ao despertar, corri os olhos ao meu redor. O sol entrava pelas frestas das venezianas. Olhei para o espaçoso guarda-roupa, para as paredes vazias e para duas cadeiras. Minhas pernas, com as gazes sujas, colaram-se à cama. Movi-as cuidadosamente, para não me ferir. Estava com sede. Puxei de novo o cordel. A porta abriu-se e apareceu uma enfermeira jovem e bonita.

— Bom-dia — cumprimentei-a.

— Bom-dia — respondeu-me, aproximando-se da cama. — Ainda não conseguimos encontrar o médico. Ele partiu para Como. Ninguém aqui esperava nenhum paciente. Qual é o seu caso?

— Estou ferido nas pernas, nos pés e na cabeça.

— Seu nome?

— Henry. Frederic Henry.

— Vou fazer uma higiene em você, mas não posso mexer nas ataduras até o médico aparecer.

— A senhorita Barkley está aqui?

— Não. Não tem ninguém com esse nome aqui.

— Quem é a mulher que chorou quando cheguei?

A enfermeira riu.

— É a senhora Walker. Ela estava no plantão noturno e você a pegou dormindo. Ela não esperava ninguém.

Enquanto conversávamos, ela ia me tirando as roupas. Fiquei totalmente despido, exceto pelas bandagens, e ela me lavou, com muita gentileza e suavidade. Aquilo me fez bem. Havia uma atadura em torno da minha cabeça, mas a enfermeira lavou apenas as bordas.

— Onde foi ferido?

— No Isonzo, ao norte do Plava.

— Onde é isso?

— Ao norte de Gorizia.

Percebi que aqueles nomes não significavam nada para ela.

— Está sentindo muita dor?

— Agora não muita.

Ela me pôs o termômetro na boca.

— Os italianos colocam isso na axila — disse-lhe.

— Não fale.

Tirou o termômetro, leu-o e o sacudiu.

— Qual é a temperatura?

— O paciente não deve ser informado.

— Diga, por favor.

— Quase normal.

— Não cheguei a ter febre. Minhas pernas estão cheias de fragmentos de ferro.

— Como assim?

— Fragmentos de granada, parafusos velhos, arame de trincheira e outras coisas do gênero.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Se tivesse corpos estranhos nas pernas, teria havido inflamação e muita febre.

— Certo! — exclamei. — Vamos ver o que vão tirar daí.

A enfermeira saiu e voltou com a velha. Juntas, arrumaram-me a cama sem que eu precisasse me levantar. Aquilo era uma novidade para mim e apreciei bastante.

— Quem dirige este hospital?

— A senhorita Van Campen.

— Quantas enfermeiras tem o hospital?

— Só nós duas.

— Não virão outras?

— Virão, sim.

— Quando vão chegar?

— Não sei. E são perguntas demais para um rapaz doente.

— Não estou doente — repliquei. — Apenas ferido.

Concluíram a arrumação da cama e me deixaram com um lençol limpo embaixo e outro por cima. A senhora Walker saiu e voltou com uma camisa de pijama. Vestiram-me, e me senti limpo e bem-tratado.

— Estão sendo muito gentis comigo — murmurei.

A senhorita Gage riu.

— Podem me dar um pouco de água?

— Claro. E depois vamos trazer-lhe o café da manhã.

— Não quero comer nada. Podem abrir as venezianas, por favor?

O quarto estava na penumbra e, quando as venezianas foram abertas, foi invadido pelo brilho do sol. Olhei para fora, para a varanda, e, mais além, avistei os telhados das casas e as chaminés. E mais distante ainda estavam as nuvens, num céu muito azul.

— Sabe me dizer quando estarão chegando essas enfermeiras que estão esperando?

— Por quê? Não estamos tomando conta direito de você?

— Vocês são maravilhosas.

— Não quer usar a comadre?

— Posso tentar.

Elas me ajudaram a me erguer um pouco, mas a comadre foi inútil. A seguir, olhando para fora do quarto, dei com as portas abertas para o balcão.

— Quando o médico vai aparecer?

— Quando voltar. Já tentamos telefonar para lá.

— Não há nenhum outro médico?

— Ele é o médico do hospital.

A senhorita Gage trouxe uma vasilha com água e um copo. Bebi três goles. Elas me deixaram; fiquei ainda de olhos no céu e depois dormi. Mais tarde, trouxeram-me o almoço, e a senhorita Van Campen, a superintendente, veio me ver. A antipatia foi mútua. Era uma criatura pequenina e meticulosa, cheia de desconfianças. Fez-me uma porção de perguntas, como se achasse uma vergonha eu estar com os italianos.

— Posso beber vinho nas refeições? — perguntei.

— Só se o médico o prescrever.

— E nada até que ele venha?

— Absolutamente nada.

— E ele vem, afinal?

— Já telefonamos para Como.

Ela saiu, e a senhorita Gage retornou.

— Por que foi rude com a senhorita Campen? — perguntou-me, depois de ter gentilmente terminado o seu trabalho comigo.

— Não tive intenção nenhuma de ser rude — declarei. — Mas eu a achei muito esnobe.

— Ela queixou-se de que você foi rude e exigente com ela.

— Nada disso. Mas que diabo de hospital é este sem médico?

— O médico vai chegar logo. Já telefonamos.

— E o que ele faz aqui? Nada no lago de Como?

— Ele tem uma clínica na cidade.

— Por que não arranjam outro médico?

— Ora, seja bonzinho, que logo ele vai chegar.

Mandei chamar o porteiro e pedi em italiano que me trouxesse uma garrafa de Cinzano, outra de chianti e os jornais da tarde. Pouco depois, ele chegou de volta com as garrafas embrulhadas num jornal, desembrulhou-as e, a meu pedido, abriu-as e as deixou embaixo da cama. Fiquei só. Pus-me a ler as notícias da guerra, a lista dos oficiais mortos, as condecorações concedidas. Passei a mão ma garrafa de Cinzano e ajeitei-a sobre o estômago, o vidro frio sobre meu estômago, e fui ingerindo pequenos goles, com a garrafa sempre apoiada sobre o estômago, entre um gole e outro, deixando marcas redondas na pele. O céu escurecia sobre os telhados da cidade. As andorinhas riscavam o céu e também os curiangos, e eu os observava, enquanto bebia o Cinzano. Quando a senhorita Gage me trouxe uma xícara de caldo, escondi a garrafa debaixo da cama.

— A senhorita Van Campen pôs um pouco de *sherry* no caldo — disse ela. — Não a trate mal, outra vez. Não é mais uma jovem, e este hospital representa uma grande responsabilidade para ela. A senhora Walker é muito velha para lhe servir de ajudante como ela precisa.

— Eu a declaro uma esplêndida criatura — disse eu. — Agradeça por mim o *sherry*.

— Vou trazer o jantar.

— Certo. Mas estou sem apetite.

Quando a senhorita Gage reapareceu e pôs a bandeja sobre o criado-mudo, agradeci e comi um pouco. Logo depois escureceu e pude ver a luz dos holofotes movendo-se no céu. Fiquei pensando ainda algum tempo e depois dormi.

Acordei suando e assustado com um sonho. Dormi de novo para só acordar pela madrugada, com o canto dos galos e a primeira luz da aurora. Mas me sentia cansado e adormeci outra vez.

14

O sol já ia alto quando despertei. Tive a impressão de que estava de volta ao *front* e me estiquei sobre a cama. Minhas pernas doeram, olhei para baixo e vi as bandagens sujas, e só então me dei conta de onde realmente estava. Alcancei o cordel e o apertei. Escutei o sino ressoando pelo corredor e depois o rumor de alguém se aproximando, calçando sapatos com solados de borracha. Era a senhorita Gage, e ela parecia um pouco mais velha à luz do dia, e não tão bonita como na véspera.

— Bom-dia. Passou bem a noite?

— Sim, obrigado. Pode chamar o barbeiro?

— Já tinha vindo vê-lo antes, e você ainda estava dormindo… com isto aqui a seu lado — disse ela, indo ao armário e tirando de lá minha garrafa de Cinzano quase vazia. — Pus aqui também a outra garrafa, que estava debaixo da sua cama. Por que não me pediu um copo?

— Achei que não iam me deixar beber.

— Eu teria bebido em sua companhia.

— Ah, você é uma boa garota.

— Não é bom para você beber sozinho — disse. — Não faça mais isso.

— Combinado.

— Sua amiga, a senhorita Barkley, chegou.

— Verdade?

— Sim, e não gostei dela.

— Vai gostar. É uma ótima pessoa.

A senhorita Gage sacudiu a cabeça.

— Tenho certeza disso. Pode se mover, só um pouco, aqui para o lado? Assim. Muito bem. Quero lavá-lo antes do café da manhã.

Ela me fez a higiene com um pano, sabão e água quente.

— Levante o ombro. Assim.

— Será que pode me trazer o barbeiro antes do café?

— Vou mandar o porteiro chamá-lo.

A senhorita Gage saiu por um instante e logo retornou.

— Já fiz o pedido — disse ela, espremendo o pano na bacia d’água.

O barbeiro logo apareceu com o porteiro. Era um homem de mais ou menos cinquenta anos, com o bigode voltado para cima. A enfermeira já havia

terminado seu trabalho comigo e saiu, enquanto o barbeiro ensaboava minhas faces e começava a passar a navalha. Ele era solene e reservado.

— O que houve, homem? Não sabe de nenhuma novidade para contar? — perguntei.

— Que espécie de novidade?

— Qualquer uma. O que anda acontecendo pela cidade?

— Estamos em guerra. Os ouvidos do inimigo andam por toda parte.

Virei o rosto para ele, encarando-o.

— Por favor, não mexa o rosto — pediu. — De minha boca não sairá nada.

— Mas que diabo tem de errado com você?

— Sou italiano. De forma alguma iria me comunicar com o inimigo.

Deixei-o de lado. Se era um louco, quanto antes me visse longe de sua navalha, melhor. A um novo movimento que fiz, ele alertou:

— Cuidado! A navalha pode cortá-lo.

Paguei-o, e até lhe dei uma gorjeta. Ele me devolveu as moedas.

— Não. Não estou no *front*, mas sou italiano.

— Vá para o inferno.

— Com sua licença — retrucou, embrulhando a navalha num jornal. E saiu, deixando as cinco moedas de cobre sobre a cama. A senhorita Gage entrou.

— Pode me chamar o porteiro, por favor?

O porteiro chegou, tentando conter o riso.

— Esse barbeiro é maluco?

— Não, *signorino*. Não, não. Apenas cometeu um equívoco. Ele não compreendeu o que o senhor dizia muito bem e pensou que se tratava de um oficial austríaco.

— Ah! — exclamei.

O porteiro ria.

— Rá! Rá! Rá! Muito engraçado…! Um movimento em falso seu, e disse que teria… — Ele passou o indicador riscando a garganta, sempre tentando parar de rir. — Rá! Rá! Rá! — E quando contei a ele que o senhor não era austríaco… Rá! Rá! Rá!

— Rá! Rá! Rá! — disse irritado. — Qual é a graça de um sujeito ter vindo aqui querendo me degolar?

— Ora, *signorino*. É que, bem… ele estava tão apavorado com o *austríaco*... Rá! Rá! Rá!

— Rá! Rá! Rá! — repeti. — Fora daqui.

Ele saiu, mas ainda fiquei escutando sua risada no corredor. Então, ouvi

passos de outra pessoa. Olhei para a porta. Era Catherine Barkley!

Ela entrou no quarto e veio em direção ao meu leito.

— Olá, querido! — exclamou, mais fresca e linda do que nunca. Tive a impressão de jamais tê-la visto tão bela.

— Olá! — respondi e, quando a vi, percebi que a amava, e tudo se revirou por dentro de mim. Catherine olhou para a porta, verificando se não havia ninguém, e me beijou. Agarrei-a e beijei-a, e senti as batidas de seu coração.

— Minha querida! — disse. — É formidável que tenha vindo para cá!

— Mas não foi fácil. E vai ser difícil ficar por aqui.

— Você tem de ficar. Ah, você é maravilhosa!

Eu estava louco por ela. Não podia crer que a tivesse ali tão junto de mim.

— Você ainda não pode… — disse ela. — Ainda não está em condições.

— Posso, sim. Venha.

— Não. Ainda não recuperou todas as suas forças.

— Claro que sim. Por favor.

— Você me ama de verdade?

— Amo! Estou louco por você. Venha, por favor.

— Olhe como o nosso coração está batendo forte.

— Não quero saber de nossos corações. Quero você. Estou louco por você.

— Você realmente me ama?

— Pare de repetir isso. Venha! Por favor! Por favor, Catherine...!

— Está bem. Mas só por um minuto.

— Certo. Feche a porta.

— Você não pode. Não deve.

— Venha. Não fale. Venha, venha...

Catherine sentou-se na cadeira junto à cama. A porta para o corredor estava aberta. A selvageria passara, e eu me sentia melhor do que nunca

Ela perguntou:

— Agora, acredita no meu amor?

— Ah, você foi maravilhosa! Mas precisa ficar aqui. Não podem mandá-la embora. Estou louco de amor por você, Cat.

— Precisamos ter muito cuidado. Isso é uma maluquice. Não podemos ficar fazendo isso.

— Podemos, à noite.

— Temos de tomar todo o cuidado. Você precisa disfarçar muito diante dos outros.

— Vou fazer isso.

— Meu querido, então me ama, não é verdade?

— Não repita essa pergunta. Não imagina o mal que me faz.

— Então, vou tomar cuidado. Não quero mais nada entre nós por hoje. Tenho de ir, querido.

— Volte logo, está bem?

— Assim que puder.

— Adeus, amor.

Catherine saiu. Deus sabe que eu não queria ter me apaixonado por ela. Não queria me apaixonar por mulher alguma. Mas Deus também sabe que já estava apaixonado, e estava naquela cama do hospital de Milão, e mil coisas me vinham à cabeça, mas me sentia ótimo e por fim a senhorita Gage apareceu.

— O médico está a caminho. Acaba de telefonar de Como.

— Quando vai estar aqui?

— Esta tarde!

15

Nada aconteceu até a tarde. O médico era um homenzinho magro e silencioso, que parecia atormentado com a guerra. Foi com uma delicada e polida repugnância que tirou das minhas coxas um certo número de estilhaços de ferro. Empregou anestesia local, a que chamavam de *neve*, porque gelava os tecidos e evitava a dor até a sonda, o bisturi e as pinças terem feito seu trabalho. A área anestesiada era claramente definida pelo próprio paciente, mas, depois de algum tempo, a frágil delicadeza do médico arrefeceu, e ele achou melhor recorrer ao raio X.

— As sondas não estão resolvendo — afirmou.

As radiografias foram feitas no Ospedale Maggiore. O médico responsável era do tipo agitado. A coisa era feita de um modo que o paciente, mantido com os ombros elevados, pudesse ver os corpos estranhos alojados em seu organismo. As chapas seriam enviadas depois, e o operador pediu-me que escrevesse em seu caderno de notas meu nome, o número do meu regimento e o que estivesse me incomodando. Na sua opinião, os tais corpos estranhos eram “feios, ásperos e brutais”. Os austríacos não passavam de uns filhos da puta. Quantos austríacos eu matara? Eu não havia matado nenhum, mas estava ansioso por agradar ao médico e respondi que dera cabo de inúmeros deles. A senhorita Gage estava presente, o médico passou-lhe o braço pela cintura e declarou-a mais bela que Cleópatra. Ela teria entendido? Cleópatra, a antiga rainha do Egito. Sim, por Deus, que era. Voltamos na ambulância para o nosso hospital, e, após muitas manobras de erguer e abaixar a maca, vi-me de novo no meu leito. As chapas vieram à tarde. Catherine Barkley mostrou-as para mim. Estavam num grande envelope vermelho.

— Aqui tem a sua perna direita — disse ela, guardando a chapa no envelope e tirando a outra. — E esta é a perna esquerda.

— Largue isso e venha aqui para a cama — pedi.

— Não posso. Subi apenas para mostrar as chapas e tenho que descer.

Ela saiu, e eu fiquei lá, deitado. Era uma tarde abafada, e eu estava mais do que farto daquele leito. Mandei o porteiro comprar todos os jornais que encontrasse.

Antes de chegarem os jornais, três médicos apareceram no quarto. Eu já tinha percebido que médicos incompetentes têm a tendência de se agrupar,

pedindo ajuda e conselho mútuo. Um médico que não consegue remover um apêndice adequadamente, recomendará um colega incapaz de operar amígdalas. Aqueles médicos eram desse tipo.

— Aqui está o moço — disse o médico da casa.

— Como vai? — perguntou um deles, que usava barba. O terceiro, que segurava o envelope vermelho, não disse nada.

— Podemos remover as ataduras? — perguntou o de barba.

— Certamente. Faça o favor de tirar as ataduras, enfermeira — ordenou o médico da casa à senhorita Gage, que o atendeu imediatamente. Olhei para minhas pernas. No hospital de campanha tinham-me dado a impressão de carne de hambúrguer, e não muito fresca. Agora estavam com crostas, o joelho inchado e descolorido, e o calcanhar afundado, mas não havia pus.

— Muito bem — disse o médico da casa. — Feridas muito limpas.

— Hum — grunhiu o de barba, enquanto o terceiro olhava por cima do ombro do médico da casa.

— Mova o joelho, por favor — instruiu o de barba.

— Não posso.

— Vamos experimentar a articulação — propôs o de barba, que tinha na manga três estrelas, sinal de que era capitão.

— Perfeitamente — disse o médico da casa.

Eles agarraram minha perna e experimentaram a articulação.

— Isso dói — protestei.

— Sim, sim. Um pouco mais, doutor.

— É o bastante. É até onde posso suportar — respondi.

— Articulação parcial — declarou o capitão, erguendo-se. — Posso ver as chapas?

O terceiro médico apresentou-lhe uma das chapas que tirou do envelope vermelho.

— Não. Quero a da perna esquerda.

— Essa é a perna esquerda, doutor.

— Tem razão — disse o médico. — Estava olhando de um ângulo diferente. Depois, devolveu a chapa e examinou a segunda por algum tempo.

— Está vendo, doutor? — disse, mostrando-lhe um dos corpos estranhos, que parecia claramente esférico, ali, contra a luz.

Todos examinaram a chapa por alguns instantes.

— Só uma coisa posso dizer — advertiu o de barba. — Isto é uma questão de tempo. Três meses, provavelmente seis.

— O líquido sinovial tem de se refazer.

— Com certeza. Uma questão de tempo. Em sã consciência, não posso abrir um joelho como este antes que o corpo estranho esteja enquistado.

— Concordo, doutor.

— Seis meses para isso? — perguntei.

— Seis meses para o projétil enquistar-se, e só depois pensaremos na operação.

— Não acredito — protestei.

— Não quer conservar o seu joelho, moço?

— Não.

— Quê?

— Quero que me cortem a perna e me ponham um gancho no toco.

— Um gancho? O que quer dizer com isso?

— Ele está caçoando — disse o médico da casa, dando palmadinhas no meu ombro com delicadeza. — Quer conservar o joelho, sim. É um moço de grande coragem. Foi indicado para a medalha de prata por seu valor.

— Ora, meus parabéns — disse o de barba, apertando-me a mão. — Mas, o que posso dizer, é que o seguro mesmo é aguardar seis meses antes da operação do joelho. O paciente, é claro, tem todo direito a uma outra opinião.

— Obrigado — respondi. — Aceito a sua.

O de barba olhou para o relógio.

— Precisamos ir — ele disse. — Espero que se recupere plenamente.

— Obrigadíssimo, doutor — respondi, e também apertei a mão do terceiro médico.

— *Capitano* Varini. Tenente Henry — e foram embora.

— Senhorita Gage — chamei. — Quer fazer o favor de pedir ao médico da casa que venha aqui por um minuto?

O doutor veio já com seu chapéu nas mãos e parou junto ao leito.

— Pediu para me ver?

— Não posso esperar na cama seis meses, para só depois ser operado. Por Deus, não posso. Já esteve na cama seis meses, doutor?

— Mas não vai ficar na cama o tempo todo. Tem que expor as feridas ao sol, primeiro. Depois, vai andar de muletas.

— Seis meses… e depois ainda vou enfrentar a operação?

— É o mais seguro. Os corpos estranhos vão estar encapsulados e então o líquido sinovial vai se refazer. Em seguida, poderemos operar o seu joelho sem maiores riscos.

— Mas, doutor, o senhor acha mesmo que vou precisar esperar aqui seis meses?

— É o mais seguro.

— Quem é esse capitão de barba?

— Um excelente cirurgião aqui de Milão.

— Ele é um primeiro-capitão, não é?

— Sim, mas é um excelente cirurgião.

— Não quero um primeiro-capitão que brinque com a minha perna. Se ele prestasse, já seria major. Sei muito bem o que é um primeiro-capitão, doutor.

— Mas se trata de um excelente médico. E eu prefiro seguir a opinião dele do que a de qualquer outro.

— Posso ser examinado por outro cirurgião?

— É claro, se é o que deseja. Mas se fosse você, seguiria o parecer do Dr. Varela.

— Pode mandar vir outro cirurgião, doutor?

— Vou chamar o Dr. Valentini.

— Quem é ele, doutor?

— O cirurgião do Ospedale Maggiore.

— Está bem. Agradeço muito. O senhor compreende, doutor? Não posso ficar na cama por seis meses.

— Não ficaria na cama. Teria de tomar sol. Depois, iniciaria algum exercício leve e, aí, faríamos a cirurgia.

— Mas não vou conseguir esperar seis meses até lá.

— Está tão ansioso assim por voltar ao *front*?

— E por que não?

— Ora, que magnífico. Vejo que é um jovem muito nobre — disse ele, curvando-se sobre mim e delicadamente beijando-me na testa. — Mandarei chamar o Dr. Valentini. Não se aflija. Um pouco de paciência.

— Aceita um drinque, doutor?

— Obrigado. Nunca bebo.

— Apenas um, por favor. O porteiro pode trazer dois copos.

— Não, obrigado. Estão esperando por mim. Até logo.

— Até logo.

Duas horas depois, chegou o Dr. Valentini, muito bigodudo e cheio de pressa. Era major. Tinha a pele queimada de sol e ria o tempo inteiro.

— Como conseguiu isso, moço? Deixe-me ver as chapas. Sim. Sim. É isso. Parece ter uma saúde de touro. Quem é esta deusa? Sua namorada? Imaginei

isso. Guerra estúpida, hein? É um belo rapaz, que vou deixar novo, melhor do que antes. Você está sentindo dor? O que fizeram os médicos até aqui? Eles gostam de judiar dos pacientes. Esta moça fala italiano? Precisa aprender. Uma bela garota. Posso ensinar italiano a ela. Ah, queria ser um paciente deste hospital. Mas farei o parto de graça. Ela entende isso? Vai dar a você um lindo menino. Loirinho como ela. Ótimo. Está tudo bem. Que linda moça! Pergunte se ela quer jantar comigo. Não tenha medo que não vou roubá-la de você. Obrigado, moço. Obrigado. Obrigado, senhorita. É tudo que eu precisava saber — e deu-me uma palmadinha no ombro. — Não ponha mais ataduras.

— Quer um drinque, Dr. Valentini?

— Um drinque? Mas, claro, até dez. Onde está?

— No armário. Senhorita Barkley, pode trazer a garrafa?

— Viva! À sua, senhorita. Que linda moça. Vou lhe trazer um conhaque melhor de presente — e limpou o bigode.

— Quando acha que posso ser operado?

— Amanhã de manhã, não antes. Precisa estar de estômago vazio. E tem de receber uma lavagem. Vou deixar as instruções aí embaixo. Adeus. Então, nos vemos amanhã. E vou trazer um conhaque melhor. Está bem-acomodado aqui. Até amanhã. Trate de dormir direito. Virei bem cedo.

Da porta, o Dr. Valentini despediu-se de mim com um aceno de mão, e se foi, bigodudo e risonho. Tinha uma estrela na manga. Era major.

16

NAQUELA NOITE, um morcego entrou no quarto pela porta que dava para a varanda da qual avistávamos os telhados das casas. Estava escuro ali, a não ser pela fraca luminosidade que vinha da cidade. O morcego não se sentiu amedrontado e revoou pelo quarto como se estivéssemos a céu aberto. Nós nos sentamos no leito e ficamos observando-o e não creio que tenha nos percebido, porque nos mantivemos imóveis. Depois que ele saiu pela janela, vi o facho de um holofote esquadrinhando o céu, indo e voltando. Mais um instante e o holofote apagou-se, e de novo tudo ficou escuro. Uma brisa noturna entrou pela janela, e escutei a conversa dos soldados de um canhão antiaéreo colocado num telhado próximo. Estava frio, e eles tiveram de vestir seus capotes. Tive medo que alguém viesse ao meu quarto, mas Catherine me assegurou que estavam todos dormindo. Logo peguei no sono. Quando acordei, ela já não estava a meu lado, mas eu a escutei vindo pelo corredor, então a porta se abriu e ela deitou-se de novo comigo, disse que estava tudo bem, que descera e se certificara de que estavam todos dormindo. Ela parou na porta da senhorita Van Campen e a escutara ressonando. Catherine trouxe bolachas, que comemos com um pouco de vermute. Estávamos com muita fome, mas ela me disse que eu teria de eliminar tudo do estômago até de manhã. Dormi de novo e, ao acordar, já dia claro, não a vi mais no quarto. Ela apareceu fresca e linda, e o sol brilhou quando me pôs o termômetro na boca. Senti o cheiro do orvalho nos telhados vizinhos, que o sol ia evaporando; depois, o cheiro do café dos atiradores antiaéreos.

— Gostaria que pudéssemos dar um passeio — disse Catherine. — Eu o empurraria, se tivéssemos uma cadeira de rodas.

— E como eu iria conseguir me sentar nela?

— Daríamos um jeito.

— Poderíamos passear pelo parque e tomar o café da manhã ao ar livre.

Olhei para a porta aberta.

— Mas o que temos de fazer é nos preparar para a operação — ela emendou. — O Dr. Valentini vai chegar bem cedo.

— Achei ele ótimo.

— Não gostei dele tanto quanto você, mas pelo menos deve ser um bom médico.

— Volte para a cama, Catherine. Por favor.

— Não posso. Já não tivemos uma linda noite?

— E você vai ficar no plantão de hoje à noite também? — perguntei.

— Provavelmente. Mas você não vai me querer.

— Vou, sim.

— Não, não vai. Nunca foi operado e não sabe o que é isso.

— Sei que vou estar bem.

— Vai ter náuseas e não vai querer saber de nada.

— Então, venha agora.

— Não, querido. Tenho que preparar as coisas.

— Você não me ama de verdade, senão me atenderia.

— Mas como você é bobo! — E beijou-me. — Está tudo bem com você. Sua temperatura está sempre normal. Você tem uma linda temperatura!

— E você é linda em tudo.

— Não, sua temperatura é que é linda. Estou muito orgulhosa da sua temperatura, querido.

— Talvez todos os nossos filhos venham a ter temperaturas tão lindas assim.

— Provavelmente terão temperaturas de feras.

— O que eu tenho de fazer para me preparar para o Valentini?

— Pouca coisa. Mas… coisas desagradáveis.

— Preferia que não fosse você a fazer isso.

— Mas eu não deixaria ninguém mais tocar em você. Sou uma idiota. Ficaria furiosa se alguém tocasse em você.

— Até mesmo a senhorita Ferguson?

— Especialmente a Ferguson, a Gage e a outra... Como se chama?

— Walker.

— Isso. Há enfermeiras demais aqui. Se não chegarem novos pacientes, vão nos mandar embora. Já somos quatro enfermeiras.

— Mas logo vão chegar novos pacientes e todas terão serviço. O hospital é grande.

— Espero que venham mais pacientes. Que seria de mim se me mandassem embora daqui? E é o que vão fazer, se o hospital continuar vazio.

— Eu iria embora também.

— Não seja tolo. Não pode sair daqui. Mas fique bom depressa e iremos para onde quisermos, querido.

— E depois?

— Talvez, aí, a guerra tenha terminado. Não pode durar toda a vida.

— Vou ficar bom logo. Valentini vai me consertar.

— Com todo aquele bigode, é o que tem mesmo de fazer. E… querido, quando estiver aspirando o éter, pense em qualquer coisa, menos em nós. As pessoas falam demais, quando estão sob o efeito de anestésicos.

— Mas em que é que vou pensar?

— Em qualquer coisa, menos em nós. Pense em outra garota.

— Não.

— Então, reze. Isso causará uma esplêndida impressão.

— Mas pode ser que eu não diga coisa alguma.

— Talvez. Muitos pacientes não falam nada.

— Vou ser um desses. Não vou falar nada.

— Deixe de valentia, querido. Um homem como você não precisa ficar contando bravatas.

— Garanto que não vou falar nada.

— Já começou outra vez! Em vez disso, reze, ou declame poemas quando eles o mandarem respirar profundamente. Será ótimo assim, e vai me encher de orgulho. Já sinto muito orgulho de você. Essa linda temperatura, e esse jeito de dormir, parecendo um menino, abraçando o travesseiro pensando que sou eu. Ou há alguma outra moça? Alguma italiana?

— Só você.

— Pois que seja. Você tem o meu amor, e Valentini vai curar a sua perna. Felizmente não tenho de assistir à operação.

— Mas ficará de plantão à noite.

— Espero que sim, mas você nem vai lembrar que eu existo.

— Você vai ver.

— Pronto, querido. Agora está limpo por fora e por dentro. Diga-me, quantas mulheres já amou?

— Nenhuma.

— Nem a mim?

— Só a você.

— E realmente a nenhuma outra?

— Nenhuma.

— E com quantas… com quantas esteve?

— Nunca estive com mulher nenhuma.

— Está mentindo!

— Estou.

— Está bem. Minta sempre sobre isso para mim. É o que eu quero de você. Eram bonitas?

— Nunca estive com mulher nenhuma, sério.

— Está bem. Eram atraentes?

— Não sei do que está falando.

— Está bem. Você é só meu. É verdade, então, que você nunca pertenceu a ninguém. Mas eu não ia me importar se tivesse acontecido. Elas não me amedrontam. Mas não me conte nunca. Quando um rapaz vai com uma garota… daquelas… em que momento ela diz o preço?

— Não sei.

— Claro que não. Ela diz que o ama? Conte-me isso. Preciso saber.

— Sim. Se ele quer que ela diga.

— Mas você nunca pediu isso, não?

— Não.

— Não, de verdade? Diga-me a verdade.

— Não — menti.

— Ah, eu sabia. Eu sabia, querido. Meu amor...

O sol brilhava lá fora, e eu podia ver as pontas reluzentes da catedral. Eu estava limpo por fora e por dentro, à espera do cirurgião.

— Então é assim? Elas dizem justamente o que eles desejam que digam?

— Nem sempre.

— Pois eu direi. Direi tudo o que você desejar que eu diga, e farei tudo o que você quiser. Assim, você nunca vai pensar em nenhuma outra, vai? — e ela me fitou com ar de felicidade. — Farei o que você quiser, direi o que você quiser e vou ser a melhor de todas para você, não vou?

— Vai.

— O que quer que eu faça, agora que está tudo pronto?

— Que venha outra vez para a cama.

— Muito bem. Aqui estou.

— Minha querida… querida, querida — murmurei.

— Está vendo? Faço tudo o que você quiser.

— Você é maravilhosa.

— Só tenho medo de ainda não saber fazer direito.

— Você é um encanto.

— Quero o que você quer. Eu não existo, só você. Faço apenas o que você quiser.

— Meu amor!

— Sou ou não sou boa? Não vai pensar nunca em outra mulher?

— Nunca.

— Está vendo? Sou boa. Faço tudo o que você quiser.

17

QUANDO DESPERTEI da operação me dei conta de que não estivera inconsciente. Não perdemos a consciência, de fato. O que eles fazem é nos sufocar. Não é como morrer, mas como uma sufocação química, de modo que nos sentimos como de volta de uma bebedeira. A diferença é que, quando vomitamos, não sai nada a não ser bílis, e vomitar não nos faz sentir melhor. Vi sacos de areia na extremidade da cama. Estavam sobre tubos que saíam do aparelho de gesso. Depois de alguns instantes, enxerguei a senhorita Gage.

— Como se sente? — ela perguntou.

— Melhor — respondi.

— Ele fez um trabalho admirável no seu joelho.

— Quanto tempo levou?

— Duas horas e meia.

— E eu disse alguma bobagem?

— Nem um pio. Agora, descanse.

Eu estava com ânsias de vômito. Catherine tinha razão. Pouco me importava quem ficasse de plantão à noite.

Havia três novos pacientes no hospital, agora; um rapazinho magro da Cruz Vermelha da Geórgia, com malária, um belo rapaz de Nova York, com malária e icterícia, e outro que tentara desatarraxar uma espoleta de granada para guardá-la como *souvenir*. Uma granada austríaca que usavam nas montanhas, com uma cápsula na ponta, que era projetada quando a granada explodia, e que estourava ao menor contato.

Catherine Barkley tornou-se muito querida pelas demais enfermeiras porque não se incomodava — e até insistia — de ficar de plantão todas as noites. Tinha pouco trabalho com os dois maláricos; e o rapaz da espoleta ficou nosso amigo e nunca a chamava à noite, salvo em alguma urgência. Assim, nos intervalos entre uma tarefa e outra, ficávamos juntos. Eu a amava muito, e Cat também me amava. Dormíamos de dia e trocávamos cartas quando acordados, sempre levadas pela senhorita Ferguson, que era uma excelente criatura. Nunca vim a saber nada a seu respeito, senão que tinha um irmão na 52ª. Divisão e outro na Mesopotâmia. Sempre foi muito boa para com Catherine Barkley.

— Vai assistir ao nosso casamento, Fergy? — perguntei-lhe uma vez.

— Vocês não se casarão nunca.

— Ora, claro que vamos nos casar.

— Não, não vão.

— Por que não?

— Vão brigar muito antes disso.

— Nós nunca brigamos.

— Ainda não houve tempo.

— Acho que nunca vamos brigar.

— Então você vai morrer. Brigue ou morra. É o que todos fazem. Nunca se casam.

Segurei sua mão.

— Não me toque! — exclamou. — Não estou chorando. Talvez tenham razão, mas cuidado para não engravidá-la. Se a fizer infeliz, eu mato você.

— Nunca a farei infeliz.

— Então, cuidado. Espero que se comporte. Haverá muito tempo depois.

— Nosso tempo de agora já é lindo.

— Mas não briguem, então, e não crie problemas para ela.

— Farei exatamente isso, Fergy.

— Cuidado, hem? Não quero vê-la com um desses bebês da guerra.

— Você é admirável, Fergy.

— Não sou. Não tente me lisonjear. Como está a perna?

— Bem.

— E a cabeça? — e ela apalpou-me a cabeça com a ponta dos dedos.

— Tão sensível como um pé dormente. Nunca me incomodou.

— Uma pancada dessas na cabeça pode enlouquecer um homem. Nunca o incomodou, verdade?

— Nunca.

— Que sorte. Já escreveu a carta?

— Está aqui.

— Deve pedir a ela que descanse um pouco do plantão noturno. Isso a está fatigando.

— Certo... pedirei.

— Eu queria substituí-la, mas Catherine não aceita. Veja se consegue convencê-la a tirar uma folga.

— Está bem.

— A senhorita Van Campen falou dos seus cochilos à tarde… todas as tardes. Seria bom se você a deixasse livre de noite por algum tempo.

— Acho que sim.

— Não está sendo sincero. Mas se fizer o que diz, vai merecer o meu respeito.

— Tratarei disso.

— Não acredito em você — disse Fergy, tomando a carta e saindo.

Logo depois toquei a sineta, e a senhorita Gage apareceu.

— Que foi? — perguntou.

— Queria conversar uma coisa. Não acha que a senhorita Barkley deve descansar alguns dias do plantão noturno? Ela anda me parecendo muito cansada. Por que é que nunca a substituem?

A senhorita Gage encarou-me.

— Sou sua amiga e acho que não precisa me falar dessa maneira.

— O que quer dizer?

— Não banque o idiota. É tudo?

— Toma um drinque, senhorita Gage?

— Aceito.

Foi ao armário e trouxe a garrafa e dois copos.

— Fique com o copo — disse. — Eu bebo na garrafa.

— Sua alma, sua palma.

— Que foi que a senhorita Van Campen disse dos meus cochilos à tarde?

— Apenas admirou-se. Ela o chama de *nosso paciente com privilégios*.

— Para o inferno!

— Ela não é uma pessoa mesquinha — disse a senhorita Gage. — Apenas velha e ranzinza e jamais gostou de você.

— Isso eu sei.

— Bem, vou indo. Mas eu sou sua amiga. Nunca se esqueça disso.

— Ah, você é terrivelmente formidável!

— Nem tanto, mas sei quem você acha formidável de verdade. Como está sua perna?

— Bem.

— Vou trazer água mineral para umedecer as ataduras. Deve coçar um bocado, por baixo desse gesso. E é um bocado quente também.

— Você é ótima!

— Coça muito?

— Não. Tudo bem.

— Vou arrumar melhor os sacos de areia — disse ela, e inclinou-se para fazê-lo. — Sou sua amiga.

— Sei que é.

— Não sabe, não. Mas saberá um dia.

Catherine Barkley tirou três dias de folga e depois retomou o plantão noturno. Foi como se nos encontrássemos de novo, após longo tempo de separação.

18

TIVEMOS lindos dias no verão. Quando podia sair, era levado para passeios no parque. Lembro bem daquela charrete que seguia lentamente, com um cocheiro de chapéu alto e lustroso e Catherine Barkley ao meu lado. Bastava que nossas mãos se tocassem de leve para que ambos ficássemos excitados. Depois, quando já podia andar de muletas, íamos jantar no Biffi, ou no Gran Itália, e sentávamos nas mesas ao ar livre. Os garçons passavam e repassavam, e entrava e saía gente; havia velas em candeeiros sobre as mesinhas e, depois que decidimos que preferíamos o Gran Itália, George, o *maître*, passou a nos reservar uma das mesas. Era um ótimo garçom, a quem encarregávamos de decidir sobre o que comeríamos, enquanto observávamos as pessoas, na luz do poente, e ficávamos olhando um para o outro. Tomávamos Capri branco, que vinha em baldes com gelo, e experimentamos muitos outros vinhos, como Fresa, Barbera e os brancos suaves. Não havia um *sommelier*, por causa da guerra, e George sorriu constrangido quando lhe perguntei como eram os vinhos Fresa.

— Um vinho com gosto de morango, se é que isso seja admissível — respondeu.

— E por que não? — volveu Catherine. — Parece esplêndido.

— Então, experimente, senhora, se realmente deseja. Mas deixe-me trazer meia garrafa de Margaux para o tenente.

— Também vou experimentar o Fresa, com seu gosto de morango e tudo.

— Senhor, não recomendo. Nem gosto de morango tem.

— Talvez tenha — disse Catherine. — E será admirável se for verdade.

— Vou trazê-lo — confirmou George — e, depois que a senhora o provar, eu o levo de volta para a adega.

Não era um bom vinho e, como dissera George, sequer tinha gosto de morango. Voltei ao Capri. Certa noite, estava com pouco dinheiro, e George me emprestou cem liras.

— Está tudo bem, tenente. Sei que essas coisas acontecem. Se o tenente ou a senhora precisarem de algum dinheiro, é só dizer. Eu arranjarei.

Depois do jantar passeávamos pela Galeria cheia de restaurantes e lojas com as portas de ferro já descidas e parávamos num lugar onde se vendiam sanduíches — feitos de presunto e alface, ou de anchovas — em pãezinhos do comprimento de um dedo que levávamos para comer à noite. Depois,

tomávamos um carro aberto em frente à igreja e íamos para o hospital. O porteiro vinha sempre me ajudar com as muletas. Eu pagava a corrida e tomava o elevador. Catherine saltava no andar das enfermeiras e eu continuava até o meu, descia o corredor apoiado nas muletas e ia para meu quarto. Às vezes, despia-me e deitava-me; noutras, ficava sentado na varanda, com o pé numa cadeira, acompanhando o voo das andorinhas e esperando Catherine.

Quando ela chegava, era como se tivesse estado ausente numa longa viagem, e eu ia para o corredor com ela, sempre de muletas, levando uma coisa ou outra e ajudando-a no serviço com os outros pacientes, se eram amigos. Terminadas as tarefas, sentávamo-nos na sacada do meu quarto. Eu ia para a cama e, depois que todos já estavam dormindo e tínhamos certeza de que ninguém nos viria interromper, Cat se aninhava comigo. Eu gostava de desmanchar seus cabelos; ela sentava-se na cama e ficava imóvel; então, de repente, me beijava e eu tirava-lhe os grampos e os espalhava sobre o lençol. Eu pararia para observá-la, e ela não se mexeria até eu desprender os dois últimos grampos, quando os cabelos ficariam inteiramente soltos. A seguir, enfiava a cabeça por entre eles, e ela também, e ficávamos como se dentro de uma tenda, ou como se estivéssemos por trás de uma cachoeira.

Ela tinha cabelos belíssimos. Às vezes eu me deitava e ficava assistindo-a enrolá-los e arrumá-los, à luz que penetrava pela porta e, mesmo no escuro, seus cabelos brilhavam como a água brilha antes do romper da aurora. Ela tinha um lindo rosto e um lindo corpo de pele de veludo. Ficávamos deitados juntos e eu tocava as suas faces com a ponta dos dedos, e a testa, os olhos, o queixo e a garganta, e dizia:

— Tão macio como uma tecla de piano.

E ela mimava o meu queixo e dizia:

— Macio como lixa grossa e áspero demais para teclas de piano.

— Tanto assim?

— Não, querido. Brincadeira.

Lindas noites, e éramos felizes só de nos tocarmos. Além dos grandes momentos, havia os pequeninos meios de fazer amor; quando ela ia para os outros quartos, procurávamos passar os pensamentos da cabeça de um para a do outro. Às vezes acertávamos, mas talvez fosse porque estávamos sempre pensando as mesmas coisas.

Dizíamos um ao outro que estávamos casados desde o primeiro dia em que ela apareceu no hospital e contávamos os meses que tínhamos de vida conjugal. Eu queria de fato me casar, mas Catherine alegava que, se casássemos, eles a

transfeririam de posto, e que bastaria que déssemos entrada nos papéis para começarem a vigiá-la, e isso acabaria nos separando. Teríamos de nos casar na Itália, onde as exigências e a burocracia são tremendas. Eu efetivamente queria me casar porque me preocupava de poder engravidá-la, mas o que fazíamos era nos fingir de casados, um diante do outro, e acho que eu apreciava não estar casado, de fato. Falamos nisso uma noite, no casamento, na necessidade do casamento.

— Mas, querido, eles me mandarão embora daqui.

— Talvez não mandem.

— Mandam, sim. Vão me mandar para casa e então ficaremos separados durante toda a guerra.

— Eu irei para lá de licença.

— Não pode, querido. Uma breve licença não é tempo bastante para você chegar à Escócia. Além disso, não quero deixá-lo. Que vantagem teremos no casamento, agora? Não poderíamos estar mais casados do que estamos.

— Mas eu quero. Por você, apenas.

— Eu não existo. Eu sou você. Não me considere alguém à parte de você!

— Pensei que todas as moças quisessem se casar.

— Querem, sim. Mas, querido, eu sou casada. Sou casada com você. Não sou uma boa esposa?

— A melhor.

— Sabe, querido, tenho muita experiência em esperar para casar!

— Não me fale nisso nunca.

— Sabe que só amo você. Não devia se perturbar por eu já ter sido amada antes.

— Mas eu me perturbo.

— Como pode ter ciúmes de quem já está morto, agora que tem tudo?

— Mas não gosto de ouvir falar nisso.

— Pobre querido! E eu sei que andou com todo tipo de garotas, por aí, e não me incomodo.

— Seja como for, não podíamos nos casar em segredo? Então, se alguma coisa me acontecesse, ou se você engravidasse...

— Não há meio de se casar, a não ser no Estado e na Igreja. Casados reservadamente já estamos. O casamento representaria muito para mim, se eu tivesse alguma religião, mas não tenho.

— Você me deu um Santo Antônio.

— Apenas para dar sorte. Alguém havia me dado a medalha.

— Quer dizer que nada a aflige?

— Só a ideia de nos separarem. Minha religião é você. Você é tudo quanto tenho no mundo.

— Está bem. Mas eu me caso com você no dia em que você quiser.

— Querido, não fale como se precisasse me devolver a condição de moça honesta. Sou uma mulher honesta. Não me envergonho de algo que só me dá felicidade e orgulho. Você não se sente feliz?

— Mas, e se você me deixar por outro?

— Eu nunca o deixarei por ninguém. Tudo de mau poderá acontecer, mas não o deixarei nunca. Não precisa se preocupar com isso.

— Não me preocupo, mas eu a amo tanto… E você já amou antes.

— O que aconteceu a esse outro?

— Ele morreu.

— Sim, e se não tivesse morrido eu não teria encontrado você. Não estou faltando à fidelidade, querido. Terei mil defeitos, menos o da infidelidade. Você ainda se aborrecerá de tanta fidelidade.

— Terei de voltar ao *front*, em breve.

— Não vamos pensar nisso antes de chegar o dia. Sou feliz, querido, e tudo corre bem conosco. Há muito não me sentia feliz, e, quando encontrei você, andava quase louca. Talvez inteiramente louca. Mas agora me sinto feliz e ambos nos amamos. Vamos nos contentar com o que temos, porque o que temos é a felicidade. Você é feliz, não é? Há qualquer coisa em mim de que você não goste? Posso fazer qualquer coisa que o agrade? Quer que desmanche o meu cabelo? Quer brincar comigo?

— Sim. Venha para a cama.

— Está bem. Deixe-me ver os outros pacientes primeiro.

19

ASSIM se passou o verão. Não me lembro bem dos dias, exceto que eram quentes e que os jornais anunciavam muitas vitórias. Eu estava muito bem de saúde, com a perna a recompor-se depressa, de modo que logo abandonei as muletas e passei a usar uma bengala. Depois, iniciei o tratamento mecânico no Ospedale Maggiore — flexões da junta, raios violeta, massagens, banhos. Eu saía às tardes, ia a um café para o drinque e a leitura dos jornais. Não me alongava na cidade. Sempre do hospital para o café e vice-versa. Tudo quanto queria era Catherine. O resto era matar o tempo. E para isso dormia pelas manhãs e à tarde, e ia às corridas, e demorava-me no tratamento mecanoterápico. Às vezes parava no Clube Anglo-Americano, onde, sentado em uma poltrona de couro perto da janela, folheava as revistas. Já não me deixavam sair acompanhado de Catherine, depois que abandonei as muletas, porque não ficava bem a uma enfermeira acompanhar um sujeito parecendo em tão perfeitas condições, de modo que nos víamos somente às tardes. Quando saíamos para jantar fora, a senhorita Ferguson nos acompanhava. A senhorita Van Campen aceitava a nossa amizade porque Catherine pegava bastante serviço dela. Ela acreditava que Catherine vinha de uma excelente família, e isso ajudou a colocá-la do nosso lado. Ela admirava o bom sangue e gabava-se do seu. O hospital andava muito movimentado, e isso a ocupava integralmente. Era um verão dos mais quentes e eu conhecia muita gente em Milão, mas assim que saía ansiava logo por voltar, para rever Catherine. No *front*, estávamos avançando no Carso, tomáramos o platô Bainsizza e Kuk. As notícias do *front* ocidental não eram tão boas, nada indicando o fim da guerra. Entráramos na luta, nós, os americanos, mas ainda levaríamos tempo para reunir uma massa de tropas suficientemente grande e treiná-las. O ano seguinte iria ser ruim — ou, talvez, bom. Os italianos estavam consumindo uma tremenda quantidade de homens, e eu não sabia por quanto tempo mais lhes seria possível continuar com aquilo! Ainda que tomassem todo o Bainsizza e o monte San Gabriel, ainda havia muitas outras montanhas austríacas adiante. Eu as havia visto, todas. Os italianos avançavam no Carso, mas havia os pântanos encosta abaixo, junto ao mar. Napoleão teria liquidado os austríacos na planície. Jamais os teria enfrentado nas montanhas. Poderia até deixá-los descer para batê-los junto a Verona. No *front* ocidental, a luta não se definia por nenhum dos lados. Talvez as guerras já não fossem pelo

sistema antigo, em que há um vencedor e um derrotado. Talvez durassem para sempre. Talvez estivéssemos em outra Guerra dos Cem Anos. Larguei os jornais e saí do Clube, tomando a rua Manzoni. Em frente ao Gran Hotel encontrei Meyers com a mulher. Desciam de um carro de volta das corridas. Ela, de busto grande e vestida de cetim negro. Ele, baixo e acabado, com o bigode já branco e apoiado à bengala.

— Como vai? — saudou-me a senhora Meyers, apertando-me a mão. O marido murmurou: *Olá*.

— Que tal as corridas? — perguntei.

— Ótimas. Realmente ótimas. Ganhei em três páreos.

— E a senhora?

— Eu, só em um. Nunca sei como ele faz. Não me conta o segredo.

— Faço do jeito certo — explicou Meyers, cordialmente. — Apareça.

Tive a impressão de que não estava olhando para mim ou me confundia com outra pessoa.

— Certamente! — prometi.

— Vou vê-lo lá no hospital — disse a senhora Meyers. — Tenho sempre alguma coisa para os meus filhos. Todos lá são meus filhos, e você é um dos mais queridos.

— Ficaremos encantados com a visita.

— Os meus queridos rapazes! Você também. Você também é um deles.

— Estou indo para lá.

— Pois dê minhas lembranças a todos. Vou levar uma porção de presentes. Um ótimo Marsala e bolos.

— Até lá — disse eu. E repeti: — Eles ficarão encantados de vê-la.

— Adeus — despediu-se Meyers. — Apareça na Galeria. Sabe qual é a minha mesa. Vamos lá todas as tardes.

Caminhei rua acima. Entrei no Cova procurando alguma coisa para levar para Catherine. Decidi-me por uma caixa de chocolates e, enquanto a embrulhavam, cheguei ao bar. Vi por lá alguns ingleses e dois aviadores. Tomei um martíni sozinho, peguei meu pacote de chocolates e saí. Num pequeno bar logo adiante, na rua do Scala, vi mais gente conhecida, um vice-cônsul, dois moços que estudavam canto e Ettore Morretti, um italiano de San Francisco alistado no exército italiano. Bebemos juntos. Um dos cantores era Ralph Simmons, que cantava com o nome de Enrico Del Credo. Não posso dizer se cantava bem, mas Del Credo andava sempre a pique de grandes acontecimentos. Rapaz gordo, com o rostinho de quem está com alergia. Acabava de vir de

Piacenza, onde cantara a Tosca com grande sucesso.

— Que pena nunca ter-me ouvido cantar!

— Quando estreia aqui?

— Estarei no Scala no próximo outono.

— Aposto como vão jogar as cadeiras em cima de você — disse Ettore. — Soube que em Modena a plateia jogou as cadeiras nele?

— Isso é uma infâmia.

— Eu estava lá — insistiu Ettore. — Só eu joguei seis.

— Você não passa de um sórdido carcamano de San Francisco.

— A pronúncia dele do italiano é pavorosa. Em todo lugar onde canta, jogam-lhe cadeiras em cima.

— Piacenza é a mais exigente plateia de todo o norte da Itália — disse o outro tenor. — Pode acreditar.

Esse tenor chamava-se Edgar Saunders ou, no palco, Edouard Giovanni.

— Queria ter estado lá para vê-los jogando cadeiras — teimou Ettore. — Você não consegue cantar em italiano.

— Este sujeito é um idiota — disse Saunders. — Tudo o que sabe é repetir essa história de cadeiras.

— Porque é tudo quanto fazem quando vocês dois cantam — insistiu Ettore. — Depois, quando voltam para a América, falam nos triunfos obtidos no Scala. A verdade é que o Scala não os deixaria passar da primeira nota.

— Pois vou cantar no Scala — afirmou Simmons. — Vou cantar a Tosca em outubro.

— Precisamos estar lá, Mac — disse Ettore ao vice-cônsul. — Para protegê-lo.

— Talvez o exército americano assuma essa missão — tornou o vice-cônsul. — Vai outro trago, Simmons? E você, Saunders?

— Claro.

— Ouvi dizer que você vai ganhar a medalha de prata — disse Ettore para mim. — Por quê?

— Não sei, mas consta que vou ganhar a tal medalha.

— Ótimo. As pequenas do Cova vão ficar assanhadas. Todas vão pensar que você matou duzentos austríacos ou tomou uma trincheira sozinho. Também vou trabalhar para ganhar mais condecorações.

— Quantas tem, Ettore? — perguntou o vice-cônsul.

— Todas — volveu Simmons. — A guerra existe para que ele ganhe medalhas.

— Tenho duas de bronze e três de prata — disse Ettore. — Mas apenas os papéis de uma estão prontos.

— E por que esse encalhe dos papéis das outras? — quis saber Saunders.

— A ação militar não foi bem-sucedida. Quando a ação falha, eles retêm as medalhas.

— Quantas vezes foi ferido, Ettore?

— Três, gravemente. Tenho três fitinhas por ferimentos. Olhe aqui — e mostrou a manga. Estavam lá três listinhas de prata em campo negro, costuradas na fazenda da manga, vinte centímetros abaixo do ombro.

— Você também tem uma — disse Ettore dirigindo-se a mim. — Isso é ótimo, e até prefiro as fitas às medalhas. Creia, rapaz, quem consegue três destas é porque fez coisas. Você ganhou apenas uma e isso já lhe rendeu três meses de hospital.

— Onde foi ferido, Ettore? — perguntou o vice-cônsul

Ettore arregaçou a manga.

— Aqui — e mostrou uma profunda cicatriz vermelha. — E outra aqui na perna. Não posso mostrar agora porque estou de perneiras. Tenho uma também no pé, que é um osso morto que até hoje ainda fede. Toda manhã tiro mais pedacinhos e o fedor continua.

— Como foi que se feriu? — quis saber Simmons.

— Granada de mão. Rebentou em cima do meu pé. Conhece essas granadas de nome *batateiras*?

— Claro que sim.

— Cheguei a ver o filho da puta jogá-la — contou Ettore. — Fiquei estatelado no chão, e pensei que tinha morrido, mas aqueles malditos projéteis só conseguem esmagar batatas. Matei o filho da puta com um tiro do meu rifle. Ando sempre com um rifle, e assim não ficam sabendo que sou um oficial.

— Que jeito tinha ele? — perguntou Simmons.

— Era a única granada que tinha e não sei por que a lançou. Acho que queria experimentar como era a coisa. Parecia desses que nunca estiveram numa batalha de verdade. Mas matei o filho da puta direitinho.

— E a cara dele, quando recebeu o tiro? — quis saber Simmons.

— Sei lá! Acertei na barriga, com medo de errar se atirasse na cabeça.

— Há quanto tempo é oficial, Ettore? — perguntei.

— Dois anos. Vou ser promovido a capitão. E você? Há quanto tempo é tenente?

— Três anos, quase.

— Você não pode ser capitão porque não conhece bem o italiano — disse Ettore. — Falar, fala, mas não sabe ler nem escrever. É preciso ter um certo preparo para chegar a capitão. Por que não se alista no exército americano?

— Talvez faça isso.

— Ah, se eu pudesse! Quanto ganha um capitão na América, Mac?

— Uns 250 dólares, acho eu.

— Cristo, o que eu não faria com esse montão de dólares! Vá logo para o exército americano, Fred, e veja se me põe lá também.

— Vamos ver.

— Posso comandar uma companhia em italiano e faria o mesmo em inglês. Aprendo sempre depressa.

— Você vai chegar a general — disse Simmons.

— Não. Não tenho instrução suficiente para isso. Um general tem de saber um inferno de coisas. Vocês acham que o sujeito não precisa saber nada para fazer a guerra? Vocês não chegariam a ser cabos de segunda classe.

— Graças a Deus não estou no exército — volveu Simmons.

— Mas pode acabar lá, quando começarem a caçar por aí os sujeitos que escapuliram do alistamento. Ah, queria ter vocês dois no meu pelotão, e o Mac também. Eu o poria de meu ordenança, Mac.

— Gosto demais de você, Ettore, mas receio que tenha se tornado um militarista.

— Vou chegar a coronel antes do fim da guerra.

— Se os austríacos não o matarem antes.

— Não vão me matar — bravateou Ettore. E apontou para as estrelas da gola: — Chega aos astros quem não teme a morte.

— Vamos — propôs Saunders, levantando-se.

— Adeus — despedi-me. — Também tenho de ir. Até mais ver, Ettore.

O relógio do bar marcava quinze para as seis.

— Até logo, Fred — respondeu Ettore. — Gostei de saber que vai ganhar a medalha.

— Dizem que vou ganhá-la, mas não sei de nada ao certo.

— Vai ganhar, sim, e merece.

— Adeus, Ettore. Cuidado com a vida.

— Não se incomode comigo. Não bebo e não farreio. Não sou bordelengo. Sei distinguir o que é bom para mim.

— Adeus. Fico satisfeito de saber que vai ser promovido a capitão.

— Não esperarei muito. Vou ser capitão por merecimento, você sabe. Três

estrelas com as espadas cruzadas e a coroa em cima. Eu!

— Boa sorte.

— Boa sorte para você também. Quando volta para o *front*?

— Muito em breve.

— Então nos veremos por lá. Cuidado com as moedas falsas.

Segui por uma ruela que me cortava caminho para o hospital. Ettore tinha 23 anos e fora criado por um tio de São Francisco. Estava de visita aos pais em Turim quando a guerra estourou. Tinha na América uma irmã em casa do tio, a graduar-se naquele ano como professora. Era um legítimo he-rói que entediava a todos com quem conversava. Catherine não o suportava.

— Temos heróis de verdade — dizia ela. — Mas são muito mais discretos.

— A mim, ele não aborrece.

— Também não aborreceria a mim, se não fosse tão convencido, e chato, chato, chato… Ele é um chato!

— Bem, nisso você tem razão.

— É bondade sua admitir, querido. Mas não precisa fazer isso. Você o vê no *front* e sabe o quanto ele é útil por lá. Mas não é o tipo de homem que me seduz.

— Entendo.

— Mais uma vez, é muita gentileza sua. Juro que procuro gostar dele, mas ele é horrível!

— Hoje estava contando que vai ser promovido a capitão.

— Ótimo. Isso o fará feliz.

— E você não ia querer também que eu tivesse uma patente mais alta?

— Não, querido. Contento-me com uma patente que nos permita frequentar bons restaurantes.

— É essa que eu tenho.

— Você tem uma patente ótima. Não quero mais do que isso! Poderia virar a sua cabeça. Ah, querido, fico tão feliz que você não seja um convencido! Eu me casaria com você mesmo que fosse um vaidoso, mas nada melhor do que um marido modesto.

Estávamos conversando na sacada. A lua devia estar no céu, mas a névoa a ocultava e, como começasse a esfriar, nos recolhemos. Logo depois, veio a chuva; ouvíamos o seu tamborilar no teto. Levantei-me para ver se estava caindo dentro do quarto. Mas não estava e, assim, deixei a porta aberta.

— Quem mais viu hoje? — quis saber Catherine.

— O casal Meyers.

— Gente curiosa, essa.

— Dizem que ele esteve na penitenciária, em sua terra. Soltaram-no para morrer.

— E há tanto tempo que vive feliz aqui em Milão.

— Feliz por quê?

— Deve ser felicidade por viver livre, depois de tanto tempo preso.

— A senhora Meyers prometeu aparecer por aqui com presentes.

— Costuma fazer isso e traz coisas ótimas. Você é o filho querido dela?

— Sou um deles.

— Ela gosta muito dos seus “queridos filhos”. Escute a chuva.

— Está forte.

— Mas continua me amando?

— Continuo.

— A chuva não atrapalha, não é?

— Claro que não.

— Ótimo, porque tenho muito medo da chuva.

— Por quê? — perguntei, bocejando e ouvindo o rumor crescente da chuva.

— Não sei, querido. Sempre tive medo da chuva.

— Pois eu gosto.

— De andar na chuva, eu gosto… Mas é ruim para fazer amor.

— Meu amor por você é o mesmo, em qualquer situação.

— Assim como o meu. Amo-o na chuva, na neve, no granizo... Mas o que é que você tem?

— Não sei. Talvez sono.

— Então durma, meu querido. Eu vou amá-lo, mesmo assim.

— Querida, é verdade que tem medo de chuva?

— Só quando estou longe do meu amor.

— E por quê?

— Não sei.

— Diga.

— Não me force.

— Diga.

— Está bem. Tenho medo porque às vezes me vejo morta na chuva.

— Não!

— E às vezes também vejo você morto na chuva.

— Isso é mais provável.

— Não é não, meu adorado, porque eu o defenderei dela. Tenho certeza. Mas ninguém pode proteger a si mesmo.

— Pare com isso, querida. Não quero vê-la como uma escocesa louca esta noite. Não temos muito tempo para ficarmos juntos.

— Não. Mas eu sou escocesa e louca. Não direi mais nada.

— Tudo tolices.

— Tolices, sim. Somente tolices. Não estou com medo da chuva. Oh, meu Deus. Eu queria tanto não ter medo disso.

Catherine estava chorando. Procurei sossegá-la. A chuva lá fora recrudescia.

20

NUMA DAQUELAS TARDES, fomos às corridas com Ferguson e Crowell Rodgers, o rapaz ferido nos olhos pela explosão da granada austríaca. As moças vestiram-se para sair logo depois do almoço, enquanto eu e Crowell, em seu quarto, líamos, num jornal de turfe, sobre as vitórias alcançadas pelos cavalos inscritos e as predições do dia. Crowell não era muito apaixonado pelo turfe, mas lia sempre aquele jornal e mantinha-se bem-informado, por passatempo. Disse que aqueles cavalos não valiam nada, mas eram os que tínhamos. O velho Meyers gostava dele e dava-lhe indicações. Meyers ganhava em todos os páreos, mas não era amigo a ponto de fornecer palpites a todo mundo, porque, quanto mais gente jogasse em seus cavalos, menor o prêmio da pule. As corridas eram estupidamente viciadas. Homens expulsos do turfe de todas as partes da Itália juntavam-se ali. As informações de Meyers eram sempre boas, mas eu não gostava de pedi-las, porque às vezes se negava a dá-las e, quando as dava, era relutantemente, como quem não quer falar, mas por qualquer razão se sente obrigado a isso. Já para Crowell tinha a maior boa vontade. Meyers sofria da vista e talvez isso o fizesse simpatizar com aquele rapaz tão gravemente ferido nos olhos. Nem à sua própria esposa ele dava palpites. A senhora Meyers jogava como todo mundo, ora ganhando, ora perdendo — mais perdendo do que ganhando. E reclamava disso o tempo todo.

Saímos e tomamos o rumo de San Siro num carro aberto. O dia estava lindo. Atravessamos o parque, seguimos ao longo da via férrea e entramos na poeirenta estrada suburbana. Íamos contemplando aquelas vilas com grades de ferro e jardins, sulcos d’água nas hortas e folhas revestidas de pó, na vegetação marginal. Ao longo da planície, havia casas de fazendas e terras muito férteis, verdes e bem irrigadas, tendo ao fundo as montanhas do norte. Numerosas carruagens seguiam para o hipódromo. No portão de estrada, não nos exigiram ingresso, porque estávamos de uniforme. Entramos, descemos do veículo, compramos os programas e nos dirigimos ao encilhamento. Eram arquibancadas velhas e de madeira. Os guichês de apostas ficavam por baixo e prolongavam-se, além da construção, até os estábulos. Havia uma multidão de soldados junto à cerca da pista. O *paddock* estava cheio de pessoas interessadas em assistir ao desfile dos cavalos. Encontramos conhecidos e arranjamos cadeiras para Catherine e Ferguson, para que examinassem os cavalos mais confortavelmente.

Os cavalos eram conduzidos pela pequena pista circular, um por um, pela mão dos tratadores, que mantinham os animais de cabeça baixa.

Crowell garantiu que um dos cavalos, de pelo negro levemente tocado de púrpura, havia recebido algum tipo de tingimento. Nós o observamos com mais cuidado e nos pareceu bastante provável que Crowell estivesse certo. Ele só aparecera no último momento, e logo depois soou a sineta de aviso para o encilhamento. Corremos os olhos pelo programa, procurando pelo número no braço do tratador. O nome do animal era Japalac. E o páreo era para cavalos que jamais houvessem ganho prêmios acima de mil liras. Catherine estava certa de que a cor do pelo de Japalac fora mudada; Ferguson duvidava, e eu tinha minhas suspeitas. Todos concordamos em jogar nele e reunimos um bolo de cem liras. Os folhetos que circulavam com indicações de apostas davam 35 por um em Japalac. Crowell foi comprar as pules, enquanto assistíamos aos jóqueis darem mais uma volta e então irem para debaixo das árvores, onde começava a pista, disparando dali em curto galope até o ponto de largada.

Subimos depois às arquibancadas de onde veríamos as corridas. No hipódromo de San Siro não havia o sistema de barreira elástica de partida, e o *starter* alinhou como pôde os cavalos, dando o sinal de largada com um estalo de chicote. Partiram. E o nosso cavalo negro-púrpura tomou logo a dianteira. Na primeira curva, já avançava. Acompanhei-os pelo binóculo e vi o jóquei esforçar-se por retê-lo, em vão; quando fizeram a última curva, entrando na reta de chegada, Japalac já estava quinze corpos à frente dos outros. Ele se manteve na ponta e assim atravessou a faixa de chegada.

— Que maravilha! — exclamou Catherine. Embolsamos mais de três mil liras. O cavalo é esplêndido.

— Só espero que o tingimento não escorra antes que nos paguem — observou Crowell.

— Será que o senhor Meyers jogou nele? — perguntou-se Catherine.

— Apostou no vencedor, senhor Meyers? — perguntei ao velho, e ele fez com a cabeça que sim.

— Pois eu não — resmungou sua esposa. — E vocês, meninos, em qual cavalo jogaram?

— Japalac.

— É mesmo? Ora, deve ter dado 35 por um!

— Gostamos da cor dele.

— Eu não. Achei uma cor meio morta. Além disso, me aconselharam a não apostar nele.

— Não vai dar muito — advertiu Meyers.

— Como não? — estranhei. — Deve dar 35 por um, pelo número de pules que tinha, quase fechando o jogo.

— Mas no último momento carregaram nele — retrucou Meyers.

— Quem?

— Kempton e os rapazes. Você vai ver. Não pagará mais do que dois por um.

— Quer dizer que não teremos as nossas três mil liras — suspirou Catherine. — Esse negócio de corridas é cheio de roubalheiras.

— Vamos ganhar apenas duzentas liras.

— Isso é nada, não melhora a nossa vida. Eu já estava de boca aberta para as três mil.

— Chega a ser repugnante — enfatizou a senhorita Ferguson com cara de nojo.

— Mas, se não fosse a patifaria, não teríamos apostado nele.

— Vamos descer para um drinque e veremos o que nos pagam — propôs Crowell.

Desci com ele e, diante do quadro-negro, vimos que Japalac dera apenas 18 liras e meia para cada pule de 10 liras. Não ganhamos nem o dobro do dinheiro empatado.

Fomos para o bar, sob as arquibancadas, e pedimos um uísque com soda. Encontramos um casal de italianos que conhecíamos e Mac Adams, o vice-cônsul. Com eles, subimos ao encontro das enfermeiras. Os italianos ficaram a desfazer-se em amabilidades, enquanto descíamos com McAdams para fazer nova aposta. O senhor Meyers estava de pé junto a um guichê.

— Pergunte-lhe em que cavalo apostou — cochichei para Crowell.

— Em qual apostou, senhor Meyers? — perguntou Crowell. Meyers puxou o seu programa e apontou com o lápis o número cinco.

— Não se incomoda que eu também aposte nesse cavalo? — pediu Crowell.

— Vá em frente, mas não conte à minha mulher que eu lhe dei esse palpite.

— Aceita um drinque, senhor Meyers? — perguntei.

— Obrigado. Não bebo.

Jogamos cem liras no número cinco, para o primeiro lugar, e mais cem no placê, e pedimos outro uísque. Eu estava me sentindo muito bem. Avistamos mais dois italianos conhecidos e com eles tomamos novo drinque. Depois, subimos. Os últimos italianos mostraram-se tão expansivos quanto os anteriores. Entreguei as pules a Catherine.

— Em que animal jogaram?

— Não sei. Foi palpite do senhor Meyers.

— Mas não teve a curiosidade de saber o nome do cavalo?

— Não. Mas você pode descobrir isso no programa. Acho que foi no número cinco.

— Sua fé é comovente — murmurou Catherine.

O número cinco venceu, mas deu um rateio mínimo. O senhor Meyers encolerizou-se.

— Seria necessário jogar 200 liras para ganhar vinte. Doze liras por uma pule de dez! Isso não vale nada. Minha mulher perdeu de novo.

— Vou descer com você — disse Catherine, e descemos, deixando a senhorita Ferguson com os italianos. Fomos para o encilhamento.

— Gosta desse pessoal? — perguntou Catherine.

— Pelo menos não desgosto deles.

— Podem ser boas pessoas, mas, meu querido, não suporto ficar no meio de tanta gente.

— Não é tanta gente assim.

— Esses Meyers e aquele homem do nosso banco, mais a mulher e as filhas...

— Aquele homem é quem facilita meus saques no banco.

— Se não fizesse isso, outro qualquer o faria. Esses últimos rapazes que você trouxe, que horríveis!

— Quer então ficar aqui embaixo e ver as corridas da cerca?

— Será bem mais agradável. E, querido, vamos jogar num cavalo sobre o qual não tenhamos ouvido nada… e no qual o senhor Meyers não jogue.

Apostamos num cavalo de nome *Light For Me*, que chegou em quarto lugar num páreo de cinco. Ficamos debruçados na cerca, assistindo aos animais desfilando, com as montanhas ao longe e Milão para além das árvores e dos campos.

— Me sinto bem mais honesta assim — comentou Catherine. Os cavalos estavam retornando através do portão, todos muito suados e ofegantes, e com os jóqueis tentando tranquilizá-los, já preparando-se para desmontar, debaixo das árvores.

— Quer um drinque? Poderemos tomá-lo aqui mesmo.

— É uma boa ideia.

— Vou buscá-lo.

— Não. O garçom pode trazer — disse Catherine e acenou para o garçom do bar da Pagoda, ao lado dos estábulos. Sentamo-nos a uma mesinha redonda.

— Não acha melhor assim, só nós dois?

— Acho.

— Eu estava me sentindo muito só no meio de toda aquela gente.

— Aqui está ótimo.

— Sim. É uma corrida bem bonita.

— É verdade.

— Mas não quero estragar o seu divertimento, querido. Faça o que quiser, que eu o acompanharei.

— Não. Estamos bem aqui. Vamos ficar e beber nosso drinque. Depois, iremos até perto do repuxo para assistir à corrida de obstáculos.

— Como você é bom para mim, querido! — murmurou Catherine.

Depois de sozinhos por algum tempo, foi até gostoso rever os demais. No final, foi um dia muito bom.

21

EM SETEMBRO, chegaram as primeiras noites geladas, e depois os dias frios; as folhas do parque começaram a amarelecer e nos demos conta de que o verão acabara. A luta no *front* não ia bem; não conseguimos tomar o San Gabriele. No Bainsizza, a luta cessara, e lá pelos meados do mês terminou também no San Gabriele. Os italianos desistiram de tomar a posição. Ettore tinha voltado para o *front*. Os cavalos haviam ido para Roma e não tivemos mais corridas. Crowell também fora a Roma, para de lá seguir para a América. Na cidade, por duas vezes, houve protestos violentos contra a guerra e, em Turim, chegaram à beira de uma revolta popular. Um major inglês me disse no clube que os italianos haviam perdido 150 mil homens no platô de Bainsizza e em San Gabriele, e que perderam mais 40 mil no Carso. Estávamos conversando e bebendo um drinque. Ele me contou que não haveria mais luta até o fim do ano e que os italianos haviam sofrido uma derrota maior do que poderiam digerir. Disse ainda que a ofensiva de Flandres ia mal. Se continuassem matando homens naquele ritmo, os aliados estariam exterminados em um ano. Disse que estávamos fritos, mas que tudo continuaria bem enquanto o povo ignorasse isso. Estávamos todos fritos. O problema era não assumir isso diante do povo. O último país a saber que estava frito venceria a guerra. Mandamos vir outro drinque. Eu estava incorporado à equipe de algum figurão? Não. Ele estava. Quanta tolice via acontecer. Só estávamos nós no clube, recostados num amplo sofá de couro. O major tinha as botas, de couro macio, bem-engraxadas. Lindas botas. Disse-me que tudo era uma grande tolice. Os aliados só pensavam em divisões e mais divisões. Viviam disputando a propósito de divisões, e quando as obtinham deixavam que as destruíssem. Estavam todos fritos. Os alemães ganhavam todas. Mas estavam fritos também. E eles eram bons soldados. O velho huno era um soldado. Mesmo assim estavam fritos. Perguntei-lhe sobre a Rússia. Respondeu que também estava frita. Íamos ver isso em breve. E os austríacos estavam fritos, a não ser que conseguissem algumas divisões de hunos. Será que achava que eles fariam uma investida neste outono? Sem dúvida. A Itália também está frita. Toda gente sabe que os italianos estão fritos. O velho huno descerá o Trentino e cortará o acesso ferroviário para Vicenza, e, então, o que os italianos poderão fazer? Eles haviam tentado algo assim em 1916. Não contra os alemães. Sim, mas provavelmente não vão repetir a mesma tática, ele disse. É um plano previsível

demais. Vão procurar fazer uma coisa mais complicada para se fritarem em grande estilo. Tenho de ir, disse eu, preciso voltar para o hospital.

— Adeus — despediu-se o major. E, mais animado, enfatizou: — Toda a felicidade do mundo.

Havia um grande contraste entre o seu absoluto pessimismo e a sua alegria pessoal.

Parei num barbeiro para fazer a barba, depois fui direto para o hospital. Minha perna estava melhor do que nunca. Fora examinada três dias antes. Tinha de esperar pelo fim do tratamento mecânico no Ospedale Maggiore e, na rua, andava praticamente sem mancar. Encontrei um velho recortando silhuetas de papel negro sob uma arcada. Parei para vê-lo trabalhar. Duas moças estavam posando de perfil, e ele recortava as duas silhuetas juntas, com rápidas olhadelas para os modelos. As raparigas abafavam o riso. O velho mostrou-me o recorte antes de colocá-lo num cartão.

— São bonitas — disse ele. — Quer a sua, tenente?

E lá se foram as moças examinando as silhuetas e continuando a rir. Eram, de fato, bonitas. Uma delas trabalhava na loja de bebidas em frente ao hospital.

— Pode fazer — disse eu.

— Tire o quepe.

— Não. Quero com ele.

— Não ficará bonita assim de quepe — disse o velho. Em seguida, seu rosto reluziu. — Mas ficará mais militar.

Depois de terminado o trabalho, ele colou a silhueta numa cartolina preta e lhe perguntei quanto era.

— Nada. Foi um prazer.

— Faça o favor de aceitar — disse, dando-lhe algumas moedas.

— Não, não — insistiu o velho. — Fiz isso como presente e por prazer, nada mais. Gaste o dinheiro com sua namorada.

— Muito obrigado, e até a vista.

— Até...

Fui para o hospital. Encontrei várias cartas, uma delas oficial. Davam-me mais três semanas de convalescença e, depois, *front*. Li-a com a maior atenção. Bem, era aquilo mesmo. A licença para convalescença começava a 4 de outubro e terminava no dia 25. Três semanas eram 21 dias. Peguei as demais cartas e fui lê-las, junto com o *Corriere Della Sera*, num restaurante próximo. Eram de meu avô, com as notícias de casa traziam patrióticos encorajamentos e uma ordem de pagamento no valor de 200 dólares. Havia também recortes de jornais, e uma

carta do padre do nosso rancho. Outra era de um homem que estava voando com os franceses e contava histórias do seu pelotão. E a última de Rinaldi, perguntando quanto tempo eu ainda ficaria em Milão e quais eram as novidades. Queria que eu lhe levasse alguns discos. Tomei uma pequena garrafa de Chianti, durante a refeição, e depois café e conhaque. Terminei a leitura do *Corriere,* meti as cartas no bolso e deixei a gorjeta em cima do jornal. Em meu quarto, fechei as janelas, despi-me, pus o pijama e depois fui ler a pilha de jornais de Boston que a senhora Meyers nos trouxera. Os White Sox de Chicago estavam na frente, na Liga Americana de Beisebol, e os Giants de Nova York estavam vencendo o Campeonato Americano. Babe Ruth, então, era um *apanhador* em Boston. Jornais enfadonhos, com notícias locais já velhas e nenhuma novidade sobre a guerra. As novidades americanas eram só dos campos de treinamento. Senti-me satisfeito de não estar num deles. As notícias do beisebol eram o melhor, mas eu não me interessava pelo assunto. Tantos jornais juntos faziam a gente perder qualquer interesse na leitura. Mesmo assim, passei algum tempo lendo. Fiquei a imaginar se, caso a América entrasse de vez na luta, as ligas esportivas seriam fechadas. Provavelmente, não. Ainda havia corridas em Milão e a guerra não poderia caminhar pior. Na França, já tinham suspendido o turfe — e fora de lá que viera o Japalac. Catherine não entrava em serviço antes das nove da noite. A essa hora, ouvi-lhe os passos no corredor. Já visitara os outros quartos e vinha para o meu.

— Estou atrasada, querido — disse ela. — Encontrei muito serviço. Como está?

Contei da carta recebida e da licença.

— Que ótimo! E para onde pretende ir?

— Nenhum lugar. Quero ficar aqui.

— Isso é estúpido. Você escolhe um lugar e vamos juntos.

— Como vai conseguir isso?

— Não sei, mas darei um jeito.

— Você é admirável, Cat.

— Não sou, mas é fácil arrumar a vida quando a gente não tem nada a perder.

— Como assim?

— Nada. Estava pensando nos pequenos obstáculos, que às vezes nos parecem tão grandes.

— Pensei que você teria dificuldades em arranjar uma transferência.

— Não vou ter. E, sendo preciso, largo o serviço, pura e simplesmente. Mas

não será necessário chegar a tanto.

— E para onde iremos?

— Para mim, tanto faz. Para onde você quiser, ou para algum lugar onde não haja conhecidos.

— Não faz questão mesmo de lugar nenhum?

— Claro que não. Pode ser qualquer lugar.

Ela parecia preocupada.

— Qual é o problema, Catherine?

— Nada. Nada de importância.

— Sei que há alguma coisa. Diga-me tudo, querida.

— Não há nada.

— Fale.

— Não quero. Pode entristecer ou aborrecer você.

— Não. Prometo que não.

— Promete mesmo? A mim não é coisa que aborreça, mas temo que seja para você.

— Mas eu não me aborrecerei, se isso não aborrecer você.

— Não quero dizer.

— Diga, diga, por favor.

— Bom. Já que insiste... Estou grávida, querido, já de três meses. Aborreceu-se? Oh, por favor, não. Lembre-se da promessa.

— Está bem.

— Está bem mesmo?

— Claro.

— Eu fiz tudo para evitar, mas não foi possível.

— Não estou aborrecido, pode acreditar.

— Então, está tudo bem. É como deve comportar-se. Todo mundo tem filhos. É uma coisa natural.

— Você é maravilhosa, Catherine.

— Não sou, mas não podemos nos afligir com isso. Vou procurar agir de modo que não atrapalhe você. Sei que criei um problema, mas até agora eu tinha me comportado muito bem, não é mesmo? Você nem sequer desconfiou, não foi?

— Nunca.

— Vou ser sempre assim. Não quero que jamais se aborreça por minha causa. Não aguentaria vê-lo aborrecido. Que tal um drinque, meu querido? Sei que um drinque sempre o torna mais alegre.

— Não. Já estou alegre. E você é uma mulher admirável.

— Não, não sou. Mas arrumarei tudo para seguirmos juntos, quando você se decidir por algum lugar. Outubro vai ser um mês lindo. E depois, quando voltar para o *front*, escreverei todos os dias.

— Onde estará você então?

— Não sei. Mas em algum lugar esplêndido. Não se preocupe, que cuidarei de tudo.

Calamo-nos por alguns momentos. Catherine estava sentada na cama, e eu com os olhos nela, mas não nos tocávamos. Tal qual quando havia gente por perto. Ela pôs a mão sobre a minha.

— Não está aborrecido, meu amor?

— Não.

— Não se sente como se tivesse caído numa armadilha, não é?

— Um pouco, mas não que tenha sido preparada por você.

— Não falo de mim, falo em sentido geral.

— Eu sempre me senti como numa armadilha biológica.

Catherine permaneceu muito tempo segurando minha mão, sem dizer nada. E depois:

— *Sempre* não é uma bela palavra.

— Me perdoe.

— Não. Está certo. Mas, sabe? Eu nunca tive um filho e na verdade nunca amei ninguém. Eu tentei ser do jeito como você queria que eu fosse e, então, você fala em *sempre*.

— Vou cortar minha língua, querida.

— Olhe, querido — disse ela voltando ao tom usual —, não faça caso do que eu disse. Estamos juntos e basta. Serei sempre a mesma e não devemos nunca permitir mal-entendidos entre nós.

— Será assim.

— Mas é o que acontece com os outros. Eles se amam, mas se desentendem e acabam brigando. De repente, veem que já não são os mesmos.

— Nós nunca brigaremos.

— É preciso que seja assim. Porque somos só nós dois no mundo, e eles são o resto. E, se qualquer coisa surgir entre nós, desapareceremos e nos fundiremos ao resto.

— O resto não vai nos devorar — garanti. — Você é muito corajosa e nada acontece aos corajosos.

— Ah, os corajosos também morrem.

— Mas só uma vez.

— Não sei. Quem disse isso?

— Que os covardes morrem mil mortes e o corajoso uma só?

— Sim, quem disse isso?

— Não sei.

— Provavelmente um covarde — volveu Catherine. — Um covarde que conhecia muito bem os covardes e nada dos bravos. O bravo talvez morra duas mil vezes, se for inteligente. Acontece apenas que ele não fica alardeando suas mortes.

— Não sei. Acho difícil ler dentro da cabeça de um bravo.

— Claro, é desse modo que eles se protegem.

— Você é uma autoridade no assunto.

— Tem razão, querido. Isso, eu fiz por merecer.

— É corajosa!

— Não, não sou. Mas gostaria de ser.

— Eu também não sou. Conheço o meu lugar. Levei tempo para enxergar isso. Sou aquele jogador que rebate duzentos e trinta bolas e sabe que não pode melhorar.

— Que história é essa de jogador que rebate duzentos e trinta bolas? Está me impressionando.

— Significa, no beisebol, um rebatedor medíocre.

— Mas ainda é um rebatedor. Medíocre ou não.

— Estou achando que somos dois vaidosos — retruquei. — Mas você é valente.

— Não. Apenas desejo ser.

— Somos bravos, os dois, sim — reafirmou. — Sinto-me muito valente quando bebo um drinque.

— Somos esplêndidas criaturas — tornou Catherine, e foi ao armário buscar o conhaque e o copo.

— Tome um drinque, meu querido. Você o merece totalmente.

— Não estou com vontade.

— Tome.

— Está bem.

Enchi um terço do copo e bebi.

— É muito — protestou Catherine. — Sei que o conhaque é a bebida dos heróis, mas a dose me parece exagerada.

— Onde iremos viver depois da guerra?

— Num asilo de idosos, talvez — respondeu Catherine. — Há três anos que

sonho infantilmente que a guerra terminará no Natal. Mas agora só espero vê-la terminada quando nosso filho for também um tenente.

— Ou general.

— Se for uma nova Guerra dos Cem Anos, ele poderá ser as duas coisas.

— Não toma um drinque?

— Não. O drinque deixa-o alegre, mas a mim só me faz ficar tonta.

— Nunca tomou conhaque?

— Nunca, meu querido. Eu sou uma esposa à moda antiga.

Peguei a garrafa do chão e despejei outra dose.

— Vou dar uma nova olhada nos pacientes — disse Catherine. — Por que não fica lendo os jornais até eu voltar?

— Tem mesmo de ir vê-los?

— Agora ou daqui a pouco.

— Vá agora.

— Voltarei mais tarde.

— E eu acabarei de ler os jornais.

22

COMEÇOU A ESFRIAR naquele dia e no seguinte sobreveio a chuva. A tromba-d'água apanhou-me na volta do Ospedale Maggiore e eu estava ensopado quando entrei no hospital. Subi para o meu quarto com a chuva caindo pesada no terraço lá fora, e o vento fustigando as vidraças. Mudei de roupa e tomei uma dose de conhaque, que não me caiu muito bem. Fiquei nauseado durante a noite e, pelo café da manhã, vomitei.

— Não há dúvida — disse o médico do hospital. — Basta olhar o branco dos seus olhos.

A senhorita Gage examinou meus olhos e depois me apresentou um espelho. A esclerótica estava amarela. Icterícia. Fiquei doente por duas semanas e não pude aproveitar a licença com Catherine. Tínhamos combinado passar as três semanas em Pallanza, no lago Maggiore, porque é lindo o outono lá. Pode-se dar belos passeios e pescar trutas no lago. Melhor que Stresa, porque há menos gente. Stresa fica muito perto de Milão, e nada mais frequente do que encontrar conhecidos na região. Pallanza é um lugar encantador, e lá podemos remar até a ilha dos pescadores, onde há bons restaurantes. Mas não fomos para lugar algum.

Num desses dias de icterícia, eu estava na cama quando a senhorita Van Campen entrou, abriu o armário e viu as garrafas vazias. Como eu tinha mandado descer uma porção delas pelo porteiro, julguei que ela houvesse visto e tivesse vindo verificar se havia mais. Eram garrafas de vermute, de Marsala, de Capri, de conhaque e de Chianti. O porteiro levara as maiores, de vermute e Chianti, e deixara por último as de conhaque. Foram as garrafas de conhaque e uma de Kümmel em forma de urso que a senhorita Campen encontrou. Esta última, sobretudo, a enfureceu. Levantou-a no ar e fiquei rindo ao ver aquele urso de vidro com as patas dianteiras erguidas, rolha na cabeça e cristalização de açúcar dentro.

— Kümmel, senhorita Campen. O melhor Kümmel vem da Rússia, nesses ursos de vidro.

— E estas outras são todas de conhaque? — perguntou ela.

— Não posso vê-las daqui, mas provavelmente são.

— Há quanto tempo isso anda acontecendo por aqui?

— Fui eu mesmo que as comprei e as trouxe para cá — respondi. — Tenho

sempre visitas de oficiais italianos e conservava o conhaque para oferecer a eles.

— E você não bebia?

— Também bebia um pouco.

— Conhaque! — exclamou ela. — Onze garrafas de conhaque e ainda esta do urso!

— Kümmel.

— Vou mandar alguém retirá-las daqui. São as únicas vazias que há em seu quarto?

— No momento, são.

— E eu com dó da sua icterícia! Não vale a pena gastar sentimentos com alguém como você.

— Obrigado.

— Não creio que possa ser censurado por não querer voltar para o *front*. Mas podia experimentar um meio mais inteligente do que contrair icterícia por meio do alcoolismo.

— Por meio do quê?

— ... do alcoolismo, repito. — E, como eu me calasse, continuou: — A não ser que descubra outro meio de ficar por aqui, creio que a despeito dessa icterícia terá de seguir para o *front*. Não acredito que icterícia provocada o habilite a gozar uma licença de convalescente.

— Não acredita?

— Não.

— Nunca teve icterícia, senhorita Campen?

— Não, mas suponho que é melhor do que o *front*.

— Senhorita Van Campen — disse eu —, nunca ouviu falar do homem que procurou inutilizar-se para não ir à guerra dando um pontapé no seu próprio escroto?

A senhorita Campen ignorou a pergunta. Tinha de ignorá-la ou sair do quarto. E não saiu porque me detestava já de muito tempo e queria ajustar contas.

— Sei de muitos homens que escapam da guerra por meio de ferimentos feitos em si próprios.

— Isso não responde à minha pergunta. Também conheci casos semelhantes. Mas o que quero saber é se a senhora sabe do homem que, para inutilizar-se para a guerra, deu um pontapé em seu próprio escroto. Porque essa é a sensação da icterícia, uma sensação que, suponho, poucas mulheres tenham conhecido. Foi por isso, senhorita Campen, que perguntei se a senhora tinha tido icterícia,

porque... — Neste ponto, porém, a senhorita Campen saiu do quarto.

Logo depois a senhorita Gage entrou.

— O que é que houve com a senhorita Campen? Está furiosíssima.

— Estivemos comparando sensações. Eu ia dizer que ela nunca tinha experimentado a dor do parto...

— Você é um louco — alarmou-se a senhorita Gage. — Ela anda querendo sua pele há tempos.

— Sei disso. Vai me fazer perder a licença e procurará me meter em uma corte marcial. É cruel o suficiente para fazer isso.

— Nunca simpatizou com você. Mas o que foi que houve?

— Afirmou que eu havia provocado a icterícia com bebidas para não voltar ao *front*.

— Uau! — exclamou a senhorita Gage. — Pois vou jurar que você nunca pôs álcool na boca. Todo mundo jurará que você nunca bebeu coisa alguma.

— Ela encontrou as garrafas.

— Eu já falei centenas de vezes que mandasse alguém levar as garrafas daqui. Onde estão?

— No armário.

— Tem uma valise aí?

— Não, mas tenho minha sacola.

A senhorita Gage enfiou as garrafas no saco.

— Vou entregá-las ao porteiro — disse ela, e foi saindo. Mas esbarrou com a senhorita Van Campen, que já voltava com o porteiro.

— Eu tomarei conta disso — ordenou, apossando-se do saco. — Quero mostrá-las ao médico, quando fizer o meu relatório.

Disse isso e desceu, com o porteiro carregando o saco. Ele bem sabia o que estava dentro.

Mas nada me aconteceu, além da perda da licença.

23

NA NOITE em que eu ia voltar para o *front*, mandei o porteiro comprar a passagem no trem que vinha de Turim. O trem partiria à meia-noite. Sairia de Turim e chegaria em Milão às dez e meia, permanecendo na estação até a hora da partida. Era preciso estar lá, quando chegasse, para conseguir um assento. O porteiro levou consigo um amigo, um metralhador de licença que trabalhava numa alfaiataria, e estava certo de que ele ou o amigo conseguiriam guardar um lugar para mim. Eu lhes dei minha bagagem e dinheiro para os ingressos na plataforma, para que a levassem imediatamente para lá. Eram duas valises e minha sacola grande.

Despedi-me do hospital lá pelas cinco horas e saí. O porteiro estava com a minha bagagem em seu cubículo; disse-lhe que estaria na estação pouco antes da meia-noite. Sua mulher chamou-me *signorino* e chorou. Enxugou os olhos, apertou minhas mãos e chorou novamente. Dei-lhe uma palmadinha nas costas, e ela chorou pela terceira vez. Essa mulher havia cuidado da minha roupa; já estava de cabelos brancos e tinha jeito de ser uma criatura feliz. Quando chorava, todo o seu rosto sofria um desmoronamento. Desci até a esquina, onde havia uma loja de vinhos, entrei, e de lá fiquei observando a rua, pela vidraça. Estava escuro, lá fora, muito frio e brumoso. Pedi café e *grappa* e fiquei observando as pessoas atravessarem a luminosidade da vitrina. Avistei Catherine e bati no vidro. Ela sorriu ao me ver. Paguei o café e fui ao seu encontro. Estava de capa azul-marinho e chapéu de feltro. Caminhamos juntos pela calçada, passamos pelas lojas de vinho, então atravessamos a praça do mercado e, subindo, através das arcadas, fomos ter à da catedral. Havia trilhos de bonde na rua e para além erguia-se a igreja, branca e úmida do nevoeiro. Cruzamos as linhas de bonde. À nossa esquerda ficavam as lojas com as vitrinas iluminadas e a entrada da Galeria. Havia neblina na praça e, quando paramos na frente da catedral, a enorme fachada de pedra estava molhada.

— Não quer entrar? — perguntei a Catherine.

— Não — ela respondeu, e seguimos em frente.

Vimos um soldado com sua namorada, protegidos pela sombra de um dos arcobotantes de pedra da igreja. Estavam bastante agarrados, recostados na parede, e ele pusera o seu capote em torno dela.

— Aqueles são como nós — disse eu.

— Ninguém é como nós — volveu ela em tom triste.

— Pena não terem um lugar para ir.

— Não adiantaria nada para eles.

— Não sei, não sei. Todos deviam ter um lugar para se abrigar.

— Eles têm a igreja — tornou Catherine.

Chegamos ao final da praça e olhamos para trás. A igreja adquiria um tom muito bonito, em meio à névoa. Paramos diante de uma casa de artigos de couro. Havia na vitrina botas de montar, uma valise e botas de esqui, cada objeto exibido destacadamente, a valise no centro, as botas de montar de um lado e as de esqui do outro. O couro era escuro e parecia tão oleoso como o de uma sela usada.

— Quem sabe não poderemos esquiar um dia desses?

— Daqui a dois meses já se poderá esquiar em Murren — lembrou Catherine.

— Então vamos para lá.

— Mas claro!

Passamos por outras vitrinas e seguimos por uma rua lateral.

— Nunca andei por aqui — disse ela.

— É o atalho por onde sempre volto para o hospital.

Era uma rua muito estreita, formigando de gente, envolta em nevoeiro, e com muitas lojas. Fomos avançando e nos mantendo à direita. Todas as vitrinas estavam iluminadas. Paramos numa, que tinha várias pilhas de queijo. Paramos noutra, de um armeiro.

— Vamos entrar um minuto. Preciso comprar uma arma.

— Que espécie de arma?

— Uma pistola automática.

Entramos, desafivelei o cinturão e depus o coldre vazio sobre o balcão. Fui atendido por duas mulheres, que me trouxeram várias pistolas.

— Precisa caber aqui — disse eu, abrindo o coldre de couro cinzento que comprara de segunda mão para uso na cidade.

— São armas boas? — perguntou Catherine.

— Todas parecidas. Posso experimentar esta? — perguntei à mulher.

— Não temos um lugar para tiro aqui, mas a marca é muito boa. Estará fazendo uma boa compra.

Armei-a para checar as molas. Eram fortes, mas funcionavam maciamente.

— É usada — explicou a mulher. — Pertenceu a um oficial que era excelente atirador.

— A senhora mesma a vendeu para ele?

— Foi, sim.

— E como a pistola voltou?

— Trazida pelo ordenança.

— Talvez seja a minha — murmurei. — Quanto está pedindo?

— Cinquenta liras. Muito barato.

— Está bem. Quero dois clipes extras e uma caixa de balas.

A mulher tirou o que pedi de debaixo do balcão.

— Não precisa de uma espada? — perguntou-me. — Tenho algumas de segunda mão, baratíssimas.

— Estou seguindo para o *front*.

— Oh, então não precisa de espada.

Paguei a compra, enchi o pente e o coloquei no lugar. Depois fixei os cartuchos nos clipes extras, arrumei-os na bolsinha do cinturão, meti a pistola no coldre e afivelei o meu cinto. Senti o peso da arma pendendo da cintura. Ainda assim, achava melhor ter uma arma regulamentar, pois sempre se poderia conseguir munição para ela.

— Agora estou plenamente bélico — murmurei.

Era a única coisa que me restava fazer. Não sei quem me surripiara a pistola quando vim para o hospital.

— Espero que seja uma boa arma — disse Catherine.

— Mais alguma coisa? — quis saber a mulher.

— Creio que não.

— A pistola tem uma passadeira — disse ela.

— Já vi.

A mulher queria vender mais alguma coisa.

— E um apito? Não precisa?

— Creio que não.

Despedimo-nos e saímos. Catherine parou na vitrina. A mulher viu e veio ao nosso encontro.

— Para que são aqueles espelhinhos engastados em madeira?

— Ah, para atrair passarinhos. Os caçadores os espalham pelo campo, daí as cotovias aproximam-se e são alvejadas.

— Um povo engenhoso, o italiano — comentou Catherine. — Na América vocês não matam as cotovias, certo?

— Só acidentalmente.

Cruzamos a rua e seguimos pela calçada oposta.

— Estou-me sentindo melhor agora — disse Catherine. — Quando começamos o passeio, estava muito deprimida.

— Nós sempre nos sentimos bem quando estamos juntos.

— E sempre estaremos juntos.

— Mas vou partir à meia-noite.

— Não pense nisso, querido.

Chegamos ao fim da rua. A neblina tornava as luzes amareladas.

— Não está cansado? — perguntou Catherine.

— E você?

— Estou bem. Gosto de caminhar.

— Mas não vamos exagerar.

— Claro que não.

Entramos numa rua sem iluminação. Parei para beijar Catherine e, enquanto a beijava, senti sua mão em meu ombro. Ela puxou meu capote sobre si, de modo a ficarmos ambos cobertos. Tínhamos parado junto a um muro.

— Vamos para algum lugar — propus.

— Muito boa ideia — concordou Catherine.

Fomos andando até uma rua que margeava um canal. Do outro lado havia um muro de tijolo e casas. À frente, descendo, um bonde atravessava uma ponte.

— Podemos tomar uma carruagem lá junto da ponte — disse eu.

Fomos para lá e ficamos à espera. Diversos bondes passaram, cheios de gente de volta para casa. Surgiu um carro, mas logo vimos que estava ocupado. A névoa estava se transformando em chuva.

— Ou vamos andar ou tomar o bonde — sugeriu Catherine.

— Logo vai aparecer outra carruagem — disse eu. — Elas sempre passam por aqui.

— Lá vem uma.

O cocheiro deteve o cavalo e abaixou a bandeira do medidor de percurso. A capota estava erguida e havia gotas d’água no sobretudo do cocheiro. Seu chapéu envernizado rebrilhava. Sentamo-nos atrás, no escuro.

— Para onde mandou que ele seguisse? — inquiriu Catherine.

— Para a estação. Tem lá um hotel onde poderemos esperar o trem.

— Sem bagagem o hotel não vai nos hospedar.

— Vai ver que sim.

Era longe até a estação, e ainda mais sob a chuva.

— E o jantar? Acho que estou com fome — disse Catherine.

— Podemos jantar em nosso quarto.

— Não tenho o que vestir. Nem mesmo uma camisola.

— Podemos comprar uma — disse eu. E dei ordem ao cocheiro: — Vá pela via Manzoni.

Ele assentiu de cabeça e virou na primeira esquina. Chegando à rua, mais larga do que as demais, Catherine pôs-se a procurar lojas de modas.

— Pode ser naquela loja — disse, pouco depois.

Mandei que o cocheiro parasse e ela saltou, ficando eu à sua espera no fundo do carro. Estava chovendo; eu sentia o cheiro do suor fumegante do cavalo. Catherine reapareceu com um pacote e entrou. Prosseguimos.

— É um pouco extravagante, querido — disse ela —, mas é uma bela camisola.

No hotel, pedi-lhe que esperasse no carro enquanto ia falar com o gerente. Havia abundância de quartos. Reservei um e voltei para pagar o cocheiro e trazer Catherine. Um menino de libré veio carregando o pacote. Vimos muito veludo e muito latão rebrilhante. O gerente subiu conosco no elevador.

— Monsieur e madame desejam a refeição no quarto?

— Sim. Pode nos mandar o cardápio?

— Perfeitamente. Deseja alguma coisa especial? Alguma caça ou um suflê?

O elevador varou três andares e deteve-se.

— Que caça vocês têm? — perguntei.

— Podemos arranjar um faisão ou uma galinhola.

— Galinhola — escolhi.

Saímos para o corredor atapetado. Havia muitas portas. O gerente parou diante de uma e abriu-a com a chave que trazia.

— Aqui estamos. Um lindo quarto.

O menino de libré deixou o pacote na mesinha de centro. O gerente abriu as cortinas.

— Está garoando lá fora — disse ele.

O quarto era forrado de pelúcia vermelha. Muitos espelhos, duas cadeiras e um amplo leito com acolchoado de cetim. Uma porta levava ao banheiro.

— Vou mandar o cardápio — disse o gerente, curvando-se e saindo.

Fui à janela e olhei. Depois, puxei o cordel e cerrei a cortina de pelúcia. Catherine estava sentada na cama, olhando para o lustre de cristal. Havia tirado o chapéu. Seus cabelos brilhavam sob a luz e sua imagem refletia-se em três outros espelhos. Não me pareceu feliz. Deixou sua capa cair sobre a cama.

— Que foi, querida?

— Nunca antes havia me sentido como uma prostituta — disse ela.

Fui para a janela e afastei a cortina para poder olhar para fora. Não havia pensado que seria algo assim.

— Você não é uma prostituta.

— Sei disso, mas não é agradável sentir-me como se fosse uma delas — murmurou, com secura na voz.

— Este é o melhor hotel que poderíamos encontrar — expliquei da janela.

Do outro lado da praça viam-se as luzes da estação. Havia carruagens passando na rua e avistei as árvores do parque. As luzes do hotel refletiam-se no pavimento molhado. Será que iríamos brigar justamente agora?

— Venha — chamou-me Catherine, já com a voz normal. — Venha, por favor. Já sou uma boa garota de novo.

Olhei para a cama. Ela estava sorrindo. Sentei-me a seu lado e beijei-a.

— Esta sim é você de verdade.

Depois de comer, nos sentimos melhor, e logo estávamos muito felizes, naquele pequeno quarto que nos servia de lar. Meu quarto do hospital havia sido nosso canto, até agora, assim como, no momento, este quarto de hotel.

Catherine jogou a túnica do meu uniforme por sobre os ombros, enquanto comíamos. Estávamos com muita fome, a refeição era saborosa, e tomamos uma garrafa de Capri e uma de St. Estephe. Eu tomei a maior parte do vinho, mas Catherine bebeu um pouco também e isso a fez se reanimar esplendidamente. O jantar era salada, galinhola com batatas e purê de castanhas. E *zabaione* de sobremesa.

— Belo quarto — disse Catherine. — Realmente, adorável. — Devíamos ter ficado aqui todas as vezes que viemos a Milão.

— É um quarto engraçado, mas também é confortável.

— O vício é uma coisa admirável, querido! Os que a ele se entregam aqui devem ter muito bom gosto. Esta pelúcia vermelha é realmente linda. Muito adequada ao ambiente. E esses espelhos, que engenhosos!

— Você é admirável, Catherine.

— Não faço ideia do que é acordar num ambiente destes. Deve ser formidável.

Servi-a de outra dose de St. Estephe.

— Gostaria de fazer alguma coisa realmente pecaminosa — disse ela. — Tudo que fizemos até agora me parece tão ingênuo e modesto. Creio que não fizemos ainda nada de errado.

— Que grande garota você é, Catherine!

— Eu apenas tenho fome. Uma fome terrível.

— Você é maravilhosamente simples.

— Sim, uma garota muito simples, querido. E ninguém nunca entendeu isso, a não ser você.

— Quando a encontrei pela primeira vez, passei uma tarde inteira pensando em levá-la ao Hotel Cavour e como seria tudo por lá.

— Muito atrevido da sua parte! Mas aqui não é o Cavour, certo?

— Não. Eles não nos receberiam lá.

— Mas vão receber, algum dia. É nisso que somos diferentes, querido. Eu nunca penso em nada.

— Nada, nada mesmo?

— Um pouquinho só.

— Você é um encanto, Catherine. — E dei-lhe mais vinho.

— Sou uma garota muito simples — repetiu ela.

— Não julguei assim no começo. Achei você uma doida.

— Estive doida, sim, querido, mas uma loucura sem complicações. Não cheguei a confundir você, não é verdade?

— Que grande coisa é o vinho! Faz a gente esquecer a parte má de tudo.

— Admirável, sim. Mas faz muito mal à gota de meu pai.

— Ainda tem pai, Catherine?

— Sim, e sofre de gota. Você não vai precisar conhecê-lo. E o seu?

— Morto. Hoje, tenho padrasto.

— Acha que vou gostar dele?

— Não será preciso se conhecerem.

— Temos passado um tempo tão bom, querido, que não me interesso por mais nada. Somos como os mais felizes dos casados.

O garçom veio e levou o serviço. Ficamos em silêncio, ouvindo o tamborilar da chuva. Um automóvel buzinou fora. Vieram-me aqueles versos:

But at my back I always hear
*Time's winged chariot hurrying near.**

— Conheço esse poema — disse Catherine. — É de Marvell. Refere-se a uma moça que não desejava viver com certo homem.

Minha mente estava lúcida, fria, e ansiosa por falar de coisas concretas.

— Onde pretende ter o bebê?

— Não sei. No melhor lugar possível.

— E como vai se arranjar?

— Da melhor maneira que puder. Não se preocupe, querido. Vamos ter vários filhos antes que a guerra acabe.

— Está chegando a hora do trem.
— Você vai pegar a partida, sem problemas.
— Mas preciso ir.
— Não se preocupe, querido. Esteve tão bem até agora e então começa a se aborrecer.
— Não é isso.Vai me escrever bastante?
— Todos os dias. Eles lá leem suas cartas?
— Não sabem inglês o bastante para termos de nos preocupar.
— Escreverei de um jeito bem confuso — disse Catherine.
— Mas não confuso demais, certo?
— Certo. Só um pouco.
— Acho que temos de ir saindo.
— É verdade, querido.
— Me dói deixar esta nossa linda casa.
— A mim também.
— Mas é preciso.
— Sim. Nunca demoramos em nosso lar por muito tempo.
— Um dia faremos isso.
— Vou ter uma linda casa à espera de quando você voltar.
— E talvez eu volte logo.
— Quem sabe não arranja um ferimento no pé?
— Ou no lóbulo da orelha.
— Não. Quero que as orelhas do meu querido fiquem intactas.
— E não quer o mesmo para meu pé?
— O pé já foi ferido.
— Temos de ir. Não há remédio.
— Está bem. Saia primeiro.

Nota

** Às minhas costas, sempre escuto*
A carruagem alada do tempo se acercando, apressada.

24

DESCEMOS PELA ESCADARIA em vez de tomarmos o elevador. A passadeira estava bastante surrada. Eu havia pago o jantar quando o trouxeram para o quarto, e o nosso garçom estava sentado numa cadeira perto da porta. Ele ergueu-se num salto, curvou-se e acompanhou-me à salinha da gerência, onde se pagavam as contas. O gerente era meu amigo e recusara pagamento adiantado, mas não se esquecera de postar o garçom de sentinela para que eu não saísse sem pagar. Essas coisas acontecem, mesmo com amigos. É que fazemos amizades demais durante uma guerra.

Pedi ao garçom que me chamasse um carro; ele tomou-me o pacote de Catherine e saiu com o guarda-chuva aberto. Pela janela vimo-lo atravessar a rua.

— Como se sente, Cat?

— Estou com sono.

— E eu com fome.

— Leva algo para comer?

— Sim, na valise.

O carro chegou. Quando parou, o cavalo pendeu a cabeça sob a chuva. O garçom saltou, abriu o guarda-chuva e veio em direção do hotel. Fomos ao encontro dele na portaria e atravessamos a calçada molhada, com o guarda-chuva nos protegendo, até onde estava a carruagem, no meio-fio. A água corria pela sarjeta. Ele apontou-me o pacote, já no assento, e manteve o guarda-chuva aberto até entrarmos. Dei-lhe a gorjeta.

— Muito obrigado e boa viagem — disse ele.

O cocheiro agitou as rédeas e partiu. Ainda vimos o garçom à porta do hotel, de guarda-chuva aberto. Logo adiante, o carro entrou pela esquerda, fez uma volta e parou em frente à estação de trens. Vimos dois carabineiros debaixo de um lampião, abrigando-se da chuva, que se mostrava clara e transparente contra a luz da estação. Um carregador deixou a estação e aproximou-se de nós, com os ombros encolhidos, por causa da chuva.

— Obrigado. Não temos malas.

Voltei-me para Catherine. Seu vulto mal aparecia sob a capota escura.

— Podemos nos despedir aqui.

— Não posso entrar na estação?

— Não. Adeus, Cat. Despeça-se por mim no hospital.

Dei o endereço ao cocheiro.

— Adeus, adeus! Cuidado com a grande e a pequena Catherine.

— Adeus, querido.

Fiquei de lado enquanto o carro partia. Catherine pôs a cabeça de fora, sorriu e acenou-me, apontando para o pórtico da estação onde se abrigavam os carabineiros. Olhei naquela direção, dando-me conta de que ela queria que me protegesse da chuva. Entrei e fiquei com os olhos no carro até este virar a esquina. Depois dirigi-me para o trem.

O porteiro do hospital estava na plataforma, à minha espera. Acompanhei-o até o interior do vagão. Estava cheio de gente em volta. Vi o homem da metralhadora no canto de uma cabina lotada. Minhas coisas estavam no porta-valise, sobre sua cabeça. Muita gente teve de ficar de pé no corredor. As pessoas da cabina nos olharam com hostilidade, pois não cabia mais ninguém ali. O homem da metralhadora, que estivera guardando o meu lugar, levantou-se e eu me sentei. Alguém deu uma batidinha em meu ombro. Voltei-me. Era um capitão de artilharia, mais alto do que eu e com o rosto fino aparecendo sob o quepe. Tinha uma cicatriz vermelha, recente e brilhante, no queixo. Todos os olhares convergiram para mim.

— Não pode fazer isso — disse o capitão. — Não pode pôr ninguém guardando lugar.

— Pois foi o que fiz — disse eu.

Ele engoliu em seco; vi o seu pomo de adão subir e descer. O soldado da metralhadora mantinha-se de pé à minha frente. Entrevi rostos colados aos vidros, espiando-nos de fora. Ninguém na cabina dizia nada.

— Não tem o direito de fazer isso — repetiu o capitão. — Estou aqui há duas horas e fui prejudicado.

— Mas o que é que você quer?

— O assento.

— Pois eu também.

Senti que todos da cabina estavam contra mim. Não os censurei. O capitão tinha todo direito, mas eu queria aquele lugar. Todos se mantinham em silêncio.

— Sente-se, *signor capitano* — disse eu por fim.

O soldado afastou-se, e o capitão sentou-se. Olhou-me. Seu rosto estava alterado, mas ele conseguira o lugar.

— Tire a minha bagagem — ordenei ao soldado, e fui para o corredor. O trem estava muito cheio e eu sabia que não haveria mais lugares vagos. Dei ao

porteiro e ao soldado uma gorjeta de dez liras para cada um. Eles ainda percorreram o carro em procura de assento, em vão.

— Talvez alguém desça em Brescia — sugeriu o porteiro.

— Em Brescia ainda vai entrar mais gente — opinou o soldado.

Despedi-me deles, apertando-lhes a mão. Estavam desolados. Fiquei de pé no corredor, vendo as luzes da estação quando o trem partiu. A chuva continuava; o vidro das janelas embaçou-se e não pude enxergar mais nada. Acabei deitando-me no chão e dormindo, depois de enfiar a carteira dentro da camisa. Só fui despertar em Brescia e Verona, quando mais gente entrou no trem. Logo que o comboio partiu, adormeci de novo. Tinha a cabeça recostada sobre uma das valises e o braço em redor de outra, além de manter o saco seguro nas mãos. Podiam até passar por cima de mim, contanto que não me pisassem. Muitos passageiros dormiam no chão igual a mim; outros cochilavam de pé, encostados às paredes. O trem conservou-se cheio a viagem toda.

Livro Três

25

NO OUTONO, as folhas das árvores haviam se desprendido, e as estradas estavam lamacentas. De Udine parti para Gorízia de caminhão. Fui passando por vários caminhões na estrada enquanto observava a campina em volta. As amoreiras estavam em varas e os campos, secos. A estrada estava entulhada de folhas mortas, muito úmidas, e turmas de trabalhadores cuidavam da conservação, socando nos buracos pedra britada que iam tirando de pilhas deixadas à margem, ao longo da estrada, entre as árvores. Vi de longe a cidade dentro da neblina que recobria as colinas. Cruzamos o rio; estava cheio e com fortes correntezas. Havia chovido muito nas montanhas. Entramos na cidade, passando o setor fabril, as casas e *villas*, e reparei que muitos prédios haviam sido destruídos recentemente. Numa rua estreita, cruzamos com uma ambulância da Cruz Vermelha inglesa. O motorista usava boné e tinha a pele queimada de sol. Não o conhecia. Saltei do caminhão na praça, em frente à prefeitura. O motorista entregou-me o saco de viagem, eu o pus nas costas e lá me fui, carregando minha bagagem, para a nossa *villa*. Não parecia uma volta ao lar.

Caminhei sobre o pedregulho úmido da entrada, com os olhos no prédio meio oculto por entre as árvores. Todas as janelas estavam fechadas, mas a porta se encontrava aberta. Entrei e dei com o major sentado à mesa, numa sala nua, com mapas e instruções datilografadas pregados pelas paredes.

— Olá! — saudou ele. — Como vai?

Pareceu-me mais velho e desgastado.

— Bem. E por aqui, como vão as coisas?

— Já acabou, por enquanto… Deixe a bagagem por aí e sente-se.

Larguei o saco e as valises no chão, com meu quepe por cima, e puxei uma cadeira para perto da secretária.

— As coisas andaram difíceis por aqui — disse o major. — Você já está bem agora? E as condecorações? Recebeu-as, afinal?

— Sim, e lhe agradeço muito, major.

— Deixe-me vê-las.

Abri meu capote e exibi as duas fitas.

— Recebeu a caixa com a medalha?

— Não. Só os papéis, como comprovantes.

— A caixa vem depois. Demora um bocado.

— O que é que você quer que eu faça agora?

— As ambulâncias estão fora. Seis delas lá para o norte, no Caporetto. Conhece o Caporetto?

— Conheço — respondi, lembrando-me de uma cidadezinha caiada, com um campanário, muito limpa e com uma bela fonte na praça.

— Estão trabalhando por lá. Há muitos mais doentes e feridos para atender. Os combates foram interrompidos.

— E onde estão as outras ambulâncias?

— Duas estão nas montanhas e quatro ainda no Bainsizza. As outras divisões de ambulâncias foram para o Carso com o terceiro exército.

— Mas o que eu posso fazer por aqui?

— Pode ir trabalhar com os veículos de Bainsizza, se quiser. Gino está lá há muito tempo. A coisa foi dura. Perdemos três ambulâncias.

— Eu soube.

— Sim, Rinaldi deve ter escrito para você.

— E onde anda ele?

— Aqui, no hospital. Passou aqui todo o verão e o outono.

— Entendo.

— Mas nem pode imaginar o que passamos. Você escapou na hora certa. Acho até que teve sorte de ser ferido.

— Sei disso.

— E vai piorar. É muito provável que os austríacos estejam se preparando para um novo ataque. Eles dizem que vai ser em breve, mas não posso crer. Já é muito tarde. Viu como o rio está cheio?

— Sim, está muito alto.

— Não creio que atacarão agora que as chuvas começaram. A neve não demora a cair. E quanto aos americanos? Vamos receber por aqui outros americanos, além de você?

— Estão treinando um exército de dez milhões de soldados.

— Espero que alguns venham para cá. Mas sei que os franceses vão ficar com todos, e não vamos ver nenhum deles por aqui. Aposto que não. Está bem. Fique aqui esta noite e siga amanhã no carro pequeno. Mande Gino voltar. Vou pôr alguém que conheça a estrada para acompanhar você. Gino o porá a par de tudo. Eles ainda estão bombardeando um pouco. Mas só um pouco. Você precisa ver o Bainsizza.

— Será um prazer. Estou contente por voltar e de estar de novo sob seu comando, *signor maggiore*.

Ele sorriu.

— Bondade sua. Ando muito cansado desta luta. Se saísse daqui, não creio que retornasse.

— Foi tão ruim assim?

— E vai de mal a pior. Vá arrumar-se e ver o seu amigo Rinaldi.

Saí levando a minha bagagem escada acima. Rinaldi não estava em nosso quarto, mas vi lá suas coisas; sentei-me na cama, desenrolei as perneiras e tirei o sapato do pé direito. Depois deitei-me. Estava cansado e com o pé dolorido. Pareceu-me estúpido ficar com um pé calçado e outro não. Sentei-me, descalcei o outro pé e deixei o sapato cair no chão. Deitei-me de costas sobre os cobertores. O quarto estava abafado, por causa das janelas fechadas, mas eu me sentia cansado demais para levantar-me e abri-las. Verifiquei que as minhas coisas estavam todas em um canto do quarto. Lá fora escurecia. Fiquei pensando em Catherine, enquanto esperava Rinaldi. Decidi evitar de pensar em Catherine, a não ser à noite, antes de dormir. Mas, naquele momento, estava exausto e sem mais nada para fazer. Assim, fiquei imóvel na cama, pensando nela. E ainda estava pensando nela quando Rinaldi entrou. Pareceu-me o mesmo. Apenas um pouco mais magro.

— Então, menino? — disse ele sentando-se na minha cama e me abraçando. — Meu velho menino. Deixe-me ver esse joelho.

— Eu ia precisar tirar as calças.

— Pois tire, menino. Somos todos de casa aqui. Quero ver o serviço que lhe fizeram em Milão.

Levantei-me e despi a calça. Rinaldi sentou-se no chão e manejou a junta nos dois sentidos, correu os dedos pela cicatriz, apalpou a rótula.

— É só isso o que pode fazer de movimentos?

— É.

— Pois então foi um crime mandarem você de volta. Deviam esperar até ter seus movimentos completamentes restabelecidos.

— Está muito melhor do que no começo. Antes parecia um pedaço de pau.

Rinaldi tentou dobrar a minha perna mais um pouco. Fiquei observando suas mãos. Eram belas mãos; mãos de cirurgião. Fiquei observando o topo da cabeça dele, seu cabelo brilhoso e repartido com cuidado. Ele forçou meu joelho, tentando dobrá-lo.

— Ai — gemi.

— Você devia fazer o tratamento mecânico por mais tempo, menino.

— O joelho melhorou bastante.

— Sei disso. Aí está uma coisa de que entendo mais do que você.

Ele ergueu-se e sentou-se na cama.

— Foi um belo trabalho, não há dúvida. E quanto ao resto?

— Mais nada — respondi. — Levei uma vida quieta em Milão.

— Está falando como um homem casado. O que é que houve?

— Nada. E você aqui? Como anda? — perguntei.

— Essa guerra está me matando — lamentou-se Rinaldi. — Estou me sentindo profundamente deprimido. Pôs-se a balançar o corpo, com as mãos apoiadas nos joelhos.

— Ora… — murmurei.

— Qual é o problema? Sou humano, sabia?

— Não! Pelo que sei, andou foi se divertindo a valer. Mas qual é mesmo o problema?

— Uma operação atrás da outra, o verão inteiro e o outono também. Trabalho todos os dias. E trabalho por todos os outros ainda por cima. Todos os casos difíceis empurram para mim. Por Deus, menino, estou me tornando um grande cirurgião.

— Oh, isso é bom.

— Mas não dá tempo para pensar. Nunca paro para pensar. Tudo o que faço é operar pessoas, juro por Deus.

— Ótimo.

— Mas, agora, tudo acabou, menino. Não estou operando e me sinto no inferno. Isso é mais terrível, menino, acredite. Felizmente você chegou para me animar. Trouxe os discos?

— Sim — respondi.

Os discos estavam numa caixa do saco de viagem, mas eu me sentia cansado demais para tirá-los.

— Não está se sentindo bem, menino?

— Estou péssimo.

— A guerra é uma coisa horrível! — exclamou Rinaldi. — Vamos nos embriagar e tentar alegrar um ao outro.

— Tive um ataque de icterícia e não posso tomar álcool.

— Oh, menino, em que estado devolveram você para mim! Sério como um homem casado e ruim do fígado. Não há dúvida. Guerra horrível!

— Posso beber um drinque. Mas não me embebedar.

Rinaldi foi ao armário e trouxe dois copos e uma garrafa de conhaque.

— Conhaque austríaco. Sete estrelas. Foi a única coisa que capturaram em

San Gabriele.

— Esteve lá?

— Não. Não estive em parte nenhuma. Estive aqui, operando e operando. Olhe, menino, este é o seu velho copo da escova de dentes. Conservei-o como lembrança.

— Para lembrar a você que devia escovar os dentes?

— Não. Tenho o meu copo. Guardei este como lembrança daquele dia em que você procurava escovar os dentes para limpá-los da Villa Rossa, fazendo promessas, engolindo aspirinas e amaldiçoando as prostitutas de lá. Todas as vezes que olho para esse copo lembro você tentando limpar a consciência com uma escova de dentes. — Rinaldi sentou-se na cama. — Beije-me e diga-me que não virou um sujeito sério.

— Eu nunca beijaria você, seu macaco.

— Sei. Você é dos tais sublimes rapazes anglo-saxões. Sei. É o homem dos remorsos. Pois esperarei até ver o anglo-saxão novamente limpando-se da libidinagem com a escova de dentes.

Tocamos nossos copos e bebemos. Rinaldi ria-se de mim.

— Ainda vou embebedá-lo. Depois, extraio esse fígado e ponho no lugar um bom fígado italiano. E você volta a ser um homem de novo.

Estendi o copo para que ele pusesse mais conhaque. Estava escuro lá fora. De copo na mão, cheguei até a janela. A chuva parara de cair. Fazia frio; as árvores estavam envoltas em névoa.

— Não jogue fora o conhaque — pediu Rinaldi. — Se não pode beber, deixe para mim.

Eu estava contente por rever Rinaldi. Ele passara dois anos me aporrinhando, mas gostava dele. Nós nos entendíamos perfeitamente.

— Será que o meu menino está casado?

— Ainda não — respondi da janela.

— Mas está amando.

— Sim.

— Aquela inglesinha?

— Sim.

— Pobre menino. Ela foi boa para você?

— Sem dúvida.

— Pergunto se foi boa, praticamente falando.

— Cale-se.

— Certo, eu me calo. Você sabe que sou um homem de extremas

delicadezas. Ela…

— Rinin — disse eu. — Por favor, cale-se. Se quer ser meu amigo, não diga nada.

— Não *quero* ser amigo, menino. *Sou* seu amigo.

— Então cale-se.

— Está bem.

Voltei para a cama e sentei-me junto a Rinaldi. Ele estava com o copo em punho e olhos no chão.

— Está vendo como são as coisas, Rinin?

— Oh, sim. Em toda a minha vida tenho sempre esbarrado com coisas sagradas. Mas não as via em você. Creio que agora, porém...

— Não há para você nada sagrado?

— Não.

— Eu poderia dizer da sua mãe o que você ia dizendo?

— E eu da sua irmã?... — Rinaldi sorriu debochado. Ambos rimos.

— O velho super-homem...

— Talvez seja ciúme — murmurou Rinaldi.

— Não. Não é.

— Refiro-me a outra coisa. Você tem amigos casados?

— Tenho.

— Pois eu não tenho. Não amigos casados que se amem.

— Por quê?

— Porque não gostam de mim.

— Mas por quê?

— Eu sou a serpente. Sou a serpente da razão.

— Você está confundindo. A maçã é que era a razão.

— Não, a serpente é que era — disse Rinaldi mais alegre.

— Você melhora quando não pensa com tanta profundidade — adverti.

— Gosto de você, menino. Você me faz uma punção quando eu viro grande pensador italiano. Mas sei mais coisas do que posso dizer. Sei mais que você.

— Concordo.

— Mas você vai ter vida melhor, mesmo com os remorsos.

— Por quê?

— Oh, sim. É a verdade. E estou no ponto de só me sentir feliz quando me absorvo no trabalho — disse baixando de novo os olhos.

— Isso vai passar.

— Não vai, não. Depois do trabalho, só há duas coisas que eu aprecio. Uma

que é má para o meu trabalho e outra que é só para quinze minutos ou meia hora. Às vezes menos.

— Às vezes muitíssimo menos.

— Talvez eu tenha me aprimorado, menino. Você não sabe. Mas só há duas coisas de que eu gosto além do meu trabalho.

— Mas vai acabar encontrando outras.

— Não vou. Nunca conseguiremos nada além do que temos. Já nascemos com o que temos e o pior é que nunca aprendemos. Nunca conseguiremos nada novo. Ah, você tem a sorte de não ser latino.

— Não existe essa coisa de ser latino — afirmei. — Isso é invenção latina. Vocês se envaidecem muito dos próprios defeitos.

Rinaldi ergueu os olhos e riu.

— Basta, menino. Já estou cansado de pensar.

E ele, de fato, já me parecia cansado quando entrou.

— É hora de comer. Estou contente com a sua volta. Você é meu melhor amigo. Meu irmão de guerra.

— Quando comem os irmãos de guerra? — perguntei.

— Agora. Mas primeiro vamos tomar mais um gole em homenagem ao nosso fígado.

— Como São Paulo.

— Está errado. Era vinho, e sobre algo relacionado ao nosso estômago. Mais um gole de vinho em homenagem ao nosso estômago.

— Ou seja do que for que tiver na garrafa.

— À sua namorada, menino! — saudou Rinaldi erguendo o copo.

— A ela!

— Nunca direi nada sujo a respeito dela.

— Não precisa se violentar tanto.

Rinaldi bebeu o conhaque.

— Sou um puro — disse ele. — Gosto de você, menino, e também vou arranjar uma inglesinha. Conheci a sua namorada primeiro, mas a achei um tanto alta para mim. Muito alta para uma irmã.

— Você tem um espírito adoravelmente puro, de fato.

— Não é verdade? Por isso me chamam Rinaldi Puríssimo.

— Rinaldi Sporchissimo.

— Vamos, menino, vamos descer para a refeição enquanto meu espírito ainda está puro.

Lavei o rosto, penteei-me e desci as escadas. Ele já estava meio bêbado. Não

encontramos a comida pronta.

— Vou buscar a garrafa — disse Rinaldi, e lá subiu as escadas, enquanto eu me sentava à mesa. Instantes depois, apareceu com a garrafa de conhaque e encheu dois cálices.

— É muito para mim — disse eu, segurando o copo e observando-o contra a luz.

— Não é nada para um estômago vazio. O conhaque é algo maravilhoso. Queima-nos o estômago. Nada causaria dano pior.

— Realmente.

— Autodestruição diária — acrescentou Rinaldi. — Arruína o estômago e faz a mão tremer. A bebida ideal para cirurgião.

— Recomenda-o, então?

— Do fundo da alma. É só o que eu bebo. Beba, menino, e prepare-se para vomitar depois.

Bebi meio cálice. No *hall*, ecoou a voz do ordenança:

— A sopa! A sopa está pronta!

O major entrou, saudou-nos e sentou-se. Parecia muito pequeno à mesa.

— Somos só nós? — perguntou. O ordenança baixou a sopeira sobre a mesa e serviu-nos.

— Sim, não há mais ninguém — respondeu Rinaldi. — A não ser que o padre apareça, se ficar sabendo que Federico já chegou.

— Onde está ele? — perguntei.

— No 307 — respondeu o major, ocupado com sua sopa. Ele enxugou a boca e, com cuidado, enxugou também os bigodes revirados para cima. — Acho que ainda vem para cá. Mandei chamá-lo.

— Sinto falta do barulho do rancho — disse eu.

— Sim, está quieto agora.

— Posso fazer barulho, se quiser — disse Rinaldi.

— Tome um pouco de vinho, Eurico — e o major encheu-me o copo.

O espaguete veio e nos atiramos a ele. Estávamos no fim quando o padre entrou. O mesmo de sempre, moreno, pequeno, de aspecto compacto. Levantei-me para apertar-lhe a mão.

— Vim logo que soube da sua chegada.

— Sente-se, padre. Está muito atrasado hoje.

— *Good evening, priest* — disse Rinaldi em inglês, imitando aquele capitão que atazanava o padre e sabia um pouco do idioma.

— Boa-noite, Rinaldi — respondeu o padre.

O ordenança trouxe-lhe a sopa, mas ele preferiu começar com o espaguete.

— Como vai? — perguntou-me.

— Muito bem. E você?

— Beba um pouco, padre — volveu Rinaldi. — Tome um pouco de vinho em homenagem ao seu estômago. Isto é de São Paulo, você sabe.

— Sim, sei — replicou o padre polidamente, enquanto Rinaldi lhe enchia o copo.

— Aquele São Paulo! — volveu Rinaldi. — Foi ele que causou toda a confusão.

O padre olhou-me e sorriu. Pude perceber que não estava mais se incomodando com provocações.

— Aquele São Paulo... — continuou Rinaldi. — Era um grande farrista. E, quando perdeu as forças, condenou a farra. Depois que já não valia mais nada, escreveu regras para os que ainda valiam. Não é verdade, Federico?

O major sorriu. Estávamos comendo o assado, agora.

— Nunca discuto sobre um santo à noite — respondi, fazendo com que o sacerdote pusesse os olhos em mim e sorrisse.

— Lá está ele adulando o padre — reclamou Rinaldi. — Onde andam os nossos bons arranha-padres? Onde estão Cavalcanti, Brudi e Cesare? Tenho de atacá-lo sozinho, sem que nenhum outro me auxilie?

— Ele é um bom padre — disse o major.

— Bom, sim... mas padre — replicou Rinaldi. — Quero tornar o rancho alegre como antigamente, para divertir Federico. Vá para o inferno, padre.

Vi o major olhar para ele e perceber que estava bêbado. Bêbado e muito pálido; e o cabelo realçava-lhe o branco da testa.

— Está bem, Rinaldi — disse o padre. — Está tudo bem.

— Vá para o inferno, padre! — repetiu Rinaldi. — Para o inferno, com todas as trapalhadas da Igreja.

— Ele está estressado e exausto — opinou o major, voltando-se para mim, enquanto raspava o molho do prato com o pão.

— Que se danem todos! — gritou Rinaldi para a mesa, olhando desafiadoramente. — Para os diabos, todos!

— Tem razão — concordei. — Para o inferno toda essa trapalhada.

— Não, não — protestou Rinaldi. — Você não pode falar assim. Não pode falar assim. Sei que não pode. Quando fico sóbrio, estou vazio, e não há mais nada, asseguro. Nada e nada. Enxergo isso quando paro de trabalhar.

O padre balançou a cabeça. O ordenança começara a tirar os pratos.

— Por que está comendo carne? — indagou Rinaldi voltando-se para o sacerdote. — Não sabe que é sexta-feira?

— É quinta — corrigiu o padre.

— Mentira. É sexta. Você está comendo o corpo de Nosso Senhor. Comendo a carne de Deus. A carne de um austríaco. É isso que você está comendo.

— A carne branca é a dos oficiais — disse eu, completando a velha brincadeira.

Rinaldi riu e encheu seu copo.

— Não se incomode comigo — falou ele. — Sou um louco.

— Está precisando de uma licença — disse o padre.

O major meneou a cabeça. Rinaldi olhava para o sacerdote.

— Acha que preciso de uma licença?

— Como achar melhor — replicou este. — Se acha que não precisa, não precisa.

— Para o inferno! — gritou Rinaldi. — Eles querem se livrar de mim, mas pretendo resistir. E daí se eu tiver pego? Todo mundo também pegou. O mundo inteiro. Primeiro é uma pequena espinha. Depois, uma erupção entre os ombros. Depois, nada. E entregamos nossa vida ao mercúrio.

— Ou ao Salvarsan — aparteou o major.

— Um produto mercurial — explicou Rinaldi. — Conheço algo que funciona duas vezes melhor. Bom padre, meu velho, você nunca apanhou isso. O meu menino já apanhou. É um acidente de trabalho. Um simples acidente de trabalho.

O ordenança trouxe a sobremesa, pudim de pão com calda, e o café. O lampião estava fumegando, a fumaça preta adensando-se junto à chaminé.

— Traga duas velas e leve esse lampião — ordenou o major.

O ordenança trouxe duas velas e apagou o lampião. Rinaldi aquietara-se. Parecia melhor. Conversamos. Depois do café fomos para o *hall*.

— Você quer falar com o padre e eu tenho de ir embora — disse ele. — Boa-noite, padre.

— Boa-noite, Rinaldi.

— Nos vemos depois, Fred.

— Sim, Rinaldi. Volte cedo.

Ele fez uma careta e dirigiu-se para a porta. Todos estávamos de pé.

— Ele anda excessivamente cansado — disse o major — e acha que está com sífilis. Não creio, mas pode ser que esteja. Está tentando tratar a si mesmo. Boa noite. Vai partir de madrugada, Henry?

— Vou.

— Adeus, então. Boa sorte. Peduzzi o acompanhará.

— Adeus, *signor maggiore*.

— Adeus. Andam falando numa ofensiva austríaca, mas duvido que aconteça. Espero mesmo que não. Mas se acontecer, estamos bem aqui. Gino vai informar você de tudo. O telefone está funcionando bem agora.

— Eu telefonarei com frequência.

— É bom. Boa-noite. Não deixe Rinaldi beber muito conhaque.

— Farei o possível.

— Boa-noite, padre.

— Boa-noite, *signor maggiore*.

O major retirou-se para o seu escritório.

26

Fui até a porta e olhei para fora. A chuva havia parado, mas restava o nevoeiro.

— Vamos subir? — sugeri ao padre.

— Não posso me demorar.

Subimos e me estirei na cama de Rinaldi, enquanto o padre se sentava na minha. Estava escuro ali.

— Como está passando?... De verdade...? — perguntou ele.

— Bem; de fato, bem. Só um tanto cansado esta noite.

— Também me sinto cansado, mas sem razão.

— E o que acha da guerra?

— Acho que está próxima do fim. Não sei, mas sinto.

— Como assim “sente”?

— Não notou como o major está gentil? Muita gente anda assim agora.

— Eu também me sinto gentil ultimamente.

— Tivemos um verão terrível — continuou o padre. Ele parecia muito mais seguro de si do que quando o deixei. — Você não poderia acreditar no que houve por aqui. Dessas coisas que só vendo. Só neste verão é que muita gente veio a compreender o que é a guerra. Oficiais que eu supunha incapazes de compreender realmente o que significa a guerra, agora sabem.

— Que acha que vai acontecer a seguir? — Apertei os cobertores nas mãos.

— Não sei dizer, mas sinto que a luta não vai se prolongar por muito tempo.

— Mas, e depois?

— Os soldados pararão de combater.

— Quais soldados?

— Os de ambos os lados.

— Tomara — suspirei.

— Não acredita?

— Acho difícil que os dois lados parem de lutar ao mesmo tempo.

— Não será assim. Seria esperar muito. Mas quando vejo as mudanças pelas quais os homens estão passando, percebo que a luta não pode continuar.

— Quem levou a melhor neste último verão?

— Ninguém.

— Os austríacos levaram vantagem. Não entregaram San Gabriele. Eles

levaram a melhor e, portanto, não vão interromper os combates.

— Se eles se sentem como nós nos sentimos, pode ser que interrompam. Passaram pelo mesmo aperto que nós.

— Ninguém para quando está ganhando.

— Você está me desanimando.

— Estou apenas dizendo o que penso.

— Então acha que isso ainda pode continuar? E nada vai mudar? Nunca?

— Não sei. Só penso que os austríacos não interromperão a luta depois de uma onda de vitórias. É na derrota que os homens se tornam cristãos.

— Os austríacos são cristãos, exceto os bosnianos.

— Não falo nos cristãos oficiais. Quero dizer... como Cristo.

O padre calou-se.

— Estamos mais cordatos e gentis, agora, porque fomos batidos. Como teria sido Nosso Senhor, se Pedro o houvesse levado do jardim?

— Seria justamente o mesmo.

— Não creio.

— Você me desalenta — repetiu o padre. — Eu creio e rezo para que alguma coisa aconteça. E sinto essa coisa já bem perto.

— Alguma coisa pode acontecer — disse eu — mas só do nosso lado. Se eles se sentissem como estamos nos sentindo, então sim. Mas nos bateram e, portanto, sentem justamente o oposto.

— Muitos soldados sempre se sentiram assim, e não só porque foram batidos.

— É que foram batidos desde o começo. Foram batidos quando a mobilização os arrancou de suas fazendas e os meteu no exército. Por isso é que os soldados camponeses revelam tanta sabedoria, porque foram batidos desde o começo. Ponha-os no poder e verá no que se tornam.

O padre não replicou. Estava pensando. Por fim, falou:

— Sinto-me deprimido, agora. Procuro não pensar nessas coisas. Nunca penso, mas, quando começo a falar, digo as coisas que estão no meu pensamento, apesar de não tê-las pensado antes.

— Eu espero, ou anseio, por uma coisa.

— A derrota?

— Não. Alguma coisa mais.

— Não há outra alternativa, além da vitória. E poderia ser pior.

— Por muito tempo esperei pela vitória.

— Eu também.

— Agora não sei.

— Tem que ser uma coisa ou outra.

— Não creio mais na vitória.

— Eu também não. Mas também não creio na derrota, ainda que possa ser melhor.

— No que crê então?

— No sono — respondi. O padre levantou-se.

— Desculpe ter ficado tanto tempo. Mas eu gosto de conversar com o amigo.

— Eu também; mas o que eu disse do sono não significa nada.

De pé os dois, apertamo-nos as mãos no escuro.

— Durmo agora no 307 — informou o padre.

— Eu sigo para um posto amanhã de madrugada.

— Nos veremos de novo quando voltar.

— Sim. Daremos um passeio e conversaremos bastante — prometi, conduzindo-o até a porta.

— Não desça. Foi ótimo que o nosso americano tivesse voltado. — Pôs a mão no meu ombro. — Ótimo para nós, mas para você já não será assim.

— Para mim também é ótimo estar aqui, padre. Boa- noite.

— Tchau.

— Tchau — repeti, bocejando. Eu estava caindo de sono.

27

ACORDEI quando Rinaldi entrou, mas, como não dissesse nada, adormeci de novo. De manhã, parti antes que ele despertasse.

Eu ainda não havia visto o Bainsizza e me pareceu estranho subir a encosta onde os austríacos haviam estado, além do ponto do rio em que eu fora ferido. Encontrei uma estrada nova na subida, por onde passavam muitos caminhões. Mais além, a estrada atravessava um longo trecho plano e pude ver florestas e morros bastante íngremes, em meio à neblina. Eram florestas que haviam sido tomadas com presteza, e não chegaram a ser destruídas. Adiante, onde a estrada não tinha a proteção dos morros, havia lateralmente aquela camuflagem de tapumes de palha. A estrada ia ter à última aldeia em ruínas. A linha do *front* ficava mais à frente. Acumulava-se muita artilharia por ali. As casas foram reduzidas a escombros, mas tudo estava muito bem-organizado, com sinalização por todos os lados. Encontramos Gino, que nos arranjou café, e depois fui apresentar-me ao pessoal do posto. Gino contou que as ambulâncias inglesas estavam operando em Ravne, abaixo do Bainsizza. Ele admirava os ingleses. Havia ainda bombardeios, disse-me Gino, mas com poucos feridos. O que abundava eram enfermos, agora com o começo das chuvas. Corria que os austríacos tencionavam atacar, mas ele não acreditava nisso. Também dos italianos diziam o mesmo, mas, como não vinham tropas novas, ele não via bases para a suposição. Os víveres andavam escassos, e ele se daria por feliz se tivesse o que tinha em Gorízia. O que haviam me dado lá? Descrevi-lhe o nosso cardápio, e Gino maravilhou-se. Impressionou-se sobretudo com o doce da sobremesa. Não disse o que era, mencionei apenas “doce”, e ele ficou a sonhar com alguma coisa muito mais fina do que um pudim de pão.

Perguntou-me se eu sabia qual seria nosso destino. Declarei que não, mas que alguns carros estavam no Caporetto. Bom se fôssemos para lá! Era um bonito lugarzinho circundado de montanhas. Excelente rapaz, aquele Gino, estimado por todo mundo. Contou que o inferno verdadeiro fora no San Gabriele e no fracassado ataque de Lom. Os austríacos estavam com muita artilharia nas matas de Tarnova, e batiam as estradas sem cessar. Uma bateria de canhões navais era de arrebentar com os nervos da gente. Eu iria reconhecê-los pela trajetória das balas. Ouvíamos o disparo e quase imediatamente as explosões começavam. Em regra davam dois tiros simultâneos, e os estilhaços eram

enormes. Gino mostrou-me um de trinta centímetros de comprimento. Era de uma liga metálica muito resistente.

— Não creio que seja muito eficaz, mas mete medo. Soam como se viessem diretamente para cima de nós. Primeiro, escutamos a detonação, depois o chiado no ar e as explosões. E nos paralisam quando arrebentam. Que adianta não sermos feridos por esses projéteis, se nos paralisam de medo?

Contou-me que havia croatas nas linhas austríacas e também magiares. Nossas tropas ainda estavam nas posições de ataque. Não teríamos fiação para comunicações, nem posição para recuo defensivo, se os austríacos atacassem. Havia, porém, excelentes pontos para a defesa, ao longo das montanhas que partiam do platô, mas nada fora feito para organizá-la. E o que eu pensava do Bainsizza, afinal de contas?

Havia esperado encontrar um platô e não uma zona tão irregular.

— *Alto piano* — disse Gino — mas nada de *piano*.

Fomos para o celeiro da casa em que ele vivia. Disse-lhe que uma elevação de montanha achatada no topo e de queda pouco profunda era mais fácil de ser mantida que uma série de pequenas montanhas. Não há dificuldade maior em fazer um ataque montanha acima do que em terreno plano.

— Isso depende das montanhas — observou Gino. — Olhe o San Gabriele.

— Sim, mas onde eles sofreram mais foi no topo, que era achatado. Até o topo, galgaram com facilidade.

— Não foi tão fácil assim — contestou Gino.

— Mas era um caso especial, mais uma fortaleza do que uma montanha. Os austríacos a vinham fortificando há anos. Taticamente falando, uma sucessão de montanhas corre o perigo das marchas de flanco. Não há boa mobilidade nas montanhas. E também a tendência dos atiradores que atiram de cima é sempre mirar muito alto. Se uma montanha for flanqueada, os melhores homens são deixados nas montanhas mais altas. Não acredito em guerra nas montanhas. Já pensei muito nessa questão. Um exército instala-se numa montanha, o outro instala-se em outra. Para decidir, é preciso que desçam ao plano.

— Que é que você faria se tivesse uma fronteira de montanhas?

— Ainda não cheguei nesse ponto — respondi, e ambos rimos. — Antigamente, os austríacos eram sempre derrotados no quadrilátero de Verona. Deixavam que eles descessem e depois os batiam.

— Sim — concordou Gino. — Mas quem os batia eram os franceses; e é bem mais fácil traçar planos bélicos quando estamos combatendo em terra que não é nossa.

— Não há dúvida. Quando se trata de lugar nosso, não podemos agir tão cientificamente.

— Os russos procederam assim com Napoleão.

— Mas os russos dispunham de imenso território. Se vocês tentassem ir recuando para pegar os austríacos numa armadilha, iriam chegar em Brindisi.

— Um lugar horrível! — exclamou Gino. — Já esteve em Brindisi?

— De passagem.

— Sou patriota, mas não consigo gostar de Brindisi ou de Taranto.

— E gosta de Bainsizza? — perguntei.

— O solo é sagrado — disse ele. — Mas queria que produzisse mais batatas. Quando chegamos, ainda havia os batatais dos austríacos.

— É verdade que tem faltado comida?

— Não consegui muita coisa para comer. Mas sou um comilão e não cheguei a passar fome por aqui. O rancho é passável. Os regimentos na linha do *front* são bem-alimentados. Já as tropas de apoio, muito menos. Tem qualquer coisa errada em algum lugar. Não há razão para faltar comida.

— Os tubarões devem estar retendo-a em outra praça.

— Sim, tratam bem os efetivos da frente, enquanto os da retaguarda passam fome. Já devoraram todas as batatas dos austríacos e todas as castanhas das florestas. Precisavam alimentar-nos melhor. Somos grandes comilões. E sei que existe fartura de alimentos. Nada pior do que um soldado de estômago vazio. Já reparou como o estômago influi em nosso pensamento?

— Sim — disse eu. — O estômago não pode ganhar uma guerra, mas pode perdê-la.

— Não falo em perder. Não concordo com o que dizem por aí. O que fizemos neste verão não foi inútil.

Calei-me. Eu sempre me embaraçava com as palavras *sagrado, glorioso, sacrifício* e *inútil*. Nós as tínhamos escutado muitas vezes, de longe, debaixo da chuva, quando só as palavras mais gritadas eram ouvidas, e as tínhamos lido em proclamas pregados nas paredes, sobre outros proclamas. Mas não víamos nada sagrado em torno, e as coisas gloriosas não mostravam glória nenhuma. Os sacrifícios seriam como os dos matadouros de Chicago, só que lá fazem outra coisa com a carne que, aqui, enterramos. Havia muitas palavras que já não suportávamos — e por fim só os nomes dos lugares tinham dignidade. Certos números, nomes e datas eram tudo o que poderíamos pronunciar com alguma significação. Palavras abstratas, como *glória, honra, coragem, sagrado,* eram obscenas, ao lado dos nomes concretos das cidades e rios, dos números dos

regimentos e das datas. Gino, um patriota, de vez em quando dizia coisas que nos afastavam, mas era um excelente caráter e eu compreendia o seu patriotismo. Nascera patriota.

Gino voltou para Gorízia com Peduzzi, naquele dia de temporal. O aguaceiro transformou tudo em lama. O reboco das casas destruídas virou papa. Ao cair da tarde, a chuva esmoreceu e vi a paisagem nua do outono, com as nuvens em volta dos cumes dos morros e os tapumes de palha das estradas molhados e gotejantes. O sol apareceu por alguns minutos, momentos antes de pôr-se, e brilhou, ao longe, nas florestas desfolhadas. Havia lá muitos canhões austríacos, mas poucos fizeram fogo. Vi no céu o rolo de fumo de uma granada explodida, em cima de uma casa de campo arruinada, próxima às linhas, e bolas de fumaça com um clarão branco-amarelado no centro. Víamos o clarão e só depois nos chegava aos ouvidos o estouro, junto com a bola de fumaça distorcida e tênue em meio ao vento. Houve muitas granadas caindo entre os entulhos em que haviam se transformado as casas e na estrada fronteira, mas que naquela tarde não caíram na casa em ruínas que fora o posto de guarda avançado. Carregamos duas ambulâncias e descemos pela estrada de tapumes úmidos, com a última luminosidade do sol atravessando suas brechas. Antes de alcançarmos a estrada aberta, atrás do morro, já o sol desaparecera. Descemos a estrada aberta e, ao fazermos uma curva e entrarmos no túnel quadrado formado por tapumes, a chuva recomeçou.

O vento aumentou à noite e, às três da madrugada, com a chuva espessa a cair, irrompeu um bombardeio. Os croatas avançavam por entre os meandros das montanhas e os trechos de floresta e cruzaram a linha do *front*. A batalha começou no escuro, e então um contra-ataque dos amedrontados homens da segunda linha os fez recuar. Houve muitas granadas e muitos foguetes na chuva, e as metralhadoras e fuzis não pararam. Os croatas não insistiram, mas, entre as momentâneas calmarias do vento e da chuva, chegava até nós o fragor de um grande bombardeio ao Norte.

Feridos começaram a aparecer no posto, uns em macas, outros se arrastando, outros às costas dos companheiros. Todos molhados até a medula e apavorados. Enchemos dois carros com padiolas de feridos e, ao fechar a porta do último, senti que a chuva, ao bater em meu rosto, já virara gelo. Os flocos caíam pesados, cada vez com mais intensidade.

Quando o dia rompeu, a tempestade ainda rugia, mas a neve tinha parado. Fundira-se, ao tocar no solo molhado, mas a chuva continuou. Houve outro ataque antes do romper da manhã, igualmente malsucedido. Passamos o dia

esperando mais ataques, sem que sobreviesse nenhum até o pôr do sol. O bombardeio irrompeu ao sul, abaixo da elevação coberta de matas, onde os austríacos tinham concentrado a artilharia. Também esperamos um bombardeio ali, mas não veio. Começou a escurecer. Nossos canhões estavam atirando do campo atrás da aldeia, e as granadas riscavam o alto com um assobio agradável.

Soubemos que o ataque ao sul falhara, mas que ao norte haviam rompido as nossas linhas. À noite correu a notícia de que chegara uma ordem de retirada. Fui informado pelo capitão do posto, que a recebera da brigada. Pouco depois, chamou-me ao telefone e disse que se tratava de uma mentira. A brigada recebera ordem para manter o Bainsizza, houvesse o que houvesse. Indaguei do rompimento da linha ao norte e soube que os austríacos haviam atacado o 27.º Corpo de Exército nos arredores de Caporetto. Travara-se uma grande batalha de um dia inteiro.

— Se aqueles bastardos os deixarem passar, estamos fritos.

— São os alemães que estão atacando — informou um dos oficiais médicos.

A palavra alemão causava pânico. Não queríamos ter contato com alemães.

— Há quinze divisões de alemães — continuou o médico. — Romperam tudo e continuam avançando.

— Na brigada, dizem que esta linha tem que ser mantida. Informam que a ruptura não foi completa e que temos de conservar uma linha ao longo das montanhas, a partir de Monte Maggiore.

— De onde ouviram isso?

— Da divisão.

— Foi a divisão que nos passou a ordem de retirada.

— Estamos sob o comando do Corpo de Exército — disse eu. — Mas aqui trabalho sob as ordens de vocês. Naturalmente, quando me ordenam para ir, eu tenho de ir. Mas quero ordens claras.

— As ordens são para ficarmos aqui. Teremos de levar os feridos daqui à estação distribuidora.

— Às vezes também temos de levá-los da estação distribuidora aos hospitais de campo — disse eu. — Diga-me... nunca assisti a uma retirada... se houver aqui uma retirada, como evacuaremos todos estes feridos?

— Não serão evacuados. Alguns vão, o resto fica.

— E o que devo levar nas ambulâncias?

— Apenas o equipamento hospitalar.

— Está bem.

Na noite seguinte, a retirada começou. Ouvimos dizer que os alemães e

austríacos haviam rompido nossas linhas ao norte e vinham descendo para os vales da Cividale e Udine. A retirada corria em boa ordem, triste e encharcada. À noite, rodando lentamente pelas estradas cheias, passávamos por tropas em marcha sob a chuva, carregando o que podiam do *front*: baterias, carretas de cavalos, mulas, caminhões. Não havia mais desordem do que num ataque.

Naquela noite, ajudamos a esvaziar os hospitais de campo armados nas aldeias menos arruinadas do platô e a levar os feridos para a margem do Plava. Já no dia seguinte, perambulamos todo o tempo sob a chuva para evacuar os hospitais e tirar tudo da estação em Plava. Chovia sem parar, e o exército de Bainsizza abandonava o platô, onde grandes vitórias haviam sido conquistadas na primavera daquele ano. Chegamos a Gorízia na metade do dia seguinte. A chuva interrompera-se e a cidade estava quase vazia. Vimos um caminhão carregando as mulheres do bordel dos soldados. Eram sete, todas de casaco e chapéu, com pequenas valises. Duas choravam. Das outras cinco, uma nos sorriu e fez movimentos com a língua. Tinha lábios grossos e olhos escuros.

Parei a ambulância e fui falar com a dona do bordel. As prostitutas do bordel dos oficiais haviam partido de manhã, foi o que me disse. Para onde? Para Conegliano, respondeu-me. O caminhão partiu. A prostituta dos lábios grossos mostrou-nos a língua outra vez. A cafetina acenou adeus. As duas chorosas continuavam a chorar. As outras seguiam com os olhos fixos na paisagem. Voltei para meu veículo.

— Podíamos ir com elas. Seria uma viagem interessante — disse Bonello.

— Já estamos tendo uma viagem bem interessante.

— Interessante? Um inferno de viagem.

— É o que quero dizer — expliquei, enquanto subíamos em direção à *villa*.

— Bem que eu queria ter estado lá, quando acomodaram as pequenas, para pegar uma.

— Acha que vão fazer isso?

— Certamente. Todos no Segundo Exército conhecem a cafetina.

Íamos chegando à vila.

— Eles a chamam de Madre Superiora — continuou Bonello. — As moças são novas aqui, mas todos conhecem a Madre. Vieram para cá pouco antes da retirada.

— Chegaram em boa hora.

— Sim, talvez. Queria ter aproveitado para dar uma ferrada de graça. Cobram demais nesse bordel. O governo nos rouba. Chegamos.

— Tome o veículo e faça com que os mecânicos o revisem. Mude o óleo e

examine o diferencial. Encha o tanque e durma um bom sono.

— Sim, *signor tenente*.

Nossa *villa* estava deserta. Rinaldi partira com o hospital, e o major seguira com os enfermeiros no carro do estado-maior. Encontrei na janela um recado para mim — para carregar a ambulância com o material empilhado no *hall* e seguir para Pordenone. Os mecânicos já haviam partido. Fui para a garagem. As outras duas ambulâncias apareceram nesse momento. A chuva recomeçara.

— Estou com tanto sono que cochilei três vezes pelo caminho — contou Piani. — O que vamos fazer, tenente?

— Mudar o óleo, lubrificar tudo, encher os tanques e carregar o resto do material que ficou.

— E partimos em seguida?

— Não. Dormiremos três horas.

— Cristo. Estou caindo de sono — reclamou Bonello. — É impossível guiar assim.

— Como está o seu veículo, Aymo? — perguntei.

— Muito bem.

— Me arranje um macacão e ajudo você na troca do óleo.

— Não é preciso, tenente — respondeu Aymo. — Vá cuidar das suas coisas que me encarrego do resto.

— Minhas coisas já estão prontas. Quero acomodar já o material. Traga os carros assim que estiverem prontos.

Eles levaram os carros para a frente do casarão e nós os carregamos com o equipamento empilhado no *hall*. Depois de tudo pronto, deixamo-los ali em linha, debaixo das árvores, na chuva, e entramos.

— Façam fogo na cozinha e sequem as roupas — recomendei.

— Não me incomodo com a roupa molhada — disse Piani. — O que eu quero é dormir.

— E eu vou dormir na cama do major — disse Bonello. — Quero ver como é o sono do velho.

— Eu durmo em qualquer parte, contanto que durma.

— Há duas camas aqui — disse eu abrindo a porta.

— Nunca vi o que havia nesse quarto — volveu Bonello.

— Era o quarto do cara de peixe — lembrou Piani.

— Vocês dois podem dormir aqui. Eu os acordarei.

— Os austríacos nos acordarão, se o tenente não o fizer.

— Não tem perigo, não vou perder a hora — adverti. — Onde está Aymo?

— Na cozinha.

— Para a cama — ordenei.

— Guiei hoje dormindo no volante — disse Piani. — Meus olhos se fechavam sem eu querer.

— Tirem as botas — disse Bonello. — Essa era a cama do cara de peixe.

— Para mim, ele é ninguém. — Piani estendeu-se na cama com as botas enlameadas sobre o colchão e a cabeça sobre o braço. Fui para a cozinha. Aymo fizera fogo e estava aquecendo água.

— Precisamos preparar alguma *pasta asciutta* — disse ele. — Estaremos com fome ao acordar.

— Não está com sono, Bartolomeo?

— Não muito. Depois que a água ferver, eu me recolho. É só deixar o fogo baixo.

— Vá dormir que é melhor… Poderemos comer queijo e charque enlatado.

— Isso aqui é bem melhor — disse ele. — Comida quente vai fazer bem a esses anarquistas. Vá deitar-se, tenente.

— Há uma cama no quarto do major.

— Durma nela.

— Não. Ficarei no meu quarto de sempre. Quer um trago, Bartolomeo?

— Na hora de partir, tenente. Agora não me valerá de nada.

— Se acordar daqui a três horas, faça o favor de me chamar, certo?

— Não tenho relógio, tenente.

— Há o relógio de parede do quarto do major.

— Está bem.

Atravessei o salão de refeições e o *hall* de escadas de mármore onde passara tanto tempo em companhia de Rinaldi. A chuva caía de novo. Cheguei à janela e olhei para fora. Estava ficando escuro. Vi os três carros imóveis sob as árvores gotejantes. Fazia um frio intenso. Atirei-me à cama de Rinaldi e dormi.

De manhã, comemos na cozinha antes de partir. Aymo preparara uma bacia de espaguete com cebolas e carne enlatada. Sentamo-nos à mesa e bebemos duas garrafas de vinho encontradas na adega. Estava escuro lá fora e chovendo. Piani pendia de sono.

— Gosto mais de uma retirada do que de um ataque — declarou Bonello. — Numa retirada sempre se bebe um barbera.

— Vamos bebê-lo hoje. Amanhã talvez só tenhamos água da chuva — tornou Aymo.

— Amanhã estaremos em Udine e beberemos champanha. Lá é que os

desertores estão escondidos. Acorde, Piani! Vamos beber champanha amanhã em Udine.

— Estou acordado — respondeu Piani. A seguir, encheu o prato de espaguete.

— Não tem aí molho de tomate, Barto?

— Não encontrei nenhum.

— Beberemos champanhe em Udine — disse Bonello, enchendo seu copo com o vinho vermelho-claro.

— Ou quem sabe... antes de Udine — rebateu Piani.

— Comeu bastante, tenente? — quis saber Aymo.

— De encher a barriga! Passe-me a garrafa, Bartolomeo.

— Tem mais uma para cada ambulância — informou Aymo.

— Todos dormiram bem?

— Eu não preciso de muito sono, durmo pouco.

— Amanhã talvez durmamos na cama do rei — disse Piani.

— E eu dormirei com a rainha — acrescentou Bonello, olhando para ver como eu recebia a sua piada.

— Você vai dormir no... — murmurou Piani sonolentamente.

— Isso é traição, tenente — gritou Bonello. — Não acha que é traição?

— Cale-se. Você fica animado demais com muito pouco vinho.

Estava chovendo forte. Consultei o relógio. Nove e meia.

— É hora de rodar — disse eu, levantando-me.

— Quem vai no carro do tenente? — quis saber Bonello.

— Aymo. Atrás, o carro de Bonello. Depois o de Piani. Vamos pela estrada de Cormons.

— Estou com medo de dormir no volante — lamentou-se Piani. — Continuo morrendo de sono.

— Eu guiarei enquanto você dorme um pouco mais.

— Não. Com alguém do meu lado que me impeça de dormir, posso guiar muito bem.

— Eu trato disso. Apague as luzes, Barto.

— Podia muito bem deixá-las acesas — disse Bonello. — Este lugar tornou-se inútil para nós.

— Tenho uma pequena canastra em meu quarto — disse eu. — Quer ajudar-me a trazê-la, Piani?

— Nós a traremos — respondeu Piani. — Venha ajudar-me, Aldo — e os dois dirigiram-se para o *hall*. Eu os ouvi subindo a escada.

— Bela casa esta! — exclamou Bartolomeo Aymo, pondo duas garrafas de vinho e metade de um queijo em seu saco de viagem. Nunca mais teremos algo assim. Para onde estamos nos retirando, tenente?

— Para além do Tagliamento, dizem eles. O hospital vai para Pordenone.

— Gorízia é melhor que Pordenone.

— Não conheço Pordenone — disse eu. — Vim diretamente para cá.

— Não é nenhum lugar que valha a pena — opinou Aymo.

28

QUANDO NOS PUSEMOS a caminho, debaixo de chuva e ainda no escuro, a cidade estava deserta, a não ser pelas tropas em marcha atravessando a rua central com os canhões. Havia também muitos caminhões e alguns veículos saindo das ruas secundárias para a central. Passamos pelos curtumes e, chegando à via principal, tudo aquilo se fundiu numa larga e lenta coluna em movimento. Minha ambulância seguia vagarosamente, mas em velocidade constante, debaixo da chuva, com o focinho do radiador quase encostando na traseira de um caminhão de carga alto, coberto de lona. De repente, o caminhão parou. Toda a coluna também parou. Logo em seguida, deu partida, rodou mais alguns metros e parou de novo. Desci e fui me esgueirando por entre caminhões, carretas e cavalos encharcados. O ponto de retenção era bem mais à frente. Saí para a estrada, atravessei a vala da trincheira por sobre uma tábua e avancei pelo campo. Por entre as árvores podia enxergar, até bastante longe, a enlameada coluna se estendendo, e assim caminhei quase dois quilômetros. A coluna continuava parada, embora, do outro lado, houvesse homens prosseguindo a pé. Voltei para a ambulância. O engarrafamento poderia muito bem ir até Udine. Piani dormia no volante. Sentei-me ao lado dele e dormi também. Muitas horas depois, o caminhão à nossa frente se pôs em marcha e pudemos nos mover. Acordei Piani e demos partida, avançando sempre apenas alguns metros, e parando, avançando um pouco e parando de novo. A chuva não cessava.

Houve outra parada à noite. Aproveitei para saltar e ir ver Aymo e Bonello. Encontrei Bonello com dois sargentos da engenharia sentados com ele na ambulância. Eles se perfilaram ao me ver.

— Foram deixados para trás para um conserto de ponte — explicou Bonello. — Não conseguimos encontrar a unidade deles e assim lhes dei um lugarzinho aqui.

— Com sua permissão, tenente…

— Têm a minha permissão — respondi.

— O tenente é americano — volveu Bonello. — Dá carona a todo mundo.

Um dos sargentos sorriu. O outro perguntou a Bonello se eu era italiano da América do Norte ou da América do Sul.

— Ele não é italiano. É norte-americano… Fala inglês.

Os sargentos foram bastante polidos, mas não acreditaram na informação.

Deixei-os e voltei-me para Aymo. Estava com duas jovens no assento.

— Barto, Barto... — disse eu. Ele riu.

— Fale com elas, tenente. Não posso compreender nada do que dizem. Ei! — fez ele, pondo a mão sobre a coxa e apertando-a amistosamente.

A moça fechou-se no xale e afastou a mão dele.

— Ei! Diga ao tenente o seu nome e o que estão fazendo aqui.

A interpelada encarou-me de modo hostil, enquanto a outra se mantinha de olhos baixos. Disse-me qualquer coisa num dialeto do qual não entendi uma só palavra. Era gorducha e teria uns dezesseis anos.

— *Sorella?* — perguntei, apontando para a de olhos baixos.

A moça fez que sim e sorriu.

— Está bem — disse eu, e dei-lhe uma palmadinha no joelho… e senti que ela se encolheu. A outra não me olhava. Parecia mais moça. Aymo levou a mão à perna da mais jovem, e ela afastou-a depressa. Aymo sorriu para ela.

— Bom homem — disse ele apontando para si mesmo. — Bom homem — disse, apontando para mim. — Não tenham medo.

A moça encarou-me de modo altivo. Eram duas aves selvagens.

— Como é que está aproveitando a minha condução se não gosta de mim? — reclamou Aymo. Elas subiram no carro no momento em que eu ia partir.

E, voltando-se para a moça, ele disse:

— Não se aflija. Não há perigo de... — e empregou uma palavra de gíria vulgar. — Não há lugar aqui para...

Pude ver que ela entendera a palavra e foi tudo. Ela olhava para Aymo com medo e fechava-se no xale.

— O veículo está cheio demais, menina. Não há perigo de... Não há lugar aqui para...

Cada vez que ele pronunciava a tal palavra a moça se encolhia. Logo começou a chorar. Vi seus lábios tremerem e depois lágrimas lhe rolarem pelo rosto gorducho. Sua irmã, sem erguer os olhos para ela, tomou-lhe a mão e apertou-a. A mais velha, que me parecera tão feroz, começou a soluçar.

— Acho que meti medo nela — lamentou Aymo. — Mas não tive essa intenção.

Bartolomeo abriu sua mochila de mantimentos e tirou um pedaço de queijo do qual cortou duas fatias.

— Tome aqui… não chore.

A mais velha sacudiu a cabeça, ainda chorando, mas a mais nova pegou o queijo e pôs-se a comê-lo. Depois de alguns instantes, deu a segunda fatia à

irmã, que também começou a comer, embora entre soluços.

— Isso passa. Daqui a pouco estarão alegres — volveu Aymo. Uma ideia lhe veio… — Virgem? — perguntou à mais velha, que sacudiu a cabeça, confirmando com energia.

— Virgem também? — perguntou, apontando para a mais jovem.

Ambas fizeram que sim com a cabeça, enquanto a mais velha dizia qualquer coisa em seu dialeto.

— Está bem, está bem — murmurou Bartolomeo.

As duas ficaram mais animadas.

Deixei-os e fui para o meu veículo, junto com Piani. A coluna não se movia, mas tropas a pé não paravam de passar por nós. Ainda chovia muito forte, e por isso imaginei que a paralisação da marcha fosse causada por umidade nos contatos dos carros. Ou, então, devido à exaustão dos homens e dos cavalos, que deveriam estar caindo de sono. De modo que tudo poderia se resolver quando a coluna alcançasse a cidade e todos tivessem de despertar. Aquilo era uma mistura caótica de veículos de tração animal e automóveis. Não se auxiliavam uns aos outros. As carretas dos camponeses, agregadas à coluna, também não ajudavam em coisa nenhuma. As duas moças de Barto eram camponesas. Uma retirada não era lugar para duas virgens. Virgens verdadeiras. Provavelmente, muito religiosas. Se não fosse a guerra, todos estaríamos na cama. Eu estaria na cama. Àquela hora, Catherine estava na cama, entre um lençol e um cobertor. De que lado estaria dormindo? Talvez estivesse acordada. Talvez pensando em mim. Sopra, sopra, maldito vento. O vento soprava e a chuva que caía não era pouca, era chuva grossa. Choveu a noite inteira. Não dava para acreditar no quanto chovia. Cristo! Se meu amor estivesse em meus braços e nós dois numa boa cama... Meu amor, minha Catherine. Que a chuva a trouxesse para mim. Que o vento a carregasse para mim. Bem, estávamos ali na chuva. Todos debaixo da chuva.

— Boa-noite, Catherine! — exclamei alto. — Tomara que você possa dormir bem. Se estiver se sentindo desconfortável, mude de posição. Vou pegar um pouco de água fresca. Daqui a pouco será manhã e então nada parecerá tão ruim assim. Lamento que esteja inquieta. Procure dormir, querida.

“Estive dormindo todo o tempo”, respondeu ela. “Você falava durante o sono. Está tudo bem?”

“É você? Está realmente aqui?”

“Claro que estou. Eu não me afastaria de você. Isso não muda em nada a nossa situação.”

“Você é tão adorável, tão doce. Não iria sair numa noite destas, não é verdade?”

“Claro que não. Estarei sempre aqui. Estarei com você sempre que me quiser.”

— ... — exclamou de novo Piani. A marcha recomeçara.

— Estive tendo alucinações — disse eu, olhando para o relógio. Três da madrugada. Espichei a mão para o barbera atrás do assento.

— Estava falando no sono — disse-me Piani.

— Eu estava sonhando em inglês.

A chuva ia diminuindo, e a coluna prosseguia. Antes de amanhecer, empacou novamente e, quando clareou, vi que estávamos numa subida suave. A coluna estendia-se até muito longe, parada, com exceção da infantaria, que se filtrava por ela. Logo depois a marcha foi retomada, mas com tamanha lentidão que, sem tomar algum atalho, vi que não chegaria nunca a Udine.

Durante a noite muitos camponeses se juntaram à coluna, chegando pelas estradas laterais, com carretas carregadas com tralha doméstica. Apareciam pedaços de espelho saindo de colchões e pencas de marrecos e galinhas atados pelos pés. Numa carreta à nossa frente seguia uma máquina de costura exposta à chuva. Procuravam levar as coisas de maior valor. Em algumas carroças seguiam mulheres amontoadas; outras mulheres iam a pé, ao lado, protegendo-se da chuva como podiam. Havia muitos cães acompanhando a coluna, seguindo por baixo os veículos. A estrada era só lama; as valas laterais estavam cheias de água e, para além das árvores que se enfileiravam ao longo da estrada, os campos pareciam de tal forma encharcados que ninguém se animava a meter-se por eles. Desci do carro e pus-me a procurar um ponto de onde pudesse avistar algum desvio pelo qual pudéssemos entrar. Sabia que havia muitos atalhos, mas não queria um que nos levasse a lugar nenhum. Não recordava qual poderia tomar, porque sempre havíamos passado por eles muito rápido, enxergando-os da estrada principal, todos parecidos. Mas tínhamos de descobrir um atalho e passar à frente da coluna. Ninguém sabia onde poderiam estar os austríacos, nem como iam as coisas, mas eu tinha certeza de que, se a chuva passasse e viessem aviões bombardear a coluna, o desastre seria completo. Bastaria que alguns homens abandonassem seus caminhões, ou que uns poucos cavalos fossem deixados na estrada, mortos, para paralisar de vez o tráfego.

A chuva já caía menos pesada, com o céu dando indícios de querer clarear. Segui pela beira da estrada e, quando vi uma estradinha vicinal, com jeito de seguir para o norte, achei que poderíamos tomá-la e fui prevenir os demais.

Avisei a Piani e depois a Bonello e Aymo.

— Se essa estrada não nos levar a parte alguma, poderemos voltar.

— E quanto a esses dois aqui? — perguntou Bonello.

Os dois sargentos continuavam a seu lado. Não haviam se barbeado, mas ainda pareciam tão militares quanto no primeiro momento em que nos vimos.

— Eles servirão para empurrar a ambulância, se precisarmos — respondi, e fui ver Aymo, a quem expliquei a nova resolução.

— E minha família de virgens? — indagou Aymo, olhando para as duas moças adormecidas.

— Elas não serão úteis — disse eu. — É preferível levar alguém que possa empurrar o veículo.

— Poderão seguir na traseira. Há espaço.

— Está bem, se elas quiserem. E pegue gente de ombros largos que nos sirva para alguma coisa no caminho.

— *Bersaglieri.* — Aymo sorriu. — Eles têm ombros largos. Medem os ombros deles antes de serem incorporados à tropa. Como está se sentindo, tenente?

— Ótimo. E você?

— Bem. Mas com muita fome...

— Deve haver alguma coisa na estrada que vamos tomar. Então, paramos para comer.

— E como vai a perna, tenente?

— Aguentando — respondi.

Subi no estribo do veículo e pude ver Piani já se metendo pela estradinha. Bonello o seguiu e nós fizemos o mesmo, com as duas outras ambulâncias já bem à frente, na estrada estreita, ladeada de sebes. A estrada levava a uma casa de fazenda. Encontramos Piani e Bonello parados em frente à casa. Era uma construção térrea, com varanda de trepadeiras. Havia um poço no quintal, de onde Piani já estava tirando água para encher o radiador de seu carro, que fervia, depois de tanto tempo rodando em marcha lenta. A casa estava deserta. Olhei para a estrada por onde viemos e pude verificar que a casa estava numa suave elevação, em relação ao terreno plano. Olhei em torno. Dali podia avistar a paisagem distante — a estrada, as sebes, os campos cultivados e a linha de árvores que ladeavam a estrada por onde se processava a retirada. Os dois sargentos foram revistar a casa, enquanto as duas moças arregalavam os olhos para tudo. Um dos sargentos reapareceu com um relógio de parede.

— Ponha isso onde estava — ordenei.

Ele encarou-me, entrou de novo e voltou de mãos vazias.

— Onde está o seu companheiro?

— Na latrina — foi a resposta, e retornou logo para o assento da ambulância, com medo de que eu o castigasse, deixando-o ali.

— E a boia, tenente? — indagou Bonello. — Podemos comer qualquer coisa. Não tomará tempo.

— Acha que esta estradinha nos conduzirá para onde queremos?

— Claro.

— Pois bem, vamos comer.

Piani e Bonello entraram na casa.

— Vamos — disse Aymo às duas moças, e ergueu a mão para ajudá-las a descer.

A mais velha sacudiu a cabeça. Não iriam entrar na casa deserta junto com tantos homens.

— Bem dificeizinhas — disse Aymo e entrou comigo.

Era uma casa abandonada, espaçosa e escura, muito triste. Encontrei Bonello e Piani na cozinha.

— Não há muito o que comer. Eles limparam tudo — observou Piani. Bonelli cortava o queijo sobre a sólida mesa da cozinha.

— Onde está o queijo?

— Na adega. Piani descobriu vinho e maçãs.

— Ora, já é um desjejum.

Piani estava tirando a tampa de madeira de um garrafão de vinho. Despejou o líquido numa vasilha de cobre.

— O cheiro está bom. Veja alguns copos ou xícaras, Barto.

Os dois sargentos apareceram.

— Comam um pouco de queijo — disse Bonello.

— Precisamos seguir viagem — respondeu um deles, comendo seu queijo e bebendo um copo de vinho.

— Não se aflija, não vamos ficar morando aqui — replicou Bonello.

— Exército de estômago vazio não marcha — disse eu.

— Como?

— Temos de comer para poder rodar. Sem gasolina um carro não anda.

— Sim, mas o tempo é precioso.

— Acho que esses bastardos já comeram — suspeitou Piani.

Os sargentos nos olharam com ódio.

— Conhece essa estrada? — perguntou-me um deles.

— Não — declarei, e eles se entreolharam.

— O melhor é partirmos já — insistiu o mais apressado.

— Não vamos demorar — disse eu.

Tomei mais um copo de vinho. Caiu muito bem, por cima do queijo e da maçã.

— Traga o queijo — ordenei ao sair.

Bonello veio com o garrafão de vinho.

— Não podemos levar isso. É muito grande.

Bonello olhou para mim triste.

— É... também acho, mas posso encher os cantis — e encheu os cantis precipitadamente, derramando um bocado de vinho fora. O garrafão vazio ficou junto da porta.

— Os austríacos poderão encontrá-lo sem necessidade de arrombar a casa.

— Vamos rodar! — gritei. — Piani vai comigo na frente.

Os dois sargentos já estavam sentados com Bonello. As moças comiam o queijo e mordiam as maçãs. Aymo fumava. Pusemo-nos a caminho pela estrada estreita. Olhei para trás, para os carros que nos seguiam e para a casa deserta distanciando-se. Uma bela casa de pedra, com uma curiosa armação de ferro no poço. À nossa dianteira estendia-se o chão lamacento, a estradinha estreita, por entre as cercas laterais. Seguimos, todos os carros muito colados.

29

AO MEIO-DIA estávamos numa estradinha lamacenta e, pelos nossos cálculos, a mais ou menos dez quilômetros de Udine. A chuva parara e por três vezes vimos passar aviões e ouvimos explosões de bombas lançadas sobre a estrada principal. Tentávamos encontrar um caminho pela malha de estradas vicinais, mas pegamos muitas pequenas vias que davam em lugar nenhum, e então precisávamos retornar, para encontrar outra estrada que continuasse nos levando cada vez mais para perto de Udine. Em certa altura, o veículo conduzido por Aymo, rodando de marcha à ré, quando voltávamos atrás numa estrada que se interrompia, afundou até ficar com o diferencial enterrado na lama. A coisa a fazer era cavar diante das rodas e forrar o chão com galhos verdes de modo que as correntes pudessem ganhar atrito. Todos descemos e rodeamos o carro atolado. Os dois sargentos agacharam-se para examinar a situação das rodas. Depois ergueram-se e afastaram-se sem dizer palavra. Fui atrás deles.

— Venham cá! — gritei para eles. — Tratem de cortar alguns ramos de árvores.

— Precisamos ir embora — foi o que responderam.

— Nada disso. Tratem de nos ajudar.

— Precisamos ir embora — repetiu um deles.

O outro não disse nada. Estavam com pressa. Nem sequer olhavam para trás.

— Ordeno que voltem e ajudem a cortar ramos de árvores — gritei.

Um deles parou e voltou-se para mim.

— Precisamos seguir adiante. Qualquer demora vai nos cortar o caminho para a retirada. Além disso, o senhor não é nosso oficial. Não pode nos dar ordens.

— Repito a ordem que dei. Voltem.

Eles não obedeceram ao comando.

— Alto! — gritei. Eles continuaram a afastar-se. — Dei ordem de alto! — gritei de novo. Eles apressaram o passo. Abri o coldre, saquei da pistola, apontei e fiz fogo. Errei e eles puseram-se a correr. Dei mais três tiros e derrubei um. O outro meteu-se pela cerca e evaporou-se. Atirei contra a cerca. Ele surgiu no campo, a correr. Recarreguei a pistola e continuei a atirar, mas já estava distante demais para que eu o atingisse. Bonello adiantou-se.

— Deixe-me dar cabo do que caiu.

Entreguei-lhe a pistola, e Bonello acercou-se do sargento baleado. Encostou o cano da arma na cabeça dele e apertou o gatilho. A arma não disparou.

— Levante o cão — gritei.

Ele armou a pistola, e atirou duas vezes. Depois agarrou o sargento pelas pernas e arrastou-o para a beira da estrada. Então, voltou e entregou-me a arma.

— Aquele filho da puta! — exclamou, olhando para o sargento. — Me viu atirar nele, tenente?

— Precisamos cortar os ramos de árvore bem depressa! — eu disse. — Será que consegui ferir o outro?

— Acho que não — disse Aymo. — Estava muito longe para ser atingido com tiro de pistola.

— Gente imunda! — exclamou Piani.

Todos estavam cortando galhos. O veículo atolado já fora esvaziado. Bonello cavava diante das rodas. Depois de tudo pronto, Aymo pôs-se ao volante e deu partida, enquanto todos empurrávamos. O carro não se moveu.

— Dê marcha à ré, Barto — ordenei. — Faça jogo para a frente e para trás.

Barto obedeceu, mas isso só serviu para que o carro afundasse ainda mais. Estava apoiado sobre o diferencial, com as rodas girando soltas.

— Vamos experimentar arrastar com as cordas — sugeri.

— Acho que não vai adiantar, tenente. Não vamos conseguir um impulso suficiente.

— Mas precisamos tentar!

Os veículos de Piani e Bonello somente podiam se mover para a frente, na estradinha estreita. Atamos os dois juntos ao carro atolado e tentamos puxá-lo, mas foi em vão.

Piani e Bonello desceram de seus veículos, juntamente com Aymo. As moças aguardavam um pouco adiante, a uns quarenta metros, encarapitadas sobre um muro de pedra.

— E agora, tenente? — perguntou Bonello.

— Vamos cavar novamente e fazer outra tentativa com os galhos.

Olhei para a estrada. Eu fora o culpado. Eu os trouxera até ali. O sol já ia saindo de trás das nuvens, e o corpo do sargento jazia junto à cerca.

— E se a gente forrasse o chão com o capote do morto?

Bonello foi buscar o capote do sargento, enquanto eu cortava galhos e Piani tirava a lama de debaixo do diferencial. Cortei o capote no meio e pus cada metade sob uma das rodas atoladas. Depois, coloquei os galhos para as rodas terem onde se agarrar. Quando ficou pronto, Aymo subiu ao volante e deu

partida. Todos empurramos. Mas foi inútil.

— Para o inferno! — exclamei. — Ainda tem no veículo qualquer coisa de que você precise, Barto? Se tem, tire logo.

Aymo tirou o queijo, duas garrafas de vinho e seu capote. Bonello, sentado junto à roda, estava revistando um bolso do capote do sargento.

— É melhor jogar esse capote fora. Mas, e as virgens de Barto?

— Podem ir atrás — disse Piani. — Acho que não vamos chegar muito longe.

Abri a porta da ambulância.

— Vamos! — gritei para as garotas. — Entrem.

As duas entraram e sentaram-se a um canto. Pareciam não ter tomado conhecimento do tiroteio. Olhei para a estrada. O sargento estava estirado lá, semidespido. Sentei-me ao lado de Piani e partimos. Íamos tentar atravessar a campina. Quando alcançamos campo aberto, desci e passei a andar à frente dos carros. Se conseguíssemos atravessar aquele trecho, haveria uma estrada já do outro lado. Mas não conseguimos avançar muito. Os carros logo ficaram atolados até o eixo. O remédio era abandonar tudo e ir a pé para Udine. Assim fizemos.

Ao alcançarmos uma estrada que ia ter à principal, voltei-me para as duas moças:

— Vocês podem seguir até lá. Vão encontrar quem as leve.

Elas trocaram um olhar sem entender. Tirei algum dinheiro do bolso e dei-lhes uma nota de dez liras.

— Vão logo! — continuei, apontando para a estrada principal. — Amigos! Família!

Elas não entenderam, mas pegaram a nota e puseram-se a caminhar, olhando para trás amedrontadas, talvez temendo que lhes tomássemos o dinheiro. Fiquei observando-as se afastarem, embrulhadas nos xales, volta e meia lançando olhadelas para o nosso lado. Os três choferes sorriam.

— Tenente! Quanto o senhor me dá para que eu também siga naquela direção? — perguntou Bonello.

— As meninas estarão melhor no meio daquela massa de gente do que sozinhas aqui, se os austríacos cortarem a nossa retirada.

— Dê-me duzentas liras, tenente, e eu irei até a Áustria — volveu Bonello.

— Eles tomariam o dinheiro de você por lá — disse Piani.

— Mas, talvez, antes disso a guerra já tenha acabado — tornou Aymo.

Tomamos a estrada e caminhamos o mais depressa possível. O sol estava

tentando aparecer novamente. Havia muitas amoreiras pelos campos e, através da folhagem, eu via o vulto das ambulâncias abandonadas. Piani também pôs os olhos nelas.

— Para tirá-las dali terão que reconstruir a estrada.

— Por Cristo, quem me dera ter aqui uma bicicleta! — suspirou Bonello.

— Usam bicicletas lá na sua América? — quis saber Aymo.

— Usavam… antigamente.

— Aqui é uma grande coisa. Uma bicicleta aqui é uma coisa fantástica.

— Quem me dera ter uma agora! Não sou bom para andar a pé.

Pareceu-me ouvir disparos ao longe.

— São tiros? — perguntei.

— Não sei — disse Aymo apurando os ouvidos.

— Parece que sim.

— A primeira coisa que vamos ver é a cavalaria — advertiu Piani.

— Não acho que eles tragam a cavalaria.

— Deus não permita — volveu Bonello. — Não tenho vontade nenhuma de ser espetado por uma lança de um merda de um cavalariano.

Aceleramos mais ainda nosso passo.

— Deu um bom tiro naquele sargento, tenente — disse Piani.

— E eu acabei de matá-lo — tornou Bonello. — Ainda não havia matado ninguém nesta guerra, mas sempre tive vontade de acabar com um sargento.

— Mas atirou com ele parado — tornou Piani. — Ele não estava correndo.

— Não importa. É uma coisa que vou lembrar para sempre… que matei um… um sargento.

— E o que vai dizer ao padre quando se confessar?

— Direi: “Abençoai-me, padre, pois matei um sargento.”

Todos riram.

— Ele é anarquista — explicou Piani. — Não vai à igreja.

— Você também é anarquista, Piani.

— São mesmo? Anarquistas? — perguntei.

— Não, tenente. Somos socialistas. Somos de Ímola. Conhece Ímola, tenente?

— Não.

— Por Cristo, é uma terra linda, tenente! Apareça lá depois da guerra que lhe mostrarei muita coisa.

— E todos lá são socialistas?

— Todo mundo.

— Cidade bonita?

— Lindíssima. Não há cidade como Ímola.

— E como foram virar todos socialistas?

— Não sei. Fomos virando. Todos lá. Sempre fomos.

— Apareça lá, tenente, que também vai virar socialista.

A estrada à frente tomava para a esquerda, rumo a uma colina ao pé da qual havia um cercado de pedra com um pomar de macieiras. Era íngreme ali, e todos pararam de falar. O fôlego não dava para as duas coisas e estávamos correndo contra o tempo.

30

CHEGAMOS a uma estrada que levava a um rio. Demos com uma longa fila de caminhões abandonados e carretas perto da ponte. Mas ninguém à vista. O rio estava cheio, e a ponte fora dinamitada bem no meio. O arco central de pedra desabara no rio e a água terrosa passava por cima dele. Fomos para a margem procurar um ponto que nos permitisse a travessia. Lá adiante aparecia uma ponte de estrada de ferro. Achei que poderíamos utilizá-la. Não vi tropa nenhuma, só veículos abandonados. Pelas margens do rio, nada senão arbustos encharcados e lama no chão. Fomos seguindo rumo à ponte da estrada de ferro.

— Que bela ponte! — exclamou Aymo.

Era uma ponte de ferro, longa e plana, atravessando o leito do rio.

— Vamos atravessá-la depressa antes que a arrebentem — disse eu.

— Não há ninguém por aqui para arrebentá-la. Já se foram todos — volveu Piani.

— Provavelmente está minada — lembrou Bonello. — O tenente atravessa primeiro.

— Olhe o anarquista! — gritou Aymo. — Faça-o atravessar primeiro, tenente.

— Eu vou na frente — determinei. — Se estiver minada, não explodirá com o peso de um único homem.

— Estão vendo? — elogiou Piani. — Isso é que é ter cérebro. Os anarquistas não sabem o que é ter cérebro.

— Se eu tivesse cérebro não estaria aqui agora — replicou Bonello.

— Tenente, essa foi ótima — murmurou Aymo.

— Tem toda razão — concordei.

Aproximamo-nos da ponte. Do céu coberto de nuvens começou a cair uma chuva fina. A ponte parecia comprida e sólida. Subimos o talude.

— Temos que passar um de cada vez — disse eu, metendo-me pela estrutura metálica.

Fui observando se havia fios de cobre ou sinais de minas, mas não vi nada. Lá embaixo, as águas do rio deslizavam rápidas e vermelhas. À frente aparecia Udine, sob a chuva. Olhei para trás. Rio acima havia outra ponte. Um carro enlameado cruzou-a. As guardas dessa ponte eram altas, de modo que ocultaram o veículo. Mas vi a cabeça do motorista e dos ocupantes do carro. Traziam

capacetes alemães. O carro varou no outro extremo e perdeu-se entre os caminhões abandonados e as árvores que nos tolhiam a vista. Fiz um sinal a Aymo, que já vinha atravessando a nossa ponte, e também aos outros, para que se apressassem. Transposta a ponte, agachei-me junto ao leito da estrada de ferro. Aymo veio juntar-se a mim.

— Viu aquele carro? — perguntei.

— Não. Estava com os olhos em você, tenente.

— Um carro do Estado-maior alemão cruzou a outra ponte.

— Carro do Estado-maior?

— Isso mesmo.

— Santa Maria!

Os demais chegaram e ficamos todos agachados na lama, olhando para a outra ponte, para a linha de árvores, para as valetas à margem.

— Tenente! Acha que estamos com a retirada cortada?

— Não posso saber. Tudo o que sei é que um carro alemão passou por aquela ponte.

— Não acha engraçado, tenente? Isso não deixa a gente com umas ideias estranhas na cabeça?

— Não fale assim, Bonello.

— E que tal um trago? — propôs Piani. — Se estivermos cercados, melhor que seja com um trago no estômago do que sem ele — e destampou um dos cantis.

— Olhem! Olhem! — exclamou Aymo apontando para a estrada.

Ao longo da ponte de pedra iam surgindo capacetes alemães. Avançavam ligeiramente inclinados para a frente e tão maciamente que davam a impressão de algo sobrenatural. Ao saírem da ponte pude ver o que eram. Ciclistas. Homens de caras vermelhas e cheios de saúde. O capacete cobria-lhes a cabeça e a testa. As carabinas pendiam das bicicletas, e traziam granadas à cintura. Apesar de seus uniformes e capacetes cinza estarem molhados pela chuva, avançavam com facilidade, olhando para todas as direções. À frente vinham dois, depois quatro em linha, depois mais dois, depois um grupo de doze; depois outra dúzia, depois um sozinho. Não falavam, mas ainda que falassem não poderíamos ouvi-los por causa do rumor das águas. Perderam-se ao longe.

— Santa Maria! — repetiu Aymo.

— Não são austríacos. São alemães!

— E não há ninguém por aqui para detê-los? — perguntei. — Por que não explodiram a ponte? Por que não colocaram metralhadoras nos taludes?

Eu estava furioso.

— Parece que estão todos loucos. Lá embaixo arrebentam uma ponte pequena, e deixam aqui a maior. Onde estão os soldados italianos? Será que não procuram deter a invasão?

— Nós é que lhe perguntamos, tenente… — volveu Bonello.

Não respondi, não era minha área. Eu fora apenas incumbido de chegar a Pordenone com as três ambulâncias. E não conseguira nem fazer isso. Tudo o que podia fazer agora era alcançar Pordenone com os motoristas. Mas talvez nem conseguíssemos chegar a Udine. O problema se resumia em conservarmos a calma e não sermos mortos ou aprisionados.

— Você não está com um cantil aberto? — perguntei a Piani. Ele passou-o para mim e sorvi um grande gole. — Podemos continuar, mas não há pressa. Querem comer alguma coisa?

— Aqui não convém. Não é seguro — lembrou Bonello.

— Então, em frente.

— Acha que devemos seguir deste lado… fora de vista?

— Melhor irmos por cima da linha. Não os queremos em cima de nós antes que possamos vê-los.

Pusemo-nos a caminhar pelo leito da estrada de ferro. De ambos os lados estendia-se a planície alagada. À frente ficava o morro de Udine, com o castelo no topo. Vimos a igreja e o relógio do campanário, além das amoreiras, espalhadas pelos campos. Mais à frente avistamos um trecho onde os dormentes haviam sido arrancados e jogados para baixo do aterro.

— Descer! Descer! — gritou Aymo, e lançamo-nos todos pelo aterro abaixo. Outro pelotão de ciclistas vinha aparecendo na estrada.

— Eles nos viram, mas não fizeram caso — disse Aymo.

— Podemos ser mortos aqui em cima, tenente — acudiu Bonello.

— Não estão interessados em nós — observei. — Talvez estejam atrás de outra coisa. O perigo seria maior se deparassem conosco de surpresa.

— Ainda prefiro caminhar aqui por baixo — disse Bonello.

— Está bem. Nós continuaremos aqui em cima.

— Acha que a gente escapa dessa, tenente? — duvidou Aymo.

— Por que não? Eles ainda são poucos, e a noite se aproxima.

— Aquele carro do Estado-maior... o que andará fazendo por aqui?

— Só Deus sabe — respondi.

Continuamos a caminhar. Bonello, cansado de amassar a lama do sopé do aterro, subiu. A via férrea seguia rumo ao sul afastando-se da estrada de

rodagem, de modo que já não podíamos ver o que se passava nela. Demos com um pontilhão destruído, mas passamos sobre os destroços da estrutura. Um tiroteio soou à nossa frente.

Saímos na linha férrea depois do canal. Ela seguia direto rumo à cidade através de campos baixos. Víamos outros leitos de estrada à nossa frente. Ao norte ficava a rodovia principal, por onde víramos passar os ciclistas alemães; ao sul tínhamos um ramal com árvores dos dois lados. Calculei que seria melhor cortar para o sul e tentar alcançar Campoformio e a rodovia principal, que levava ao Tagliamento. Poderíamos evitar a linha principal da retirada, se nos conservássemos nas estradas secundárias além de Udine. Eu sabia que havia muitas dessas estradas secundárias através da planície. Então, desci o aterro.

— Vamos — ordenei.

Minha intenção era rumar para o sul da cidade, e todos descemos o aterro. Nesse momento, soou um tiro, e a bala cravou-se no chão perto de nós.

— Para trás! — gritei, e galguei de novo o aterro, escorregando na lama.

Os motoristas estavam à minha frente. Subi o mais depressa que pude. Mais dois tiros vieram de um pequeno bosque, e Aymo, que ia atravessando a linha, cambaleou e tombou de bruços. Nós o puxamos para o outro lado do aterro e o viramos de rosto para cima. Piani girou o corpo de Aymo para que a sua cabeça ficasse no nível mais alto. E lá ficou ele na lama do aterro, com os pés para baixo, espumejando sangue. Agachamo-nos os três em redor dele, sob a chuva. Fora ferido na nuca; a bala atravessara a cabeça e saíra debaixo do olho direito. Morreu enquanto procurávamos estancar a hemorragia. Piani, que estava segurando a cabeça dele, limpou-lhe o rosto com uma gaze de emergência e largou-a no chão.

— Os…! — ele xingou.

— Não foram os alemães — disse eu. — Não pode haver alemães por aqui.

— Então, *italiani*! — volveu ele, pronunciando essa palavra em tom pejorativo.

Bonello permaneceu quieto. Ficou sentado ao lado de Aymo, evitando olhar para ele. Piani tomou o boné do morto, que havia rolado pelo aterro, e cobriu-lhe o rosto. Apanhando o seu cantil, ofereceu um gole a Bonello.

— Não — disse este, apreensivo. E voltou-se para mim: — Era isso o que tinha de acontecer, desde que tomamos o leito da estrada.

— Aconteceu porque atravessamos o campo.

Bonello sacudia a cabeça:

— Aymo, morto. Qual o próximo, tenente? Para onde iremos agora?

— Quem atirou foi algum italiano, e não um alemão — murmurei.

— Se fossem os alemães teriam nos matado a todos — observou Bonello.

— Corremos mais perigo com os italianos do que com os alemães. A retaguarda está com medo de tudo. Já os alemães sabem o que querem.

— Bem pensado, tenente.

— Para onde vamos agora?

— O melhor é nos deitarmos, escondidos em qualquer lugar, até que venha a noite. Se pudermos alcançar o sul, tudo vai ficar bem.

— Eles vão querer matar a todos nós, para provarem a si mesmos que estavam certos antes — observou Bonello. — Não vou correr riscos com eles.

— Vamos procurar um refúgio bem perto de Udine. Depois, só caminharemos durante a noite.

— É isso mesmo — assentiu Bonello.

Seguimos pelo lado norte do aterro. Olhei para trás. Lá estava Aymo, dormindo na lama. Era de pequena estatura; tinha os braços esticados e colados ao tronco, as pernas bem juntas, o boné sobre o rosto. Ele parecia mesmo morto. Chovia. Eu gostava muito dele e conservei comigo os seus papéis, para escrever a sua gente. À frente, através do campo, vi uma casa de fazenda com árvores ao seu redor. Tinha uma varanda no andar superior, sustentada por colunas.

— Melhor caminharmos um pouco separados — propus. — Eu sigo na frente.

E, por um atalho, rumamos para lá.

Enquanto cruzava a campina, me vinha à cabeça que não sabia qual seria o nosso destino. Era possível que nos alvejassem da casa ou do meio do arvoredo. Avancei em direção à casa e já podia vê-la nitidamente. A varanda do andar superior emendava com a puxada do celeiro. Já havia mato entre as colunas. O terreno fronteiriço era coberto de pedra e todas as árvores pingavam. Vimos uma carroça, com a armação muito alta pegando chuva. Atravessei o terreno frontal e abriguei-me sob a varanda. Encontrei a porta aberta e entrei. Bonello e Piani seguiram-me. Estava escuro lá dentro. Dirigi-me à cozinha. Vi cinzas no fogão, e panelas em cima, porém vazias. Olhei em torno: nada para comer.

— Podemos ficar no celeiro — eu disse. — Veja se acha qualquer coisa para matar a fome, Piani.

— Vou procurar.

— E eu também — ajuntou Bonello.

— E eu vou ver o celeiro — falei.

Havia uma escada de pedra que conduzia ao estábulo embaixo. Senti à volta

o cheiro agradável de esterco. O gado todo se fora, provavelmente levado pelos que partiram. Encontrei boa provisão de feno. Havia duas janelas no telhado, uma fechada com tábuas, outra, mais estreita, abrindo para o norte. Uma calha permitia que o feno fosse deslizado para os cochos do estábulo. Vigotas cruzavam a abertura por onde o feno subia, para ser guardado. Podíamos espiar pela fresta das tábuas. Ouvi a chuva sobre as telhas e aspirei o cheiro do feno e do estrume vindo debaixo. Podíamos soltar uma tábua e escorregar até o quintal abaixo, da janela que dava para o sul. A outra janela era a que dava para o norte. Permitia-nos pular para o telhado e descer, ou escorregar pela calha, se as escadas de dentro estivessem impraticáveis. Era um celeiro muito grande e poderíamos nos esconder nos montes de feno, se aparecesse alguém. Pareceu-me um bom lugar.

Eu estaria convencido da possibilidade de ir para o sul, se não houvessem disparado contra nós. Impossível que tivessem sido os alemães. Eles estavam vindo do norte, descendo a estrada de Cividale. Não podiam vir do sul. O perigo estava nos italianos. O medo os fazia atirar em tudo quanto viam. Na última noite da retirada, ouvimos dizer que havia muitos alemães com uniformes italianos, misturados às nossas tropas. Na hora não quis acreditar. É dessas coisas que dizem em todas as guerras, sempre atribuídas ao adversário. Mas nunca ninguém falava em gente nossa que, metida em uniformes alemães, fosse tentar confundir o inimigo. Talvez fosse verdade, mas me parecia improvável. Não acreditei.

Não havia necessidade de aumentar a confusão de uma retirada daquelas. O tamanho do exército retirante e as deficiências das estradas já faziam isso muito bem. Mas podiam tentar nos alvejar pensando que fôssemos alemães disfarçados. Já haviam matado Aymo. O feno cheirava bem. Deitei-me naquele celeiro, aspirando o cheiro do feno, e foi como se os anos não tivessem passado. Nós nos deitávamos no interior de celeiros e conversávamos, e atirávamos com rifles de ar comprimido em pardais que pousavam no telhado. O celeiro já não existia e, num único ano, tinham arrasado as matas, deixando apenas tocos e galhos secos. Não dava para voltar atrás. Se eu não conseguisse tocar para a frente, o que aconteceria? Alcançar Milão era impossível. E se alcançasse? Nesse momento, um tiroteio dos lados de Udine me despertou. Metralhadora. Nada de artilharia. Bom sinal. Com certeza, tropas que haviam se esbarrado em meio à estrada. Olhei por uma fresta e vi Piani lá embaixo. Ele estava com uma comprida salsicha na mão, um jarro de qualquer coisa e duas garrafas de vinho debaixo dos braços.

— Suba! — gritei-lhe. — Tem uma escada ali.

Mas, vendo que tinha de ajudá-lo a transportar sua carga, desci. Eu ainda estava sonolento.

— Onde anda Bonello? — perguntei.

— Já vou contar — disse Piani, me encarando arredio.

Subimos a escada e pusemos as coisas no chão, perto do feno. Piani abriu a garrafa de vinho com o saca-rolhas do seu canivete.

— Estão lacradas — observou ele, sorrindo. — Deve ser vinho bom.

— Onde está Bonello?

Piani encarou-me de novo.

— Bonello fugiu — disse ele. — Foi se entregar.

Calei-me.

— Teve medo de que fôssemos mortos.

Segurei a garrafa de vinho, sem dizer nada.

— Já sabe que não acreditamos nessa guerra, tenente.

— E por que você não foi também?

— Não quis deixar o meu tenente.

— Para que lado ele foi?

— Não sei, tenente. Sumiu-se por aí.

— Está bem. Quer cortar a salsicha?

Piani encarou-me na meia luz.

— Já está cortada. Cortei-a enquanto estávamos falando — disse ele.

Sentados ali no feno, comemos a salsicha e tomamos o vinho. Devia ser de uma reserva guardada para algum casamento. De tão velho, já tinha perdido a cor.

— Vigie por aquela janela, Luigi — disse eu. — Vigiarei pela outra.

Cada um de nós bebia numa garrafa. Levei a minha e fui para a janela que escolhera. Não sei o que esperava encontrar, mas não vi nada senão os campos, as amoreiras e a chuva a cair. O vinho não melhorou o meu estado de ânimo. Envelhecera demais, começava a se decompor, perdera suas qualidades e sua cor. Começava a escurecer. Iríamos ter uma noite muito escura e chuvosa. Tão escura que já não adiantaria de nada ficar vigiando. Fui ter com Piani. Encontrei-o dormindo. Não o acordei. Sentei-me a seu lado. Era um homem grande e tinha sono pesado. Depois de algum tempo, acordei-o e partimos.

Foi uma noite bem estranha, aquela. Eu esperava tudo, inclusive tiros e mais mortes, mas nada aconteceu. Em certo momento, tivemos de nos esconder numa vala, de bruços, enquanto uma tropa alemã passava; depois que se perdeu ao

longe, atravessamos a estrada, rumo ao norte. Duas vezes nos vimos muito perto dos alemães, mas não fomos vistos. Passamos perto da cidade, ao norte, sem ver nenhum italiano; então, de repente, nos encontramos com as tropas em retirada e seguimos no rumo do Tagliamento. Eu ainda não fora capaz de calcular as extraordinárias proporções da retirada. Parecia que o país inteiro estava em marcha, acompanhando o exército. Caminhamos toda a noite, vencendo mais distância do que os veículos. Minha perna doía e eu estava cansado, mas tínhamos ganho tempo. Que tolice a de Bonello de entregar-se prisioneiro! Não víamos perigo. Estávamos varando entre dois exércitos sem nenhum incidente. Se Aymo não tivesse sido morto, nem suspeitaríamos de ameaça nenhuma. Aquela morte era quase inexplicável. Onde estaria Bonello?

— Como está, tenente? — perguntou Piani, num momento em que nos encontrávamos à beira de uma estrada entulhada de veículos e de tropas.

— Bem.

— Eu já estou farto de andar.

— Pelo menos, tudo o que temos de fazer agora é andar. Não há mais nada com que nos preocuparmos.

— Bonello foi um idiota.

— Completo.

— O que vai fazer a respeito dele, tenente?

— Não sei.

— Vai colocá-lo como aprisionado em seu relatório?

— Não sei.

— Se a guerra continuar, a família dele é que vai sofrer.

— A guerra não vai continuar — vociferou um soldado em meio à coluna em retirada. — Estamos voltando para casa. A guerra acabou.

— Todo mundo está indo para casa — gritou outro.

— Sim, vamos para casa — ajuntou um terceiro.

— Mais depressa, tenente — disse Piani, ansioso por passar à frente daquele grupo.

— Tenente? Quem é tenente? *A basso gli ufficiali!* — gritou uma voz. — Abaixo os oficiais!

Piani tomou-me pelo braço.

— Acho melhor tratá-lo pelo nome — sussurrou-me ao ouvido.— Pode haver complicação. Eles já mataram alguns oficiais.

Concordei e tratamos de nos adiantar.

— Não vou pôr nada no relatório que vá prejudicar a família de Bonello —

disse, retomando a conversa.

— Se a guerra acabar, não faz diferença. Mas não creio que tenha acabado. É bom demais para ser verdade.

— Logo vamos saber, Piani.

— Não creio nisso. Todos estão pensando que já acabou, mas não creio.

— *Viva la pace*! — gritou um soldado. — Vamos para casa.

— Seria maravilhoso se de fato estivéssemos indo para casa! — murmurou Piani. — Não gostaria de ir para casa?

— Gostaria.

— Mas não vai acontecer. A guerra não acabou.

— *Andiamo a casa* — berrou outro soldado.

— Eles deitaram fora as armas — observou Piani.

— Deviam pelo menos conservar os fuzis.

— Acham que jogando fora as armas acabam com a guerra e ninguém mais poderá fazê-los lutar.

No escuro e na chuva, porém, caminhando próximo à estrada, pude ver que muitos soldados conservavam as armas.

— De que brigada você é? — gritou um oficial.

— *Brigatta di Pace* — respondeu uma voz, e o oficial calou-se.

— Vamos, vamos — era só o que dizia Piani.

Nesse momento, vi duas ambulâncias inglesas abandonadas em meio ao comboio de veículos.

— São de Gorízia. Conheço os carros.

— Conseguiram avançar mais do que as nossas.

— É que partiram muito antes.

— Onde estarão os motoristas?

— Lá na frente, com certeza.

— Os alemães pararam perto de Udine — disse eu. — Essa gente vai ter de cruzar o rio.

— Tem razão — volveu Piani. — É por isso que acho que a guerra vai continuar.

— Os alemães podem vir logo aí atrás. Admiro-me de que ainda não tenham vindo.

— Não sei. Não estou entendendo nada de coisa nenhuma.

— Talvez estejam esperando pelos seus transportes.

— Não sei — murmurou Piani, que agora falava maciamente. Quando junto a outros, falava sempre de modo rude.

— É casado, Luigi?

— Sabe que sim.

— E foi por isso que não quis entregar-se aos austríacos!

— Foi uma das razões. E o tenente é casado?

— Não.

— Nem Bonello.

— Um homem casado quer sempre voltar para sua mulher — disse eu, pensando no meu caso. Por mim, bem que gostaria que começássemos a falar de nossas esposas.

— É isso mesmo.

— Como vão os seus pés?

— Doendo bastante.

Antes do romper do dia, alcançamos a margem do Tagliamento e por ela seguimos até a ponte, onde o tráfego era intenso.

— Eles vão ter de defender este rio — disse Piani.

O Tagliamento estava cheio e muito largo. A ponte de madeira teria mais de um quilômetro, e o rio, usualmente apertado em canais estreitos, chegava até quase o piso da ponte. Metemo-nos pela multidão que atravessava a ponte. Avançávamos lentamente, sob a chuva, a menos de um metro da correnteza, logo abaixo, apertados naquela massa humana aglomerada, com uma peça de artilharia logo à frente. Olhei para as águas. Agora que tinha de caminhar no passo dos outros, senti-me muito cansado. Era uma travessia penosa. Pus-me a imaginar o que sucederia se um avião nos sobrevoasse e despejasse suas bombas.

— Piani?

— Pronto, tenente.

Ele estava um pouco adiante. Ninguém falava. Todos procuravam ver-se depois da ponte o mais depressa possível. Só pensavam nisso. Nós já estávamos quase chegando ao fim. Ao alcançar o final da ponte, vi oficiais e carabineiros postados dos dois lados, com lanternas elétricas em punho. Observei-lhes as silhuetas contra o céu. Um dos oficiais apontou para um homem na coluna. Um carabineiro avançou e trouxe o homem pelo braço, levando-o dali. Os oficiais estavam examinando um por um, falando entre si, projetando a luz da lanterna, ora sobre um rosto, ora sobre outro. Agarraram mais um homem. Pude vê-lo. Era um tenente-coronel. Divisei-lhe as estrelas da manga à luz da lanterna. Cabelos grisalhos, gordo e baixote. Os carabineiros o levaram. Quando chegou a nossa vez de passar, um oficial indicou-me a um carabineiro. O carabineiro

aproximou-se de mim e agarrou-me pela gola.

— Que é isso? — protestei, dando-lhe uma bofetada de fazer sangue. Outro carabineiro acudiu em seu socorro.

— Que é que há? — gritei para ele, mas não obtive resposta. Estava procurando apenas uma chance de agarrar-me. Levei a mão à pistola.

— Não sabe que não pode tocar num oficial? — gritei.

O outro pegou-me por trás e arrancou-me a arma. Voltei-me, com ele pendurado ao meu pescoço. Dei-lhe com o pé na canela e o joelho nos escrotos.

— Atirem nele, se resistir! — escutei alguém dizer.

Tentei gritar, mas minha voz não saía. Eles estavam me arrastando para a beira da estrada.

— Atirem, se ele resistir! — tornou a gritar um oficial.

— Quem é você? — perguntei.

— Já vai saber.

— Quero saber agora.

— Polícia — respondeu o oficial.

— Por que não me pediu para me afastar do grupo, em vez de mandar esses aeroplanos me agarrarem?

Ninguém respondeu. Não tinham de responder. Eram a polícia militar.

— Levem-no para junto dos outros — disse o primeiro oficial italiano com sotaque.

— Você também, seu... — xinguei.

Os carabineiros me levaram para um agrupamento de pessoas, abaixo da estrada, junto à margem do rio. Enquanto me carregavam, ouvi tiros. Cheguei ao grupo. Vi quatro oficiais de pé, com um homem à frente, ladeado por dois carabineiros. Vi mais homens também guardados por carabineiros. Havia mais quatro outros carabineiros próximos aos oficiais que conduziam os interrogatórios, com as armas em descanso. Os carabineiros me largaram no grupo dos que iam ser interrogados. Olhei para o homem diante dos quatro oficiais. Era o tenente-coronel grisalho e gordo. Os interrogadores agiam com toda a eficiência, frieza e superioridade dos italianos, quando em vez de servirem de alvo estão na posição de quem atira.

— Sua brigada?

Ele respondeu.

— Regimento?

Ele respondeu.

— Por que não está com o seu regimento?

Ele respondeu.

— Não sabe que um oficial não pode abandonar as suas tropas?

Ele abandonara.

— Basta! — exclamou outro oficial. — É por sua causa e de outros como você que os bárbaros pisam hoje no sagrado solo da pátria.

— Do que está falando? — retrucou o tenente-coronel.

— É por causa da traição de homens de sua laia que a Itália perdeu o fruto de tantas vitórias.

— Já esteve em alguma retirada? — perguntou o prisioneiro.

— A Itália nunca se retira.

E estávamos ali na chuva escutando aquilo.

— Se pretendem me fuzilar — disse o tenente-coronel —façam-no logo, sem interrogatórios. Este interrogatório é estúpido. — Foi o que declarou, e a seguir fez o sinal da cruz.

Os oficiais conferenciaram entre si. Um deles escreveu alguma coisa num bloco de papel.

— Você abandonou suas tropas e vai ser fuzilado por isso.

Os carabineiros levaram o tenente-coronel para a margem do rio, um homem já velho com a cabeça descoberta e um carabineiro de cada lado. Não presenciei o fuzilamento, mas ouvi os tiros. Os oficiais estavam interrogando outro. Esse também se vira separado de suas tropas. Não lhe permitiram explicações. Ele chorou ao ouvir lerem sua sentença de morte, e os oficiais já estavam interrogando um terceiro ao soarem os tiros. O divertimento deles era interrogar o seguinte, enquanto o anterior já era posto diante do pelotão. Eu estava indeciso entre esperar minha vez ou tentar a fuga. Obviamente, iriam me tomar por um alemão em uniforme italiano. Já percebia como funcionavam aqueles cérebros, se é que tivessem cérebros e se é que funcionassem. Todos eram moços salvando a pátria. O segundo exército estava sendo reorganizado mais adiante do Tagliamento. Eles tinham vindo executar os oficiais do posto de major para cima que houvessem abandonado suas tropas. Também estavam sumariamente liquidando os *alemães em uniformes italianos*. Usavam capacete de aço. Só dois de nós trazíamos capacete de aço. Alguns carabineiros também — os outros traziam chapéu clássico. *Aeroplanos*, como eram chamados. Ali ficamos na chuva, à espera da nossa vez de sermos interrogados e fuzilados. Até agora haviam fuzilado todos os que tinham interrogado. Aqueles oficiais mostravam o devotamento à justiça dos que lidam com a morte sem correr perigo nenhum. Estavam agora interrogando o coronel de um regimento de linha. Três novos

oficiais suspeitos foram trazidos para o nosso grupo.

— Onde está o seu regimento? — perguntaram ao coronel.

Olhei para os carabineiros. Tinham os olhos fixos nos recém-chegados. Outros prestavam atenção no coronel. Súbito, recuei, varei entre dois homens e, de cabeça baixa, corri para o rio. Chegando à beira, atirei-me e mergulhei na água gelada, ficando submerso o mais tempo que pude. Senti a correnteza por cima de mim. Fiquei embaixo d'água até quase achar que não conseguiria subir outra vez. Mas emergi e tomei um fôlego rápido, antes de mergulhar de novo. Era fácil ficar embaixo d'água, vestido como eu estava. Quando pela segunda vez vim à tona, divisei, boiando à minha frente, um pedaço de madeira. Consegui agarrá-lo com uma das mãos. E fiquei imóvel, sem sequer voltar os olhos para a margem do rio. Ouvira tiros, quando corria para a água, e tiros quando pela primeira vez vim à tona. Mas foi só. O pedaço de madeira foi deslizando pela corrente, comigo agarrado a ele. Olhei para a margem. Vi que ia derivando rápido. Havia muita madeira flutuante. A água estava gelada. Passei por uma ilhota coberta de vegetação. Segurei-me ao pedaço de madeira com as duas mãos e deixei a correnteza me carregar. A margem ficou fora de vista.

31

QUEM FICA boiando num rio não sabe há quanto tempo está lá, quando a correnteza segue numa velocidade constante. Pode parecer um tempo longo, e ser na verdade um tempo curto. A água estava fria e, em consequência da cheia, muitos destroços corriam rio abaixo. Minha sorte foi encontrar aquele pedaço de madeira em que me agarrei, com ambas as mãos só com a cabeça ficando fora da água. Receava alguma cãibra e torcia para ser empurrado logo para a margem. Desci o rio, descrevendo agora uma grande curva e, à luz difusa do dia que começava a chegar, pude distinguir arbustos ao longo de uma linha de terra. Era uma ilhota coberta de arbustos. Cheguei a pensar em tirar minhas botas e roupas e nadar para lá, mas decidi não fazer isso. Calculei que logo alcançaria uma margem e ficaria em má situação se estivesse descalço. De algum modo, precisava chegar a Mestre.

A seguir, vi a margem do rio aproximar-se de mim e afastar-se, para depois aproximar-se de novo. Eu estava flutuando mais lentamente. A margem agora parecia muito mais perto. Vi galhos de um salgueiro pendentes sobre a água. Meu pedaço de madeira girava lentamente, e a margem ficou logo às minhas costas. Estávamos num redemoinho. Continuamos a girar. Ao ter de novo a linha de terra à minha frente, experimentei sustentar-me na madeira com apenas um braço, e nadar dali para a areia. Não consegui, porém, sair do lugar. Meu medo era escapar do redemoinho e ser carregado de novo pela correnteza. Era preciso, de algum modo, alcançar a margem, agora tão próxima. Eu via o galho do salgueiro ao qual poderia agarrar-me, mas poderia me afogar muito antes disso. Minhas botas cheias d’água poderiam impedir-me de nadar. Assim, quando de novo avistei a margem, larguei a madeira e bracejei furiosamente até conseguir escapar do redemoinho. Agarrei-me ao galho, já sem forças para içar-me, mas seguro de que não morreria afogado. Senti um vazio no estômago e uma ânsia de vômito causados pelo excesso de esforço, mas mantive-me ali e esperei. Quando a tontura passou, pude, com o auxílio dos galhos do salgueiro, tomar pé na areia. Estava começando a clarear, mas não vi ninguém. Estendi-me no chão e fiquei escutando o murmúrio das águas do Tagliamento e da chuva.

Levantei-me dali a um momento e pus-me a andar pela borda do rio. Sabia que até Latisana não haveria nenhuma ponte naquela zona. Talvez estivesse logo em frente a San Vito. Pus-me a pensar no que faria. Entrevi ao longe um canal

que se despejava no rio. Encaminhei-me para lá. Sentei-me junto a uma moita e tirei as botas cheias d'água. Escorri-as. Tirei a túnica e, depois de sacar do bolso a carteira ensopada, torci-a o mais que pude. Tirei também as calças e as roupas internas e torci-as. Esfreguei a pele, massageei-me com palmadas e depois vesti-me. Havia perdido o quepe.

Antes de vestir a túnica, tive a ideia de cortar as estrelas de pano da manga e guardá-las na carteira com o dinheiro. As cédulas — três mil e tantas liras — estavam molhadas, mas intactas. As roupas úmidas davam impressão de viscosas. Bati os braços para estimular a circulação. Eu usava roupa de baixo de lã e não receava um resfriado, contanto que me conservasse em movimento. A pistola fora-se; tomaram-na na ponte; coloquei o coldre vazio sob a túnica. Fazia um frio intenso, chovia, e eu estava sem capote. Comecei a subir pela margem do canal. Já era manhã clara. Tudo em volta estava molhado e triste. Ao longe, aparecia um campanário na planura. Dei com uma estrada por onde vinham descendo tropas. Pus-me de lado. Elas passaram sem dar atenção a mim. Era um destacamento de metralhadoras indo em direção ao rio. Voltei para a estrada.

Naquele dia, cruzei a planície do Veneto. Uma terra baixa que, sob a chuva, ainda ficava mais baixa. Na direção do mar havia pântanos salgados e poucas estradas. As existentes seguiam ao longo do rio para o mar. Ao atravessar a planície, cruzei dois leitos de estrada de ferro e por fim cheguei à linha dupla do tronco entre Veneza e Trieste, de aterro alto e sólido. A pouca distância, linha abaixo, havia um posto de assinalamento, guardado por soldados. Linha acima, uma ponte sobre um ribeiro que desaparecia no pântano. Também essa ponte estava guardada. Cruzando a zona para o norte, vi passar um trem, provavelmente vindo de Portoguaro. Fiquei atento aos guardas do posto, deitando-me na linha para poder enxergar ambos os lados. O guarda da ponte aproximou-se até meio caminho de mim, depois voltou. Fiquei deitado ali, faminto, à espera de um trem. Já ia perdendo a esperança, quando vi uma composição enorme e em marcha muito lenta, e assim calculei que conseguiria subir nela. A locomotiva, a princípio pequena, foi avultando. Olhei para o guarda da ponte. Estava no talude, mas do outro lado da linha. Isso o poria fora de vista quando o trem passasse. O comboio aproximava-se. A máquina bufava com o esforço. Eram muitos vagões. Eu sabia que haveria guarda-freios e queria localizá-los; mas, conservando-me oculto, não poderia fazer isso. A máquina já estava me alcançando, rodando sobre os trilhos e soltando fumaça, e vi o maquinista passando. Levantei-me e fiquei em posição de saltar para um dos vagões. Se os guardas me avistassem, eu seria apenas um inocente à beira dos

trilhos. Passaram muitos vagões pela minha frente. Então vi que o último era do tipo que chamavam de gôndola, um vagão baixo, aberto, coberto por lonas. Esperei até ele ficar quase junto a mim, e me atirei. Consegui me agarrar às alças no costado de trás externo, e pulei para dentro. Depois, me arrastei agachado entre a gôndola e a cobertura de um vagão mais alto, à frente. O comboio já estava alcançando a ponte. Pareceu-me que ninguém me vira. Lembrei-me do guarda, e o guarda me viu. Era um rapaz com um capacete muito maior do que sua cabeça. Encarei-o com desprezo, e ele virou o rosto. Julgou, talvez, que eu fizesse parte do pessoal do trem.

Passamos. Ele ainda ficou olhando desconfiado, observando cada vagão. Experimentei a lona para ver onde encontrava uma folga. Era presa com cordas pelos ilhós de rebordo metálico. Abri o canivete e cortei a corda num ponto, afrouxando a lona, e depois meti-me por baixo dela. Bati violentamente com a cabeça em qualquer coisa dura e comecei a sangrar. Mas estirei-me ali mesmo e amarrei de novo a lona no ponto aberto.

Fiquei sob a lona, com os canhões transportados naquela gôndola. O cheiro era de óleo limpo e graxa. Tentei me distrair escutando a chuva sobre a lona e o rumor das rodas sobre os trilhos. A pouca luz que entrava permitiu-me ver os canhões. Estavam dentro de capas de encerado. Com certeza, iam para o terceiro exército. Formara-se um galo em minha testa, mas a coagulação fez com que a hemorragia logo cessasse. Não era nada para me preocupar. Limpei o rosto como pude. Nem lenço tinha. Lavei o rosto com a água que pingava de algum ponto da lona, e enxuguei-o na manga. Não queria parecer suspeito, quando tivesse de saltar, antes da parada em Mestre, onde provavelmente descarregariam os canhões. Estava faminto.

32

DEITADO sob a lona, entre os canhões, eu estava enregelado, todo molhado e esfomeado. Consegui voltar-me e deitar sobre o estômago, com a cabeça entre os braços. Meus joelhos estavam endurecendo, mas afora isso me sentia bem. Valentini fizera um trabalho perfeito. Sua operação permitira-me realizar metade da retirada a pé e nadar no Tagliamento. Aquele joelho era do dr. Valentini; só o outro era meu. Os cirurgiões fazem em nosso corpo coisas que são mais deles do que nossas. As tripas e todo o interior eram meus. A fome rugia lá dentro. A cabeça era minha também. Mas de que servia a cabeça naquele momento? Só para guardar recordações e nem eram tantas assim.

Lembrei-me de Catherine, mas senti que ficaria louco se pensasse muito nela, já que não podia ter certeza de voltar a vê-la, assim, melhor não pensar nela, só um pouco, pensar somente nela enquanto o vagão avança devagar, rangendo, e um pouco de luz atravessa a lona; pensar em mim deitado com Catherine no chão deste vagão. Duro como o chão deste vagão é ficar deitado sem pensar, sentindo apenas — já há tanto tempo longe dela — as roupas molhadas e o chão movendo-se muito aos poucos e a solidão dentro de mim, eu me sentindo sozinho, e tendo roupas molhadas e um chão duro como esposa.

Mas você não ama o chão de um vagão, nem canhões com cobertura de lona, nem cheiro de metal lubrificado ou uma lona que a chuva atravessa, mesmo sendo tão confortável estar aqui debaixo da lona e com todos esses canhões; acontece que você ama uma pessoa a qual não pode sequer fingir que está aqui, agora; e você está vendo as coisas com nitidez e clareza — não com tanta nitidez, mas com clareza, e você está vazio. Eu era um ser vazio de tudo agora, deitado sobre o estômago, tendo presenciado um exército se retirando e outro avançando Tinha perdido minhas ambulâncias e meus motoristas, como um guarda de armazém perde tudo quando há um incêndio. Mas no meu caso não havia seguro para pagar o prejuízo. Eu estava sem nada. Não tinha mais obrigações. Se depois do incêndio eles querem fuzilar os guardas de um armazém só porque falam com um sotaque que sempre tiveram, certamente não podem esperar que voltem ao serviço. Mesmo quando o armazém é reconstruído e aberto de novo, os guardas já estão em outro emprego — caso haja outro emprego e a polícia não os apanhe.

As águas do Tagliamento lavaram-me a raiva e todas as obrigações — aliás,

já encerradas quando o carabineiro me agarrou pela gola. Eu queria ver-me livre do uniforme que vestia, embora me preocupasse muito pouco com aparências. Já havia arrancado as estrelas da manga, por pura conveniência e não por ponto de honra. Eu não estava contra os italianos. Estava apenas farto deles. Desejava-lhes muita sorte. Havia entre eles os bons, os bravos, os serenos, os de fina sensibilidade — e esses mereciam o melhor. Mas eu não queria mais nada com eles. Só queria que aquele trem chegasse a Mestre e eu encontrasse o que comer. E que conseguisse parar de pensar. Precisava parar.

Piani diria que eu fora fuzilado. Eles costumavam revistar os bolsos e recolher os documentos dos fuzilados. E meus papéis não apareceriam. Diriam que eu teria me afogado. E que notícia chegaria nos Estados Unidos? Morte por ferimentos ou outras causas. Deus do céu, como eu estava com fome! Onde andaria o padre do rancho? E Rinaldi? Talvez em Pordenone. Bem. Eu não o veria nunca mais. Nunca mais veria nenhum deles. Aquela vida chegara ao fim. Não creio que ele estivesse com sífilis. E não é hoje uma doença grave, se tratada a tempo. Pelo menos é o que dizem. Mas a ideia da doença torturava Rinaldi. Eu também me torturaria se fosse comigo. Qualquer um se torturaria.

Eu não fora feito para pensar. Fora feito para comer. Meu Deus, sim. Comer e beber — e dormir com Catherine. Naquela noite? Ah, era impossível. Mas, e amanhã? Uma boa refeição, e lençóis, e nunca mais nos separaríamos. Fugiríamos juntos. E teria de ser muito em breve. Ela viria comigo. Sabia que ela viria. Mas quando partiríamos? Isso era algo em que pensar.

Começara a escurecer. Fiquei a pensar. Para onde ir? Havia tantos lugares.

Livro Quatro

33

SALTEI DO TREM em Milão, quando, antes do alvorecer, a marcha foi diminuindo. Cruzei a linha, passei entre alguns prédios e segui por uma rua. Vi uma *bottega* aberta e entrei para tomar um café. Tudo ali cheirava a começo do dia, a pó varrido, colheres em copos de café e manchas circulares de copos de vinho no balcão. O proprietário estava servindo. Dois soldados sentaram-se a uma mesinha. De pé, tomei uma xícara de café e comi um pedaço de pão. O proprietário ficou me olhando.

— Aceita uma *grappa*?

— Não, obrigado.

— Por conta da casa — disse ele, enchendo um copinho e empurrando-o para mim. — O que está acontecendo no *front*?

— Não sei dizer.

— Estão bêbados — disse o homem, indicando os soldados. Acreditei nele. Os soldados realmente pareciam bêbados.

— Diga-me, o que está acontecendo no *front*?

— Não sei nada sobre o *front*.

— Eu vi você se esgueirando pelas paredes. Deve ter descido do trem.

— Foi uma retirada geral, por lá.

— Já li isso nos jornais. Mas o que está acontecendo? Já acabou?

— Acho que não.

Ele encheu de novo o copo, servindo-me da pequena garrafa de *grappa*.

— Se está com problemas, posso ajudar.

— Não estou com problemas.

— Se está sendo perseguido, fique aqui.

— Onde?

— No prédio. Tenho muita gente aqui. Todo mundo que está sendo perseguido fica aqui.

— Tem muita gente com esse tipo de problema?

— Sempre. É sul-americano?

— Não.

— Fala espanhol?

— Um pouco.

O homem passou o pano sobre o balcão.

— É difícil sair da Itália, mas não impossível.

— Não pretendo deixar a Itália.

— Pode ficar aqui o tempo que quiser. Pode confiar em mim.

— Tenho de partir hoje mesmo. Mas vou guardar o seu endereço, caso precise voltar.

Ele meneou a cabeça.

— Não voltará. Quem fala assim não volta. Julguei que estivesse em apuros.

— Não estou, mas dou valor ao endereço de um amigo.

Larguei sobre o balcão uma nota de dez liras para pagar o café.

— Agora você é que vai beber uma *grappa* por minha conta.

— Não é necessário.

— Beba, por favor.

Ele encheu dois copinhos.

— Lembre-se… — insistiu. — Venha para cá. Não deixe outras pessoas pegarem você. Aqui estará seguro.

— Estou certo disso.

— Está mesmo?

— Sim.

Ele falava com a maior seriedade.

— Então deixe-me dizer uma coisa. Não ande por aí com esse casaco.

— Por quê?

— Porque nas mangas dá para ver perfeitamente de onde você arrancou as listras. A cor do tecido ficou diferente.

Calei-me.

— Se não tem papéis, posso arranjá-los.

— Que papéis?

— Um passaporte.

— Não tenho necessidade de passaporte. Tenho o meu.

— Está bem — disse ele. — Mas, se precisar, arranjo para você.

— E quanto iria custar?

— Depende, mas o preço é sempre razoável.

— Não estou precisando agora.

O homem deu de ombros.

— Não se preocupe comigo — eu disse.

E quando eu estava saindo, ele falou:

— Não esqueça que tem um amigo aqui.

— Não vou esquecer.

— Vamos nos ver de novo — ele garantiu.

— Ótimo.

Já na rua, afastei-me da estação, onde havia polícia militar, e peguei um tílburi no extremo de um pequeno parque próximo. Dei ao cocheiro o endereço do hospital. Lá chegando, dirigi-me à recepção. A mulher do zelador me abraçou. Ele apertou minha mão.

— Então, está de volta! E salvo!

— É verdade.

— Já tomou café?

— Já.

— Como vai passando, tenente? Como vai a saúde? — indagou a mulher.

— Bem.

— Não quer tomar café conosco?

— Não, obrigado. Diga-me: a senhorita Barkley está aqui no hospital? — perguntei ao porteiro.

— Senhorita Barkley?

— Aquela enfermeira inglesa.

— A namorada dele — explicou a mulher, batendo-me no braço e sorrindo.

— Não — respondeu o porteiro. — Foi embora.

Meu coração despencou.

— Tem certeza de que sabe de quem estou falando? Aquela moça inglesa, loura…?

— Tenho certeza, sim. Ela foi para Stresa.

— Quando?

— Faz dois dias. Com a outra moça inglesa.

— Muito bem… — disse eu. — Espero que possam fazer uma coisa por mim. Não digam a ninguém que me viram aqui. É muito importante e… — puxei uma nota de dez liras.

— Não direi nada a ninguém — declarou o porteiro, repelindo a cédula.

— Podemos fazer mais alguma coisa pelo senhor, tenente? — perguntou a mulher.

— Só isso.

— Não diremos nada — jurou o porteiro. — Mas, se precisar de ajuda, é só dizer. Qualquer coisa.

— Obrigado. Então, adeus. Até outro dia.

Eles ficaram à porta, acompanhando-me com o olhar, enquanto eu me afastava.

Entrei no tílburi e mandei tocar para o endereço de Simmons, aquele que estava estudando canto.

Simmons vivia fora da cidade, na Porta Magenta. Estava ainda na cama quando cheguei.

— Ora, madrugou mesmo, hem, Henry?

— Cheguei pelo primeiro trem.

— E a tal retirada? Você estava no *front*? Quer um cigarro? Ali na caixa, na mesinha.

Era um quarto amplo, com cama encostada à parede, um piano num canto, armário e mesa. Sentei-me na cadeira junto à cama. Simmons acomodou-se entre os travesseiros e acendeu um cigarro.

— Estou com problemas, Simmons — disse eu.

— Eu também. Vivo com problemas. Não quer fumar?

— Não. Diga-me como faço para entrar na Suíça.

— Você? Os italianos não o deixarão sair da Itália.

— Sei disso. Mas, e os suíços? O que eles fazem quando alguém passa a fronteira?

— Eles o põem em confinamento.

— Sei disso. Mas em que condições?

— Nada demais. Coisa muito simples. Você pode andar por toda parte. Acho que precisa apenas informar o que faz. Por quê? Está fugindo da polícia?

— Ainda não é nada definitivo.

— Não precisa me dizer, se não quiser. Mas eu tenho curiosidade de saber. Por aqui não acontece nada. Piacenza foi um desastre para mim.

— Sinto muito.

— Ah, bem, foi muito ruim, mesmo. Apesar de eu ter cantado bem. Vou experimentar de novo no lírico daqui.

— Gostaria de estar aqui para assistir.

— Muita gentileza sua. Mas seu problema… é sério mesmo?

— Não sei.

— Se não quiser dizer, não diga. E por que não está naquele maldito *front*?

— Acho que fiquei farto de tudo.

— Ótimo. Sempre achei você um sujeito sensato. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Parece que anda muito ocupado.

— Nada disso, meu caro. Ficarei feliz se puder fazer alguma coisa por você.

— Temos o mesmo corpo. Quer sair e me comprar um terno? Roupas civis…

As minhas ficaram todas em Roma.

— Então já morou lá? Uma terra suja. Como foi parar lá?

— Estava estudando arquitetura.

— Aqui não há mais lugar para arquitetos. Não precisa comprar roupas. Use as minhas. Pegue o que quiser. Vão cair perfeitamente bem em você. Entre ali no outro quarto. Tem um *closet* lá. Pode pegar o que precisar. Não precisa comprar nada, meu amigo.

— Eu preferia comprar, Simmons.

— Meu caro, é mais cômodo para mim deixar que leve minhas roupas do que sair para comprá-las na cidade. Está com o seu passaporte? Não irá longe sem ele.

— Sim, estou com o meu passaporte.

— Pois então vá vestir-se, amigo, e toque para a velha Suíça.

— Não é assim tão simples. Primeiro preciso ir a Stresa.

— Perfeito, meu caro. Depois, pode atravessar o lago de barco. Se eu não estivesse tentando fazer carreira como cantor, iria com você.

— Você poderia aprender canto tirolês.

— Ainda não, meu caro. A verdade é que canto bem. Engraçado, não?

— Aposto que canta muito bem.

Ele se recostou na cama e tragou o cigarro.

— Não aposte muito. Mas posso cantar bem, sim. É engraçado dizer isso, mas é a pura verdade. Gosto de cantar. Quer ouvir? — e rompeu uma ária da *Africana*, com o pescoço inchado, as veias saltadas. — Canto bem, sim. Não importa que eles não apreciem.

Olhei pela janela.

— Vou descer para despachar o tílburi.

— Vá e volte logo, meu amigo. Vamos tomar o café da manhã juntos.

Simmons pulou da cama, espreguiçou-se e começou a fazer flexões. Eu desci e despachei o carro.

34

VESTIDO À PAISANA, tive a impressão de estar fantasiado. Vivi tanto tempo de uniforme que perdi o hábito de estar vestido como um civil. As calças me pareciam larguíssimas. Comprei passagem para Stresa e também um chapéu. Os chapéus de Simmons não me serviam, mas as roupas caíram bem. Tinham cheiro de cigarro. Sentei-me na cabina, o chapéu parecendo ainda mais novo em contraste com a roupa, que parecia ainda mais velha. Eu me sentia tão triste quanto a chuvosa Lombardia, que via através da janela. Havia alguns aviadores na cabina, que devem ter tido uma ideia muito desfavorável a meu respeito. Evitavam olhar para mim e pareciam desdenhar de ver alguém tão moço em trajes civis. Não me considerei insultado. Em outros tempos, eu os teria ofendido, e talvez provocado uma briga. Desceram em Gallarate e fiquei contente de ser deixado sozinho. Havia comprado um jornal, mas não o li porque não desejava saber nada da guerra. Queria esquecer a guerra. Eu havia declarado a paz em separado. Sentia-me horrivelmente solitário e só melhorei quando o trem chegou a Stresa.

Na estação, esperava encontrar carregadores de hotel, mas não havia nenhum. A temporada de veranistas já havia terminado. Desci com minha mala — a mala de Simmons. Estava bastante leve e podia carregá-la. Não tinha nada além de duas camisas dentro dela. Por alguns instantes permaneci na plataforma coberta. Chovia e logo o trem retomou viagem. Apareceu um homem na estação e lhe perguntei se havia hotéis abertos. O Grand-Hotel e o Ilhas Borromeu estavam funcionando, além de vários pequenos hotéis que ficam abertos o ano inteiro. Sempre debaixo de chuva, fui para o Ilhas Borromeu, levando a minha mala. Vi um veículo de aluguel descendo a rua e fiz sinal. Era melhor chegar lá de carro. O porteiro do hotel veio receber-me muito polidamente, de guarda-chuva aberto.

Peguei um bom quarto, amplo, com vista para o lago, que, àquela hora encoberto de névoa, devia ser lindo ao sol. Estava esperando minha mulher, informei ao gerente. Havia uma cama dupla — *letto matrimoniale* — com colcha de cetim. Era um hotel de luxo. Desci um comprido corredor, depois escadas bastante largas e fui para o bar. Conhecia o *barman*. Sentei num banco alto e pedi amêndoas salgadas e batatinhas fritas. O martíni estava gelado, límpido.

— Mas o que o senhor faz aqui em Borghese? — quis saber o *barman* depois de misturar meu segundo martíni.

— Estou de licença. Convalescença.

— Não há hóspede nenhum agora, nem sei por que conservam o hotel aberto.

— Tem pescado?

— E apanhado belos peixes. O tempo esta ótimo para isso.

— Recebeu o tabaco que lhe mandei?

— Recebi. E o senhor, recebeu o meu cartão?

Ri. Eu não conseguira o fumo. Tratava-se de um fumo de cachimbo americano que ele me pedira; mas os meus parentes pararam de enviá-lo para mim, ou a remessa fora detida. O fato é que não chegou.

— Vou dar um jeito de consegui-lo. Diga-me: há duas moças inglesas aqui na cidade? Devem ter chegado anteontem.

— Aqui no hotel não estão.

— São enfermeiras.

— Sim, eu as vi. Espere um minuto. Vou descobrir onde estão.

— Uma delas é minha esposa — disse eu. — Vim à sua procura.

— E a outra é a minha — disse ele, sorrindo.

— Estou falando sério.

— Perdoe-me pela piada idiota. Não compreendi bem.

O *barman* saiu e comecei a comer azeitonas, amêndoas e batatas, enquanto ao espelho me via naqueles trajes civis. O *barman* voltou.

— Estão num hotelzinho próximo à estação.

— Pode me arranjar uns sanduíches?

— Tenho de mandar vir de fora. Compreenda, como não temos hóspedes, não há nada no bar agora.

— Mas não há mesmo ninguém se hospedando na cidade?

— Muito pouca gente.

Os sanduíches chegaram. Comi três com mais dois martínis. Acho que nunca experimentei algo tão puro e tão gelado quanto aqueles martínis. Foi o que me fez sentir de volta à civilização. Eu andava farto de vinho tinto, pão, queijo, café ruim e *grappa*. Sentei-me na banqueta alta, diante do balcão de mogno, de tom agradável, com bronzes e espelhos, e não pensei em mais nada. O *barman* ainda me fez algumas perguntas.

— Não me fale na guerra — disse-lhe eu. — A guerra está longe. Talvez nem haja mais guerra. Não há guerra aqui.

Então me dei conta de que a guerra acabara para mim, mas isso não significava que estivesse terminada. Eu estava me sentindo como o menino que fugiu da escola e pensa no que pode estar acontecendo por lá.

Catherine e Helen Ferguson jantavam quando cheguei ao hotel delas. De pé no corredor, vi-as à mesa. Catherine estava de costas para mim e só vi seus cabelos, pescoço e ombros. Ferguson falava. Ao me ver, interrompeu-se.

— Meu Deus! — exclamou.

— Olá! — eu disse.

— Você?! — exclamou Catherine, e seu rosto se iluminou. Parecia felicidade demais para poder acreditar. Beijei-a. Catherine corou e voltou a sentar-se.

— Você é mesmo um sujeito surpreendente — admirou-se Ferguson. — O que está fazendo aqui? Já comeu?

— Não.

A criada que servia à mesa apareceu, e Fergy a mandou trazer um prato para mim. Catherine continuava a me olhar com os olhos brilhando de felicidade.

— Por que está à paisana? — quis saber Ferguson.

— Estou no Gabinete.

— Está é em alguma encrenca.

— Alegria, Ferguson. Alegria por um momento.

— Não posso sentir alegria de vê-lo aqui. Sei dos embaraços em que meteu esta moça. Sua presença não me provoca nenhum contentamento.

Catherine sorriu para mim e tocou-me com o pé por baixo da mesa.

— Ninguém me pôs em embaraços, Fergy. Eu me meti na encrenca sozinha.

— Não suporto nem vê-lo — insistiu Ferguson. — Tudo que ele fez foi estragar sua vida com esses truques à italiana. Os americanos são ainda piores que os italianos.

— Ora, e os escoceses são um povo muito moralista! — murmurou Catherine.

— Acha que eu não presto, Fergy?

— Acho-o ainda pior do que isso. Considero você uma serpente. Uma serpente em uniforme italiano e com capa nos ombros.

— Não estou em nenhum uniforme italiano neste momento.

— Outra prova de que você não presta. Teve um caso com esta moça durante todo o verão, pôs um filho nela, e agora suponho que vai querer escapar.

Catherine e eu trocamos um sorriso.

— Nós queremos é escapar juntos — disse ela.

— É que os dois são da mesma laia! — grunhiu Ferguson. — Que vergonha,

Catherine Barkley. Você não tem brio, não tem moral. É tão vagabunda quanto ele.

— Pare, Fergy — exigiu Catherine, dando-lhe tapas na mão. — Não me acuse assim. Sabe muito bem que nos amamos.

— Bote sua mão para lá — continuou a escocesa, com o rosto afogueado. — Se tivesse vergonha na cara, agiria de modo diferente. Está grávida de sei lá quantos meses e pensa que isso é brincadeira. E fica toda sorrisos porque o sedutor reapareceu. Você não tem nem vergonha, nem sentimentos.

Ela começou a chorar. Catherine passou-lhe o braço pelo pescoço, carinhosamente. Quando ficou de pé para consolar Fergy, não pude ver nenhuma diferença em seu corpo.

— Não, não — murmurava Ferguson. — Ele é um mau-caráter.

— Calma, Fergy. Calma. Juro que vou tomar jeito! Não chore, querida.

— Não estou chorando — respondeu ela aos soluços. — Não estou chorando. Estou apenas me sentindo agoniada por causa dessa encrenca em que você se meteu.

Ela me encarou.

— Odeio você, sabia? Cat não vai conseguir me fazer deixar de odiá-lo. Nunca. Cafajeste. Bandido americano à italiana.

Seus olhos e nariz estavam vermelhos de tanto chorar.

Catherine sorria para mim.

— Não sorria para ele com o braço no meu pescoço.

— Seja mais razoável, Fergy.

— Eu queria ser — soluçou Ferguson. — Não se preocupem. Estou muito perturbada. Não estou sendo razoável, eu sei. Quero que os dois sejam muito felizes.

— Somos felizes — disse Catherine. — E você é um amor, Fergy.

— Não quero que você seja feliz dessa maneira. Por que não se casam? Ou será que você já é casado?

— Não — respondi, e Catherine riu.

— Não é caso para rir — volveu Ferguson. — Muitos desses sujeitos têm uma esposa escondida em algum lugar.

— Nós vamos nos casar, Fergy, se isso agrada você.

— Não é para agradar a mim, mas porque é preciso.

— Andamos muito ocupados.

— Sim, eu sei. Ocupados em fazer bebês.

Achei que ela ia chorar de novo, mas o que veio foi outro acesso de

amargura.

— Imagino que vai ficar com ele esta noite, não vai?

— Vou — respondeu Catherine. — Se ele me quiser.

— E eu?

— Tem medo de ficar sozinha aqui?

— Tenho, sim.

— Pois então ficarei com você.

— Não, não. Vá com ele. Vá já com ele. Está me fazendo mal ver vocês dois aqui.

— Mas é melhor acabarmos de jantar.

— Não. Saiam já.

— Fergy, por favor…

— Já, já. Saiam, os dois.

— Vamos, Cat — disse eu, já farto de Fergy.

— É o que vocês querem fazer. Eu sei. Querem que eu fique jantando sozinha. Sempre quis tanto ver os lagos italianos e é isso que acontece. Ai, ai…

E pôs-se a soluçar; depois olhou para Catherine e engasgou-se, quase perdendo o ar.

— Bem, vamos ficar até o fim do jantar — tranquilizou-a Catherine. — E não deixarei você sozinha, se quiser que eu fique. Sou sua companheira, Fergy.

— Não, não. Quero que vá com ele. Quero que vá — disse, enxugando os olhos. — Eu me portei como uma maluca. Por favor, não se importem comigo.

A garçonete ficara assustada com toda aquela choradeira, mas, ao trazer a sobremesa, ficou satisfeita em ver que as coisas haviam se acalmado.

Naquela noite, no hotel, em nosso quarto, com o comprido corredor do outro lado da porta e nossos sapatos lá fora, um espesso tapete sobre o assoalho, com a chuva caindo e o quarto aconchegante e alegre, as luzes apagadas e a excitante maciez dos lençóis de linho, a cama tão confortável, tínhamos a sensação de estar em nossa casa; não nos sentíamos mais sozinhos, vagando pela noite à procura um do outro, sem sair do lugar. Tudo o mais tornou-se irreal. Dormíamos quando estávamos cansados e, se um acordava, acordava também o outro, e assim nenhum dos dois se sentia sozinho. Com frequência, um homem ou uma mulher tem vontade de ficar sozinho, e, se os dois se amam, um sente ciúmes desses momentos do outro, mas posso dizer com convicção que jamais sentimos isso. Podíamos até nos sentir sozinhos juntos, em relação a todos os demais. Isso só tinha me acontecido uma vez. Eu me senti sozinho acompanhado de muitas garotas — e essa é a solidão mais certa que existe. Mas nunca nos

sentimos sozinhos, quando estávamos juntos, e nunca tivemos medo de nada. Sei que à noite o mundo não é o mesmo que de dia. Que as coisas que pertencem à noite não podem ser explicadas durante o dia, porque de dia não existem — a noite se torna ameaçadora para pessoas solitárias, essas que já de começo conhecem a solidão. Mas, junto a Catherine, quase não havia diferença entre noite e dia, exceto que para mim as noites eram melhores. Aos que trazem coragem a este mundo, o mundo precisa quebrá-los para conseguir eliminá-los, e é o que faz. O mundo os quebra, a todos; no entanto, muitos deles tornam-se mais fortes, justamente no ponto onde foram quebrados. Mas aos que não se deixam quebrar, o mundo os mata. Mata os muito bons, os muito meigos, os muito bravos — indiferentemente. Se vocês não estão em nenhuma dessas categorias, o mundo vai matar vocês, do mesmo modo. Apenas não terá pressa em fazer isso.

Lembro-me do meu despertar pela manhã. Catherine estava mergulhada no sono e o sol entrava no quarto. A chuva cessara e eu saí da cama e andei até a janela. Lá embaixo, havia os jardins, despidos de folhas agora, mas bem-cuidados, as alamedas de cascalho, as árvores, o muro de pedra à beira do lago — o lago batido de sol, com a montanha ao fundo. Fiquei ali por alguns momentos. Quando me voltei, Catherine estava acordada e me olhava.

— Como está, querido? Lindo dia, não é?

— E você?

— Eu, ótima. Que noite maravilhosa!

— Já quer o café?

Queria, e eu também, e tomamos o café na cama, com o sol de novembro a entrar pela janela, a bandeja em meu colo.

— Não quer um jornal? No hospital, você não os dispensava pela manhã.

— Hoje, não. Não quero saber de jornais.

— O que aconteceu foi tão ruim assim, para você não querer ver os jornais?

— Não quero mais saber daquilo.

— Eu queria ter acompanhado você, e assim saberia como foi tudo.

— Mais tarde eu conto, se a coisa sossegar em minha cabeça.

— Mas não vão prender você se o encontrarem vestido à paisana?

— Prendem e me fuzilam.

— Então precisamos fugir daqui. Precisamos sair da Itália.

— É no que estou pensando.

— Vamos fugir, querido. Nada de correr mais riscos. Conte-me como veio de Mestre para Milão.

— Vim de trem. Ainda estava de uniforme.

— Não correu perigo demais?

— Não muito. Tinha comigo uma velha ordem de movimento. Em Mestre pus uma data nela.

— Querido, está se arriscando a ser preso a qualquer instante. Eu não aguentaria isso. É idiota correr um risco desses! O que seria de mim se o prendessem?

— Não vamos pensar nessa hipótese. Estou cansado de remoer essas coisas.

— O que faria se viessem prendê-lo?

— Atirava neles.

— Está vendo que bobagem? Não vou deixar você sair deste hotel, até podermos fugir.

— E para onde iremos?

— Para onde você quiser. Decida você o lugar.

— A Suíça é para além dos lagos. Podemos entrar na Suíça.

— Ah, eu adoraria.

O céu começava a cobrir-se de nuvens.

— O que eu queria é que não ficássemos vivendo como criminosos... — murmurei.

— Querido, não pense assim. Estamos nesta situação por pouco tempo. E não vamos viver como criminosos. Vamos ficar muito bem.

— Eu me sinto como um criminoso. Desertei do exército.

— Querido, seja sensato. Não desertou do exército. Desertou do exército italiano.

Eu ri.

— Você é uma garota admirável, Catherine!

Deitamo-nos de novo e me senti bem na cama. Depois de um instante, ela indagou:

— Você de fato está se sentindo como um criminoso?

— Não — respondi. — Não aqui com você.

— Meu tonto. Eu olharei por você. Não é esplêndido, querido, que eu não sinta enjoo pela manhã?

— É ótimo.

— Você não sabe apreciar que bela esposa tem aqui. Mas não me importo com isso. Vou arranjar um lugar onde não possam prendê-lo, e nós ficaremos muito bem.

— Pois vamos já para lá.

— Iremos, querido. Irei para onde você quiser, quando quiser.
— Então vamos parar de pensar. Não temos de pensar em coisa nenhuma.
— Está bem.

35

CATHERINE seguiu pela margem do lago até o pequeno hotel para ver Ferguson e eu fiquei no bar, lendo os jornais. Havia ali confortáveis poltronas estofadas; sentei-me numa delas, esperando pelo *barman*. O exército não conseguira firmar posição no Tagliamento e estava recuando para o Piave. Lembrei-me do rio Piave. A estrada de ferro cruzava-o perto de San Dona. Naquele ponto, era bastante profundo, estreito, e as correntezas eram mais fracas. Mais abaixo ficava uma zona de pântanos infestados de mosquitos e traçada de canais. Mas havia belas *villas* por lá. Certa vez, antes da guerra, eu subira até Cortina d'Ampezzo, caminhando horas rio acima, na direção das montanhas. Lá no alto, o Piave era um riozinho de trutas e de águas ligeiras correndo sobre as pedras. E dali a estrada virava para Cadore. Fiquei imaginando como o exército conseguiria continuar a retirada, depois dali. O *barman* apareceu.

— O conde Greffi perguntou pelo senhor.

— Quem?

— O conde Greffi. Aquele senhor idoso, que estava hospedado aqui, na última vez em que o senhor veio para cá.

— Está aqui no hotel?

— Sim, com a sobrinha. Eu contei a ele que o senhor estava aqui e ele vai chamá-lo para uma partida de bilhar.

— Onde está o conde neste momento?

— Saiu a passeio.

— E como vai ele de saúde?

— Está mais moço do que nunca. Tomou três coquetéis de champanha ontem à noite, antes do jantar.

— E ele ainda joga bem?

— Bom, em mim ele bate. Quando contei que o senhor estava aqui, ficou satisfeito. Não tem outro adversário.

O conde Greffi estava com noventa e quatro anos. Fora contemporâneo de Metternich. Tinha cabelos e bigode brancos e maneiras gentis. Estivera no serviço diplomático da Itália e da Áustria, e suas festas de aniversário eram o grande acontecimento social de Milão. Parecia predestinado a chegar aos cem, e a segurança de seu jogo no bilhar contrastava com o emperro dos noventa e

quatro anos. Conheci-o na primeira vez em que estive em Stresa e disputamos algumas partidas, entre goles de champanha. Foi uma excelente partida. Ele me deu quinze pontos de vantagem, num jogo de cem pontos, e me venceu com facilidade.

— Por que não me disse ontem que ele estava aqui?

— Esquecimento.

— Quem mais está hospedado no hotel?

— Ninguém que o senhor conheça. Umas seis pessoas.

— E o que vai você fazer agora?

— Nada.

— Então vamos pescar.

— Tenho uma hora livre.

— Vamos. Veja as linhas.

O *barman* vestiu um capote e saímos. Descemos, tomamos um bote e remamos, com o *barman* sentado à popa e a linha deslizando, iscada para trutas no anzol. Fomos costeando o lago, a linha na mão do *barman*, que de quando em quando dava um hábil puxão de pescador inveterado. Vista do lago, Stresa pareceu-me deserta. As longas aleias de árvores desfolhadas, os grandes hotéis e as *villas* fechadas. Remei para Isola Bella, chegando até perto das escarpas de rocha, onde a água era bastante profunda, mas tão clara que se podia ver o fundo pedregoso. Depois, fomos para a ilha dos pescadores. O sol estava encoberto por uma nuvem, e a água, escura, mansa e fria. Não tivemos nenhuma mordida nos anzóis, embora víssemos alguns círculos na água provocados pelos saltos dos peixes.

Remamos ao longo da ilha dos pescadores e avistamos botes em terra e homens emendando redes.

— Que tal um trago?

— Seria ótimo.

Encostei o bote no embarcadouro de pedra enquanto o *barman* recolhia a linha enrolando-a e deixando-a no fundo do barco, e pendurando a isca giratória no gancho, na borda. Descemos e nos dirigimos a um pequeno café, onde nos sentamos a uma mesa de madeira sem toalha e pedimos vermute.

— Está cansado de remar?

— Eu remarei na volta — ofereceu-se ele.

— Gosto de remar.

— Talvez se o senhor tomar a linha tenhamos mais sorte com os peixes.

— Está bem.

— E como vai a guerra?

— Mal.

— Eu não vou entrar em combate. Sou velho demais… como o conde Greffi.

— Mas talvez tenha de lutar também.

— No ano que vem vão chamar a minha classe, mas eu não irei.

— Como fará para não ir?

— Saio do país. Combater não combato. Já estive uma vez na guerra, na Abissínia, e para mim chega. E o senhor, por que se alistou?

— Não sei. Idiotice.

— Outro vermute?

— Aceito.

O *barman* remou na volta. Seguimos até depois de Stresa e depois retornamos, sem nos afastarmos da margem do lago. Eu segurava a linha, e me entretinha observando a água do lago, mais escura em novembro, e suas margens desertas. O *barman* remava com golpes largos e firmes. De repente, senti um repuxo. A linha esticou-se, outro arranco, puxei e senti o peso vivo de uma truta; mas ela escapou.

— Era grande?

— Parecia muito grande.

— Certa vez estava pescando sozinho e segurara a linha com os dentes, e uma truta deu um tal arranco, que por um triz não me leva a boca.

— O melhor é conservar a linha sobre a perna. Dá para sentir qualquer vibração e não corremos o risco de ficar sem dentes.

Mergulhei a mão na água. Estava muito fria. Estávamos quase diante do hotel.

— Tenho de entrar — disse o barman. — Devo estar lá às onze horas. *L'heure du cocktail*.

— Está bem.

Recolhi a linha e enrolei-a, enquanto ele prendia o bote a uma argola do embarcadouro por meio de uma corrente com cadeado.

— Sempre que quiser o bote, é só me pedir a chave.

— Obrigado.

Subimos ao hotel e fomos para o bar. Não queria beber mais nada, tão cedo, então me recolhi ao quarto. A criada estava acabando de arrumá-lo, e Catherine ainda não voltara. Deitei-me e procurei não pensar. Quando Catherine apareceu, tudo se iluminou. Ela me disse que Ferguson ficara embaixo. Tinha vindo para o almoço.

— Eu sabia que você não se aborreceria comigo por trazê-la.

— Absolutamente, não.

— O que houve, querido?

— Não sei.

— Eu sei. Você está sem nada para fazer. Tudo que você tem aqui sou eu, e às vezes sou obrigada a deixá-lo só.

— É verdade.

— Sinto muito, querido. Sei que deve ser terrível ficar à toa, de uma hora para outra.

— Sempre tive uma vida agitada — eu disse. — Mas agora, quando você não está a meu lado, sinto-me só, sem nada no mundo.

— Ora, querido, estarei sempre com você. Só nos separamos por duas horas. Mas não há mesmo nada para você fazer?

— Fui pescar com o *barman*.

— E se divertiu?

— Um pouco.

— Nunca pense em mim quando eu estiver ausente.

— Era o que tentava fazer no *front*. Mas lá havia com que matar o tempo.

— Otelo, sem as suas responsabilidades... — caçoou ela.

— Otelo era negro — repliquei. — Além disso, não sou ciumento. É que sinto tanto amor por você que para mim não existe mais nada.

— Vai ser amável e tolerante com Fergy, promete?

— Sempre fui. Ela é que me lança maldições.

— Seja compreensivo com ela. Lembre-se de que temos tanto, e ela não tem nada de seu.

— Não creio que ela queira o que nós temos.

— Para um rapaz esperto, tem muita coisa que você não entende.

— Vou tratá-la bem, você vai ver.

— Eu sabia. Você é um amor.

— Mas Fergy não vai ficar depois do almoço, certo?

— Não. Darei um jeito.

— E depois do almoço, viremos para cá, não é?

— Claro. Onde mais?

Descemos para nos reunir a Ferguson, que apreciou muito o luxo do salão. Tivemos um belo almoço, com duas garrafas de Capri branco. O conde passou para nos cumprimentar. Sua sobrinha, que parecia um pouco com a minha avó, estava com ele. Contei depois algumas histórias do conde, deixando Ferguson

muito impressionada. O hotel estava deserto, mas a comida conservava-se ótima, e como o vinho estivesse excelente, todos nos sentimos bem. Catherine não tinha necessidade de álcool para se manter alegre. Estava realmente feliz. Mas, em Ferguson, o Capri produziu efeito, ou seja, alegrou-a. Eu me sentia perfeitamente bem. Depois do almoço, Ferguson voltou ao hotelzinho para repousar.

À tarde, alguém nos bateu à porta.

— Quem é?

— O conde Greffi manda convidá-lo para uma partida de bilhar.

Olhei para o relógio que trazia sob o travesseiro.

— Tem mesmo de ir, querido? — sussurrou Catherine.

— Acho melhor ir, sim.

O relógio marcava quatro e quinze da tarde. Respondi em voz alta a quem batia:

— Diga ao conde que estarei na sala de bilhar às cinco horas.

Pouco antes da hora marcada, beijei Catherine e fui para o banheiro vestir-me. Ao passar a gravata diante do espelho, achei-me esquisitíssimo em trajes civis. “Bom”, pensei comigo, “tenho de comprar mais camisas e meias”.

— Vai demorar muito tempo? — indagou Catherine. Estava linda na cama. — Pode me dar a escova?

Fiquei assistindo enquanto ela passava a escova pelos cabelos caídos de lado. Estava escuro lá fora, e a luz da lâmpada do teto pegava em cheio sobre seus cabelos e os ombros. Aproximei-me e beijei-a, segurando-lhe a mão em que tinha a escova e derrubando-lhe a cabeça no travesseiro. Beijei-lhe o pescoço e os ombros. Eu me sentia atordoado de tanto que a amava!

— Não quero me afastar de você — murmurei.

— E eu não quero que você vá.

— Então não irei.

— Não, vá. É por pouco tempo e logo você estará de volta. Podemos jantar aqui. Vá depressa e volte logo.

Encontrei o conde na sala de bilhar. Estava praticando tacadas, mas tinha a aparência debilitada. Numa mesa de carteado, um pouco afastada da luz, havia um balde de prata com gelo moído e duas garrafas de champanha. O conde aprumou-se quando entrei, e adiantou-se para mim, estendendo-me a mão.

— Senti grande satisfação ao saber de sua chegada. Agradeço a gentileza de vir jogar comigo.

— Foi extremamente gentil em convidar-me — respondi.

— Está passando bem? Disseram-me que foi ferido no Isonzo. Estimo que já

esteja restabelecido.

— Estou bem agora. E o senhor conde?

— Oh, estou sempre bem. Mas estou ficando velho. Sinto sinais da idade, ultimamente.

— Não acredito.

— Sim, sim. Quer saber? Hoje em dia, sinto mais facilidade de falar o italiano. Tento me forçar, mas, quando estou cansado, sinto que é bem mais fácil falar em italiano. Logo, estou ficando velho.

— Podemos falar em italiano. Eu também ando um pouco cansado.

— Oh, mas se está cansado, deve ser mais fácil para você falar em inglês.

— Americano.

— Sim, americano. Há de gostar de falar americano. Uma língua deliciosa.

— Mas dificilmente encontro americanos por aqui.

— E deve sentir falta deles. Sentimos falta de nossos patrícios e sobretudo de nossas patrícias. Sei disso por experiência. Quer jogar ou se sente muito cansado?

— Não estou cansado. Disse isso de brincadeira. Que vantagem vai me dar?

— Tem praticado ultimamente?

— Nada.

— Sei que joga muito bem. Aceita dez pontos em cem?

— Isso chega a me ser lisonjeiro demais.

— Quinze?

— Ainda assim vai me dar uma surra.

— Vamos apostar? Você sempre quis jogar a dinheiro.

— Vai ser mais interessante.

— Está bem! Dou-lhe dezoito pontos em cem e jogaremos a um franco o ponto.

O conde jogou tão bem, que, quando alcançou cinquenta pontos, eu já estava com a vantagem de dezoito reduzida a quatro. Greffi tocou a campainha.

— Abra uma garrafa, faça o favor — disse ao garçom que apareceu. E para mim: — Precisamos de um pequeno estimulante.

O vinho estava bem gelado, seco e delicioso.

— Podemos falar em italiano? Isso não o desagrada? É a minha grande fraqueza agora.

Continuamos a jogar, bebericando entre as tacadas, falando em italiano, mas pouco, porque estávamos muito concentrados na partida. Eu estava com noventa e quatro pontos quando o conde chegou aos cem. Sorriu e bateu-me no ombro.

— Agora vamos beber a outra garrafa, e o amigo vai contar-me alguma coisa da guerra. — Então esperou que eu me sentasse.

— Podemos conversar sobre qualquer outra coisa…

— Não lhe agrada conversar sobre a guerra? Está bem. E o que anda lendo?

— Nada — respondi. — Ando muito obtuso.

— Nada disso, deve sempre ler.

— O que tem saído de bom?

— *Le Feu*, de um francês, Barbusse. E há o *Mr. Britling Sees Through It*.

— Não vê, não.

— Como?

— Mr. Britling pensa que vê mas não vê. Vi esses livros no hospital.

— Então os leu?

— Sim, mas não gostei deles.

— Achei que *Mr. Britling* fosse um bom estudo da alma da classe média inglesa.

— Nada sei sobre a alma.

— Pobre rapaz. Nenhum de nós sabe sobre a alma. É religioso?

— À noite.

O conde Greffi sorriu, o copo na mão.

— Esperei ficar mais devoto com os anos, mas até agora nada. Grande lástima.

— Deseja viver depois da morte? — perguntei, e imediatamente percebi a minha gafe. Falar de morte a um velho de quase cem anos... Mas o conde não se importou.

— Depende dessa tal outra vida. A vida aqui na terra tem sido muito agradável para mim. Queria viver eternamente aqui… e vou vivendo.

Estávamos afundados nas poltronas, com o balde de champanha e os copos na mesinha do centro.

— Se o amigo viver tanto quanto já vivi, descobrirá muitas coisas estranhas.

— O senhor conde nunca me pareceu velho.

— Só o corpo envelhece. Às vezes, tenho medo de partir um dedo com a mesma facilidade com que alguém parte um pedaço de giz. O espírito não envelhece nem adquire sabedoria.

— O senhor conde possui sabedoria.

— É uma ilusão a sabedoria dos velhos. A sabedoria não cresce com a idade. O que cresce é o espírito de cautela.

— Talvez a sabedoria seja isso.

— É então uma sabedoria bem desinteressante. O que é que mais preza na vida?

— Alguém a quem amo.

— Comigo se dá o mesmo. Ora, isso não é sabedoria. Você dá valor à vida?

— Dou.

— Eu também, porque é tudo quanto tenho. Também gosto de festas de aniversário — disse, rindo-se. — O amigo talvez seja mais sábio do que eu, se não dá festas em seus aniversários.

Tomamos mais um pouco do vinho.

— Mas o que acha realmente da guerra? — perguntei.

— Uma coisa estúpida por excelência.

— E quem vencerá?

— A Itália.

— Por quê?

— Porque é uma nação mais jovem.

— Quer dizer que as nações mais jovens sempre ganham as guerras?

— Conservam-se mais aptas por certo tempo.

— E depois, o que acontece?

— Envelhecem.

— E o senhor diz não possuir sabedoria...

— Meu caro rapaz, isto não é sabedoria. É cinismo.

— Soa como sabedoria para mim.

— Mas não é. Poderia defender com argumentos igualmente bons o ponto de vista oposto. Mas não deixa de ser uma colocação interessante. Já bebemos toda a garrafa?

— Quase.

— Quer mais? Depois, preciso me vestir.

— Talvez seja melhor deixar para outra ocasião.

— Está certo de que não quer mais?

— Estou. Tenho de subir.

— Espero que seja muito afortunado, muito feliz e esteja sempre com muita saúde — disse ele, levantando-se.

— Obrigado. E eu espero que o senhor conde viva para sempre.

— Obrigado. Tentarei. Se por acaso tornar-se devoto, reze por mim. Ando a pedir isso a todos os amigos. Não posso rezar eu mesmo, porque a devoção ainda não me iluminou.

Pareceu-me que sorria tristemente ao dizer isso, mas não posso afirmar.

Eram tantas as rugas do seu rosto e tantas as linhas que marcavam o seu sorriso que haviam perdido suas gradações.

— Quem sabe algum dia me torne um devoto. Mas, independente disso, rezarei pelo senhor conde.

— Sempre quis tornar-me religioso como toda a gente de minha família. Pena, não consegui.

— É cedo ainda, conde.

— Ou muito tarde. Talvez eu já tenha passado além do período religioso.

— Minha religião é noturna.

— Quer dizer que está amando. Não esqueça que o amor é um sentimento religioso.

— Acha?

— Tenho certeza — disse ele, avançando um passo. — Foi muito gentil em jogar comigo.

— O prazer foi todo meu.

— Podemos subir juntos.

36

NAQUELA NOITE caiu um temporal. Acordei com o barulho da chuva na vidraça. Ergui-me para fechar a janela. Nesse momento, bateram à porta. Fui ver, na ponta dos pés, para não despertar Catherine. Era o *barman*, de sobretudo e chapéu gotejante da chuva.

— Podemos trocar duas palavras, tenente?

— O que houve?

— Assunto grave.

Olhei em torno. O quarto estava escuro. Vi a água que molhara o chão junto à janela.

— Entre — e levei-o para o banheiro. Acendi a luz e fechei a porta, sentando-me na borda da banheira.

— De que se trata, Emílio? Está em apuros?

— Eu, não. Mas o tenente está.

— Como assim?

— Vão prendê-lo pela manhã.

— Vão?

— E corri até aqui para avisá-lo. Eu estava fora da cidade e ouvi o rumor num café.

— Compreendo.

Emílio calou-se, com o sobretudo molhado, segurando o chapéu gotejante.

— E por que vão me prender?

— Por qualquer coisa lá da guerra.

— Não sabe o que é?

— Não. Mas descobriram que o tenente já esteve aqui como oficial do exército e agora voltou à paisana. Depois da retirada do Caporetto, estão prendendo todo mundo.

Refleti um minuto.

— A que horas pretendem vir me prender?

— Pela manhã. A hora, não sei.

— E você, o que acha disso?

Emílio botou o chapéu na pia, para que não pingasse no chão.

— Se nada tem a temer, isso de prisão não pode ter importância. Mas é sempre mau ser preso. Especialmente agora.

— Não quero ser preso.

— Então fuja para a Suíça.

— Como?

— Em meu bote.

— Com esta tempestade?

— A chuva está passando. É forte demais para durar.

— E quando devo partir?

— Já... Podem vir prendê-lo de madrugada.

— E minhas coisas?

— Arrume-as e deixe-as comigo. Tomarei conta. Faça sua mulher vestir-se imediatamente.

— E onde nos encontraremos?

— Eu os esperarei aqui mesmo. Não quero que ninguém me veja no *hall*.

Abri a porta do banheiro, fechei-a atrás mim e fui para o quarto. Encontrei Catherine acordada.

— O que há, querido?

— Está tudo bem, Cat — respondi. — Que tal vestir-se já, para irmos sem demora para a Suíça de bote?

— Vamos mesmo?

— Bem, gostaria é de voltar para a cama.

— Então, que história é essa?

— O *barman* veio avisar de que vão me prender pela manhã.

— Ele deve estar maluco.

— Não, não está.

— Nesse caso, vamos depressa, querido. — Catherine sentou-se na cama, ainda sonolenta. — Ele ainda está no banheiro?

— Está.

— Então dispenso o banho. Olhe para lá, querido, vou me vestir num minuto.

Vi-lhe as costas brancas quando tirou a camisola, mas voltei-me para satisfazer-lhe a exigência. Seu ventre começava a crescer, e ela não queria que eu o visse. Vesti-me com a chuva batendo na vidraça. Tinha pouca coisa para pôr na mala.

— Tenho muito espaço aqui, Cat. Pode usar.

— Já pus quase tudo na minha mala. Querido… Sou uma idiota. Mas por que o *barman* está dentro do banheiro?

— Ele está só esperando… para levar nossa bagagem.

— Foi muita generosidade dele vir nos avisar.

— É um velho amigo. Certa vez *quase* recebeu de mim um pacote de fumo americano.

Olhei pela janela, tentando enxergar dentro da noite escura. Não podia distinguir sequer o lago, apenas escuridão e chuva, mas pelo menos o vento estava mais fraco.

— Estou pronta, querido.

— Muito bem.

Fui para o banheiro.

— Aqui estão as malas, Emílio. — O *barman* pegou-as.

— Muita bondade sua ajudar-nos, senhor — agradeceu Catherine.

— Nada, senhora. Tenho muito gosto em servi-los. Apenas espero não me meter em nenhum problema. Escute — disse voltando-se para mim —, vou levar isto pela escada dos criados e o senhor naturalmente sairá pela porta principal, como se fosse dar um passeio.

— Linda noite para um passeio — murmurou Catherine.

— Mau tempo, é verdade.

— Queria ter um guarda-chuva.

Atravessamos o *hall* e descemos pela fofa passadeira da escadaria. Embaixo, encontramos o porteiro atrás da sua secretária. Olhou-nos, surpreendido.

— Vai sair, senhor?

— Vou. Sempre desejamos assistir a um temporal noturno na beira do lago.

— E não leva um guarda-chuva?

— Não. Este capote é impermeável.

O porteiro olhou-me desconfiado.

— Vou arranjar um, senhor — disse ele. Saiu dali e voltou com um enorme guarda-chuva.

— É um pouco grande, eu sei, senhor.

Dei-lhe uma nota de dez liras.

— Muita bondade sua, senhor. Obrigado

Foi abrir a porta e viu-me sair. Riu para Catherine, que sorriu de volta para ele.

— Não fiquem muito tempo na chuva, senhor… senhora.

— Voltaremos logo — respondi.

Pusemo-nos a andar, resguardados pelo enorme guarda-chuva, e seguimos pelos pedregulhos encharcados até a beira do lago. O vento agitava as águas — vento frio de novembro —, e eu sabia que estaria nevando nas montanhas.

Encaminhamo-nos para o embarcadouro, onde o *barman* estaria à nossa espera. A água junto às pedras pareceu-me mais escura. O *barman* emergiu de sob as árvores.

— As malas estão no bote — disse.

— Quero pagar pelo bote.

— Quanto dinheiro tem consigo?

— Não muito.

— Então mande o pagamento do bote depois. Estará tudo certo, assim.

— Mas quanto?

— O quanto quiser.

— Mais ou menos quanto?

— Se conseguir se arrumar por lá, mande-me 500 francos. Ou nada, se não puder.

— Está bem.

— Aqui estão uns sanduíches. Era tudo que havia no bar. E essa garrafa de conhaque e mais essa de vinho. — Pus tudo dentro da minha mala.

— Deixe-me pagar isso.

— Está bem. Dê-me 50 liras.

Passei-lhe as 50 liras.

— O conhaque é bom — disse ele. — Não tenha receio de dá-lo à sua mulher. O melhor agora é tomarem o bote.

Desamarrou o bote e ajudou Catherine a entrar. Ela sentou-se à popa, enrolada na capa.

— Sabe para onde ir?

— Lago acima.

— E a distância?

— Passando de Luíno.

— Quer dizer, passando Luíno, Cannero, Cannobio e Tranzano. Então, estará na Suíça, antes de chegar a Brissago. Tem de passar o Monte Tamara.

— Que horas são? — perguntou Catherine.

— Onze, apenas.

— Se remar sem parar, estará lá às sete da manhã — comentou o *barman*.

— É assim tão longe?

— Cerca de 35 quilômetros.

— Como vamos nos orientar? Com esta chuva, necessitamos de uma bússola.

— Não. Reme até Isola Bella. Daí para diante, vá pelo vento. O vento o

levará a Pallanza. Verá as luzes. Depois siga pela costa.

— E se o vento mudar?

— Não mudará — afirmou ele. — Estes ventos duram sempre três dias. Vêm de Mattarone. Há uma lata aí para tirar água do bote.

— Deixe-me dar alguma coisa por conta do bote.

— Não. Prefiro correr o risco. Se se arrumar por lá, então me pagará o que puder.

— Combinado.

— Não creio que vá afogar-se.

— Tomara que não.

— Deixe levar-se pelo vento do lago.

— Está certo! — exclamei, entrando no bote.

— Deixou o dinheiro para pagar o hotel?

— Sim, num envelope no meu quarto.

— Está bem. Felicidades, tenente.

— O mesmo para você. Agradeço muito, Emílio.

— Não me agradecerá se morrer afogado.

— O que é que ele disse? — perguntou Catherine.

— Disse boa sorte.

— Boa sorte — repetiu Catherine. — Mil vezes obrigada.

— Estão prontos?

— Estamos.

Emílio abaixou-se e deu um empurrão no bote. Meti os remos na água e acenei para ele. Fui remando até não ver mais as luzes do hotel. Tínhamos um longo trajeto a percorrer, mas o vento estava nos levando.

37

EU REMAVA a favor do vento. A chuva havia parado, a não ser por algumas pancadas ocasionais. Estava muito escuro, o vento era gelado. Eu podia enxergar Catherine à popa, mas não via a água do lago, onde as pás do remo mergulhavam. Os remos eram compridos e sem a cobertura de couro no punho que os impede de escorregar. Eu lhes dava impulso, levantava-os, inclinava-me à frente, atingia a água, afundava-os e dava novo impulso, com toda calma, confiando na ajuda do vento. Sabia que minhas mãos iriam empolar-se e tratava de poupá-las. O bote, muito leve, avançava com facilidade. Não conseguia enxergar nada e torcia para já estarmos perto de alcançar o ponto oposto a Pallanza.

Não cheguei a avistar Pallanza. O vento estava agitando o lago e passei por Pallanza sem enxergar luz alguma. Só muito mais acima avistamos algumas luzes, e mais perto da margem, em Intra. Mas por muito tempo não vi luz nenhuma, nem enxergava as margens, mas remava firme, dentro da escuridão, galgando as ondas que iam se formando. Havia vezes em que uma onda maior erguia a embarcação e os remos não atingiam a água. Era exaustivo, mas continuei a remar, até que de repente nos vimos novamente próximos à margem, correndo ao longo de uma massa rochosa, que se erguia bem do nosso lado, com as ondas chocando-se contra ela. Remei com força para afastar o bote dali, rumo ao largo.

— Estamos atravessando o meio do lago, agora — disse para Catherine.

— Não íamos ver Pallanza? — ela perguntou.

— Já passamos por lá.

— E como você está, querido?

— Muito bem.

— Eu posso remar um pouco.

— Não. Estou indo bem.

— Pobre Ferguson — suspirou Catherine. — De manhã, irá ao hotel e vai descobrir que partimos.

— Não estou preocupado com isso, neste momento. Tudo o que quero é alcançar a Suíça antes que amanheça e os guardas nos vejam.

— Falta muito?

— Mais ou menos trinta quilômetros.

Remei a noite inteira. Minhas mãos já doíam tanto que mal podia segurar os remos. Por várias vezes quase fomos esmagados contra os rochedos. Eu seguia costeando a margem, com medo de me perder e desperdiçar tempo. Às vezes, chegávamos tão perto da margem que víamos a estrada ladeada de árvores e as montanhas ao fundo. A chuva parou de vez, e o vento varrera as nuvens, de modo que a lua apareceu. Olhando para trás, pude ver a mancha escura de Castagnola e a capa de neve das montanhas distantes. Então, as nuvens cobriram a lua novamente, fazendo sumirem as montanhas e a visão que tínhamos do lago. Mas ainda havia mais luz do que antes, e podíamos enxergar alguma coisa da margem. Eu podia enxergá-la tão nitidamente, que me afastei, com medo de ser visto por policiais da fronteira que estivessem postados pela estrada de Pallanza. Quando a lua reapareceu, vimos, por entre as árvores, algumas *villas* brancas na margem e a encosta, e trechos de estrada. Até chegar ali não havia parado de remar.

O lago alargou-se e, adiante, no sopé das montanhas, distingui luzes numa reentrância que devia ser Luíno. Se era, tínhamos feito o percurso em muito pouco tempo. Sentia-me cansadíssimo. Ergui os remos e me recostei no assento. Todo o meu corpo doía — ombros, costas, braços e mãos.

— Que tal eu abrir o guarda-chuva? — sugeriu Catherine. — Podia nos servir de vela.

— E você sabe manobrar um leme?

— Acho que sim.

— Então tome este remo e mantenha-o em posição, enquanto eu faço o guarda-chuva de vela.

Passei para a popa e mostrei-lhe como fazer do remo um leme. Abri depois o guarda-chuva do porteiro e sentei-me na proa, colocando o bojo do guarda-chuva contra o vento. O guarda-chuva inflou, com um estalido. Eu o mantinha seguro como podia, usando inclusive as pernas para firmar o cabo, que enganchei no assento. O vento o colheu em cheio e senti o bote ser impulsionado à frente. Meu esforço para manter o guarda-chuva era grande, mas o bote voava.

— Estamos indo muito bem — disse Catherine.

Tudo que eu podia ver eram as varetas do guarda-chuva. Felizmente, o guarda-chuva era resistente e estava aguentando bem. Eu continuava usando braços e pernas para firmá-lo, mas de repente ele cedeu e virou pelo avesso. Ainda tentei segurar as abas, agarrando-as com as duas mãos, mas no instante seguinte eu tinha apenas o cabo preso entre as pernas e um guarda-chuva inutilizado. Desprendi-o do assento, larguei-o no fundo do bote e voltei a remar.

Catherine começou a rir. Ela tomou minhas mãos e não parava de rir.

— Que há, Cat?

— Você estava tão engraçado segurando o guarda-chuva...

— Provavelmente…

— Não se zangue, querido. Estava mesmo engraçadíssimo. Precisava ver você mesmo, parecendo ter metros e metros de largura, com os braços esticados, tentando segurar as pontas. — Ela estremeceu com novo acesso de riso.

— Vou continuar remando.

— Descanse um pouco e tome um gole de conhaque. A noite está bonita e temos muito caminho pela frente.

— Preciso conservar o bote longe do alcance dos vagalhões.

— Eu pego o conhaque para você. Depois descanse um pouco, querido.

Ergui os remos enquanto Catherine abria a mala para pegar o conhaque. Ela me passou a garrafa. Saquei a rolha com o canivete e tomei um bom gole. Era revigorante e quente, e me fez muito bem. Eu me senti reanimado, assim que a bebida começou a me descer pela garganta.

— Um ótimo conhaque — murmurei. A lua escondera-se de novo, mas eu ainda enxergava a margem.

— Você está bem agasalhada, Catherine?

— Estou ótima, querido. Somente um pouco rígida.

— Pegue um balde para jogar fora a água do fundo do bote e estique os pés.

Prossegui remando, enquanto escutava o rumor da água baldeada por Catherine.

— Pode me passar esse balde? Estou com sede.

— Mas está imundo.

— Não faz mal. É só dar uma enxaguada antes.

Ouvi Catherine esfregando o balde por dentro. Depois encheu-o no lago e me passou. O conhaque me deu sede, mas a água estava tão fria que os dentes me doeram. Olhei em direção à margem. Estávamos perto de uma pequena enseada, e avistei luzes logo à frente.

— Obrigado — eu disse, devolvendo o balde.

— De nada. Tem muito mais água no lago, se ainda estiver com sede.

— Não quer comer alguma coisa?

— Não. Ainda não estou com fome. Enquanto isso, vamos economizando provisões.

— Certo.

O que enxergáramos à frente era um comprido pontal montanhoso. Eu me

afastei de novo para o meio do lago, tentando escapar dele. O lago tornara-se muito mais estreito. A lua reaparecera e algum *guardia di Finanza* poderia avistar o vulto do bote se estivesse atento.

— Como está, Cat?

— Sempre bem. Onde estamos?

— Creio que ainda temos uns quatorze quilômetros.

— Na água isso é muita coisa, meu pobre querido. Você deve estar exausto.

— Não. Eu estou muito bem. Minhas mãos doem, mas é só.

Prosseguimos. Havia uma garganta na montanha do promontório e depois um trecho plano, com a margem bastante baixa, onde devia estar Cannobio. Tive de pôr-me mais ao largo porque o perigo de ser avistado pelos guardas aumentava. Havia uma alta montanha capeada de neve na margem oposta. Eu estava cansadíssimo. A distância a remar não era, em si, grande, mas era demais para o meu cansaço. Tínhamos de passar aquela montanha e percorrer ainda oito quilômetros antes de alcançar águas suíças. A lua já estava muito baixa e de novo oculta pelas nuvens. Eu remava e às vezes parava, com os remos erguidos, para que o vento batesse nas lâminas.

— Deixe que eu reme um pouco — pediu Catherine.

— Acho que não deve.

— Que absurdo. Por quê? Um pouco de exercício é bom para mulheres grávidas.

— Está bem. Mas reme com moderação. Vamos trocar de lugar. Cuidado.

Sentei-me à popa, com a gola do capote erguida, e fiquei vendo Catherine remar à proa. Ela remava muito bem, mas aqueles remos eram compridos demais para os seus braços. Abri o saco de provisões, comi dois sanduíches e bebi um gole de conhaque. Fez-me bem e tomei outro gole.

— É só me dizer quando estiver cansada — pedi a ela. — E cuidado para os remos não baterem na sua barriga.

— Se isso acontecesse — respondeu Catherine entre duas remadas — a vida ia ficar muito mais fácil para nós.

Tomei outro gole de conhaque.

— Como está se sentindo?

— Bem — respondeu Catherine.

— Diga-me quando quiser parar.

— Está certo.

Tomei mais um trago, em seguida movi-me para a proa.

— Não — disse ela. — Eu ainda aguento um pouco.

— Volte para a popa. Já descansei o bastante.

Graças à bebida, retomei, por alguns momentos, com facilidade e firmeza, os remos. Mas, passados os primeiros efeitos, comecei a me sentir tonto e me veio na boca um gosto escuro de bílis.

— Por favor, mais água.

Antes das primeiras luzes da manhã, começou a chuviscar. O vento amainara, e estávamos protegidos pelos montes que fechavam as curvas do lago.

Quando senti a madrugada se aproximar, passei a remar com mais ímpeto. Não sabia onde estava e ansiava por já me ver na parte suíça daquelas águas. Enxergava a margem já bem perto — repleta de recifes e árvores.

— O que é isso? — quis saber Catherine.

Larguei os remos e apurei os ouvidos. Era o chacoalhar de um motor, no meio do lago. Fiz o bote se aproximar da margem e fiquei quieto. O chacoalhar se aproximava. Uma embarcação. Distingui dentro quatro *guardias di Finanza*, com chapéus alpinos, golas erguidas e carabinas às costas. Pude ver o amarelo dos chapéus e as marcas amarelas das golas. Mas pareciam sonolentos, àquela hora, tão cedo. O motor continuou a fazer barulho, mas cada vez mais longe, até perdermos a lancha de vista, encoberta pela chuva.

Remei firme para o largo. Se estivéssemos tão perto da fronteira o quanto eu acreditava, não queria ser pego pelos olhos de nenhuma sentinela de guarda na estrada. Afastei-me para longe, de onde apenas avistasse a linha da margem, e por três quartos de hora remei debaixo da chuva. Ouvi mais uma vez o barulho de uma lancha e depois mais nada. O chacoalhar do motor desapareceu indo para o outro lado do lago.

— Creio que já estamos na Suíça, Catherine.

— Tem certeza?

— Não há meio de sabermos com segurança antes de avistarmos soldados suíços.

— Ou a marinha suíça — brincou ela.

— Para nós a marinha suíça não é uma piada. O último motor de barco que escutamos devia ser da marinha suíça.

— Se já estamos na Suíça, vamos tomar o nosso desjejum por lá. Eles fazem uns pãezinhos deliciosos, uma manteiga excelente e ótimas geleias.

Já era dia, agora, e a chuva fina persistia. Lago acima avistamos cumes de montanhas toucados de neve. Indiscutivelmente, estávamos na Suíça. Avistamos numerosos chalés nas linhas da margem, e árvores, e depois uma vilazinha de casas de pedra na encosta e uma igreja. Examinei a estrada paralela à margem à

procura de guardas, mas não vi nenhum. A estrada corria bem próxima à fímbria do lago, facilitando-me a visão. Logo a seguir, vi um soldado saindo de um café, com uniforme esverdeado e capacete de tipo alemão. Tinha aspecto saudável e bigode. Ele nos viu e ficou nos observando.

— Acene para ele — disse a Catherine, e ela acenou.

O soldado, meio sem graça, sorriu e nos deu um aceno em resposta. Afrouxei os remos. Estávamos defronte ao embarcadouro da aldeia.

— Já devemos ter passado muito além da fronteira — observei.

— É o que temos de verificar, querido. Não podemos nos arriscar a que nos devolvam para a Itália.

— Garanto que a fronteira já ficou muito para trás. Aquilo lá deve ser um posto alfandegário. Vai ver que é Brissago.

— Mas não haverá italianos por aqui? Há sempre gente dos dois países nestes postos fronteiriços.

— Em tempo de guerra, não. Não creio que os suíços deixem os italianos cruzar a fronteira.

Pus-me a examinar a cidadezinha. Era linda. Vi muitos barcos de pesca no cais e redes de pesca estendidas. Apesar da chuva fina, a aldeia me pareceu alegre.

— Vamos desembarcar para comermos alguma coisa.

— É uma excelente ideia.

Remei para o cais e encostei. Recolhi os remos, agarrei um argolão de ferro, saltei para a pedra molhada — estava na Suíça. Amarrei o barco e estendi a mão para ajudar Catherine a descer.

— Pule, Catherine. Vai ser sentir maravilhosa.

— E as malas?

— Ficam no bote.

Catherine saltou do barco, e estávamos juntos, agora, na Suíça.

— Que linda terra!

— Não é extraordinário?

— Vamos depressa. Estou faminta.

— Não é um país maravilhoso? Estou adorando sentir a Suíça sob meus pés.

— Estou com os meus pés tão dormentes que não sinto nada. Mas é de fato um país magnífico, querido. Paz, paz. Está entendendo, querido? Estamos salvos, longe daquela terra desgraçada.

— Claro que entendo. E é perfeito! Nunca imaginei coisa tão boa.

— Veja as casas. Linda praça, não? Deve haver um lugar aqui onde

possamos comer!

— E que chuva deliciosa! Quando a Itália teve uma chuva linda assim?

Procuramos um café, entramos e sentamos à mesa, muito limpa, de madeira. Estávamos terrivelmente excitados. Uma esplêndida mulher, de linda presença e avental branco, aproximou-se e nos perguntou o que queríamos.

— Café, pãezinhos e geleias — disse Catherine.

— Sinto muito, mas não temos pãezinhos… por causa da guerra.

— Pão comum, então.

— Posso fazer umas torradas.

— Está bem.

— E também ovos fritos, para mim.

— Quantos?

— Três.

— Peça quatro, querido.

A mulher afastou-se. Beijei Catherine e fiquei segurando sua mão. Olhávamos um para o outro e para tudo em volta, compenetrados.

— Querido, querido, não é um encanto?

— Claro que é.

— Não faz mal que não haja pãezinhos. Pensei neles a noite inteira. Mas não faz mal. Nada faz mal.

— Acho que dentro em pouco seremos detidos.

— Não faz mal, querido. Primeiro, vamos comer. Não faço caso de ser presa de estômago cheio. E eles nada podem fazer contra nós. Eu sou inglesa e você é cidadão americano.

— Você está com o seu passaporte?

— Está na mala. Não vamos pensar mais nisso. Temos de aproveitar a nossa felicidade.

— Seria impossível me sentir mais feliz — murmurei.

Um gatão gordo, de cauda erguida como uma pluma, cruzou a sala e veio esfregar-se em minhas pernas, resmungando. Catherine sorria contente.

— Aí vem a comida.

Fomos detidos logo depois da refeição. Fomos dar uma caminhada pela vila e depois fomos ao cais apanhar nossas malas. Lá encontramos um soldado à nossa espera.

— Este bote é seu?

— É.

— De onde vêm?

— Do lago, mais acima.

— Então, tenho de pedir-lhe que me acompanhe.

— E as malas?

— Pode trazê-las. De que nacionalidade são?

— Sou americano. Ela é inglesa.

Carreguei as malas, e Catherine seguiu ao meu lado, com o soldado à frente, rumo à alfândega. Lá, um tenente muito magro e muito militar nos perguntou:

— Nacionalidade?

— Americana e inglesa.

— Deixe-me ver os passaportes.

Apresentei o meu, e Catherine tirou o dela da mala. O tenente examinou-os cuidadosamente.

— Por que entraram na Suíça, assim, de bote?

— Sou um esportista, um aficionado do remo — respondi. — Gosto de remar sempre que tenho uma oportunidade.

— Para que vêm à Suíça?

— Para os esportes de inverno.

— Aqui não há esportes de inverno.

— Sei disso. Queremos ir para onde haja.

— O que esteve fazendo na Itália?

— Estudando arquitetura. Minha prima estudava arte.

— Por que saíram de lá?

— Porque queríamos praticar esportes de inverno e porque os nossos estudos foram interrompidos por causa da guerra.

— Façam o favor de ficar aqui — disse o tenente, indo para outra sala com os nossos passaportes.

— Você esteve esplêndido, querido — sussurrou-me Catherine. — Vamos manter isso… esportes de inverno.

— E você? Sabe alguma coisa de arte?

— Rubens — respondeu Catherine.

— Grande, gordo...

— Ticiano.

— Cabelos ruivos. E o que sabe de Mantegna?

— Não me pergunte sobre os difíceis. Mas sei alguma coisa sobre Mantegna… um pintor amargo.

— Muito amargo, sim. Muitos buracos de pregos na parede.

— Vê que hábil mulherzinha você tem? Sou capaz de discutir arte com esta

alfândega inteira.

— Lá vem ele — sussurrei, vendo o tenente aproximar-se com os nossos passaportes na não.

— Tenho de enviá-los a Locarno — afirmou ele. — Podem tomar um veículo e um guarda os acompanhará.

— Muito bem. E o bote?

— O bote está confiscado. O que trazem nessas malas? — O tenente revistou as malas e tirou logo a garrafa de conhaque.

— Aceita um gole? — perguntei.

— Não, obrigado — respondeu, erguendo-se. — Quanto dinheiro traz?

— Duas mil e quinhentas liras.

A quantia impressionou-o bem.

— E a sua prima?

Catherine tinha pouco mais de mil e duzentas. O tenente pareceu satisfeito e sua atitude passou a ser menos militar.

— Se querem esportes de inverno — disse ele —, Wengen é o melhor lugar. Meu pai é dono de um excelente hotel por lá, que fica aberto o ano todo.

— Esplêndido! — exclamei. — Pode me dar por escrito o nome do hotel?

O tenente escreveu o nome num cartão e o entregou a mim com toda a polidez.

— O soldado os levará a Locarno e ficará com seus passaportes. Sinto muito, mas é necessário. Espero que lá lhes deem o visto ou uma permissão policial.

O tenente entregou os dois passaportes ao soldado, e saímos de lá com as malas, à procura de uma carruagem.

— Ei! — gritou o tenente para o soldado, chamando-o, depois conversou algo com ele em um dialeto alemão. O soldado pôs a carabina às costas e pegou nossas malas para carregá-las.

— Não há dúvida de que este é um grande país — admirou-se Catherine.

— Muito práticos.

— Obrigadíssimo, senhor tenente — disse eu.

— A seu serviço! — Ele respondeu, acenando-me com a mão.

Seguimos o soldado pela aldeia adentro.

Fomos para Locarno, com o guarda na boleia junto ao cocheiro. Não tivemos maiores dificuldades por lá. Fomos interrogados, mas polidamente, porque tínhamos passaportes e dinheiro. Não creio que acreditassem numa só palavra do que dissemos, mas era como num tribunal. Não era preciso dizer nada plausível, mas sim algo que tecnicamente fizesse sentido e nos ativéssemos a isso sem

mais explicações. O que importava era que estávamos com os passaportes e íamos gastar dinheiro por lá. Portanto, deram-nos o visto provisório, que podia ser cancelado a qualquer tempo. Tínhamos de comunicar à polícia qualquer mudança de hotel ou de cidade.

— Para onde quer ir, Catherine?

— Para Montreux.

— É uma linda cidade — disse o oficial. — Acho que vão gostar muito.

— Queríamos um local onde se praticasse esportes de inverno.

— Não vão encontrar isso em Montreux.

— Perdão — disse o segundo oficial. — Sou de Montreux. Praticam-se esportes de inverno ao longo da Montreux Oberland Railway. Parece-me absurdo negar isso.

— Não nego. Só digo que não há esportes de inverno em Montreux.

— Pois eu discordo — contraveio o segundo oficial. — Digo que está enganado.

— E eu sustento o que afirmei.

— Absurdo. Costumo fazer *luge-ing* nas ruas de Montreux e isso por certo é um esporte de inverno.

— Acha que *luge-ing* é esporte de inverno, senhor? Continuo a afirmar que ficarão muito bem aqui em Locarno. Clima ótimo, arredores atraentes. Vão gostar muito.

— Mas o cavaleiro manifestou vontade de ir para Montreux.

— O que é *luge-ing*? — perguntei.

— Está vendo? Ele nunca ouviu falar em *luge-ing*.

Aquilo significava muito para o segundo oficial, o qual sorriu.

— *Luge-ing*, explicou o primeiro, é andar de trenó. Ou de tobogã.

— Peço licença para discordar de novo — interveio o outro. — O tobogã difere do *luge*. O tobogã vem do Canadá e é construído de ripas, e o *luge* é um trenó comum dotado de esquis compridos embaixo. Precisamos não confundir as coisas.

— E não poderíamos andar de trenó? — perguntei.

— Sem dúvida — volveu o primeiro oficial. — E muito bem. Há excelentes tobogãs do Canadá à venda em Montreux. A firma Ochs Brothers vende tobogãs importados.

O segundo oficial interveio.

— O tobogã requer pista especial. Ninguém pode correr de tobogã nas ruas de Montreux. Onde vão ficar aqui em Locarno?

— Não sabemos ainda — respondi. — Acabamos de chegar de Brissago. O carro que nos trouxe ainda está aí na porta.

— O senhor não cometerá um erro indo a Montreux — insistiu o primeiro oficial. — Encontrará, sim, um clima ótimo e lindas paisagens. E estará próximo dos locais de esportes de inverno.

— Quem realmente quer praticar esportes de inverno — tornou o segundo oficial —, vai a Engadine ou a Murren. Protesto contra qualquer opinião que indique Montreux como terra de esportes de inverno.

— Em Les Avants, acima de Montreux, há esportes de inverno de todo tipo.

O campeão de Montreux arregalou os olhos para o seu colega.

— Senhores — disse eu. — Creio que vou para lá. Minha prima está muito cansada. Vamos experimentar Montreux.

— Dou-lhes os meus parabéns — disse o primeiro oficial estendendo-me a mão.

— Pois eu creio que vai arrepender-se muito de deixar Locarno — volveu o segundo oficial. — Mas, seja como for, tem de apresentar-se à polícia de Montreux.

— Não terá problemas com isso — declarou o primeiro oficial. — O povo de lá é muito cortês e amistoso.

— Obrigado aos dois pelas informações que me deram — respondi, despedindo-me.

Eles se curvaram, nos cumprimentando, quando saíamos. O campeão de Locarno portava-se com alguma frieza. Dali tomamos o carro que estava à nossa espera.

— Meu querido... — murmurou Catherine. — Não poderíamos ter chegado a esta solução mais cedo?

Transmiti ao cocheiro o nome do hotel que um dos oficiais me havia recomendado. Ele ergueu as rédeas.

— Você esqueceu o exército, querido — observou Catherine.

O soldado que nos acompanhara estava ali de pé. Dei-lhe uma nota de dez liras, explicando achar-me sem dinheiro suíço. Ele agradeceu, saudou-nos e foi embora. O carro partiu para o hotel.

— Por que escolheu Montreux? — perguntei a Catherine. — Quer mesmo ficar lá?

— Foi o primeiro nome que me veio à cabeça. Não é mau lugar. Podemos nos alojar em qualquer ponto da montanha.

— Está com sono?

— Já estou de olhos fechados, meu amor.

— Ah, vamos dormir muitíssimo bem. Pobre Cat. Teve uma noite bem dura.

— Que nada. Tive uma noite linda… especialmente quando você tentou segurar o guarda-chuva do porteiro...

— Parece incrível que estejamos na Suíça.

— Tenho medo de acordar e verificar que tudo não passa de um sonho.

— Eu também.

— Mas é mesmo verdade, querido? Não estarei rodando com você rumo àquela *stazione* de Milão, para vê-lo sumir-se num trem?

— Espero que não, querida.

— Não fale assim que me mete medo.

— Estou caindo de cansaço e sono.

— Deixe-me ver suas mãos.

Mostrei-as. Estavam em carne viva.

— Pelo menos não tenho um ferimento de lança no lado do meu corpo.

— Não diga sacrilégios.

Eu sentia uma espécie de tontura. A exaltação hilariante passara. O carro rodava ao longo da rua.

— Pobres mãos — murmurou Catherine.

— Não toque nelas — disse eu. — Por Cristo, não sei onde estamos. Para onde vamos indo, cocheiro?

O homem sofreou o animal.

— Para o Hotel Metrópole. Não é para lá que quer ir?

— É, sim — respondi. — Está tudo bem, Cat?

— Está, querido. Não se entristeça. Vamos dormir à vontade e amanhã você estará novo.

— Estou um pouco tonto, Cat. Parece que saí de uma operação. Talvez seja fome.

— É só cansaço, querido. Logo estará bem.

O carro parou diante do hotel. Um rapaz veio pegar a nossa bagagem.

— Estou me sentindo bem — disse, entrando.

— Sei que está bem, mas está exausto. Há quanto tempo está sem dormir?

— Estamos na Suíça e nada mais importa.

— Sim, querido. Estamos realmente na Suíça. Não é um sonho.

Entramos no hotel, seguidos do garoto que carregava nossas malas.

Livro Cinco

38

A NEVE começou a cair muito tarde naquele outono. Nós vivíamos numa casa de madeira entre pinheiros, na encosta da montanha, e pela manhã encontrávamos sempre uma fina camada de gelo sobre a água dos jarros. A senhora Guttingen vinha cedo fechar-nos as janelas e acender o fogo na grande lareira de louça. As lascas de pinho estalavam e soltavam fagulhas, dentro da lareira, e quando a senhora Guttingen voltava uma segunda vez trazia grandes achas de lenha e água quente. Depois, quando o aposento já estava aquecido, vinha com o desjejum. Sentados na cama e mastigando pedaços de pão, podíamos ver o lago e as montanhas mais além, do lado da França. Havia neve nos picos e um cinzento-azulado cor de aço nas águas.

Do lado, em frente ao chalé, corria a estrada rumo à montanha. Os sulcos das rodas e dos arados empedravam-se com a geada, e o caminho subia íngreme, atravessando a floresta, montanha acima e depois em torno das montanhas, onde havia pequenos tratos de pastagens, ranchos e cabanas pitorescas. O vale era profundo, cortado por um riacho que fluía até o lago. Quando o vento soprava pelo vale, podíamos escutar a correnteza do riacho sobre as pedras.

Às vezes, saíamos por aquela estrada e tomávamos as trilhas que cruzavam a floresta de pinheiros. O chão da floresta era fofo, a geada não o endurecera. Mas a dureza do chão não nos incomodava porque caminhávamos usando botas com travas nas solas e nos calcanhares, o que acabava constituindo um bom exercício. Além do mais, era uma delícia andar pelas florestas.

Em frente à casa em que vivíamos, a montanha descia bastante inclinada até uma pequena planura que bordejava o lago. Sentávamos ao sol no pórtico rústico e ficávamos olhando os coleios da estrada da montanha e os vinhedos aterraçados na encosta da montanha mais baixa, que estariam despidos de folhas até o final do inverno, e os campos divididos por muramentos de pedra. Abaixo dos vinhedos, as casas da cidade, na faixa plana junto ao lago. Havia uma ilha no lago com duas árvores de copas semelhantes às velas duplas dos botes de pesca. A montanha era muito íngreme do outro lado do lago e, no seu extremo, estava o vale do Ródano, muito plano entre duas sequências de montanhas. Mais adiante, onde as montanhas cortavam o vale, estava o Dent du Midi, uma montanha muito alta, coberta de neve, que dominava o vale, mas que ficava tão distante que sequer projetava sua sombra sobre ele.

Quando o sol brilhava, almoçávamos no pórtico; nas outras vezes comíamos no andar de cima, numa pequena sala com grande lareira a um canto. Compramos livros e revistas na cidade e um exemplar do *Moyle*, no qual aprendemos muitos jogos de carta para duas pessoas. Aquele pequeno cômodo era a nossa sala de estar. Havia duas cadeiras muito confortáveis e uma mesinha para os livros e revistas. Jogávamos cartas na mesa de jantar depois de limpa do serviço. O casal Guttingen morava no andar térreo; muitas vezes ouvíamos os dois conversando amistosamente — eram felizes. O esposo fora maître e ela trabalhara como camareira no mesmo hotel. Com o dinheiro economizado compraram aquela propriedade. Tinham um filho que estava se dedicando à mesma profissão do pai, num hotel de Zurique. No andar de baixo, havia um bar onde vendiam vinho e cerveja; às vezes, às tardes, paravam ali carruagens com turistas ansiosos por beber qualquer coisa.

Havia uma caixa com lenha no *hall*, perto da sala de estar, para alimentar o fogo. Mas nunca nos recolhíamos muito tarde. Íamos para a enorme cama pouco depois de escurecer e, quando eu me despia, abria as janelas e passava alguns instantes a contemplar a noite, as estrelas frias e os pinheiros, logo abaixo da janela, e em seguida corria para a cama. Era delicioso quedar-me na cama com um ar tão puro e frio e a noite lá fora. Dormíamos bem, e, se eu acordasse, vez por outra, era sempre por uma mesma razão: para ajeitar cuidadosamente o acolchoado de penas sobre Catherine, adormecida, de modo a não despertá-la, e então voltava a dormir, deliciado pela maciez das cobertas. A guerra parecia tão distante de nós quanto o futebol que se jogava nas universidades americanas. Só pelos jornais é que eu constatava que ainda persistia a luta nas montanhas, enquanto a neve não começava a cair.

Às vezes íamos até Montreux. Havia um caminho descendo a encosta da montanha, mas muito íngreme, de modo que comumente tomávamos a estrada, em campo aberto, depois atravessando a campina, passando junto aos paredões de rocha com os vinhedos e a seguir pelas casas das vilas ao longo da estrada. Havia três aldeias: Chernex, Fonatnivent e mais uma cujo nome me escapa. Passávamos por um velho castelo de estrutura quadrangular, todo de pedra, situado numa encosta, com terraços de vinhedos em redor, cada vinha com o seu tutor de madeira, todas secas, com folhas amarronzadas, como ficam no inverno; embaixo, o espelho do lago no seu revestimento de um cinzento-azulado como o aço. A estrada descia depois do castelo e havia uma curva para a direita pavimentada de pedras redondas, entrando em Montreux.

Não conhecíamos ninguém na cidade. Passeávamos pela margem do lago,

vendo os cisnes e as gaivotas que esvoaçavam, gritando, à nossa aproximação. No lago, distante da margem, bandos de pequenos marrecos de cor castanha provocavam ondulações na água parada.

Na cidade, percorríamos a rua principal demorando-nos em todas as vitrinas. Muitos dos hotéis menores estavam fechados, mas a maioria das lojas se conservava aberta — e todos nos tratavam com deferência. Havia um excelente salão de beleza onde Catherine fazia penteados em seus cabelos dourados. A mulher que o dirigia era uma criatura alegre e a única que ficamos conhecendo em Montreux. Enquanto Catherine estivesse no salão, eu esperava num bar próximo, onde podia tomar cerveja preta de Munique e ler os jornais. Lia o *Corriere della Sera*, além de folhas inglesas e americanas de Paris. Todos os anúncios vinham borrados, para evitar comunicação com os inimigos. Eram uma leitura desagradável. Tudo corria mal em todos os setores. Era um desses dias quando me sentei a um canto dos fundos com uma enorme caneca de cerveja preta e um pacote de *pretzels*, e devorei os *pretzels*; por causa do sabor salgado que tanto acentua a vontade de beber, enquanto me inteirava dos desastres da guerra. Pensei que Catherine logo viria ao meu encontro mas, como estivesse demorando, pendurei de novo o jornal na armação onde estava, paguei minha cerveja e saí em direção ao salão. O dia estava muito frio, escuro, perfeitamente invernal. As pedras das casas davam-me a impressão de congeladas. Catherine continuava no salão, com a mulher ainda lhe aplicando o permanente nos cabelos. Sentei-me, observando a cena. Era excitante ver Catherine sorrindo, enquanto conversava comigo, e minha voz chegou a afinar um pouco, devido à excitação. As línguas produziam sons agradáveis, e eu a observava em três espelhos, cada qual me mostrando a mesma Catherine. Bem aquecido o recinto, muito agradável também. A cabeleireira armou os cabelos de Catherine para o alto, ela própria dando alguns retoques, retirando e colocando grampos. Então, ela levantou-se.

— Desculpe por ter feito você esperar tanto, querido.

— Monsieur estava muito agoniado — disse a cabeleireira, sorrindo. — Não é verdade?

— Estava — concordei.

Saímos para a rua gelada e batida pelo vento.

— Oh, querida, amo tanto você.

— Que maravilha de inverno, não é mesmo? Cada dia gosto mais! Eu queria ir a um bar para uma cerveja, em vez de tomar chá. Será muito bom para a jovem Catherine que trago no ventre. Vai conservá-la pequenina.

— A jovem Catherine... A boa-vida — eu comentei.

— Ela vai passando muito bem e não dá nenhum problema. O médico disse que a cerveja me faz bem e a mantém pequena.

— Se você a conservar pequenina e a jovem Catherine nascer homem, só poderemos fazer dele um jóquei.

— Acho que se tivermos mesmo essa criança, teremos de nos casar — disse Catherine.

Estávamos em uma cervejaria. Lá fora estava escurecendo. Não era tarde, mas a luz do dia desaparecia depressa.

— E por que não nos casamos já? — perguntei.

— Agora, não. Eu ficaria com vergonha. Aparece muito o ventre. Não quero que ninguém me veja casando neste estado.

— Eu preferia que estivéssemos casados.

— Creio também que seria o melhor. Quando será que poderemos nos casar, querido?

— Não sei.

— Eu só sei uma coisa... Não vou me casar desse jeito, feito uma matrona.

— Você não parece uma matrona, Catherine.

— Pareço, sim, querido. A cabeleireira perguntou-me se era o primeiro filho. Menti dizendo que já tínhamos dois meninos e duas meninas.

— Mas quando nos casaremos?

— Em qualquer ocasião, depois que eu tiver meu corpo de volta. Precisamos realizar um casamento lindo, com todo mundo admirando o belo casal que formamos, admirando-nos como um belo casal de jovens namorados.

— Então não está preocupada?

— Querido, por que estaria? O único momento de mal-estar foi naquele quarto de hotel em Milão, quando me senti como uma prostituta, mas só durou alguns minutos... aquele luxo de aluguel. Não tenho sido uma boa esposa para você?

— Adorável.

— Então, o que quer mais? Vamos nos casar logo que a minha silhueta voltar ao normal.

— Está bem.

— Acha que posso tomar outra cerveja? O médico acha minha bacia estreita e diz que o melhor é conservar a jovem Catherine bem pequena.

— O que mais disse ele? — indaguei preocupado.

— Nada. O coração está funcionando bem. Ele mediu também a minha

pressão.

— Mas o que ele disse da estreiteza da bacia?

— Nada demais. Mas não devo praticar esqui.

— Tem toda razão.

— Ele disse que era muito tarde para aprender a esquiar, se nunca pratiquei antes. Disse até que posso esquiar, se evitar as quedas.

— Esse médico é um piadista.

— Eu o achei muito bom. Temos de chamá-lo para nossos outros bebês.

— Perguntou a ele se devia se casar?

— Não. Disse que já éramos casados há quatro anos. Você sabe, querido, que, se me casar com você, terei a cidadania americana, e, sob a lei americana, a qualquer tempo em que nos casemos a criança ficará legitimada.

— Onde descobriu isso?

— No último almanaque *World,* na livraria.

— Grande garota.

— Ficarei muito satisfeita em me tornar cidadã americana e ir para a América. Quero conhecer as Cataratas do Niágara.

— Esplêndido.

— Ainda há mais coisas que quero ver por lá, mas não me lembro.

— Os matadouros de Chicago?

— Não me lembro.

— O prédio da Woolworth?

— Não.

— O Grand Canyon?

— Não era isso, mas gostaria, sim, de conhecê-lo.

— O que é então?

— Ah, a Golden Gate. É isso o que quero ver. Onde fica?

— Em São Francisco.

— Pois vamos até lá. Tenho muita vontade de conhecer São Francisco.

— Esta bem. Iremos a São Francisco.

— Mas, por ora, vamos subir de volta a montanha. Podemos ir?

— Tem um trem saindo pouco depois das cinco.

— Vamos pegá-lo.

— Sim, mas antes quero outra cerveja.

Quando nos dirigimos à estação, o frio estava muito acentuado. Do vale do Ródano vinha um vento glacial. Todas as vitrinas estavam iluminadas. Subimos por uma ladeira de pedra e, depois, tomamos a escadaria da estação. O trem

elétrico já estava na linha, esperando com todas as luzers acesas. Um mostrador dizia a hora da partida: cinco e dez. Os ponteiros do relógio da estação marcavam cinco horas e cinco. Entramos. Logo depois apareceu o motorneiro, vindo de um bar próximo. Sentamo-nos e abrimos a janela; no carro aquecido penetrou uma lufada glacial de ar puro.

— Está cansada? — perguntei.

— Não. Estou ótima.

— A subida é curta.

— Eu adoro a subida. Não se preocupe comigo, meu amor. Estou muito bem.

A neve só chegou três dias antes do Natal. Certa manhã, acordamos e estava nevando. Ficamos no quarto, com a lareira bem acesa, vendo a neve cair. A senhora Guttingen trouxe a bandeja do café da manhã e mais lenha para o fogo. Era uma fortíssima tempestade de neve. Ela disse que começara à meia-noite. Fui à janela, mas não pude ver a estrada. A neve ocultava-me tudo. Voltamos para a cama, nos deitamos e começamos a conversar.

— Eu queria mesmo esquiar — suspirou Catherine. — Não me conformo com a ideia de perder toda essa neve.

— Podemos arranjar um trenó e descer a estrada. Isso é tão fácil quanto guiar uma charrete.

— Mas a descida pode ser difícil.

— Veremos.

— Espero que seja um passeio sem surpresas.

— Podemos andar um pouco pela neve daqui a pouco?

— Sim, e antes do almoço, para nos despertar o apetite.

— Estou sempre com apetite.

— E eu também.

Saímos para a neve, mas não pudemos ir muito longe. Eu ia na frente, para fazer uma trilha para Catherine, mas, quando chegamos à estação, já era o máximo que poderíamos avançar. O vento estava muito forte, e mal podíamos enxergar qualquer coisa. Isso nos obrigou a entrar num pequeno restaurante próximo. Sacudimos fora a neve e nos sentamos para um vermute.

— Uma tempestade e tanto — disse a mulher do bar.

— Tem razão.

— A neve deste ano veio muito tarde.

— É mesmo.

— Será que posso comer uma barra de chocolate, querido? — indagou Catherine. — Ou acha que ela vai me tirar o apetite para o almoço? Estou

faminta.

— Coma, coma — aconselhei.

— Quero uma de chocolate com avelã — pediu Catherine.

— É a minha favorita — opinou a mulher. — Deliciosas.

— E eu quero outro vermute.

Quando retornamos, a trilha da vinda já se enchera novamente de neve. Restavam apenas vestígios de nossas pegadas. Os flocos batiam-nos na cara, impedindo-nos até de ver um ao outro. No hotel, o senhor Guttingen nos serviu o almoço.

— Amanhã é dia de esquiar — disse ele. — Gosta de esquiar, senhor Henry?

— Não sei esquiar, mas quero aprender.

— Vai ver como é fácil. Meu filho, que vem agora para o Natal, poderá ser o seu instrutor.

— Ótimo. E quando chega o rapaz?

— Amanhã à noite.

Depois do almoço, sentamo-nos ao pé da lareira, na salinha, e foi quando Catherine me perguntou:

— Querido, não quer sair sozinho para um passeio de esquis com os outros homens?

— Não. Por que havia de querer?

— Acho que às vezes gostaria de ver outras pessoas, além de mim.

— E você fica querendo ver outras pessoas, além de mim?

— Eu, não.

— E eu também não.

— Mas é diferente, querido. Eu estou grávida e isso me faz ficar satisfeita, quando não tenho nada para fazer. Sei que ando muito obtusa, agora, e que falo o tempo todo. Acho que seria bom você afastar-se de mim de vez em quando, para evitar se cansar da minha companhia.

— Quer que eu me afaste, então?

— Não; quero que você fique comigo.

— Mas é exatamente o que pretendo fazer.

— Abaixe a cabeça — disse ela. — Quero apalpar o seu galo. Que enorme! — Ela correu os dedos sobre o galo provocado pela pancada no canhão da gôndola. — Querido, nunca pensou em deixar crescer a barba?

— Gostaria de mim com barba?

— Talvez ficasse interessante. Gostaria, sim.

— Está bem. Vou deixá-la crescer, a partir de agora. É uma boa ideia. Assim

terei alguma ocupação... cuidar da barba.

— Sente-se aborrecido por não ter nada que fazer?

— Não. Até gosto. Estamos tendo uma bela vida. E você?

— Oh, o mesmo. Mas às vezes fico com medo de estar tão enorme que você acabe se cansando de mim, querido.

— Cat, Cat... não imagina como sou louco por você?

— Mesmo assim como estou?

— Ainda mais por estar assim. Ora, estamos passando uma linda fase em nossas vidas, absolutamente perfeita.

— Para mim é isso... mas receei que para você não fosse.

— De quando em quando ainda me sobrevém a inquietação da guerra. Fico pensando como deve andar o pessoal, no *front*. Como será que andam os meus amigos? Mas não penso muito nisso. Fujo de tudo que diz respeito à guerra.

— E em que anda pensando, ultimamente?

— Em Rinaldi e no padre... e numa porção de pessoas que conheci por lá.

— Em que está pensando agora?

— Em nada.

— Não pode ser. Diga.

— Por exemplo, se Rinaldi pegou mesmo sífilis.

— Só isso?

— Só.

— E acha que ele está com sífilis?

— Não sei.

— Oh, ainda bem que não é com você. Já pegou alguma doença dessas?

— Tive gonorreia, certa vez.

— Não quero que me conte. Sofreu muito?

— Demais.

— Deus, queria tê-la pego também.

— Você não sabe do que está falando.

— Sei, sim. Queria ter tido todas as suas experiências. Queria ter estado com todas as mulheres que você esteve, assim poderia debochar de você a respeito delas.

— Parece um delírio bem interessante...

— Não é um delírio você ter tido gonorreia.

— Não, não foi... Olhe a neve!

— Prefiro ficar olhando para você, querido. E por que não deixa o cabelo crescer?

— Crescer quanto?

— Um pouco mais, apenas.

— Já está bastante crescido.

— Não. Deixaria crescer um pouco mais, e depois eu cortaria o meu. Íamos ficar com o cabelo do mesmo comprimento; o meu, louro, o seu mais escuro.

— Não vou deixar você cortar o cabelo.

— Mas seria engraçado! Estou cansada dele como está. À noite, chega a incomodar, na cama.

— Pois gosto muito dele assim.

— Mas ia ficar bonito mais curto. E ficaríamos parecidos. Ah, querido, eu amo tanto você que gostaria de ser você também.

— Mas você já é. Nós somos um.

— Sim, à noite.

— As noites são maravilhosas.

— Eu queria que nos misturássemos completamente. Não quero que você se afaste de mim, já disse isso. Você pode ir, se quiser. Mas volte depressa. Porque, meu amor, eu não vivo quando não tenho você junto de mim.

— Eu nunca me afastarei de você, Catherine. Não sou nada sem você por perto. A vida não existe sem você.

— Quero que você tenha uma vida. E que seja uma vida muito boa. Mas nós viveremos juntos, não é?

— Ainda quer que eu deixe a barba crescer?

— Sim, seria excitante. E no Ano-novo deve estar crescida.

— Quer jogar xadrez?

— Prefiro fazer um jogo entre mim e você.

— Não. Uma partida, pelo menos.

— E depois, o jogo será o nosso?

— Será.

Fui pegar o tabuleiro e arrumei as peças. Lá fora a neve caía cerrada.

Em certo momento, à noite, acordei e vi Catherine desperta. O luar, através da janela e vazando pelas cortinas, produzia sombras na cama.

— Acordado, querido?

— Sim. E você? Perdeu o sono?

— Estava pensando como quase fiquei louca no primeiro dia em que o vi, querido. Lembra-se?

— Lembro... Um pouco louca, sim.

— Nunca mais me senti daquela maneira. Hoje estou ótima. Você pronuncia

a palavra *ótima* com uma infinita doçura. Vamos, diga...

— Ótima.

— Meu amor... Já não estou mais louca. Estou é... feliz. Completamente feliz.

— Procure dormir — pedi.

— Está bem. Vamos adormecer os dois ao mesmo tempo. Exatamente ao mesmo tempo.

— Combinado.

Mas não conseguimos. Fiquei muito tempo acordado, pensando mil coisas e velando o sono de Catherine. O luar batia-lhe no rosto. Por fim, adormeci também.

39

LÁ POR MEADOS de janeiro, minha barba já estava bastante crescida e o inverno firmara-se em dias ensolarados, brilhantes, e noites glaciais. Pudemos retomar nossos passeios pela estrada. A neve estava endurecida e prensada pelos trenós e pelas toras de madeira que eram puxadas, vindo do alto das montanhas. A neve cobria toda a região, chegando quase a Montreux. As montanhas na margem oposta do lago apareciam totalmente vestidas de branco, assim como as planuras do vale do Ródano. Fazíamos longos passeios até o Alliaz, no outro lado da montanha, Catherine de botas com travas, de capa, levando sempre um bastão com ponta de ferro. Sua gravidez não era tão evidente, assim encapotada; caminhávamos devagar e parávamos amiúde para repousar, sentados nas toras de pinheiro.

Havia uma estalagem nos Bains de l'Alliaz onde os madeireiros vinham beber; sentávamos lá, junto à lareira, e também tomávamos vinho quente com rodelas de limão, uma bebida que chamavam *gluhwein*, muito boa para nos aquecer e brindar alguma coisa qualquer. Era uma estalagem encardida pela fumaça velha. Quando saíamos, o ar gelado nos tomava os pulmões e nos anestesiava a ponta do nariz, ao respirar. Nessas horas voltávamo-nos para olhar para o interior da estalagem, com a luz saindo pelas janelas, os cavalos dos lenhadores ao nosso redor pisoteando o solo e sacudindo freneticamente as cabeças, para se aquecerem. Havia gelo em suas crinas e mesmo a respiração dos animais produzia nuvens de névoa enregelada no ar. Subindo a estrada rumo à nossa casa, o começo do caminho estava sempre muito liso e escorregadio, coberto de lascas de gelo, por causa dos cascos dos cavalos. Mas logo a trilha dos trenós que puxavam troncos se desviava para outra direção e tínhamos a estrada, à nossa frente, toda revestida de neve prensada. Seguíamos em meio à floresta e, por duas vezes, avistamos raposas no trajeto.

Era uma região extremamente pitoresca; cada vez que saíamos, havia novidades.

— Sua barba está linda, querido. Igual à dos madeireiros. Viu aquele homem de brincos na orelhas?

— É um caçador de camurças. Usam brincos porque acham que assim escutam melhor.

— Será mesmo? Pois eu acho que talvez os usem como uma espécie de

identificação dos caçadores de camurça. Há muitas camurças por aqui?

— Sim, para além do Dente de Jaman.

— É interessante quando vemos as raposas.

— Quando elas dormem, enrolam-se nas caudas, para se manterem aquecidas.

— Eu sempre quis ter uma cauda como a das raposas. Não seria engraçado termos caudas iguais às delas?

— Ia causar alguns problemas para arranjar roupas que pudéssemos vestir.

— Teríamos roupas adaptadas à cauda, ou viveríamos numa terra onde isso não fizesse diferença alguma.

— Estamos vivendo numa terra onde nada faz diferença. Não é maravilhoso que jamais fiquemos conhecendo alguém por aqui? Adoro isso. Não quero saber de ninguém. E você?

— Também não.

— Vamos descansar por um minuto? Estou cansada.

A estrada logo adiante penetrava na floresta. Sentamo-nos sobre um tronco.

— Ela não vai atrapalhar nossa vida, vai? Ela... o bebê?

— Nem ela.

— E como estamos de dinheiro?

— Muito bem. Eles honraram o meu último saque.

— Mas será que sua família não vai tentar conter seus gastos, agora que você está na Suíça?

— Provavelmente. Vou lhes escrever qualquer coisa.

— Então ainda não escreveu?

— Não, apenas saquei o dinheiro.

— Graças a Deus não sou a sua família.

— Vou mandar um telegrama para eles.

— Não se importa de saber como estão, querido?

— Realmente não. Eu era ligado a eles, mas brigávamos muito e isso acaba cansando.

— Acho que vou gostar do seu pessoal.

— Vamos parar de falar neles, ou vou acabar me perturbando com isso. — E depois de uns instantes, eu disse: — Vamos andando, se você já descansou o bastante.

— Sim, já.

Prosseguimos descendo pela estrada. Escurecera, e a neve estalava sob nossas botas. A noite era fria, seca e muito clara.

— Adoro sua barba, querido. Está ótima. Dá a impressão de ser áspera, e no entanto é muito macia.

— Gosta mais de mim com barba ou sem ela?

— Acho que com ela. Deixarei para cortar o meu cabelo depois que Catherine nascer. Não ia me ficar bem agora. Estou enorme, não combina com cabelos curtos. Mas depois que ela nascer, emagreço de novo, e vou cortá-los. Você vai ganhar uma linda menina, uma nova namorada. Você irá comigo, quando for cortá-los, ou então vou fazer isso sem avisar, de surpresa.

Fiquei calado.

— Não vai me proibir de cortar o cabelo, vai?

— Não; vai ser excitante.

— Claro que vai, querido. E eu parecerei mais linda e você vai se apaixonar por mim de novo.

— Diabo! — exclamei. — Já estou mais do que apaixonado por você. O que mais quer que eu faça? Que me destrua?

— Sim, querido. Quero destruir você.

— Bem, então é isso o que eu quero também.

40

TÍNHAMOS uma ótima vida. Atravessamos os meses de janeiro e fevereiro, e o inverno esteve sempre lindo. Houve breves intervalos de degelo, quando soprava algum vento tépido e boiava no ar um prenúncio de primavera. Mas, o frio, muito intenso, logo retornava, e também o inverno. Em março, tivemos o primeiro sinal claro de arrefecimento do inverno. À noite, rompeu uma chuva que se prolongou por toda a manhã, transformou a neve em lama, fez a neve das encostas escorrer e entristeceu toda a paisagem. Pesadas nuvens cobriam o lago e o vale. Havia muita chuva no alto das montanhas. Catherine meteu-se em galochas, eu calcei umas botas impermeáveis do senhor Guttingen e fomos à estação, de guarda-chuva aberto, amassando lama e ouvindo o murmúrio de enxurrada nas valetas que ladeavam a trilha. Paramos num bar para um vermute antes do almoço.

— Acha que devemos nos mudar para a cidade? — perguntei.

Catherine respondeu com outra pergunta:

— É o que você acha?

— O inverno acabou e, com uma chuva dessas, não vai ser nada divertido ficar lá em cima. Para quando espera a jovem Catherine?

— Para daqui um mês, talvez um pouco mais.

— Podemos descer e ficar em Montreux.

— E por que não em Lausane? Lá tem um hospital.

— Está bem. Só pensei que talvez seja uma cidade grande demais.

— Numa cidade grande estaremos ainda mais sós, e Lausane é linda.

— Quando devemos ir, então?

— Não importa. Quando você quiser, querido. Quem escolhe é sempre você.

— Vejamos, então, por mais uns dias, como este tempo se comporta.

A chuva prolongou-se por três dias, lavando toda a neve da encosta, abaixo da estação de esqui. A estrada tornou-se um caudal de neve lamacenta. Era impossível pôr os pés para fora de casa. Finalmente decidimos que precisávamos nos mudar.

— Está bem, senhor Henry — concordou Guttingen. — Não precisa dar-me aviso antecipado. Achei mesmo que não ia querer ficar por aqui com o tempo do jeito que está.

— Precisamos ficar perto de um hospital, por causa do estado de madame.

— Compreendo, senhor Henry. Não pretende voltar depois com o bebê?

— É bem possível, se encontrarmos acomodações.

— Na primavera isto aqui vai ficar ótimo. Pode vir que vai gostar. Podemos acomodar o bebê e a babá no quarto grande, que agora está fechado, e o senhor e madame podem ficar aqui mesmo onde estão.

— Escreverei quando chegar a época, senhor Guttingen.

Arrumamos a nossa bagagem e decidimos tomar o trem que desceria depois do almoço. O casal hoteleiro nos acompanhou à estação, e o senhor Guttingen veio puxando um trenó com nossas malas. Ficaram na plataforma acenando-nos com adeus.

— Que criaturas mais meigas — comentou Catherine.

— Foram muito gentis.

Em Montreux, tomamos o trem para Lausane. Olhando através da janela, para os lugares onde vivêramos dias tão felizes, não pudemos enxergar as montanhas, agora cobertas de nuvens. O trem parou em Vevey; depois bordejou o lago num ponto em que, na margem oposta, avistávamos campos ainda sem vida e encharcados, árvores desfolhadas e casas molhadas. Chegando a Lausane, fomos nos hospedar num hotel de tamanho médio. Ainda continuava chovendo quando a carruagem que estava nos conduzindo pelas ruas parou na entrada do hotel. A zeladora com suas chaves de bronze nas la-pelas, o elevador, os tapetes, as pias com torneiras reluzentes, a cama de metal polido e tão macia — tudo recendia a grande luxo, depois da nossa estada no hotel dos Guttingen. As janelas do quarto abriam-se para um jardim empapado de água e cercado por um muro, encimado por um gradil de ferro. Do outro lado da rua havia uma ladeira, onde ficava outro hotel com um jardim muito parecido. Permaneci algum tempo contemplando a chuva que caía na fonte do jardim.

Catherine acendeu as luzes e pôs-se a desfazer as malas. Pedi um uísque com soda e pus-me a ler os jornais comprados na estação. Estávamos em março de 1918, com a ofensiva alemã já desencadeada na França. Tomei o uísque e fiquei lendo, enquanto Catherine arrumava as nossas coisas, movimentando-se pelo quarto.

— Sabe o que precisamos comprar, querido? — perguntou ela.

— O quê?

— Roupinhas de bebê. E já devíamos ter providenciado alguma coisa.

— Poderá comprá-las aqui.

— É o que eu vou fazer amanhã. Preciso pensar no que vai ser necessário.

— Deve saber… é enfermeira.

— Mas muitos poucos soldados tinham filhos lá no hospital.
— Eu tive.
Ela jogou-me o travesseiro, fazendo derramar o meu uísque.
— Vou pedir outro — disse ela. — Errei a pontaria.
— Estava no fim. Venha para a cama.
— Não. Tenho de deixar este quarto pelo menos habitável.
— O que quer dizer com isso?
— Quer dizer que aqui é o nosso lar.
— Pendure ali as nossas bandeirinhas pró-aliados.
— Ora, não diga besteira.
— Repita isso…
— Cale-se.
— Você usa um tom cauteloso… como se não quisesse ofender de verdade.
— E não quero mesmo.
— Então venha para a cama.
— Está bem — e ela veio sentar-se na cama.
— Estou horrível, meu amor. Pareço um barril de farinha.
— Nada disso. Está linda como sempre.
— Você casou-se com uma coisa muito esquisita.
— Não diga isso. Para mim você está cada vez mais linda.
— Mas não vai demorar; logo estarei com o corpo bonito, outra vez.
— Você tem um corpo bonito, hoje e sempre.
— É porque você esteve bebendo.
— Um uísque com soda, apenas.
— E outro vem vindo — disse Catherine. — Podemos agora pedir o jantar?
— Será ótimo.
— Então, não sairemos. Passaremos a noite aqui.
— E fazer nosso jogo — disse eu.
— Hoje vou tomar um pouco de vinho. Não pode me fazer mal. Talvez possamos conseguir uma garrafa do nosso velho vinho branco de Capri.
— Claro. Hotéis deste tipo habitualmente têm vinhos italianos.
O garçom bateu à porta. Vinha trazendo o uísque, o gelo e a soda — os dois primeiros já no copo.
— Obrigado — disse eu. — Ponha-o aí. Queira trazer o jantar e duas garrafas de Capri branco, seco, no gelo.
— Quer começar com a sopa?
— Sopa, Catherine? — indaguei.

— Sim.

— Sopa, mas só para um.

— Pois não, senhor.

O garçom saiu e fechou a porta. Voltei aos jornais e à guerra nos jornais, enquanto ia lentamente despejando a soda no uísque. Ia ter de dizer a eles para não trazerem o uísque já com o gelo, no copo, pois só assim dá para ver quanto uísque é servido, e também o copo não estará cheio demais para se misturar a soda. Pretendia comprar uma garrafa de uísque e pedir apenas gelo e soda. Era o mais sensato a fazer. O bom uísque é uma das partes agradáveis da vida.

— Em que está pensando, querido?

— Em uísque.

— E o que pensa sobre o uísque?

— Em como é bom.

— Sei — murmurou Catherine, fazendo uma careta.

Ficamos três semanas naquele hotel. Não era nada mau, o salão de jantar normalmente estava vazio e com frequência permanecíamos no quarto. Passeávamos muito pela cidade e descíamos a Oucchy pela estrada de ferro de cremalheira, para visitas ao lindo lago. A temperatura subira, parecia primavera. Pensamos que talvez já pudéssemos voltar para as montanhas, mas demorou apenas uns poucos dias para o frio enregelante voltar.

Catherine foi comprando o enxoval do bebê nas lojas da cidade, enquanto eu frequentava um ginásio na arcada para exercitar boxe. Isso de manhã, antes de Catherine levantar-se. Muito me agradava, naqueles dias de falsa primavera, depois do exercício e de um banho de chuveiro, andar pelas ruas aspirando a primavera no ar, e entrar nos cafés para a leitura dos jornais matutinos, entre goles de vermute. Depois, voltava ao hotel para almoçar com Catherine. O professor de boxe no ginásio tinha bigode, era temperamental, tinha estilo preciso, e se irritava muito se alguém investia contra ele de surpresa. Mas o ginásio em si era agradável. Bem-arejado, bem-iluminado; eu me exercitava com vontade, pulando cordas, praticando diversos tipos de golpes, fazendo abdominais deitado num pedaço de assoalho que recebia a luz do sol pela janela, e às vezes surpreendendo o meu professor com um ou outro soco inesperado. Da primeira vez que pratiquei socos contra meu reflexo no espelho — um espelho estreito e comprido — pareceu-me estranho ver aquele homem barbeado desferindo golpes contra o vazio. Por fim, comecei a achar engraçado. Tinha planejado tirar fora a barba assim que começasse a praticar boxe — Catherine não quis.

Às vezes saíamos para passeios de charrete pelo campo, quando o tempo melhorava um pouco, e acabamos descobrindo dois excelentes restaurantes de beira de estrada. Catherine não podia caminhar muito, e eu adorava percorrer a campina de charrete a seu lado. Sempre que o dia abria agradável, nos divertíamos muito, e na verdade nunca nos sentimos entediados. Sabíamos que o bebê logo chegaria, e isso nos transmitia uma sensação de urgência, como se algo estivesse sempre exigindo que nos apressássemos e nos dissesse que não podíamos desperdiçar tempo algum.

41

CERTA MANHÃ, acordei lá pelas três horas com Catherine remexendo-se na cama.

— Está sentindo alguma coisa, Cat?

— Dores, querido.

— Dores regulares?

— Não. Ainda não.

— Se as pontadas se tornarem regulares, temos de correr para o hospital.

Eu estava com muito sono e adormeci em seguida; logo depois acordei novamente.

— Talvez seja melhor chamar o médico — disse Catherine. — Acho que está chegando.

Corri ao telefone.

— Qual a frequência das contrações? — quis saber o médico, e repeti a pergunta a Catherine. Ela disse que vinham a cada quinze minutos.

— Então é bom ir já para o hospital — orientou o médico. — Vou vestir-me e logo estarei lá.

Liguei então para uma garagem próxima da estação, pedindo um veículo. O telefone tocou um longo tempo, antes de atenderem. Finalmente, um homem atendeu e me prometeu um táxi sem demora. Catherine estava se vestindo. Sua mala já estava pronta, com tudo do que ela necessitaria no hospital. No corredor, chamei o elevador, que não veio. Desci as escadas. Ninguém lá embaixo, exceto o vigia noturno. Conduzi eu mesmo o elevador; descemos, o vigia abriu a porta para nós, e nos sentamos na escada do lado de fora, junto à entrada, esperando pelo carro. Noite límpida, cheia de estrelas. Catherine parecia bastante excitada.

— Estou contente que já esteja vindo — disse ela. — Mais um pouco e tudo estará acabado.

— Garota corajosa! — elogiei-a.

— Não estou sentindo medo nenhum, mas queria que o táxi aparecesse logo.

Escutamos o veículo aproximar-se e vimos os faróis no extremo da rua. Era o táxi, que parou na entrada do hotel. Ajudei Catherine a entrar e entreguei sua bagagem ao chofer.

— Toque para o hospital.

Ele partiu pelas ruas a toda velocidade.

Entramos no hospital — eu carregava a mala. Havia uma atendente na recepção que tomou o nome, idade, endereço, religião, nacionalidade da nova paciente, e foi anotando tudo num livro. Catherine declarou que não tinha religião, e a atendente fez uma linha riscando o espaço depois daquela palavra. Deu o nome de Catherine Henry.

— Vou conduzi-la ao quarto — disse a atendente.

Seguimo-la pelo corredor, depois subimos pelo elevador. Catherine ia agarrada ao meu braço.

— É este o quarto — apontou a atendente. — Queira despir-se e deitar-se. Aqui tem uma camisola.

— Eu trouxe a minha — volveu Catherine.

— Mas esta é mais apropriada — insistiu a atendente. Saí e sentei-me numa cadeira do corredor.

Depois que Catherine se acomodou, a mulher falou:

— Pode entrar.

Encontrei-a deitada na cama estreita, metida num camisolão de corte retangular, feito de um tecido que parecia morim. Sorriu-me.

— Ainda sinto umas dorezinhas, mas nada demais — disse-me. A atendente estava lhe tomando o pulso. — Ai… Uma mais forte, agora — gemeu Catherine e, pela expressão de seu rosto, pude avaliar o que estava sentindo.

— E o médico de plantão? — perguntei à atendente.

— Ele dorme no andar de baixo e virá quando for preciso. Vou ter que preparar madame, agora — disse ela. — Quer ter a bondade de deixar o quarto?

Fui para o corredor. As paredes eram vazias, com duas janelas e muitas portas fechadas. Tinha o cheiro característico dos hospitais. Sentei-me na cadeira, com os olhos no chão e o pensamento em Catherine.

— Pode entrar — chamou-me dali a pouco a enfermeira.

Entrei.

— Olá, querido!

— Como está se sentindo, Catherine?

— Estão vindo a intervalos menores. — Seu rosto contraiu-se. Logo a seguir, sorriu. — Esta foi forte — continuou. — Enfermeira, pode apoiar minhas costas outra vez?

— Se isso ajudar… — respondeu a enfermeira.

— E você, querido, vá procurar alguma coisa para comer. A enfermeira disse que isto aqui vai levar um bocado de tempo.

— O primeiro parto geralmente é demorado — afirmou a enfermeira.

Permaneci no quarto ainda por algum tempo. As dores vinham regularmente e depois passavam. Catherine estava muito agitada. As dores muito fortes ela chamava de “as boas”. E quando iam acalmando, mostrava-se desapontada e envergonhada.

— Melhor você ir, querido — pediu. — Com você aqui, fico ainda mais tensa.

O rosto dela contraiu-se.

— Outra. Mas essa foi melhor. Quero muito ser uma boa esposa e ter a criança sem espalhafato. Vá e procure comer qualquer coisa, querido. Volte depois. Não vai me fazer falta aqui. A enfermeira é ótima.

— Pode ir e tomar seu desjejum sem pressa — ajuntou a enfermeira.

— Então, até logo, querida.

— Até logo. Coma por mim também.

— E onde poderei comer? — perguntei à enfermeira.

— Há um café na praça, descendo a rua. Já deve estar aberto.

Já estava amanhecendo. Saí para a rua deserta à procura do café. Entrei. Pedi vinho e brioches. Os brioches eram dormidos. Comi-os umedecidos no vinho. Depois tomei um café.

— Que faz na rua a essa hora? — perguntou o velho do balcão.

— Minha mulher está em trabalho de parto no hospital.

— Ah, então lhe desejo muito boa sorte.

— Dê-me outro copo de vinho.

O velho me serviu de uma garrafa, sem muito cuidado, de modo que algumas gotas acabaram sendo derramadas no balcão de zinco. Bebi, paguei e saí. Fora, atentei para as latas de lixo à espera dos lixeiros. Um cachorro estava remexendo numa delas.

— O que procura, amigo? — E olhei para dentro da lata, para ver se havia alguma coisa que pudesse tirar para ele. Só flores murchas e lixo seco.

— Nada há que sirva a um cão — murmurei.

O cachorro cruzou a rua. Voltei ao hospital, subi ao corredor do andar de Catherine e bati à porta. Ninguém atendeu. Torci o trinco e entrei. Ninguém lá dentro; só a bagagem de Catherine e seu vestido pendurado na parede. Saí à procura de alguém. Encontrei uma enfermeira.

— Onde está Madame Henry?

— Uma paciente acaba de seguir para a sala de partos.

— Onde fica?

— Vou mostrar.

A mulher levou-me até o fim do corredor, onde vi uma porta entreaberta. Espiei. Pude ver Catherine deitada sobre uma mesa, coberta por um lençol, com o médico de um lado e uma enfermeira de outro. O médico segurava uma máscara de borracha ligada por um tubo a um cilindro de ferro.

— Vou dar-lhe uma bata própria e o senhor poderá entrar — disse a enfermeira. — Venha comigo.

Vestiu-me uma bata branca, que prendeu na gola e às costas com alfinetes de segurança.

— Agora poderá entrar lá — disse ela.

— Olá, querido — foi como me recebeu Catherine, com a voz torturada. — Não estou fazendo as coisas direito.

— Senhor Henry? — indagou o médico.

— Sim, doutor. Como vai indo tudo?

— Tudo muito bem — respondeu ele. — Viemos para cá para facilitar a aplicação deste gás para aliviar as dores.

— Agora, doutor — pediu Catherine.

O médico adaptou a máscara em seu rosto e abriu a válvula de um mostrador. Fiquei vendo Catherine respirar profundamente. Depois, ela afastou a máscara. O doutor fechou a válvula.

— Esta não foi das mais fortes — afirmou Catherine. — Faz um instante, tive uma muito forte. Mas o doutor aqui me ajudou a suportar.

Sua voz soava estranha e elevou-se um pouco ao dizer a palavra “doutor”. O médico sorriu.

— Mais um pouco, doutor — pediu Catherine e apertou a máscara de encontro ao rosto, respirando com sofreguidão. Afastou-a depois e sorriu.

— Outra das boas, doutor. Forte, muito forte! Não se preocupe, querido — disse, voltando-se para mim. — Saia, vá tomar outro café.

— Não. Quero ficar aqui mesmo.

Tínhamos chegado ao hospital por volta das três horas da madrugada e já era meio-dia. Catherine ainda estava na sala de partos. As dores haviam passado. Seu rosto parecia desfigurado, mas mesmo assim refletia esperança.

— Não estou fazendo nada direito, querido — lamentou. — Sinto muito. Achei que fosse fácil, mas não está sendo. Agora... outra… — e sua mão agarrou a máscara. O médico abriu a válvula e ficou observando. A dor passou logo.

— Não foi das piores — disse Catherine, sorrindo. — Estou encantada com este gás. É maravilhoso.

— Vamos tê-lo em casa — prometi.

— É agora — murmurou Catherine subitamente.

O médico abriu o gás e sacou do relógio.

— Qual foi o intervalo, doutor?

— Mais ou menos um minuto.

— Já almoçou, doutor?

— Daqui a pouco…

— Precisa comer qualquer coisa, doutor — pediu Catherine. — Sinto tanto estar dando todo esse trabalho. Será que o meu marido não pode ficar me dando o gás?

— Está bem — concordou o médico, e mostrou-me como devia fazer. — Nunca deixe passar de dois no marcador.

— Entendi… — Havia um marcador que eu podia controlar com a abertura e fechamento da válvula.

— Agora, agora — pediu Catherine, agarrando a máscara. Abri a válvula até o ponteiro chegar ao dois no marcador e, quando Catherine afastou a máscara, fechei-a. Foi muita bondade do médico me deixar ser útil para alguma coisa.

— Fez tudo certo, querido? — murmurou ela, pondo a mão na minha.

— Sem problemas.

— Eu amo tanto você… — Ela estava tonta do gás.

O médico supervisionara minha estreia:

— Bem, vou lanchar na sala ao lado. Se houver algum problema, me chamem.

O tempo ia passando, e eu podia vê-lo comendo de onde estávamos. Vi também que ele se deitou e fumou um cigarro. Catherine estava cada vez mais exausta.

— Será que não terei nunca esta criança? — indagou.

— Claro que sim.

— Estou me esforçando ao máximo. Empurro, empurro, mas parece que não adianta nada. Lá vem de novo. Mais gás, depressa!

Às duas da tarde, saí para o almoço. Encontrei vários homens no café da esquina, sentados às mesas, tomando *kirsch* ou conhaque. Pedi uma bebida também.

— Ainda posso almoçar? — perguntei ao garçom.

— Já passou da hora — ele respondeu.

— E o que há para comer?

— Temos chucrute.

— Pode trazer. E também cerveja.

— Pilsen ou *bock*?

Pedi uma pilsen, que era mais leve. O garçom serviu-me chucrute com presunto e salsicha. Comi tudo e tomei a cerveja. Estava faminto. Corri os olhos pelos fregueses do café. Numa das mesas, jogavam cartas. Noutra, fumavam e conversavam. O ar estava pesado de fumo. No balcão de zinco onde eu me servira pela manhã vi três pessoas: o velho, uma mulher gorda que cuidava do serviço das mesas e um rapaz de avental. Quantos filhos teria tido ela?

Depois da refeição, voltei ao hospital. As ruas já estavam limpas. Nada de latas de lixo. O dia nublado, mas o sol esforçava-se para sair. Tomei o elevador e lá em cima vesti a bata. Olhando-me no espelho, tive a impressão de ver um charlatão que se fingia de médico. Um médico barbado. Encontrei fechada a porta da sala de partos. Bati. Como ninguém me atendesse, entrei. A enfermeira estava fazendo qualquer coisa no extremo da sala.

— Aí está o seu marido — disse o médico, sentado junto a Catherine.

— Oh, querido, estou sendo cuidada pelo mais admirável de todos os médicos — disse ela, numa voz muito estranha. — Fica o tempo todo me contando histórias maravilhosas e, quando a dor chega, acaba com ela. Uma maravilha. Sabe que você é maravilhoso, doutor?

— Você está zonza, Cat — disse eu.

— Sei disso, meu amor. Mas não é algo que você deva dizer.

E logo:

— Agora. Depressa, depressa — e agarrou na máscara, arquejando. Um suspiro longo e o médico foi quem retirou a máscara desta vez.

— Esta foi das piores — disse Cat, na sua voz cada vez mais estranha. — Não vou morrer, querido. Já passei do ponto de perigo. Está satisfeito?

— Não chegue de novo a esse ponto, querida.

— Não vou chegar. Muito horrível. Não quero morrer, querido.

— Claro que não vai fazer a besteira de deixar o seu marido só no mundo.

— Oh, não. Eu não vou morrer. Seria mesmo uma idiotice morrer assim. Lá vem de novo… Por favor, a máscara!

O médico voltou-se para mim:

— Por favor, saia, senhor Henry. Preciso examinar sua mulher. São só alguns instantes…

— Ele quer ter certeza de que estou bem, doutor… Mas ele poderá voltar depois, não é mesmo?

— Claro — respondeu o médico. — Mandarei chamá-lo.

Atravessei a porta e desci o corredor, indo para o quarto destinado a

Catherine, depois que ela tivesse o bebê. Sentei-me numa cadeira e corri os olhos em torno. Estava com um jornal no bolso; tomei-o e li-o inteiro. Como estivesse escurecendo, tive de acender a luz. Por que o médico não me chamava? Talvez trabalhasse melhor comigo fora da sala. Consultei o relógio. Se não me chamasse dentro de dez minutos, eu iria até lá.

Pobre, pobre querida! Esse é o preço que pagam os que dormem juntos. Era como uma armadilha da natureza. É o que recebem as pessoas por se amarem. Em todo caso, graças a Deus pelo gás. Como seria antes da descoberta dos anestésicos? Uma vez iniciado o trabalho de parto, seria quase como uma corrida de cavalos. Catherine passou muito bem durante a gravidez. Nada mal mesmo. Até o último momento quase não sentiu enjoos. Nenhum sofrimento, até o final. E agora, a dor a havia pego em cheio. Nunca se escapa, afinal. Inferno! Daria na mesma, ainda que tivéssemos nos casado cinquenta vezes. E se ela morresse? Não, ela não vai morrer. Hoje em dia ninguém mais morre de parto. É o que todos os maridos pensam. Às vezes, é assim mesmo... demora. Com ela está demorando, é isso. Mas, e se ela morrer? Não, não vai morrer. Está tendo um pouco de dificuldade, é só. O primeiro filho é sempre mais difícil. Está apenas tendo dificuldades normais. Quando tudo terminar, vamos dizer: “Puxa, que dureza”, e a própria Catherine vai dizer que não foi tão difícil assim. Sim, mas, e se ela morrer? Ela não pode morrer. Mas e se morrer? Não; estou dizendo que ela não vai morrer. Não seja estúpido. É só um momento mais difícil. É só a natureza cobrando o preço. É o seu primeiro parto, que sempre é mais difícil. Mas, e se ela morrer? Ela não pode morrer. Por que haveria de morrer? Que razão haveria para que morresse? É só parir uma criança, nada mais, um produto das nossas noites deliciosas em Milão. E depois olharemos para o bebê e o amaremos, vai ser assim. Mas, e se ela morrer? Não, ela não vai morrer. Ela está bem. Mas, e se ela morrer? Ela não pode morrer. Mas, e se… Meu Deus, e se… E se ela morrer?

O médico apareceu.

— Como vai a coisa, doutor?

— Não vai.

— O que quer dizer?

— Isso mesmo. Fiz um exame — e contou detalhadamente os resultados. — Ainda aguardamos mais um pouco, não aconteceu, e não vai mais acontecer.

— E o que aconselha?

— Das duas uma. Há o recurso do fórceps, que pode ser perigoso e ruim para ela e para a criança, ou a cesariana.

— Qual o perigo de uma operação cesariana? Ela pode morrer?

— Não é maior do que o perigo de um parto natural.

— Acha que deve operar? Se estivesse no meu caso consentiria?

— Sim. Se fosse minha mulher eu a operaria. Precisaria de uma hora para reunir a equipe, talvez um pouco menos.

— E quais os efeitos depois?

— Nenhum. Só a cicatriz no ventre.

— E quanto à possibilidade de infecção?

— O perigo não é maior do que com o emprego do fórceps.

— E se não fizéssemos nada e esperássemos mais um pouco?

— Cedo ou tarde teríamos de tentar alguma coisa. Sua esposa está esgotada. Quanto antes for operada, melhor.

— Então, opere-a logo, doutor.

— Vou tomar as providências.

Fui para a sala de partos. A enfermeira estava ao lado de Catherine, que já estava deitada na mesa de cirurgia. Parecia enorme, debaixo do lençol, e tão pálida, tão fatigada!

— Disse ao médico que me operasse?

— Disse.

— Ótimo. Em uma hora estará tudo resolvido. Estou quase acabada, querido. Sinto como se estivesse toda quebrada. Depressa, depressa, mais gás. Não está adiantando mas passa.

— Inale bem fundo!

— Estou inalando. Meu Deus, já não faz efeito...

— Veja outro cilindro — pediu à enfermeira.

— Este é novo.

— Que pena, querido! Não faz mais efeito… Não faz mais … — e começou a chorar. — Eu queria tanto esse bebê e não dar todo esse trabalho. Mas, agora... Não importa se eu morrer, se pelo menos a dor parar. Por favor, querido, faça parar. Lá vem de novo… Aaii…! — Ela respirava, soluçando, dentro da máscara. — Não faz mais efeito nenhum. Nenhum. Por favor, não chore, querido. Não se importe comigo. Estou sendo despedaçada. Eu amo você e vou ficar boa. Vou me comportar bem, você vai ver. Podem me dar qualquer coisa? Qualquer coisa!

— Vou dar. Vou abrir a manivela no máximo.

— Faça isso!

Abri todo o gás. Ela o aspirou profundamente, tranquilizando-se. Fechei o

gás e retirei a máscara, e ela demorou um bom tempo antes de retornar.

— Querido, isso foi formidável. Como você é bom para mim!

— Você precisa ter coragem, porque não vou poder fazer isso outra vez, Cat. Poderia matá-la.

— Já não sou mais corajosa, querido. Estou quebrada. Eles me quebraram. Sei disso agora.

— Com todas as mulheres é assim.

— Mas é horrível. Arrebentam a gente.

— Em uma hora estará tudo acabado.

— Não é maravilhoso, querido? Eu não vou morrer, vou?

— Não vai, não. Eu juro.

— Não quero morrer porque não quero deixar você, mas estou tão cansada que sinto como se fosse morrer.

— Absurdo. Todas as mulheres passam por isso e não morrem.

— Parece que vou morrer.

— Não vai. Não pode morrer. Não vou deixar você morrer.

— Depressa, depressa! Mais! — E a seguir: — Não quero morrer. Não me deixe morrer.

— Não vai morrer, sossegue.

— Você vai ficar comigo?

— Não iria conseguir assistir à operação, Cat.

— Mas, vai ficar por perto?

— Vou, querida.

— Não está fazendo efeito. Por favor, me dê mais. Por favor!

Ajustei a manivela para o número três, depois para o quatro. Eu ansiava pelo aparecimento do médico. Os números acima de dois apavoravam-me.

Por fim, chegou um novo médico com duas enfermeiras. Eles ergueram Catherine e a puseram numa maca com rodinhas. Descemos o corredor e depois tomamos o elevador. Precisamos nos apertar contra as paredes, para cabermos dentro do elevador. Subimos, a porta se abriu e saímos no andar. Novamente seguimos por um corredor até a sala de cirurgia. Não reconheci o nosso médico com a touca e a máscara operatórias. Vi lá mais um médico e duas outras enfermeiras.

— Precisam dar-me qualquer coisa — implorava Catherine, repetidamente. — Oh, por favor, doutor, qualquer coisa que faça efeito.

Um dos médicos aplicou-lhe a máscara de clorofórmio. Olhei através da porta e vi o pequeno e brilhante anfiteatro de cirurgias.

— Pode ir para a sala ao lado e sentar-se lá — veio dizer-me uma enfermeira. Olhei para Catherine. Tinha o rosto coberto pela máscara e parecia quieta. Eles empurraram a maca adiante. Virei as costas e desci o corredor. Duas enfermeiras passaram apressadas.

— Uma cesariana — ia comentando uma delas. — Vão fazer uma cesariana.

A outra riu:

— Estamos com sorte. Chegamos a tempo — e pararam à porta que levava à galeria.

Outra enfermeira apareceu. Também vinha apressada.

— Entre aqui — disse ela.

— Eu fico de fora.

A enfermeira desapareceu. Fiquei a andar pelo corredor. Tinha medo de entrar. Olhei pela janela. Estava escuro lá fora, mas pude ver que chovia. Entrei numa sala no fim do corredor e fiquei olhando os rótulos dos frascos de um armário de vidro. Depois saí e fiquei no corredor vazio, com os olhos na porta da sala de cirurgia.

Um médico saiu com uma enfermeira. Trazia aparada nas duas mãos qualquer coisa semelhante a um coelho esfolado e sumiu-se por uma porta. Fui até lá e vi que se tratava da criança recém-nascida. O médico ergueu-a para que eu a visse. Sustentava-a pelos pés e dava-lhe palmadas.

— Tudo bem?

— Magnífico. Deve pesar uns cinco quilos.

Eu não sentia nada em relação ao bebê. Parecia não ter nada a ver comigo. Não havia em mim nenhum sentimento de paternidade.

— Não se sente orgulhoso de seu filho? — inquiriu a enfermeira.

Eles o estavam lavando e embrulhando em qualquer coisa. Tudo o que vi foi uma carinha feia e roxa, mas não ouvi choro nem nenhum grito. O médico estava fazendo alguma coisa nele. Parecia preocupado.

— Absolutamente não — respondi à enfermeira. — Ele quase matou a mãe.

— E tem culpa, o pobrezinho? Não desejava que fosse um rapaz?

— Não! — exclamei.

O doutor continuava ocupado com o bebê. Ergueu-o de novo pelos pés e deu-lhe novas palmadas. Eu não quis ver mais nada. Fui para o corredor. Poderia entrar para vê-lo, mas saí para a galeria. As enfermeiras sentadas junto à grade chamaram-me para perto delas. Sacudi a cabeça. Podia ver o bastante de onde estava.

Achei que Catherine estivesse morta. Parecia morta, seu rosto estava

cinzento, pelo menos a parte do rosto que eu conseguia ver. Abaixo de nós, sob a luz, o cirurgião estava costurando um corte largo, profundo e comprido em seu ventre. Outro médico mantinha a máscara do clorofórmio. Duas enfermeiras de máscara lhe passavam os instrumentos. Pareceu-me uma cena da Inquisição. Teria aguentado ter assistido a toda a operação, mas fiquei satisfeito por não ter feito isso. Creio que não poderia ter presenciado quando o bisturi lhe rasgou o ventre, mas consegui assistir ao ato da sutura, da bancada do anfiteatro, acompanhando os habilidosos movimentos do cirurgião. Isso me deixou satisfeito. Quando tudo terminou, saí novamente para o corredor e fiquei andando para cima e para baixo. Momentos depois, um dos médicos apareceu.

— Como ela está?

— Muito bem. Não esteve vendo?

Seu rosto denunciava cansaço.

— Vi apenas a sutura. O corte pareceu-me muito grande.

— Achou mesmo?

— Sim. Vai cicatrizar bem?

— Oh, certamente.

Pouco depois, as enfermeiras reapareceram empurrando a maca na direção do elevador. Aproximei-me. Catherine gemia. Já no andar de baixo, puseram-na sobre a cama, no quarto. Puxei uma cadeira e sentei-me junto dela. Uma enfermeira permaneceu ali. Levantei-me e fiquei debruçado sobre a cama. O quarto estava na penumbra. Catherine ergueu levemente a mão.

— Olá, querido — murmurou, com voz fraca e cansada.

— Olá, meu amor.

— Como é o bebê?

— Pss! — fez a enfermeira. — Não fale.

— Um menino — respondi. — Grande, roxo.

— Ele está bem?

Vi a enfermeira olhar-me de um modo estranho.

— Está ótimo.

— Estou horrivelmente cansada — sussurrou Catherine. — E despedaçada. Mas, e você? Está bem?

— Estou bem. Não fale.

— Você foi tão bom comigo. Ah, meu amor, eu sofri tanto… Mas com quem ele se parece?

— Com um coelho esfolado. Tem a cara enrugada, como um velho.

— É bom deixá-la dormir, senhor Henry — disse a enfermeira. — Madame

não pode continuar falando.

— Certo. Ficarei no corredor.

— Vá e trate de comer — recomendou-me Catherine. Beijei-a. Estava sem cor, fraquíssima e exaurida.

— Pode falar comigo um instante? — perguntei à enfermeira, e ela me acompanhou até o corredor.

— O que é que há com a criança? — perguntei.

— Não sabe?

— Não.

— Nasceu morta.

— Morta?!

— Não conseguiram fazê-la respirar. Parece que tinha o cordão em volta do pescoço ou qualquer coisa assim.

— Então está morta?

— Sim. Foi uma pena. Era um rapagão. Pensei que soubesse.

— Não, não sabia. É melhor eu voltar para junto de madame.

Voltei para o quarto, sentei-me à mesinha onde estavam as anotações das enfermeiras enfiadas nos ganchos e olhei pela janela. Não podia ver nada lá fora, além do escuro e da chuva que não parava de cair. Então, era isso. O bebê morrera. Por isso o doutor parecera-me tão cansado. Mas por que aquelas palmadas? Tentavam, talvez, fazê-lo respirar. Eu não tinha religião, mas sabia que ele deveria ter sido batizado. Mas como, se a criança nunca respirara neste mundo? Não, não chegara sequer a viver. A não ser dentro de Catherine. Muitas vezes, eu a senti chutar, na barriga dela. Mas já havia uma semana que não fazia isso. Talvez já estivesse todo aquele tempo asfixiado. Pobre criança. Ah, como queria que tivesse acontecido comigo quando eu nasci. Não, não queria. Mas pelo menos não haveria todo este sofrimento agora para suportar. E agora era Catherine que iria morrer. Viu o que você fez, menino? Morreu. Não chegou a saber de nada. Não teve tempo de aprender. Lançam você aqui, e no primeiro instante em que o pegam, desprevenido ainda, matam você. Matam você gratuitamente, como mataram Aymo. Ou então lhe passam sífilis, como Rinaldi. Mas sempre matam você, no final das contas. Pode confiar nisso. Fique um pouco neste mundo, e acabará morto, sempre.

Certa vez, no campo, joguei numa fogueira um pedaço de lenha cujo oco estava cheio de formigas. Quando começou a pegar fogo, as formigas saíram dos seus buracos e foram, primeiro, até o centro, que estava em chamas; depois voltaram para a extremidade. Quando já havia um amontoado delas na

extremidade, despencaram no fogo. Algumas conseguiram sair da fogueira, com seus corpos queimados e mutilados, e se foram dali, sem saber para onde. Mas a maioria foi em direção ao pedaço que queimava, depois para a extremidade, onde estava menos quente e, finalmente, caíram no fogo. Lembro que nessa ocasião imaginei que era o fim do mundo e eu tinha uma esplêndida oportunidade para me fazer de messias — bastava tirar o pedaço de pau da fogueira e lançá-lo ao chão, permitindo que as formigas se salvassem. Mas tudo o que fiz foi atirar no fogo a água que havia dentro de um caneco, para esvaziá-lo a fim de poder beber uísque nele, misturado a um pouco de água. Acho que aquela água lançada ao fogo apenas ajudou a cozinhar as formigas no vapor que desprendeu.

E lá estava eu no corredor, à espera de notícias de Catherine. A enfermeira não aparecia, de modo que depois de algum tempo fui para o quarto, abri a porta e entrei. O escuro não me deixou ver nada no primeiro momento. Depois distingui o vulto da mulher ao lado dela, e Catherine com a cabeça sobre o travesseiro. Seu ventre parecia ter voltado ao tamanho normal, por debaixo das cobertas. A enfermeira levou o dedo à boca em sinal de silêncio e veio ter comigo à porta.

— Como vai ela? — indaguei.

— Ela está bem. Vá jantar e depois volte.

Desci para a rua escura e encaminhei-me, debaixo da chuva, para o café da esquina. Estava bastante iluminado e com muitos fregueses. Não vi mesa vazia. O garçom veio pegar meu sobretudo e indicou-me um lugar perto de um sujeito idoso, que lia um jornal entre goles de cerveja. Sentei-me e perguntei ao garçom qual era o *plat du jour*.

— Vitela, mas já acabou.

— O que posso comer?

— Presunto com ovos, queijo e chucrute.

— Já comi chucrute esta manhã.

— É verdade — lembrou-se o garçom. Era um homem de seus quarenta anos, bastante calvo e de cara bondosa. — Quer ovos com presunto ou ovos com queijo?

— Com presunto. E cerveja.

— Clara?

— Sim.

— Lembro-me agora. Foi cerveja clara que tomou esta manhã.

Comi os ovos com presunto e bebi a cerveja. Os ovos e o presunto foram

servidos num prato redondo — o presunto por baixo e os ovos por cima. A comida estava pelando e, ao primeiro bocado, precisei tomar a cerveja para esfriar a boca. No final, ainda estava com fome e pedi mais ovos com presunto e mais cerveja. Eu não estava pensando em coisa nenhuma e fui lendo sem sentir os títulos do jornal do homem à minha frente. As linhas inglesas no *front* estavam cedendo. Assim que o homem percebeu que eu estava lendo seu jornal, dobrou-o. Pensei em pedir um jornal ao garçom, mas não o fiz. Estava quente ali, e o ar, pesado. Parecia que os fregueses se conheciam uns aos outros. Em várias mesinhas, jogavam cartas. Os garçons não paravam de servir bebidas. Dois novos fregueses entraram e não encontraram lugar. Ficaram de pé junto à minha mesa. Pedi mais uma cerveja. Ainda não estava pronto para retornar ao hospital. Procurei não pensar em nada e manter-me calmo. Os dois fregueses permaneceram de pé, mas, vendo que ninguém se levantava, saíram. Tomei outra cerveja. Havia diante de mim uma pilha de pires. O meu companheiro de mesa tirou os óculos, guardou-os na caixa, dobrou e meteu no bolso o jornal e ficou parado, olhando. Subitamente, tive a impressão de que precisava voltar. Chamei o garçom e paguei a conta. Corri ao hospital. A enfermeira veio ao meu encontro.

— Acabo de telefonar para o hotel. Estávamos à sua procura — disse ela.

— O que aconteceu?

— A senhora Henry teve uma hemorragia.

— Posso entrar?

— Não. O doutor está com ela.

— É grave?

— Muito. — A enfermeira entrou e fechou a porta. Sentei-me no corredor.

Tudo se revolvia lá dentro de mim. Parei de pensar. Não conseguia pensar. Sabia que ela iria morrer, fiz uma oração pedindo para que não acontecesse. “Oh, Deus, por favor, não deixe Catherine morrer. Por favor. Por favor. Tudo farei por ti, Deus querido, se a salvar. Farei tudo que ordenares, se ela não morrer. Já levaste a criança, e está feito, mas deixa-me a mãe. Por favor, Deus, não a deixes morrer.”

A enfermeira abriu a porta e fez-me sinal para entrar. Entrei. Catherine não ergueu os olhos. Aproximei-me da cama. O médico estava do outro lado. Curvei-me sobre o leito e rompi em choro. Catherine olhou-me e sorriu.

— Pobre querido — disse com voz débil. Estava com a lividez da morte.

— Você vai sarar, Catherine. Vai ficar boa — murmurei.

— Vou morrer — disse ela. E depois de uma pausa: — E isso é horrível.

Tomei-lhe a mão.

— Não me toque — murmurou. Afastei a mão. Ela sorriu. — Pobre querido. Toque-me o quanto quiser.

— Você vai sarar, Catherine. Vai ficar boa — repeti entre soluços.

— Quis deixar uma carta para você para o caso de me acontecer alguma coisa, mas acabei não escrevendo nada.

— Quer que chame um padre ou alguém?

— Só quero você. — E depois: — Não estou com medo… mas odeio tudo isso.

— Não fale tanto assim — aconselhou o médico.

— Está bem — ela respondeu.

— Quer que eu faça alguma coisa? Posso fazer alguma coisa por você, Cat?

Ela sorriu.

— Não. — E a seguir: — Não vai fazer com outra moça tudo o que fizemos, nem dizer as mesmas coisas?

— Nunca.

— Mas quero que tenha outras mulheres.

— Não quero mais ninguém.

— Ela está falando demais — advertiu de novo o médico. — Senhor Henry, é melhor que saia. Poderá voltar daqui a pouco. Ninguém vai morrer aqui. Isso é tolice.

— Está bem — repetiu Catherine. E com muita dificuldade, acrescentou: — Eu voltarei e passarei com você todas as noites.

— Faça o favor de sair do quarto — ordenou-me o médico. — Ela não pode mais falar.

Catherine, muito lívida, tentou sorrir.

— Ficarei ali fora.

— Não se preocupe, querido. Não estou sentindo o menor medo. Foi muito azar, só isso.

— Querida! Meu amor...

Esperei do lado de fora, no corredor. Esperei muito tempo. Por fim, a enfermeira apareceu e dirigiu-se a mim.

— Acho que a senhora Henry está muito mal.

— Ela morreu?

— Não, mas já está inconsciente.

Parece que as hemorragias se sucederam, uma depois da outra, e os médicos não puderam sustá-las. Entrei para o quarto e permaneci ali até ter certeza de que

estava morta. Já estava inconsciente. Não demorou muito.

Já no corredor, perguntei ao médico se havia qualquer coisa que eu pudesse fazer.

— Não. Nada. Quer que o leve para o hotel?

— Obrigado. Vou ficar por aqui mais um pouco.

— Sei que não há nada para se dizer. Não posso nem mesmo…

— Não — interrompi. — De fato, não há nada a dizer.

— Boa-noite, então. Não quer mesmo que o leve para o hotel?

— Não, obrigado.

— Só o que eu poderia dizer era que a operação...

— Não me fale nada, não diga nada.

— E não quer ir para o hotel?

— Não, obrigado.

O médico saiu e eu me encaminhei para o quarto.

— Não pode entrar — disse uma das enfermeiras.

— Sim, posso — respondi.

— Não pode. Ainda não.

— Ponha-se daqui para fora… e a outra também.

Eu as expulsei dali, fechei a porta e acendi a luz, mas isso não melhorou coisa alguma. Era como se eu estivesse me despedindo de uma estátua. Depois de um instante, saí para a rua e regressei ao hotel a pé, lentamente, debaixo da chuva.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Adeus às armas

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Adeus_%C3%A0s_Armas_(livro) (página na wikipédia do livro)
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Hemingway (página do autor na Wikipédia)
- http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/adeus-as-armas-ernest-hemingway-grande-guerra.shtml (reportagem sobre o livro)
- http://www.ovendedordelivros.com.br /2012/01/resenha-adeus-as-armas-de -ernest.html (resenha do livro)
- http://www.skoob.com.br/livro/4704 (página do livro no Skoob)
- http://www.hemingwayhome.com/ (site do autor)